



História Oral na Educação: memórias e identidades



Cetec
Capacitações

CENTRO PAULA SOUZA



Maria Lucia Mendes de Carvalho (org.)

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (org.)

HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

Memórias e Identidades

1ª Edição

São Paulo
Centro Paula Souza
2014

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Diretora Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretor Superintendente

César Silva

Chefe de Gabinete da Superintendência

Luiz Carlos Quadrelli

Coordenador do Ensino Médio e Técnico

Almério Melquíades de Araújo

REALIZAÇÃO

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Grupo de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão – Cetec Capacitações

Responsável Cetec Capacitações

Lucília Guerra

Responsável Brasil Profissionalizado

Silvana Maria Brenha Ribeiro

Coordenadora de Projetos

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Revisão de texto: Yara Denadai

Projeto Gráfico: Capa - Diego dos Santos, Fábio Gomes e Priscila Freire – Cetec – Centro Paula Souza

Fotografias: Assessoria de Comunicação do Centro Paula Souza

Diagramação: Lilian Areco, Kiko Nogueira e João Kamensky (Fala Escrita)

Ficha catalográfica

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262

História Oral na Educação: memórias e identidades / Maria Lucia Mendes de Carvalho e Suzana Lopes Salgado Ribeiro (organizadoras) – São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

289p.

Apoio: Projeto de formação continuada de professores da educação profissional do Programa Brasil Profissionalizado – Setec/MEC, em 2013.

ISBN 978-85-99697-24-5

1 Educação Profissional e Tecnológica 2. Memória 3. História Oral 4. História da Educação

I Carvalho, Maria Lucia Mendes de. II. Ribeiro, Suzana Lopes Salgado. III. Título

CDD 370.113

Sumário

Prefácio	6
Apresentação	8
Um caminho para conhecer histórias e criar documentos	15
1. Bauru - Etec Rodrigues de Abreu	17
a. Lays Matias Mazoti e Marizete Maria de Souza	18
2. Campinas – Etec Conselheiro Antonio Prado	22
a. Emilene Ceará Barboza e Oscar Geraldo Silveira	23
3. Cruzeiro - Etec Prof. José Sant’Ana de Castro	29
a. Janine Valente dos Santos e Daniele Cristine May Silva	30
4. Franca - Fatec Dr. Thomaz Novalino	34
a. Liene Cunha Viana Bittar e Paulo César Rioli Duarte de Souza	35
5. Garça - Fatec Garça	51
a. Luci Mieko Hirota Simas e Nilson Bataglia	52
b. Maria Alda Barbosa Cabreira e Silvia Regina Tedesco Rodella	57
c. Nancy Aparecida Guanaes Bonini e José Alcides Faneco	60
d. Luci Mieko Hirota Simas, Maria Alda Barbosa Cabreira, Nancy Aparecida Guanaes Bonini e José Carlos Gomes de Oliveira	64
6. Ipaussu - Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho	72
a. Janice Zilio Martins Pedroso e Silvia Regina Vuolo	73
b. Tania Janaina Borda Landi e Carmen Bruder Moraes	77
7. Itatiba - Etec Rosa Perrone Scavone	81
a. Anderson Wilker Sanfins e Gentil de Souza Coelho	82
8. Jacareí - Etec Cônego José Bento	88
a. Julia Naomi Kanazawa e Maria Luiza Rezende	89
9. Jundiaí - Etec Benedito Storani	95
a. Marta Regina Spinace e Tânia Maria Bernardes de Almeida	96
10. Jundiaí - Fatec Jundiaí	101
a. Célio Aparecido Garcia e João Pedro Ximenes	102

b. Sueli Soares dos Santos e Angelo Cazzolato	108
c. Sueli Soares dos Santos e Aparecida Jandyra Toniato Cazzolato	111
11. Limeira - Etec Trajano Camargo	114
a. Marlene Aparecida Guiselini Benedetti e Júlio Américo Barbugli Abbade	115
12. Mairinque - Etec de Mairinque	121
a. Fernanda Gonçalves Fontes e Berenice Oliveira Gil Mendes	122
13. Matão - Etec Sylvio de Mattos Carvalho	126
a. Analder Magalhães Honório e Teresa Cristina de Toledo Francisco	127
14. Mogi Mirim - Etec Pedro Ferreira Alves	135
a. Fábia Dovigo Pais e Roberto José de Fátima Magalhães	136
b. Vagner Braz e Rogério Mazzola	144
15. Novo Horizonte - Etec Profª Marines Teodoro de Freitas Almeida	152
a. Daniel Bruno da Silva e Almério Melquíades de Araújo	153
16. Ourinhos – Fatec Ourinhos	160
a. Eunice Correa Sanches Belloti e Norival Vieira da Silva	161
17. Penápolis- Etec João Jorge Geraissate	166
a. Ednéia Chinellato Moura e Edison João Geraissate	167
18. Pindamonhangaba - Etec João Gomes de Araújo	176
a. Lucia Teixeira e Rejane Teixeira Mendonça	177
b. Patrícia Campos Magalhães e Ivete da Mota Colin	181
19. Rancharia - Etec Dep. Francisco Franco	186
a. Dulcineia Ramalho A. de Oliveira e Inês Aparecida Bonato	187
20. Rio Claro - Etec Prof. Armando Bayeux da Silva	192
a. Gilson Francisco Furtado e Maria Antonieta Cassab	193
21. Santo André - Etec Júlio de Mesquita	198
a. Geny Abigail Fidelis e Eunice Yonamine Paiva	199
b. Maurício Tintori Piqueira e Maria de Fátima Banfi	203
22. São José do Rio Preto - Etec Philadelpho Gouvêa Netto	205
a. Jurema Rodrigues e Clovis Sanfelice	206
23. São Paulo - Etec Professor Horácio Augusto da Silveira	222
a. Talita dos Santos Molina e Kátia Bettoi Lisboa	223
24. São Paulo – Etec José Rocha Mendes	229

a. Paulo Eduardo da Silva e Edson João Patané	230
25. São Paulo – Etec Mandaqui	238
a. Ana Cristina Gonçalves de Azevedo e Felipe Bissaco Berbel	239
26. Unidade de Ensino Médio e Técnico	244
a. Maria Lucia Mendes de Carvalho e Alzira Miranda	245
b. Maria Lucia Mendes de Carvalho e Julia Falivene Alves	252
c. Marta Lousada Zen Fujita e Edenir Alves Nemoto	277
d. Shirley Rocha Afonso e Tomoko Matsui	285

Prefácio

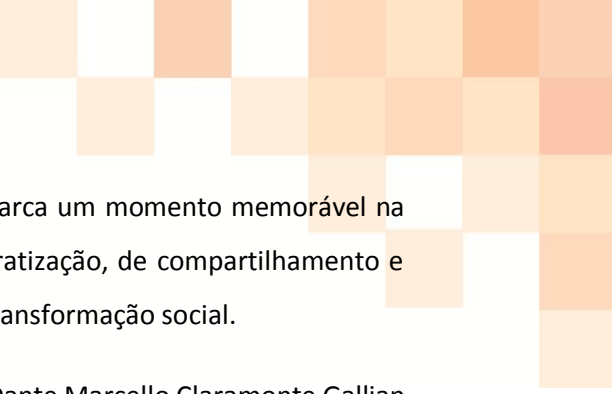
Enfrentar as forças desumanizadoras que operam com tanta intensidade no contexto da nossa pós-modernidade, dissolvendo laços, valores, memórias, identidades, é, sem dúvida uma das tarefas mais urgentes. O desaparecimento da memória, concomitantemente com o desaparecimento da narrativa, como já denunciava Walter Benjamin há já quase um século, coloca em risco a subsistência da consistência e das identidades individuais e sociais.

Na contracorrente desse processo, a História Oral apresenta-se como um recurso humanístico e humanizador por excelência. Oriunda das esferas acadêmicas, porém desde o início marcada pela vitalidade da tradição da cultura e da sabedoria, num contexto de forte renovação, essa nova e antiga forma de resgatar a memória individual e coletiva, muito rapidamente ultrapassou os muros universitários e se difundiu-se pela cultura. Hoje, em franco processo de democratização e difusão, a História Oral vem penetrando e transformando diversas esferas e âmbitos do tecido social.

O livro que aqui se apresenta é um exemplo magnífico desse processo histórico. Inspiradas e formadas numa verdadeira escola de oralistas abertos ao mundo, à sociedade e à cultura, as duas organizadoras dessa obra, Maria Lúcia Mendes de Carvalho e Suzana Lopes Salgado Ribeiro promoveram uma iniciativa que é, ao mesmo tempo, um marco e uma inspiração. Aqui, a memória e a identidade da educação estão representadas não apenas por quem concedeu entrevista, mas também por quem entrevistou.

O livro *História Oral na Educação: Memórias e Identidades* é um exemplo vivo de um processo criativo e envolvente de construção institucional da memória, numa perspectiva autossuficiente: educadores que buscam identidade através de sua própria memória coletiva, utilizando-se de uma metodologia capaz de ser aprendida e praticada pelos seus próprios agentes.

Encontram-se aqui, portanto, histórias que tecem uma história maior: a história do encontro entre memórias e identidades na construção de memória e identidade coletiva, que projeta não só seu conteúdo, mas seu próprio método para o futuro.



História Oral na Educação: memórias e identidades marca um momento memorável na história da História Oral em nosso país: um marco de democratização, de compartilhamento e de socialização dos saberes, das histórias e da capacidade de transformação social.

Dante Marcello Claramonte Gallian

Diretor do CeHFi-EPM-UNIFESP

Apresentação

Este livro é um dos produtos culturais elaborado pelas organizadoras com a participação de professores autores, 35 entrevistadores, e que contaram com professores, gestores ou atores em projetos de pesquisa do Centro Paula Souza, como entrevistados e colaboradores, a partir do curso “História Oral na Educação: memórias e identidades” oferecido no Centro de Capacitações Técnica, Pedagógica e de Gestão, e que aconteceu em quatro encontros, entre 6 de junho e 8 de agosto de 2013.

O curso de “História Oral na Educação: memórias e identidades”, idealizado para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP), contou com o apoio do Programa Brasil Profissionalizado, cuja responsável é Silvana Maria Brenha Ribeiro. Esse programa propiciou a contratação de uma empresa especializada para ministrar o curso, e a elaboração de material didático produzido pelas organizadoras, em 2013, além da participação de professores de diversos municípios do estado de São Paulo.

A partir desse curso produziram-se narrativas e, por meio destas, este livro, que traz as memórias da educação profissional e tecnológica no Centro Paula Souza.

A memória contribui para a constituição da identidade e, este livro, por meio das narrativas, nos remete à memória coletiva e institucional. Para Le Goff¹ (1996): “Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos. [...] As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos susceptíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder da perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado”. Enquanto documento, este livro poderá contribuir para estudos e pesquisas que visem compreender a evolução da educação profissional e tecnológica no estado de São Paulo, ligando o passado ao presente, e propiciando uma prospecção futura.

É necessário lembrar que a história oral é empregada na instituição desde o projeto “*Pesquisa sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: Memória Institucional e Transformações Histórico-Espaciais*”, que nasceu de uma parceria entre o Centro de Memória da

¹ LE GOFF, J. História e Memória. 4ª ed. Campinas: Editora Unicamp, p.109-110, 1996.

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, proposto pela professora Carmen Sílvia Vidigal de Moraes, e o Centro Paula Souza, coordenado pela professora Júlia Falivene Alves, e que contou com o apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado de São Paulo para a sua realização, e permitiu a produção do Álbum Fotográfico² pelas equipes de professores e estudantes que atuavam no projeto em oito escolas técnicas, no período de 1998 a 2002. Por esse motivo, inclui-se neste livro, uma entrevista com a professora Julia Falivene Alves, realizada em 2012, como homenagem por sua dedicação e proposição de projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico, coordenada por Almério Melquíades de Araújo, em prol da história da educação profissional.

Lembramos que, neste ano, em 06 de outubro, o Centro Paula Souza comemora 45 anos, e que a partir de 1982, incorporou à sua rede as escolas técnicas públicas no estado de São Paulo. Portanto, conhecer a história de vida do nosso patrono, Antonio Francisco de Paula Souza, contribui para entender a nossa missão institucional: “promover a educação profissional pública dentro de referências de excelência, visando ao atendimento das demandas sociais e do mundo do trabalho”. Antonio Francisco de Paula Souza (figura 1) nasceu em Itu, em 1843, e era originário de família de cafeicultores, políticos e estadistas influentes no país.

Em 1858, Antonio Francisco Paula Souza foi para Dresden, na Alemanha, concluir os estudos secundários, passando a estudar na Escola Politécnica de Zurique, em 1861, instituição que enfatizava a ciência aplicada. Entre 1862 e 1863, fez estágio em uma estrada de ferro nesse país. Segundo Padilha³ (2010), não concluiu o curso em Zurique e mudou-se para Alemanha. Nas pesquisas que realizou, nos arquivos escolares da Faculdade de Engenharia de Karlsruhe, encontrou documentos de que, entre 1864 a 1867, ele estudou no primeiro ano, química, e depois engenharia civil, quando retornou ao Brasil devido ao falecimento de seu pai, em 1866. Paula Souza, não concluiu o curso de engenharia, provavelmente por dificuldades financeiras familiares.

Como deputado estadual na Assembleia Legislativa de São Paulo, ao ser questionado durante a apresentação do seu projeto para a criação de uma faculdade de engenharia em São Paulo, em 02 de maio de 1892, Paula Souza se autodenominou engenheiro prático. Padilha afirma que Antonio Francisco de Paula Souza “como engenheiro, dedicou-se principalmente à construção de estrada de ferro. Como educador, sua preocupação central foi com o ensino tecnológico no Brasil; então um país de analfabetos administrado por bacharéis. Criou e dirigiu por quase vinte e cinco anos a Escola Politécnica de São Paulo. Como político, foi um abolicionista e republicano convicto e atuante”. Faleceu, em 14 de abril de 1917, em São Paulo.

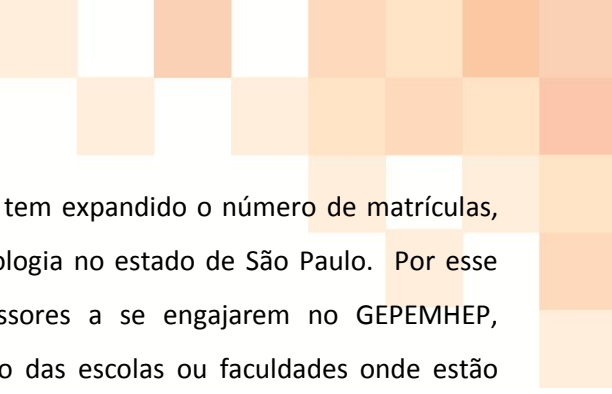
² MORAES, Carmen Sílvia Vidigal. ALVES, Júlia Falivene (org.). ESCOLAS PROFISSIONAIS PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: UMA HISTÓRIA EM IMAGENS (Álbum Fotográfico). Centro Paula Souza. 1ª Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. <http://www.cpsctec.com.br/memorias/imagens/albumfoto1104pb.pdf> Acesso 06 jul 2014.

³ PADILHA, R. B. Antonio Francisco de Paula Souza. Engenheiro, Político e Educador, criador da Escola Politécnica de São Paulo. 1ª Edição. São Paulo: Leopardo Editora, 2010.

Figura 1 – Antonio Francisco de Paula Souza



Fonte: Assessoria de Comunicação do Centro Paula Souza, em 2014.



O Centro Paula Souza desde a sua criação, em 1969, tem expandido o número de matrículas, contando com 216 escolas técnicas e 56 faculdades de tecnologia no estado de São Paulo. Por esse motivo, esperamos com este livro estimular novos professores a se engajarem no GEPEMHEP, contribuindo com a valorização e preservação do patrimônio das escolas ou faculdades onde estão inseridos, de modo a ampliar as publicações sobre a história da educação profissional e tecnológica.

Maria Lucia Mendes de Carvalho

São Paulo, 06 de Julho de 2014.

Figuras 2 e 3 – Suzana Lopes Salgado Ribeiro, da Fala Escrita, ministrando o curso de “História Oral na Educação: memórias e identidades”, a professores de escolas técnicas e de faculdades de tecnologia, no primeiro e segundo encontros, na Escola Técnica Estadual de Artes, em São Paulo, em 06 e 07 de junho de 2013.



Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2013.

Figuras 4 e 5 – Professores de escolas técnicas e de faculdades de tecnologia participando do terceiro encontro do curso de “História Oral na Educação: memórias e identidades”, ministrado por Suzana Lopes Salgado Ribeiro, no Centro de Capacitações do Centro Paula Souza, em Santa Ifigênia, capital, em São Paulo, em 26 de junho de 2013.



Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2013.

Figuras 6 e 7 – Professores de escolas técnicas e de faculdades de tecnologia participando do quarto e último encontro do curso de “História Oral na Educação: memórias e identidades”, ministrado por Suzana Lopes Salgado Ribeiro, no Centro de Capacitações do Centro Paula Souza, em Santa Ifigênia, capital, em São Paulo, em 8 de agosto de 2013.



Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2013.

Um caminho para conhecer histórias e criar documentos

Juntos demos o primeiro passo de uma caminhada na produção de conhecimentos. Este livro é a primeira viagem, um primeiro resultado de trabalho desenvolvido em uma estrada que estamos construindo ao aprendermos os fazeres da História Oral e iniciarmos os registros de narrativas. Importante dizer que esta estrada liga conhecimentos de diferentes áreas e que embora nova se estende por muitos territórios! Este livro é um convite muito especial, para todos aqueles que se interessam mais com o caminho que com o destino. Nele compartilhamos os conhecimentos que produzimos e torcemos que muitos possam com esta leitura produzir outros conhecimentos e caminhar por outras veredas.

Assim os professores que participaram do curso "História Oral na Educação: memórias e identidades" promovida pelo Centro Paula Souza, e coordenada pelas professoras doutoras Maria Lúcia Mendes de Carvalho e Suzana Lopes Salgado Ribeiro iniciaram uma jornada que esperamos resulte em muitas viagens e paradas.

Neste curso estávamos preocupados em conhecer as histórias de sujeitos que são protagonistas no processo da educação profissional. As escolas, mas que cenários, foram compreendidas como locais de memórias para as narrativas que forma registradas. Assim, nos foi apresentado o desafio de valorizar as riquezas e especificidades das histórias de pessoas e instituições que vêm se dedicando ao incremento da educação profissional no Estado de São Paulo.

Durante esta jornada, nos conhecemos um pouco, e nos compreendemos como sujeitos na construção destes saberes e memórias da educação. Mas porque isso era importante para este grupo? Ao estudarmos os "outros" professores, aprendemos sobre nós, entendemos nossos fazeres, nos identificamos. Não por sermos iguais a eles. Mas também por sermos diferentes!

Foi uma grande oportunidade. Em três meses percorremos um primeiro trecho de nossa viagem conjunta, aventurando-nos em cinco paradas. Foram encontros que aconteceram e estimularem o fazer para além deles, pois, reabastecíamos voltávamos a campo, com força para fazer nossos trabalhos de pesquisa. Nesse período pudemos aprender sobre histórias orais, histórias da educação profissional, histórias de professores e histórias de instituições de ensino.

O curso teve como base uma formação metodológica e teórica sobre os procedimentos que envolvem os fazeres da história oral. Compreendendo-a como um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de sujeitos considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento em sintonia permanente com o momento presente e se apropriando de suas tecnologias. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos.

Assim logo após o primeiro encontro colocamos a “mão na massa”! Pois era o momento de realizar as entrevistas de história oral, o ponto central deste trabalho e o referencial para a produção de novos documentos. E assim foi feito! Individualmente os participantes ouviram e compartilharam essas novas histórias, cheias de subjetividades e de significados pessoais que envolvem e justificam uma vida dedicada à docência e a formação de pessoas e profissionais. As histórias dos colaboradores que compõe este texto são plurais e amplas, assim como o universo da formação profissional.

Entendemos o fazer da prática formativa como construtora de identidades e de narrativas para os que fazem dela sua vida! Compreender a existência dessas identidades é parte da fundamental da realização deste trabalho, cujo principal exercício foi o “ouvir” impressões desses personagens anônimos, comuns que contam de si, e ao falar de si falam do cotidiano, dos amores e sabores que envolvem o fazer da educação.

Mas, o trabalho não parou por aí. A produção dos textos, seguindo os pressupostos da história oral demandou ainda muita dedicação. E só quem já fez sabe quanta! O que se vê como resultado é a composição de uma narrativa que demonstra o envolvimento dos entrevistados e entrevistadores que colaborativamente construíram os textos que ora se apresentam, respeitando subjetividades características de cada encontro.

A riqueza desta coletânea de histórias de vida é a possibilidade de encontrar a diversidade e a pluralidade tanto de temas como de modos de fazer.

Desta maneira, o que ora se apresenta nesta publicação é o resultado deste processo que se iniciou no curso e alcançou seu primeiro resultado neste livro. Aqui, compartilhamos com leitores os conhecimentos que antes foram compartilhados por nossos colaboradores.

Esperamos que os leitores gostem, tanto quanto nós, de ler essas histórias que documentam experiências vividas por nossos colaboradores e que agora publicadas poderão continuar nesta estrada construindo novos conhecimentos. Vamos em frente nessa viagem!

Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Etec

Rodrigues de Abreu

Bauru / SP



Etec Rodrigues de Abreu



Lays Matias Mazoti

Lays Matias Mazoti é mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Candido Rondon-PR e atualmente doutoranda em Ciências Sociais na UNESP, em Marília/SP. Possui graduação em História-Licenciatura na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMS, Campus de Três Lagoas/MS. Atualmente é titular de cargo na disciplina de História da rede pública do Estado de São Paulo, na EE José Carlos Monteiro, município de Júlio Mesquita/SP e na Etec Rodrigues de Abreu, em Bauru/SP.



Marizete Maria de Souza

Marizete Maria de Souza. Atualmente é diretora acadêmica da ETEC Rodrigues de Abreu da cidade de Bauru, interior de São Paulo. Gradou-se em Fisioterapia, em 1999 e Enfermagem em 2000 pela USC - Universidade Sagrado Coração de Bauru-SP. Possui Especialização em Administração Hospitalar pelo Centro Universitário São Camilo, de São Paulo-SP (2001), em Estratégia, Saúde e Família (2006) e Psicopedagogia (2008) pelas Faculdades Integradas Dr. Raul Bauab de Jaú-SP. Marizete está presente na escola desde sua criação como Classe Descentralizada Silveirada ETEC de Jaú-SP. Na época, além de atuar em sala de aula, foi Coordenadora de Área da Saúde e, de 2010 a início de 2013, exerceu o cargo de assistente administrativo.

A escola, ela veio como extensão de Jaú. Então por existir uma carência desses profissionais aqui e por uma solicitação do próprio Pedro Tobias também, o deputado, foi ele quem solicitou esse prédio para o Centro Paula Souza, aqui em Bauru. Ele que fez todo apoio, que articulou e solicitou que aqui fosse uma escola técnica. Assim como a FATEC também. Houve uma grande procura. Dentro dessa procura, deixou de ser uma extensão de lá. E sim uma unidade específica da Etec. E aí desde 2007, a gente já começou a ser uma escola a caminhar com suas próprias pernas.

Abriu aqui e eu vim pra cá, porque abriu o curso de Enfermagem, foi o primeiro curso que abriu, aí nós começamos em 2006. Início de 2006. Quando nós chegamos aqui, essa escola era uma escola pública, tava toda pichada, cheia de caramujo, cheia de mato, totalmente abandonada, com um monte de tranqueirada dentro. Então nós arregaçamos a manga, eu e o diretor, nós começamos a fazer a nossa parte aqui junto com uma empreiteira que veio na época e começamos a fazer algum acerto, a pintar a cor do Centro, que é essa cor que tá hoje. Fizemos uma pequena reforma que foi, no momento, o que deu. O que foi dado.

Eu entrei como professora do curso de Enfermagem e Coordenadora do técnico, do curso. E eu fiquei quatro anos no cargo de Coordenadora e dando aula. Depois eu passei a ser Assistente do Diretor e dando aula também. E ultimamente eu sou Diretora Acadêmica. Então eu trabalho mais de perto, além da gente acompanhar muitos projetos que temos aí pela frente, a própria comunidade. Algumas interações de ação de cidadania, palestra motivacional, interação motivacional. Dentro da escola e na comunidade.

No início, quando nós começamos aqui o curso de Enfermagem, teve, assim, uma grande procura. Muito grande! Porque tinha carência de um curso, assim, gratuito. Então foi uma procura de mais ou menos doze candidatos para uma vaga em Enfermagem. Em 2007, nós iniciamos o curso de Segurança, e curso de Informática, e depois gradativamente nós fomos ampliando. Hoje nós estamos já no total de 12 cursos entre Ensino Médio e cursos Técnicos, além da extensão que nós temos em Ernesto Monte, em Piratininga e Agudos. Nós temos uma clientela alvo, dentro dos três períodos, de 1500 alunos. Período da manhã, uns 500 e pouco, à noite, 700, e a tarde uns 300 e pouco. Com a extensão e tudo. Na atualidade de hoje.

Nós estamos fazendo uma avaliação *[em relação à possibilidade de criação ou extinção de cursos]* (grifo da entrevistadora). Fizemos a estatística no vestibulinho pra fazer uma sondagem. O que percebemos é que existe uma solicitação de curso de especialização nível técnico. Nós estamos estudando essa possibilidade de estar abrindo, vamos supor,

Enfermagem, Segurança do Trabalho, a nível técnico, especialização. Então a gente está pensando nisso. E também outros cursos que vão suprir alguns que não estão tendo demanda. Por exemplo: Comércio. Não teve demanda nesse vestibulinho. Então haverá alteração para outro curso pro semestre que vem. Nós analisamos também que não iremos mais abrir curso técnico durante o dia. Com exceção da Enfermagem. Vai ter só Ensino Médio Integrado ao Técnico durante o dia. O EJA começou esse semestre e não teve muita demanda, tanto que tive que colocar no jornal uma reportagem.

O prédio é antigo, tem quase 100 anos. Então é um prédio antigo, ele está inadequado pra nossa realidade hoje, não tem acessibilidade nenhuma! Nós adequamos algumas coisas, mas muitas coisas precisam, dentro dessas novas normas aí, precisa atualizar. É um dos nossos pedidos frente também ao Centro, pra fazer essa reforma e essa acessibilidade. Como professora do curso de Enfermagem, da área de Segurança, a gente percebe bem isso que o foco na área de segurança, na área de acessibilidade, nós aqui estamos deixando a desejar.

Percebemos, desde 2006, que o que falta aqui, é laboratório: - laboratório de Química, laboratório de Biologia, laboratório de Física... Por quê? Nós não temos espaço! Então, tem uma antiga casa, da caseira, que precisa ser demolida, porque está condenada.

Nós temos que ter estacionamento, porque não temos também, para os próprios professores, e nós temos que estar pensando também na questão desses laboratórios. Então é uma realidade que foi até passada, já estão cientes, estão vendo aí a possibilidade. É uma realidade, hoje, de nossa escola!

Como a gente trabalha numa entidade que se busca a competência em tecnologia e ensino, a gente tem que frisar muito bem isso e enfatizar isso. Mas a gente está um pouco a desejar! Vou dizer aqui pra nossa escola: os nossos laboratórios estão um pouco obsoletos. A biblioteca? Tá, temos recursos, temos, mas precisa de uma estrutura melhor. Então pra ser uma escola realmente que tenha muita referência com cursos que são reconhecidos e pra que essa imagem não saia e evolua mais, ainda tem que investir também na linha de tecnologia.

Até o ano passado eu fazia esse acompanhamento direto aí das empresas. Eu digo pra você que todos os alunos nossos que quiserem ingressar no mercado de trabalho, tanto a nível aqui de quem estava terminando ou como estagiário, foi sim sempre um campo muito aberto. Então, quanto a isso, temos uma procura muito grande mesmo! Eles veem: estudou na ETEC, no Centro Paula Souza, tem uma referência. Tem um peso.

Então é essa imagem que a gente gostaria que não perdesse. Frente a situações de aprimoramento do professor, motivacional, de deixar os professores mais qualificados. A gente se preocupa com isso também. Têm professores que estão precisando de mais cursos, mais aprimoramento.

Nós temos CCEE aqui que é articulado com todas as empresas, então todos os alunos nossos, a gente tem matrícula. Todas as escolas, extensões também. A gente já tem essa integração. Que é com todas as empresas. Então as empresas solicitam lá se tem um aluno do curso de Informática assim, assim. Tanto é que eles vêm fazer a divulgação aqui, os alunos fazem essa articulação também lá. E várias empresas aí na linha de Construção Civil, com os Hospitais. Nós temos a ASSUÃ que é uma assessoria de construção, nós temos na AMBEV em Agudos, temos a DURATEX, além também do próprio FUNDAP que temos a questão de um curso que fazem também do Menor Aprendiz. Então tem várias empresas articuladas, esse projeto da BRAZUCA também que é vinculado com a TILIBRA, a CPFL, das forças elétricas, de luz, são vários!

A maioria (os alunos) é de escola pública. Mas esse ano, no início do ano que eu acompanhei mais diretamente, eu tive uma grande surpresa: tinha muitos alunos, principalmente do Ensino Médio, que vieram fazer aqui a prova do Vestibulinho, muitos de escolas particulares. De Liceu, de São José, Francisco que são escolas particulares que vieram fazer Vestibulinho aqui.

A referência que tem, eles mesmos falam que o Ensino Médio tem uma fama muito boa. Então é essa imagem que a gente não quer perder. Essa é uma preocupação muito grande em relação aos professores e essa integração mesmo escola-comunidade, nós estamos aí com vários projetos como a horta urbana. Tudo isso é pra fazer essa interação, motivar a consciência de que não seja só uma escola de paredes, de dentro de sala de aula, mas em ação na comunidade.

(Entrevista de Marizete Maria de Souza, em 20 de junho de 2013, em Bauru, a entrevistadora Lays Matias Mazoti, que fez a transcrição e transcrição da entrevista)

Etec

Conselheiro Antonio Prado

Campinas / SP



Etec Conselheiro Antonio Prado



Emilene Ceará Barboza

Emilene Ceará Barboza é Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2012). Graduiu-se em História (bacharelado e licenciatura pela Universidade de São Paulo) (2008) e Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura pela Universidade do Estado de São Paulo) (2003). Com experiência na área educacional, ministrou aulas nas disciplinas de História e Sociologia em escolas privadas e públicas desde 2003. Em 2008 ingressou no Centro Paula Souza, onde atualmente leciona a disciplina de História para os alunos do Ensino Médio e Integrado de Química na Etec Conselheiro Antonio Prado, em Campinas/SP. Participa do Laboratório de Currículo do Ensino Médio, Integrado e EJA do Centro Paula Souza.

Oscar Geraldo Silveira

Oscar Geraldo Silveira. Graduiu-se em Geografia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC) em 1959. Lecionou em escolas da rede privada de Campinas de 1956 a 1972. Em 1964, após aprovação em concurso, ingressou na rede pública estadual de educação, onde ministrou aulas de Geografia para o ensino fundamental e médio, na região de Campinas, até a sua aposentadoria em 1996 pela Secretária de Educação do Estado de São Paulo. Professor de Geografia na Etec Conselheiro Antonio Prado de 1970 a 1988, quando se aposentou pelo regime de CLT.

Eu sou Oscar Geraldo Silveira, professor aposentado. Lecionei na Escola Técnica Conselheiro Antonio Prado, da cidade de Campinas, de 1970 a 1988. Gostaria de frisar o quanto foi gratificante lecionar nessa instituição, tanto em decorrência da amizade e do trabalho conjunto com os professores Geraldo Mariolani, Adalberto Piovizzani, Ivan Craveiros, Brás, Amstalden, Benedicto Mezza Capa entre outros, quanto em função do bom relacionamento construído com os alunos.

Antes de narrar a minha experiência docente na escola, gostaria de contar um pouco sobre o seu surgimento. De acordo com o que me foi informado, o professor Lucien Genevois, engenheiro francês, um dos responsáveis pela organização da Rhodia (Companhia Rhodia de Química), foi um dos protagonistas no processo de construção da Escola Técnica Conselheiro Antonio Prado. Na década de 1960, Genevois fundou a Associação Campineira do Ensino Técnico Industrial, a ACETI e, em seguida, procurou, através de contatos políticos e de amizade, conseguir um terreno para a construção da Escola Técnica. Para isso, ele procurou o Secretário de Agricultura, Coutinho Nogueira (creio que durante o Governo Carvalho Pinto), o qual era um homem de muitas posses (antigo dono da Fazenda São Quirino e fundador da EPTV-Campinas). No contato com o Secretário, o engenheiro sugeriu o desmembramento de parte da Fazenda Santa Elisa. Aceito o desmembramento, foram disponibilizados 150 mil metros quadrados para o projeto.

Quando a escola foi construída, houve uma discussão quanto à escolha do nome. Foram cogitados nomes como “Tiradentes”, “Duque de Caxias”, “Antonio da Silva Prado” (Ministro da Agricultura, quando o Instituto Agrônomo de Campinas havia sido fundado). Para a escola não ser confundida com o Instituto Agrônomo, optaram pelo nome de Conselheiro Antonio Prado. Essa escolha refletiu o desejo de homenagear o Instituto de Campinas e seu criador.

Durante parte da década de 1960 e 1970, a escola foi administrada através de “uma espécie” de convênio entre os setores público (federal e estadual) e privado. Nesse período, o governo federal disponibilizou verbas para a construção da escola (laboratórios, salas etc) e o estadual pagava os salários dos funcionários e professores. O gerenciamento da instituição era de responsabilidade de um Conselho Administrativo, o qual escolhia o diretor e selecionava os profissionais da instituição, que eram contratados em regime de CLT. Não me lembro bem, mas acredito que esse Conselho era formado por sete membros. Dentre estes, se encontravam o engenheiro Lucien Genevois (presidente), o Renato Funari Negrão, que era do Instituto Químico de Campinas, o qual se transformou na Indústria Farmacêutica EMS de

Hortolândia. Havia ainda um representante da Secretária de Educação do Estado de São Paulo, um representante do SENAC ou SENAI e um do Ministério da Educação e Cultura (Professor Antonio Raia).

A escola nasceu como ETICA (Escola Técnica Industrial de Química de Campinas), depois passou a ser COTICAP (Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antonio Prado). O atual nome ETECAP surgiu quando a instituição foi absorvida pelo Centro Paula Souza. Apesar da mudança de nome, os alunos que estudaram em fases anteriores se referem à escola ainda como COTICAP.

O COTICAP manteve um convênio com a Escola de Química de Paris, que foi mediado pelo engenheiro Lucien Genevois. A proposta desse convênio era possibilitar o envio de alunos brasileiros para a França e de receber franceses em nossa Instituição. Era uma espécie de estágio que tinha a duração de um ano. Entre os alunos que estagiaram lá, lembro-me de Everaldo Cappi e Wilson Carvalho. Este último foi, posteriormente, docente da escola.

Quando eu comecei a lecionar na escola, só existia um pavilhão de salas de aula; o laboratório piloto ainda estava em fase de construção. Nos primeiros anos da década de 1970, não havia ainda vestiário, campo de futebol, entre outros espaços. Nesse pavilhão estava localizada também a diretoria, secretária, biblioteca, cantina, audiovisual, coisas de mimeógrafo. Com o passar do tempo, foram sendo construídas outras partes da escola: praça de esportes, campo, etc.

Em 1981, o governo Federal decidiu se desvincular das escolas técnicas do Estado de São Paulo, quando, então, estas foram absorvidas pelo governo Estadual e vinculadas ao Centro Paula Souza. Nessa época, havia somente doze escolas técnicas em algumas cidades como São Paulo, Mogi das Cruzes, Mococa, Campinas etc, as quais eram consideradas como centros de ensino de excelência. Em decorrência dessa mudança, desapareceu o convênio Tríplice (governo federal, estadual e setor privado).

A absorção da escola pelo poder público estadual levou os docentes a optarem pela permanência ou o desligamento da instituição. Aqueles que não quiseram continuar lecionando receberam seus direitos trabalhistas e foram embora. Eu decidi ficar e, a partir de então, o Centro Técnico Paula Souza assumiu todo o compromisso da Instituição, como se fosse responsável pela escola desde 1970.

Uma das coisas que me chamou atenção, quando comecei a lecionar lá, foi o valor da hora-aula. Na época, esse valor era incrivelmente melhor do que aquele pago pelas outras

escolas (particulares e públicas) de Campinas. Para se ter uma ideia, em 1975/1976 (não me lembro bem) eu também lecionava no Colégio Notre Dame, que entre as escolas particulares da cidade era a que melhor remunerava a hora-aula. Como houve a possibilidade de aumentar minha carga horária no COTICAP, decidi deixar as aulas do Notre Dame. No entanto, essa diferença salarial não se manteve, fomos perdendo poder aquisitivo. Embora essa profissão nunca tenha sido bem remunerada, ainda houve “achatamento” de salários ao longo do tempo. Lecionar na escola era muito especial, graças aos docentes, aos alunos e à localização. Trabalhei junto com professores muito bons, que propiciaram para os educandos um ensino diferenciado. De meu ponto de vista, o curso de Química, depois os de Bioquímica e Petroquímica, oferecidos pela escola, eram os que melhor preparavam para o mercado de trabalho.

O foco inicial, voltado para formar técnicos para o mercado de trabalho, foi sendo alterado à medida que vários alunos do COTICAP, formados, em Química ingressavam, com facilidade, em Engenharia Química e aqueles formados em Bioquímica, em Medicina. A partir de então, nossa escola passou a atrair alunos interessados em se preparar para o vestibular. A qualidade do ensino era resultado, em parte, do trabalho docente, o qual era favorecido pelo bom desempenho das coordenações das disciplinas de Estudos Sociais, Língua Portuguesa, Biologia etc, assim como pelo bom entrosamento que havia entre os professores. Essa boa relação favorecia a troca de experiências, informações, elaboração de planejamentos em conjunto etc.

O bom trabalho desenvolvido pelos professores era o que mantinha os alunos na escola. Se o educando não se adaptasse às exigências, principalmente, ao regime integral (com aulas em dois períodos) acabava desistindo. Um exemplo disso era o curso de Petroquímica que contava com quarenta e quatro aulas semanais. As aulas eram distribuídas de segunda a sábado. Esse curso era muito “forte; foi criado, basicamente, por causa da REPLAN, empresa que requeria esse profissional técnico.

Outro elemento que favorecia o ensino diferenciado da escola era o fato de os alunos serem, em sua maioria, adultos. Em decorrência disso, eles apresentavam um comportamento que favorecia um maior comprometimento com a instituição. Além disso, o fato de a escola se encontrar fora da área urbana, em um espaço grande e ser em tempo integral favorecia a convivência entre os alunos. Estes propunham e participavam de diversas atividades como Concurso Musical, Festival de Música Popular Interno (FIMPOP), jogos, Semana da Pátria, quermesse etc. Esses elementos propiciavam uma relação de respeito entre os educandos e a escola. Um exemplo disso era o cuidado despendido com o prédio. Não havia um

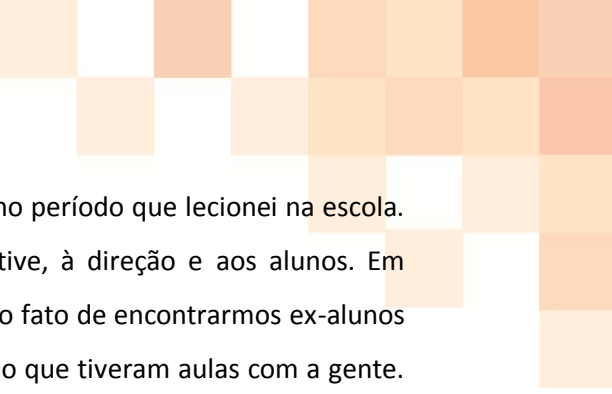
funcionário para cuidar do imóvel; os próprios alunos o mantinham limpo, em boas condições. Normalmente, os alunos mais velhos influenciavam os mais novos para manter esses cuidados. Isso me marcou, pois, na época, eu também lecionava em escolas do Estado e a realidade dos prédios públicos era bem diferente; muitos se encontravam depredados.

Eu não me lembro de ter enfrentado problemas de indisciplina durante as aulas. Alguns problemas, quando ocorriam, eram externos a sala de aula; muitas vezes, considerados pelo diretor (professor Silvano), como ações de jovens. Um exemplo, que eu considero até bem engraçado, relevado por parte do diretor da instituição, foi a entrada de um animal (burro ou cavalo) na escola. Um dos alunos laçou o animal e galopou pelo pavilhão. Como esse diretor era bondoso, pacato, tolerante com esse tipo de ações juvenis, alguns alunos se aproveitavam da situação. Esse quadro foi alterado, quando houve a posse do professor Miguel Vicente Russo como diretor. A partir de então, houve a imposição de maior autoridade em relação a atos considerados como de indisciplina.

A excelência no ensino, assim como o bom relacionamento construído entre professores e alunos não estava totalmente livres de problemas, já que a localização da escola prejudicava a locomoção dos docentes e educandos; ou seja, o acesso era dificultado pela estrada ruim e poucos ônibus na linha. Além disso, a escola contava apenas com “toscas” cercas de arame farpado, o que facilitava a entrada de animais e pessoas externas ao ambiente escolar. Na época, ainda não existia a Rodovia D. Pedro I, a área era bastante rural, povoada, em sua maioria, de favelas. O fato de a região ser pouco povoada refletia na escassez de linhas de ônibus.

Eu, por exemplo, utilizava meu carro para me dirigir à escola, assim como a maioria dos alunos. Se não me falha a memória, em 1973, houve a chamada crise do petróleo, motivo pelo qual alguns professores optaram por uma espécie de sistema de rodízio. Na época, eu, o professor de português e o de matemática, que morávamos em bairros próximos, nos deslocávamos em sistema de revezamento (cada um utilizava o próprio carro duas vezes por semana). Com isso, economizávamos e resolvíamos o problema do transporte.

Quando foi implantado o ensino noturno, o deslocamento dos alunos passou a contar com peruas, microônibus etc. A abertura desse novo período levou a escola a desenvolver projeto de auxílio aos alunos mais carentes, que já se encontravam no mercado de trabalho; ou seja, como iam do trabalho para a escola, esta oferecia alimentação. Posteriormente, os alunos passaram a contar também com um local para aquecer suas refeições, trazidas de casa (uma espécie de “banho-maria”).



Considero importante ressaltar que fui muito feliz no período que lecionei na escola. Sou muito agradecido à instituição, aos companheiros que tive, à direção e aos alunos. Em minha opinião, o ganho mais importante para um professor é o fato de encontrarmos ex-alunos e estes nos reconhecerem e lembrarem de detalhes do período que tiveram aulas com a gente. Isto é o que vale mais a pena.

(Entrevista de Oscar Geraldo Silveira, em 06 de julho de 2013, em sua residência, em Campinas/SP, a Emilene Ceará Barboza, que fez a transcrição e transcrição da entrevista).

Etec

Prof. José Sant'Ana de Castro

Cruzeiro / SP



Etec Prof. José Sant'Ana de Castro



Janine Valente dos Santos

Janine Valente - Técnica em Nutrição e Dietética, formada pela Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba, em 2000. Sou graduada no curso superior de Tecnologia em Alimentos pela UTFPR (antigo CEFET) em Campo Mourão/PR, em 2006. A minha paixão por essa área começou, em 1999, quando entrei para fazer o primeiro ciclo do curso Técnico de Nutrição na Etec Carlos de Campos, em São Paulo, depois os outros dois ciclos, terminei em Pindamonhangaba. Fiz vários estágios em empresas, entre elas, estão a GR, Puras e o Pão de Açúcar, sendo o último pelo CIEE (Centro de Integração Empresa Escola) atuando no Controle de Qualidade de várias redes desse supermercado. Na minha graduação, fiz vários estágios, entre eles, estão a COAMO (Cooperativa Agroindustrial) e o Laboratório de Alimentos da própria Universidade onde estudei. Atualmente, leciono no curso técnico de nutrição e dietética desde 2008, nas Etecs de Cruzeiro e Pindamonhangaba, em diversas disciplinas específicas do curso, já fui coordenadora de projeto como o da Cantina Saudável.



Daniele Cristine May Silva

Daniele Cristine May Silva nasceu em Cruzeiro SP em 20 de julho de 1978. Em 2002, concluiu a graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Viçosa. Trabalhou em 2003 na área de alimentação escolar da cidade de Cruzeiro e, no período de maio de 2004 a março de 2009, atuou como Nutricionista responsável pela Unidade de Nutrição e Dietética da Santa Casa de Misericórdia de Cruzeiro. No Centro Paula Souza, atua como Docente no curso Técnico de Nutrição e Dietética da ETEC Professor José Sant'Ana de Castro desde 2004 e na Coordenação do curso de 2008 a 2009, e de 2012 aos dias atuais.

E, temos ex- alunos que estão trabalhando na área, e outros alunos que resolveram trabalhar por terem gostado do curso, resolveram fazer um curso superior, a graduação em nutrição, me sinto bastante feliz!

Boa noite, meu nome é Daniele, eu sou professora aqui da Etec Prof. José Sant`Ana de Castro de Cruzeiro, desde fevereiro de 2004, quando eu fui contratada e o curso começou. Na verdade eu fiz o concurso no segundo semestre de 2003 para um componente da enfermagem, do curso técnico em enfermagem e fiquei aguardando ser chamada, quando foi no começo de 2004 então me chamaram, já com a proposta de abrir o curso técnico em nutrição e dietética.

Comecei então em fevereiro de 2004, não sei exatamente antes como foi esse processo de abertura, porque eu não estava na escola.

Fui contratada praticamente no primeiro de aula e aí eu e mais uma professora, a professora Regina, que estamos aqui desde o início. Começamos o curso sem muitas informações, porque nós não éramos do Centro Paula Souza. Então além de nos adaptarmos ao curso, tivemos que nos adaptar ao Centro Paula Souza, a conhecer a escola, aos procedimentos, como que as coisas aconteciam e mais, conhecemos, acredito que bem. Claro que com dificuldades, o curso estava começando, hoje já tem nove anos e meio, é uma primeira turma muito boa, bastante dedicada, até por ser uma novidade.

Naquela época na região, o curso mais próximo era só em Pindamonhangaba, então para região de Cruzeiro e, cidades vizinhas, foi um curso bastante interessante e a procura considerada. E aí os alunos tinham muito interesse em querer participar bastante.

Nós fomos desenvolvendo o material, o conteúdo e planejando as aulas. As aulas práticas no início, a gente teve bastante dificuldade, porque nós temos o laboratório de nutrição, naquela época ele não era tão bem equipado como é hoje, a medida que o curso foi caminhando, o Centro Paula Souza e a escola foram investindo no próprio curso, mas no começo foi bastante difícil.

Na verdade, essas foram as maiores dificuldades no início porque como em Cruzeiro e região, o curso ainda não era bem conhecido, então os próprios centros comerciais, indústrias não tinham esse conhecimento do que era o profissional técnico em nutrição, no que eles iriam contribuir no campo de trabalho. Mas à medida que nós mesmos fomos trabalhando na escola

para ir divulgando o curso, os próprios alunos foram fazendo estágio, que no início ainda era obrigatório e aí com isso tudo foi melhorando, esse aspecto do campo de trabalho. E, temos ex-alunos que estão trabalhando na área, e outros alunos que resolveram trabalhar por terem gostado do curso, resolveram fazer um curso superior, a graduação em nutrição, me sinto bastante feliz e alguns já trabalham em hospitais e em restaurantes industriais, em supermercados, é uma área que constantemente a gente precisa estar buscando para mostrar para os outros, que o nosso aluno, ele tem condições de atuar bastante nesse mercado de trabalho.

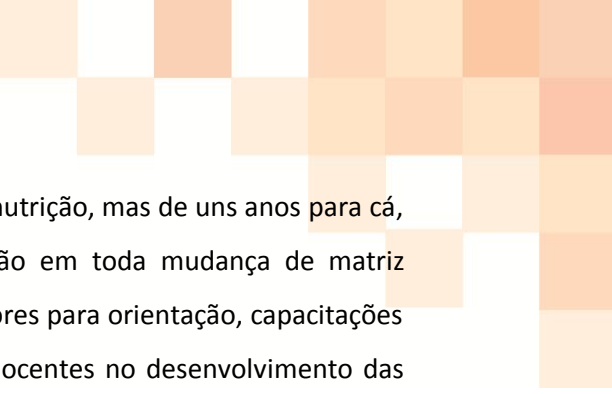
Eu acredito que continua havendo um interesse dos alunos, e o perfil do aluno é que mudou nesses quase 10 anos de curso, a gente tem observado que a cada ano que passa, a faixa etária dos alunos é menor, então não tínhamos, nós chegamos a ter alunos de 50, 60 e poucos anos.

É que já trabalhavam na área, que já tinham algum outro conhecimento e procuravam aprofundar. Hoje não, já hoje a maioria dos alunos é adolescente, mas não que diminua o interesse, apenas eles querem o que eles gostam e pretendem atuar futuramente e tudo mais.

Nosso laboratório pode ainda ser melhorado como eu falei, que já melhorou bastante nos últimos anos, mas precisaria, por exemplo, de uma reforma, talvez uma ampliação no laboratório para melhorar as condições de aula, para os nossos alunos, não que isso seja grave.

Mas como já falei, sempre pode melhorar e, em relação ao conteúdo programático, o centro a cada quatro anos faz essa atualização do curso, e a gente também vem buscando essas parcerias com a escola para poder incentivar a prática, já que o estágio não é mais obrigatório, participação em eventos, região, festividades do município.

No começo de 2004, a diretora ainda era a professora Elza Francisco, ela já estava na escola, em torno de 16 ou 17 anos, ela permaneceu até julho de 2004, quando assumiu lá era a professora Magali, o que eu sei, que foi por iniciativa dela que o curso técnico em nutrição foi implantado na cidade de Cruzeiro. Eu não sei exatamente, e qual foi o procedimento, que tipo de pesquisa foi para a implantação. Mas o que eu soube na época foi que por iniciativa da professora Elza Francisco. Infelizmente eu tive pouco contato com ela, porque ela logo foi transferida, mas em seguida, assumiu a Prof^a Magali que ficou na escola por oito anos, e depois o prof. Eduardo. Atualmente, o professor Marcelo Gomes de Oliveira é o diretor e já vai fazer um ano.



No começo, eram poucas capacitações específicas na nutrição, mas de uns anos para cá, a gente percebe e tem mais oportunidades, mais orientação em toda mudança de matriz curricular. São feitas reuniões com os professores, coordenadores para orientação, capacitações para componentes curriculares específicos, para auxiliar os docentes no desenvolvimento das aulas. E essas capacitações contribuem muito para essa atualização do docente, para que a gente possa trabalhar de uma maneira melhor no decorrer das aulas.

Eu agradeço também a oportunidade de estar participando desse projeto, e só queria dizer que estou muito satisfeita como professora aqui na ETEC de Cruzeiro, no Centro Paula Souza, e que pretendo continuar na escola por muitos anos ainda, obrigada.

(Entrevista de Daniele Cristine May Silva a entrevistadora Janine Valente, em 24 de junho de 2013, que fez a transcrição e transcrição da entrevista)

Fatec

Dr. Thomaz Novelino

Franca / SP



Fatec Dr. Thomaz Novelino



Liene Cunha Viana Bittar

Mestre (1997) e Doutora em Letras (2003) pela Unesp de Araraquara, é professora de Comunicação na Fatec Franca desde seu início, em 2008. Anteriormente, lecionou na Universidade de Franca, na Faculdade Centro Paulista e na Faculdade Barretos, além de colégios e cursinhos pré-vestibulares. Deixou o curso de Comunicação Social (Unesp Bauru, 1988-89) para estudar Literatura, mas acabou retornando à área, por intermédio da Comunicação Empresarial. Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação empresarial, comunicação e expressão, literatura portuguesa, literatura e história, estudos culturais, análise literária, educação à distância e metodologia da pesquisa.



Paulo César Rioli Duarte de Souza

Paulo Cezar Rioli Duarte de Souza é engenheiro de Produção formado na Universidade Federal de São Carlos, com mestrado e doutorado na USP e pós-doutorado na Unesp Araraquara. Professor da Fatec Jaú recebeu, no final de 2007, a incumbência de implantar a Fatec em Sertãozinho e seis meses depois também em Franca. Nesta entrevista, ao nos contar o desenvolvimento dos primeiros momentos desta implantação, Paulo nos revelou que uma personalidade verdadeiramente empreendedora, autônoma e entusiasmada foi fundamental para que a unidade, existente “no papel” desde 1994, virasse realidade. Mais ainda do que isso, o que parecia ser o relato de um desafio profissional, revelou-se uma história de superação de vida...

Meus avós vieram da Itália para São Carlos, onde fui criado e de onde não saí até o doutorado. Fiz graduação de engenharia de produção na Universidade Federal; mestrado e doutorado na USP (este último em São Paulo). Quando terminei, não sabia bem o que fazer, fui para o pós-doc na Unesp de Araraquara, sempre com bolsa.

Depois de tanto estudo, achei que precisaria aplicar todo aquele conhecimento que adquiri e resolvi fazê-lo como professor. Como há tempos não havia concurso nas universidades públicas, comecei lecionando em faculdades particulares, como a Unip em São Paulo, a Unicastelo em Descalvado, Uniara em Araraquara, entre outras. Em 2003, meu orientador (Prof. Sérgio Brandi, da Politécnica da USP) me ligou sugerindo que prestasse um concurso na Fatec Jaú, onde queriam implantar um laboratório de soldagem.

Comecei, então, a trabalhar, em Jaú, em agosto de 2003. A Isabel [Butignon], atual [2013] diretora da Fatec Franca, já lecionava naquela unidade e, como nos conhecíamos desde longa data (estudamos juntos em São Carlos, onde a família dela também mora), ajudou-me a me ambientar e a ser muito bem recebido em meu novo local de trabalho. Desde o começo, adorei dar aulas na Fatec, era realmente muito gostoso.

Progressivamente, fui ampliando minha carga horária até que, em 2007, passei para Regime de Jornada Integral. Em seguida, comecei a ter um contato maior com a administração do Centro Paula Souza quando fui indicado pelo professor [Antônio Eduardo Assis] Amorim (o diretor de Jaú na época) para fazer parte da Comissão Permanente de Regime de Jornada Integral (CPRJI). Lá, acompanhava os projetos dos professores que estavam “em Jornada” e comecei a viajar a São Paulo pelo uma vez por mês. Dessa forma, conheci o pessoal da administração do Centro Paula Souza (entre eles o professor César Silva e a Professora Laura Laganá) e também um pouco do funcionamento do Paula Souza. Apenas dando aulas, o professor possui um conhecimento muito limitado da administração. Por isso foi muito importante a participação nessa comissão para que eu pudesse ampliar minha atuação no Centro, o que acredito ter feito com competência.

Nesse mesmo ano, aconteceu um fato na Fatec Jaú que me marcou muito e determinou o desenvolvimento futuro de minha carreira. O coordenador do curso em que eu lecionava na época, meu amigo, o professor Jozrael [Henriques Rezende], estava preparando a eleição do próximo coordenador. Um dia, sem que eu esperasse, o Jozrael me chamou: - olha, o Buga [Osvaldo Contador] (também meu amigão, aliás...) vai ser o candidato para

coordenador que eu vou apoiar para a próxima gestão. Eu olhei pra ele e fiz um gesto de quem não entendia por que ele havia me dito aquilo. Pensei: “Poxa, ele podia ter pelo menos perguntado se eu queria ser coordenador!” Então, ele falou algo que me deixou ainda mais em dúvida com relação ao motivo daquela conversa, assim como ao seu sentido: - Paulo, você não serve para ser administrador, você é muito desorganizado... Não é metódico, e o Buga tem esse perfil.

Fiquei pensando naquilo e acabei achando que ele tinha razão: o Buga tinha o perfil de administrador que eu não tinha. Mas aquilo continuou ocupando meu pensamento...

Nesse ínterim, saí da comissão do CPRJI e deixei, por alguns meses, de ter contato com a administração do Centro Paula Souza em São Paulo. Então, chegou a Jaú a notícia de que o professor César Silva estava cadastrando e entrevistando professores doutores das unidades das Fatecs para serem diretores das unidades que seriam implantadas [durante o processo de ampliação da Fatec que ocorreu entre 2007 e 2008]. Pensei: “Por que não eu? Será que é verdade aquilo que o Jozrael falou que eu não tenho perfil?”

Mas eu estudei a vida inteira para isso! Por que não?” Durante um almoço no Shopping Jaú conversei sobre o assunto com a Isabel, que falou: - Sabe, Paulo, eu também quero!

Naquele mesmo momento, liguei para o professor César Silva. Ele anotou meu nome e o da Isabel e pediu para conversar conosco em São Paulo o mais brevemente possível.

Fomos encontrá-lo logo na semana seguinte, sem saber o que iria acontecer, o que ele iria nos falar – na ida, ficávamos “sonhando”... Ele nos entrevistou (muito mais a Isabel do que a mim, pois não a conhecia) e mostrou a lista de sete unidades [que seriam abertas, inicialmente] para escolhermos uma. De antemão, eu já escolhera Sertãozinho, porque o curso seria na área de soldagem, na qual eu estudara toda a minha pós-graduação. Até brinquei com a Isabel: - Bel, eu quero Sertãozinho porque é solda, é a minha praia! Mas a gente vai brigar...

Demos muitas risadas porque, na realidade, solda é a “NOSSA praia” – inclusive, tivemos o mesmo orientador! Mas ela disse que não havia problema nisso, que ela escolheria outra unidade “sem brigar”. Por questão de proximidade e afinidade à área, optou então por Jaboticabal.

O professor Silva demorou aproximadamente uma semana para confirmar que fôramos mesmo escolhidos como os novos diretores, mas no momento da entrevista praticamente já dissera que assumiríamos as unidades.

Apesar de ser o que desejávamos, ficamos um pouco assustados. Eu não tinha experiência nem em coordenação e seria o diretor/implantador de uma unidade! Mas o professor César Silva nos escolheu porque realmente tínhamos o perfil adequado para a empreitada. Ele me conhecia bem pelo trabalho na comissão de CPRJ; sabia que eu era ponderado, resolvia os problemas de uma forma sensata com os outros professores, dando-lhes condições de argumentar e resolver a situação. E confiou na Bel também.

Conversamos com o professor César Silva em dezembro de 2007 - por volta do dia 10 ou 11 - e uns 10 dias mais tarde já saía no Diário Oficial nossa nomeação. Fui logo em seguida para Sertãozinho. Voltei para casa na semana do Natal. Mas, logo nos primeiros dias de janeiro, já recommencei a trabalhar.

Ao assumir em Sertãozinho, passei por várias dificuldades. As mesmas que encontraria em Franca, mais tarde! Inicialmente, foi necessário arrumar um lugar para ficar - um hotel. Depois, era preciso um escritório – uma mesa para trabalhar e lugar seguro para guardar os inúmeros materiais que compõem uma instituição de ensino, como documentos, talão de cheques, entre outros. Inicialmente, a Fatec Sertãozinho e a de Franca eram o meu carro!

Afora essas dificuldades iniciais, fui muito bem recebido na cidade, o prefeito nos apoiou muito, colocando seu o braço direito, Paulo [Garefa], para me auxiliar. Ele conhecia muito bem a cidade e as pessoas que me seriam importantes, abrindo as portas para a Fatec.

Com esse apoio, foi muito tranquilo realizar a implantação da unidade.

Nesse período, tendo que viajar inúmeras vezes a São Paulo para resolver problemas da implantação, acabei conhecendo o professor Ângelo Cortelazzo, que era o responsável pela implantação das Fatecs. Comecei também a interagir com suas auxiliares no CESU (como a Maria Lúcia [Ourique Cardinali, atualmente aposentada] e a Rosa [Maria Pistelli]), pessoal muito bom, que sempre nos deu total apoio, tirou nossas dúvidas...

Tem até um “causo” interessante do CESU, relativo a quando conheci a Maria Lúcia. Na época em que eu era professor, ocorreu um problema em um concurso na Fatec Jaú, de cuja banca eu era o presidente. Era um concurso para auxiliar técnico, ou auxiliar de laboratório, cargo para o qual era necessário apenas o curso colegial. Entretanto, havia algumas normas no edital que excluíam o único candidato porque se referiam a pessoas com curso superior, o que não era exigência daquele cargo. Pensei: “Mas como, assim não dá! O candidato não vai pontuar, porque o nível ao qual essas normas se referem é superior. Vou recorrer ao CESU!” Os funcionários da Fatec Jaú diziam: - Você vai conversar com a Maria Lúcia, que coordena os concursos. Ela é TERRÍVEL!

A despeito das advertências, liguei para ela e fui muito bem atendido. O pessoal:- Nooossa, como é que você conseguiu convencê-la? - Não tive problemas: só argumentei, ela concordou comigo, mas foi muito cordata!

Quanto se fala quando não se conhecem verdadeiramente as pessoas! Quando assumi a direção de Sertãozinho, fui conhecer a Maria Lúcia, que na verdade é um anjo, um doce de pessoa! Conversavam com ela por telefone e como sua função era seguir as normas, acabava falando muitas vezes “não”. Criou-se, assim, uma imagem de que ela era “um monstro”... Percebi, com isso, a existência de um problema de comunicação na CESU. Tentando superar esse entrave, procurei aprender muito com os funcionários administrativos; em termos de regras de concurso, por exemplo, há detalhes que só eles podem esclarecer.

Passado esse momento inicial da implantação da Fatec Sertãozinho, aproximadamente em junho ou julho, não lembro exatamente a data, o professor Ângelo Cortelazzo me chamou:

- Olha, nós temos a intenção de implantar a Fatec Franca. Ela já foi aberta, mas não conseguiu ser implantada. Um professor chamado Décio [Moreira, Fatec São Paulo], há vários anos, tentou implantá-la e não conseguiu. Agora veio ordem superior para que isso se realize (as implantações da Fatec têm um viés político)... Para realizar o trabalho, por proximidade, pensamos em Sertãozinho ou Mococa, mas acho que é mais fácil o acesso a partir de Sertãozinho...

Ele então deu uma risadinha pra mim como quem diz “estou dando um voto de confiança!” Meio pasmo, pensei: “Como não!” - Está bem, professor, eu, eu “encaro” essa também! - Vai ser difícil! - Tudo bem, porque conduzir uma já é complicado, duas então, muito mais... Mas se consegui implantar uma, implanto outra! - lembrando a história do meu amigo Jozrael e o caso do César Silva - Bem, é pra isso que eu estou aqui, para esse desafio! Vou “encarar”, professor.

Minha esposa ficou contente, mas ao mesmo tempo brava por causa dessa história. Já estávamos morando ela em São Carlos, eu em Sertãozinho, encontrando-nos pouco, e ainda Franca! - Como é que você vai dar conta de tudo? Você é louco? Ela estava certa: realmente, foi uma loucura. Quando o professor Ângelo Cortelazzo me convidou para a empreitada, disse que eu teria o apoio do Décio, que seria o meu coordenador, mas infelizmente, por motivos pessoais, ele desistiu. Acabei tendo que vir sozinho para Franca.

Hoje, no caminho para a cidade, lembrei-me da primeira vez em que passei por essa estrada... No momento em que eu saí da Anhanguera e entrei na estrada de Brodowski, deu um frio na barriga! Não conhecia nada de Franca, perguntei-me: “O que estou fazendo? O que vou encontrar nesse novo desafio?” Concluí que aceitara o pedido do professor Ângelo apenas porque tenho dificuldade para falar “Não”. Mas naquele momento não havia como voltar atrás: benzi-me, pedi proteção a Deus e acelerei em direção a Franca.

Ao chegar à cidade, minha primeira atitude foi me apresentar ao diretor da Unesp [Ivan A. Manoel], que ainda funcionava no prédio do centro. Nesse primeiro encontro, que durou apenas uns 15 minutos, foi muito gentil, colocando-se à disposição para o que eu precisasse. Acabei encontrando-me pouco com ele, pois sua esposa estava com um problema de saúde muito sério e ele estava um pouco afastado da direção. Mas colocou seu diretor administrativo para me dar apoio, o Sr. Paulo, que foi também muito solícito, ajudando-me muito naqueles primeiros dias. Assim que entramos em contato, ele já me mostrou o local em que provavelmente funcionaria a Fatec (ainda não haviam decidido). Era uma salinha cheia de bugigangas, de 3 x 3m... Justificou-se dizendo: - Vai ter de ser aqui, porque também estamos com problemas de espaço. Atrasou a construção da nova unidade e não temos previsão de mudar tão cedo... Ainda assim, só podemos ceder-lhes algum espaço porque a Fatec terá aulas nos períodos da tarde e da noite, enquanto nossos cursos se concentram especialmente no período da manhã! De início, portanto, não há problema.

Apesar de o senhor Paulo ter-se colocado à nossa disposição para o que precisássemos, a questão da divisão de espaço fez-me pensar que talvez futuramente isso pudesse se tornar um problema para a Fatec Franca...

Depois dessa conversa inicial, logo de manhã, dirigi-me à Prefeitura com a intenção de falar com o prefeito, “marcar presença”. Como não tinha agendado, tive que esperar um pouco para ser atendido. Almocei e voltei para lá. O prefeito Franco da Rocha me recebeu rapidamente, acompanhado de duas secretárias e um assessor. Foi um pouco distante, até mesmo ríspido; cumprimentou-me muito sério e já logo de início falou: - Não me peça dinheiro. Insistiu muito nessa questão, que não teria como ajudar financeiramente a instalação da Fatec Franca.

Diante da rispidez e da inflexibilidade do prefeito, pensei: “Tenho duas saídas neste momento: ou eu devolvo no mesmo nível o tratamento recebido e perco definitivamente o

apoio dele ou tento conversar, ‘dar uma de mineirinho’!!!!” Escolhendo a segunda opção, expliquei-lhe que já conhecera o prédio onde seria instalada a Fatec e estava ali apenas para apresentar-me, dar-lhe uma satisfação, pedir algum apoio que, naquele primeiro momento, não seria financeiro.

Ao longo de nossa conversa, acredito que o prefeito tenha percebido que eu não estava ali para brigar, nem para pedir muito dinheiro, pois foi deixando de estar tão arredo. Fiz questão de lhe mostrar que de início o Paula Souza iria bancar a implantação da Fatec completamente. Falei: - O senhor assinou um contrato que determina algumas obrigações a serem cumpridas pela prefeitura. É só isso que eu lhe peço que faça...

Ele se acalmou, pois viu que eu não iria exigir grandes empenhos dele, principalmente em termos financeiros, que ele não estava disposto a ceder. Comentou então sobre o problema da Diretoria Regional de Ensino, que não queria se deslocar do prédio onde estava inicialmente acordada a implantação da Fatec. O próprio professor Ângelo já viera a Franca para negociar a ocupação do prédio, mas a diretora ainda não se resolvera a desocupá-lo.

Mas havia muitas outras preocupações mais urgentes com que me ocupar naquele momento. Assim, deixei o Sr. Franco da Rocha, “agradecendo seu apoio”. Ele deixou comigo o telefone de seu assessor e de sua secretária para tudo o que precisasse. Na realidade, a prefeitura cumpriu o combinado de início: recebi um funcionário e um local (que, enquanto a secretaria não saísse, seria mesmo no prédio antigo da Unesp). Comecei a preparar a documentação que precisaria para fazer concursos, a montar as disciplinas, ementas e fui para o hotel dormir.

No dia seguinte, comentaram que o prédio da Unesp seria da Cúria, cedido para a prefeitura. Como estava indefinida a questão a respeito do prédio da Fatec, resolvi ir falar com o Bispo, Dom Caetano, que foi muito receptivo. Quando retornei a São Paulo na semana seguinte, em reunião com o professor Ângelo, ele queria saber como tinha sido minha experiência em Franca até aquele momento. Falei: - Ah, fui até conversar com o Bispo!

Ele olhou assustado: - Pô, o Bispo?!?!?!?

Expliquei-lhe que procurara o religioso para aventar, talvez, a possibilidade de ficarmos com o prédio quando a Unesp saísse, mas o professor Ângelo não gostou muito da ideia. Com essa negativa, vi que teria que investir na desocupação do prédio da Diretoria de Ensino, para onde me dirigi logo ao voltar a Franca. A diretora [Ivani de Lourdes Marchesi], muito falante, recebeu-me bem, mas, muito determinada, deixou claro que não sairia dali. Ela tinha lutado

pra construir aquele prédio e achava “um absurdo” ter que sair dali; tinha negociado com os traficantes do entorno e... - Agora que está tudo calmo aqui, agora que tá tudo do jeito que é para ser, eu vou ter que sair? Eu me pus no lugar dela e pensei que se fosse comigo, também pensaria da mesma forma. A partir dessa conversa, passei a tentar buscar alternativas para a ampliação do espaço ocupado pela Fatec. Acompanhando as obras do novo campus da Unesp, vi que estavam aceleradas devido ao recebimento de uma verba. Voltei a propor ao professor Ângelo que a Fatec ficasse com o prédio antigo: - Professor, a localização do prédio é central, de fácil acesso, muito conhecida... o prédio teria algumas vantagens!

Então ele se opôs de forma definitiva, alegando motivos de custo: - É um prédio antigo, o custo de manutenção muito alto; é prédio histórico, tombado pelo Patrimônio, qualquer reforma seria muito complicada, é melhor um “prédio normal”. Sempre tive esperanças de ficar aqui porque acho o prédio muito bonito. Eu realmente gostaria que a Fatec Franca fosse aqui. Claro, com uma grande reforma, realizada com o Governo do Estado e o Patrimônio Histórico.

Enquanto isso, a Fatec Franca continuava a ter como sede, em parte, o meu carro. Ocorreu um fato interessante nessa época, em um dia em que a Isabel e eu estávamos em São Paulo. Em uma reunião, vimos notebooks encostados em um canto de uma sala. Perguntamos para o professor Ângelo: - Professor, o que é aquilo? - São notebooks para distribuir entre os diretores das Fatecs, mas não tem para todos! Vamos passar primeiramente para os diretores das Fatecs mais antigas! A Isabel e eu nos entreolhamos e argumentei: - Professor, eu não tenho nada! Um notebook seria fantástico para a Fatec Franca, porque como é que eu vou por um computador no meu carro? O mesmo acontece com a Isabel em Jaboticabal...

Acabamos conseguindo os notebooks, os quais fomos os primeiros a pegar, diretamente na sala da professora Laura. Mais tarde (por volta de dois anos depois), isso gerou uma pequena confusão porque alguém perdeu a anotação do código, número de série, dos computadores que pegáramos. Ligaram desesperados, procurando esses notebooks, mas lhes passamos novamente o serial dos aparelhos e tudo se acertou.

A partir desse acontecimento, pode-se compreender um pouco como foi esse momento de implantação: não tínhamos muito tempo para pensar o que fazer, para resolver problemas. Era necessário ter agilidade, iniciativa e até uma certa independência para conseguir alcançar nosso objetivo. Principalmente nessa fase inicial da implantação, quando surgiram os maiores obstáculos, a Isabel e eu trocávamos muitas ideias, ajudávamos um ao

outro. Como não sabíamos como resolver alguns problemas que surgiam, especialmente burocráticos, como preencher documentos. Conversávamos quase todos os dias, porque os problemas eram os mesmos, em Jaboticabal, Sertãozinho e depois também em Franca. Dessa forma, com o apoio mútuo da Bel, a ajuda do pessoal administrativo do Centro Paula Souza, em São Paulo, assim como a compreensão dos gestores do Centro quanto às nossas dificuldades e necessidades, fomos implantando as unidades...

Tentando superar a precariedade da situação, em Franca, na salinha 3 x 3 na entrada do então campus da Unesp, arrumaram-me uma mesa e comecei a receber os professores para as inscrições dos concursos. Para agilizar o processo no Paula Souza, procurava fazer uma pré-seleção ali, na hora da inscrição: se a pessoa não tivesse algum pré-requisito para a classificação, já a alertava sobre seu provável indeferimento, se insistisse na candidatura.

Aliás, acredito que um dos motivos pelos quais o professor Ângelo me convidou para ser diretor aqui em Franca foi minha obstinação em fazer todos os processos estritamente de acordo com a legislação. Nunca houve uma ação judicial contra os concursos que eu organizei em Sertãozinho - o mesmo ocorreu com a Bel -, pois fazíamos tudo dentro da lei, preocupados em não ter problemas com o Tribunal de Contas... Nem dormíamos, às vezes, com preocupação com prestações de contas.

Nesse processo, entretanto, alguns fatos curiosos ocorreram, dos quais hoje me rio, ao relembra-los. Por exemplo, havia o problema do telefone: por motivos óbvios, precisava utilizá-lo muito, mas não poderia usar o telefone emprestado pela Unesp sem pagar as ligações – especialmente as interurbanas. Esse pagamento era meio complicado, pois se tratava de uma transferência entre duas unidades autônomas: como é que o Paula Souza iria pagar a Unesp? Que prestação de serviço ocorreria? Dessa forma, essa verba de telefone foi uma grande “dor de cabeça” e eu preferi usar o meu celular particular para ligações interurbanas. Ao fim do primeiro mês, minha conta de celular chegou a 700 reais! Imagine, contando a inflação de 5 anos até hoje, que se tratava de muito dinheiro... Cheguei até a mudar de plano de telefonia, mas mesmo assim ainda paguei outra conta alta no segundo mês... tinha que ligar principalmente para São Paulo, a fim de resolver os problemas que surgiam, como o indeferimento de inscrições, por exemplo. Era “fazer” ou a implantação não ocorreria novamente!

Era preciso agilizar os concursos, pois o início das aulas seria em setembro, nós estávamos no final de julho... para fazer um concurso totalmente dentro da lei, cumprindo todos os prazos, são necessários no mínimo 45 dias. Algumas inscrições foram indeferidas. A

partir da publicação do indeferimento no Diário Oficial, começaram a chegar as reclamações dos candidatos... contei os dias mentalmente e constatei: “Não vai dar tempo. Tem o problema de malote, o correio... Não vai dar tempo!” Peguei os documentos, fui para São Carlos; de madrugada - 4, 5 da manhã - viajei a São Paulo. Quando abriu a Fatec e o professor Ângelo chegou para trabalhar, eu já estava lá com os recursos para serem examinados! O professor Ângelo, meu superior direto, já tinha milhares de outros de problemas, claro... então, eu tentava sempre já levar algumas soluções para ele, aguardando a sua costumeira pergunta:

- O que você acha? - Olha, professor, acho que pode ser assim, assado, vamos por de outro jeito aí...

Efetivamente, na maioria dos indeferimentos que sofreram recursos, os processos continham erros. Dificilmente isso deixaria de ocorrer pelo fato de os concursos terem sido feitos a “toque de caixa” – simultaneamente, havia concursos abertos não apenas em Franca, mas em inúmeras outras unidades... Em Sertãozinho, por exemplo, – assim como em todas as Fatecs que começaram a funcionar no início de 2008, estavam abertos concursos para todo o segundo ciclo! Isso tem um custo, não só de transporte, mas de cansaço físico, emocional, tanto para os diretores quanto para o pessoal do CESU, que se desdobrava para ajudar...

Outra dificuldade foi montar bancas para todos esses concursos ao mesmo tempo. Acabei usando (por proximidade) Sertãozinho como base para fazer os concursos. Quando fiz os de Sertãozinho, usara as Fatecs Taquaritinga e Jaú. Para Franca, poderia ter recorrido a Mococa, mas teria dificuldade em achar banca. Optei Sertãozinho pela proximidade de Ribeirão Preto. A secretária na época, a Rose [Rosaura de Moraes Olivério], atual diretora administrativa da Fatec Sertãozinho] encontrou professores para as bancas principalmente nas universidades de lá...

Os concursos transcorreram de forma tranquila, não havendo nenhum recurso aos resultados. O final dessa etapa me trouxe um grande alívio, porque um recurso poderia atrasar a implantação do curso por meses, às vezes anos!

Em seguida, passei a dar atenção ao vestibular e à “implantação física” da Fatec, que precisaria deixar de ela ser no meu carro! Para isso, não recorri ao Franco da Rocha, mas importunei bastante o pessoal da Unesp... Primeiro esvaziaram a nossa salinha – que nos haviam entregado repleta de objetos em desuso... e começamos a transformá-la em uma secretaria.

A prefeitura mandou os funcionários que precisaria nos fornecer, de acordo com o contrato com o Centro Paula Souza: uma faxineira e uma secretária (na verdade, seriam duas, mas a Prefeitura se propôs a me ceder uma apenas e achei que seria suficiente, uma vez que nem tinha onde colocar duas secretárias em uma salinha 3x3m!).

O processo de “aquisição” da Mariângela [Braga Ferro] foi muito interessante... A Prefeitura me apresentou dois nomes para a secretaria, para eu escolher um. Passaram-me o perfil dessas duas funcionárias que poderiam ser disponibilizadas: ambas tinham problema de saúde. Uma estava afastada e ia retornar ao trabalho, mas fazia algo que não tinha nada a ver com educação. A outra, professora de Educação Física, estava readaptada (alocada em uma biblioteca) por ter tido um câncer. Olhando as credenciais das duas, pensei: “E agora, qual seria melhor? Pelo menos essa segunda é professora...” Chamei a Mariângela para a entrevista, esperando encontrar uma pessoa caquética, doente, totalmente acabada... Quando ela chegou muito extrovertida, alegre, expansiva, estranhei: “Mas essa moça não está assim tão doente!!!!” Seu único “defeito” era não ter muito jeito com o computador e nunca ter trabalhado como secretária. Mas diante daquela figura tão radiante, logo percebi que seria muito bom trabalhar com ela: - Você gostaria de trabalhar aqui? - Sim, claro, estou muito entusiasmada, motivada, porque o lugar onde estou alocada é muito parado, quase não tenho o que fazer! - Aqui você vai ter muitos desafios! Então, seja bem vinda! Pensei: “Se ela veio aqui buscando um desafio, vou desafiá-la!” Ela topou e foi uma grande “aquisição” para a Fatec Franca. Enquanto eu não conhecia nada na cidade, ela conhecia todo o mundo, ajudou bastante!

Mas a Mariângela não tinha prática com secretaria e muito menos conhecia o Paula Souza, suas normas, procedimentos... Era necessário trazer uma secretária de outra unidade, que já estivesse acostumada com a rotina da Fatec.

Inicialmente, fiz um revezamento entre o pessoal de Sertãozinho - a Rose e o Mário Grizzo, que era o diretor administrativo naquela época. Mas a Rose não queria vir para cá definitivamente por causa da família, dos filhos. Não dava para vir e voltar todos os dias. O Mário acabou ficando mais tempo, com uma secretária, revezando-se a Vívian e a Alessandra. Mas como a Alessandra estudava em Ribeirão Preto, a Vívian acabou ficando aqui, longe da família. O Mário era funcionário da Fatec Jaú. Quando fui para Sertãozinho, convidei-o para ser meu diretor administrativo porque ele tinha formação em direito e, no início, isso foi muito importante para a faculdade, pois eu não tinha noção de leis. Como ele fez um trabalho muito bom em Sertãozinho, achei que seria importante tê-lo também em Franca! Assim, deixei-o aqui, com a Vívian, a Mariângela e a faxineira.

Ao final dessa primeira etapa, comecei a me afastar um pouco de Franca, porque as coisas começaram a funcionar por si sós. Fizemos as matrículas dos alunos, contratamos os professores, o Mário inseriu o pagamento (na época, tanto Franca quanto Sertãozinho recebiam por Taquaritinga). Não era uma situação muito fácil, mesmo Sertãozinho dando apoio, pois se tratava de uma unidade muito nova, que nem estava “100%” - ainda precisávamos da ajuda de Taquaritinga para funcionar. O mesmo ocorria com a Fatec Jaboticabal, da Isabel. Somos muito gratos ao pessoal de Taquaritinga, sem o qual não teríamos conseguido realizar a implantação dessas unidades...

Afastei-me um pouco também porque precisei trabalhar bastante em São Paulo, preparando a próxima etapa da Fatec Franca: os concursos para o semestre seguinte.

A Fatec Franca contou muito com o apoio do deputado Roberto Engler, por intermédio de seu assessor, Wildnei [Teodoro]. Toda vez que tínhamos algum problema, era só contatá-lo e ele se prontificava a ajudar. O prefeito Franco da Rocha, com quem quase não tivemos contato, ajudou também, por meio de seus assessores.

O diretor da Etec Franca [...] também foi muito gentil, emprestando, inclusive, um computador e uma impressora novinhos que tinham recebido de São Paulo. Eu trouxera um computador e uma impressora de Sertãozinho (esta, na verdade, era minha...). Temos que fazer essas concessões para a implantação acontecer! Eu precisava de uma impressora laser, não tinha verba, estava para chegar nosso patrimônio, comprei uma impressora com o meu dinheiro e ... um dia o Mário ligou dizendo: - Queimou! Ficamos sem impressora novamente!!!....

O início das aulas na data marcada foi complicado, pois não tínhamos salas e ainda não haviam sido publicados os resultados dos concursos. Fiz a recepção dos alunos, expliquei que não podíamos colocar professores em sala antes da assinatura do contrato e esse processo atrasaria um pouquinho o início das aulas. Deixei clara também nossa preocupação com a qualidade dos professores e que a maioria deles possuía mestrado ou doutorado. Acho que os alunos ficaram ansiosos e contentes, mas ao mesmo tempo decepcionados por não começar imediatamente.

Além disso, tivemos que negociar com o Sr Paulo a questão das salas de aula. Ficaríamos “misturados” com os alunos da Unesp, no segundo andar – primeiro uma sala, depois duas, até ocuparmos todo o corredor. A primeira sala era horrível, apertada, mas era o que tínhamos. Começamos a Fatec Franca ali mesmo!

Fiquei em Franca por 3 meses, de julho a setembro. Nesse último mês, ocorreu a aula inaugural, proferida pelo prof. Ângelo Cortelazzo. Convidei a Fatec Taquaritinga, a Isabel (Fatec Jaboticabal) e o Diógenes, diretor da Fatec Mococa, os lugares mais próximos. Para a Fatec de Sertãozinho não precisei ligar, pois o diretor era eu! Chamei também o diretor da Etec e as autoridades locais. Tivemos alguma dificuldade para marcar a data porque dependíamos de São Paulo, do prof. Ângelo, do governador, do prefeito, do deputado Engler, outros políticos... Quando conciliamos todas as agendas, fechamos a data e então precisávamos de flores, salgadinho, refrigerante, para fazer um coquetelzinho simples. “Quebrei a cuca” pensando de onde tirar verba para a recepção dos alunos (para a qual não há previsão no orçamento da Fatec), e acabei pagando a festa - a Mariângela organizou, pagou e eu lhe restituí o dinheiro, na confiança. Depois a FAT reembolsou, mas eu corri o risco de não receber o dinheiro!

São desafios que se têm de enfrentar quando se quer construir algo, e algumas pessoas não entendem... Como o caso da impressora, do telefone...! Aliás, analisando todo esse processo, acho que quando o professor Décio chegou a Franca para implantar a Fatec, teve esses mesmos problemas: não tinha mesa, cadeira, não tinha onde sentar, computador, telefone... Mas em uma situação dessas, é necessário dizer “ou vai desse jeito ou não vai!” E ele recuou, acho que por não lhe terem oferecido as condições mínimas para o trabalho que deveria desenvolver. Eu encarei o desafio, assim como a Isabel também fez em Jaboticabal. É preciso, às vezes, não enxergar os obstáculos e encarar o desafio focando no objetivo, sem parar para pensar.

Bem, convidado para proferir a palestra a aula inaugural, o professor Ângelo fez questão de vir, porque a implantação da Fatec Franca foi atípica em todos os sentidos! Desde o início, percebendo a situação política que envolvia essa unidade criada há tanto tempo, mas que não se conseguia implantar, tentei não polemizar ou criar problemas entre as partes envolvidas: convidei todo o mundo para a aula inaugural, até a Cúria! O Bispo não veio, mas vieram deputados, vereadores. De 1994 (criação da Fatec Franca) até 2008 (sua implantação) passaram 14 anos. Esse espaço de tempo gerou muitos “pais” e “mães” da Fatec Franca – todos queriam para si a glória de ter trazido a faculdade para a cidade, pelo retorno político que poderiam obter. Muitos prefeitos, deputados e vereadores se empenharam na questão da Fatec. Mas, na realidade, a implantação da Fatec de Franca foi uma consequência do apoio de todos eles, uns mais, outros menos...

Entre todos Roberto Engler teve um papel fundamental nesse processo. Sob meu ponto de vista, se não fosse ele, as coisas não teriam acontecido. Eu só arregacei as mangas e implantei! O Franco da Rocha também foi fundamental na época, porque se não houver o

apoio do prefeito, não é possível realizar nada. Mesmo dos professores, foi necessário muito empenho nesse começo repleto de dificuldades!

Essa questão política era tão forte que, certo dia, um professor (que entrou em um dos primeiros concursos) entrou na minha sala, sentou na minha frente e falou: - Era para eu estar aí no seu lugar. - Éééé? - Como eles foram escolher alguém que não é de Franca para implantar a Fatec? - É que se trata de um processo interno do Paula Souza, cujas regras são preestabelecidas...

Esse caso revela que eu não era muito bem vindo, por ser de fora, “um estrangeiro”. Em Sertãozinho eu tive também esses problemas, mas em menor escala. O prefeito de lá, o empresário [José Alberto] Gimenez, foi bem mais pragmático. Nem tocava em questões políticas quando o assunto eram as necessidades da Fatec. Quando o Paula Souza o informou que enviaria um diretor escolhido por processo interno, ele não questionou e apoiou. Em Franca, acredito que devido a todo esse tempo que transcorreu para a implantação, os muitos pais e mães da faculdade achavam que tinham direito de escolher o diretor, que tinha que ser um apadrinhado, um amigo... Concordo com as regras do Paula Souza, devido às quais tive espaço para agir sempre conforme o necessário, pois não tinha “rabo preso com ninguém”. Dessa forma, quando precisava reclamar algo, reclamava com propriedade e era atendido!

A Isabel foi a única diretora que acabou comparecendo à aula inaugural, após a qual saímos para jantar com o professor Ângelo, que me “colocou contra a parede”: - Escuta, está inaugurado, está implantado, agora eu quero saber: Franca ou Sertãozinho? - É uma opção difícil, porque quando se implanta uma unidade, é como se tivesse um filho! Poxa, fui muito bem recebido em Franca, o clima da cidade é muito parecido com o da minha cidade, São Carlos... Mas também fui bem recebido em Sertãozinho, que no entanto é muito quente! Em Sertãozinho o curso é de soldagem, que tem muito mais a ver com meu currículo... É difícil, professor! Ao perceber que eu ia me encaminhando para Sertãozinho, o professor Ângelo disse: - Mas eu não tenho ninguém com perfil aqui para Franca... Preciso de um engenheiro de produção! - Não, o senhor TEM! - Tenho? - Aqui do lado, a Isabel! A Isabel é engenheira de produção mecânica, também fez mestrado em soldagem, na área de materiais, nós dois temos uma formação muito próxima. Ele olhou para ela e falou: - O que você acha? A Isabel gaguejou:

- Não sei, não sei!

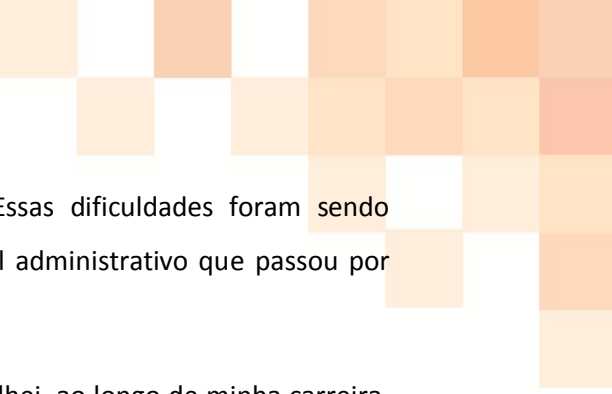
O professor Ângelo e eu demos uma olhada para ela, prestando atenção para tentar adivinhar seus pensamentos: - Não sei, tenho que pensar, tenho que pensar...

Eu achava uma boa ideia ela vir para Franca porque estava sofrendo muita pressão política em Jaboticabal, por parte do prefeito e da Unesp, e aqui tudo estava muito tranquilo... Até hoje é assim lá em Jaboticabal, a Fatec foi criada dentro da Unesp, que a considera sua “filial”, podendo mandar nela. Nunca houve um bom relacionamento entre a Fatec e a Unesp Jaboticabal, diferente daqui, cujo diretor era uma pessoa muito justa, não questionava nossas ações. Enfim, como a Isabel “bateu um pouco de frente”, eles só davam “o resto” para ela: os piores locais, as piores salas... Ela estava sofrendo com muitos problemas lá dentro. Falei: - Poxa, Bel, Franca é uma cidade maior, mais cosmopolita, tem shopping, a vida aqui é muito mais agitada e o clima é muito parecido com São Carlos, olha, está friozinho! Além disso, o curso daqui tem muito mais a ver com sua formação do que a produção de álcool com que você trabalha em Jaboticabal!

Estava bem friozinho naquela noite de outono... Como em São Carlos que, como é baixa, à noite esfria. A Isabel pareceu tentada, mas não deu a resposta naquele momento, gostaria de refletir. Alguns dias depois - eu não lembro quantos -, acabou aceitando. Fiquei muito contente com sua aceitação porque pensei “poxa, vai ter uma continuidade daquilo que a gente começou!” Mas a partir daqui a história é dela!

Hoje nos rimos dessas situações passadas em momentos de implantação, mas foi duro... Tempos verdadeiramente “heroicos”! Entretanto, guardo com muito carinho o que aconteceu naquela época. Não esqueço como fiquei comovido quando a primeira turma me convidou para formatura, chorei mesmo! Ainda agora meus olhos se enchem de lágrimas porque foi o reconhecimento de um trabalho... Dei parte de mim para isso aqui acontecer. Não foi fácil, mas ME realizei também, pois acredito ter respondido aquela pergunta que o Jozrael colocou na minha cabeça – “eu seria capaz?”. Às vezes as pessoas falam que não somos isso, somos incapazes de fazer aquilo... Tomei aquilo como um desafio, como algo positivo, e tentei provar que eu não possuía aquela limitação... pensei “Poxa, eu acho que eu tenho que melhorar”. O Jozrael é meu amigo até hoje e reconheço que ele tinha razão, eu sou muito desorganizado, mas para implantar eu sou bom (só não sei ainda se seria bom para o dia a dia, para gerir a unidade...)! Quando a situação está em um turbilhão, é necessário tomar decisões rápidas e mostrei que sou capaz de fazê-lo. Afinal, foram duas Fatecs que “fiz acontecer”... E foi uma realização pessoal. Pensei “eu sou capaz: vim, vi e venci!”

Agora, eu passei o bastão, vocês que deram continuidade e fizeram da Fatec o que ela é hoje e outros a farão crescer mais ainda. Vocês também fizeram a história da Fatec, porque quando os professores começaram, tanto aqui quanto em Sertãozinho e em Jaboticabal, às



vezes não tínhamos nem giz, pincel, folha para prova... Essas dificuldades foram sendo superadas com a ajuda de vocês, professores, e pelo pessoal administrativo que passou por aqui e pelos que ficaram.

Adoro a Fatec, o Paula Souza... Falo de coração. Trabalhei, ao longo de minha carreira, em indústrias, banco, várias instituições de ensino, mas trabalhar no Paula Souza foi uma experiência muito gratificante, o lugar de onde mais gostei. É isso.

Fatec

Garça

Garça / SP



Fatec Garça



Luci Mieko Hirota Simas

Luci Mieko Hirota Simas. Pedagoga pela Universidade de Marília (1988). Formada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Fundação Educacional de Bauru, hoje UNESP (1982). Atua como Assistente Técnico Administrativo I da Fatec; foi professora de educação básica no ensino público do Estado até maio de 2012. Na área técnica pedagógica, foi coordenadora pedagógica e diretora da Etec Monsenhor Antonio Magliano, uma das Unidades de Ensino Técnico do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, por dois mandatos consecutivos (2008 – 2012). Coordena cursos de Qualificação Básica em Unidades da Fundação Casa, nas unidades de Marília e Lins.



Nilson Bataglia

No dia 19 de Junho de 2013, às 9h e 55min, na Sala da Diretoria FATEC-Garça, o Sr. Nilson Bataglia, Diretor de Serviço da Área Administrativa da Fatec Garça, foi filmado enquanto participava de uma entrevista sobre a história da implantação da FATEC no município de Garça.

Esta faz parte do Projeto Contribuição da Memória dos Sujeitos para Construção da História da FATEC-Garça, que pertence a um projeto maior do Centro Paula Souza que tem como objetivo registrar as memórias do ensino técnico e tecnológico no Estado de São Paulo.

O Professor Nilson não mede esforços para relatar, entusiasmado e emocionadamente, fatos da trajetória do longo processo de instalação de tão sonhada instituição de ensino público no município, a Fatec Garça. Natural da vizinha cidade de Duartina, que dista aproximadamente 40 km de nosso município, o Sr. Nilson Bataglia é figura conhecidíssima nas unidades do Centro Paula Souza instaladas em Garça, haja vista atuar há quase 40 anos, quer como docente do ensino profissionalizante, quer como Diretor de Serviço da Etec Monsenhor Antonio Magliano e no momento exercendo a mesma função na Fatec Garça, desde sua implantação.

Questionado a respeito de como se deram as primeiras investidas para a implantação da Fatec Garça, o senhor Nilson, modestamente relatou que não poderia afirmar que conhecia tudo, mas que certamente conhecia uma parte. Relata que era o sonho de vários prefeitos que passaram pela administração do município. Remontando à década de 70, o prefeito da época, Sr. Pedro Valentim Fernandes, tentou trazer para Garça uma faculdade de tecnologia. Lembra-se que na época, o Prefeito, cedeu o prédio do antigo Ginásio Industrial, onde funciona hoje a Biblioteca Municipal. Mas, infelizmente, por diversos problemas, não se sabe por qual motivo, se políticos ou regionais, população, demanda de alunos, ou outros, não obteve êxito nesta tentativa. Passados mais alguns anos, o prefeito que sucedeu Pedro Valentim Fernandes, o prefeito Francisco de Assis Bosquet, fez nova investida e também, infelizmente, não obteve êxito. Ressaltou que naquela época existiam poucas faculdades na nossa região e era um sonho a cidade ter faculdades, principalmente pública. Um dos motivos que justificavam a negativa da implantação de uma Faculdade no município, era a de que nós estávamos próximos da cidade de Marília, que já tinha a Unesp e a Unimar ou, um pouco mais distante, Bauru que possuía a Instituição Toledo de Ensino.

As primeiras investidas para efetivação da aquisição da Fatec em Garça, passado esse período de dificuldades e tentativas, no ano de 2000, junto então ao prefeito Sr. Julio Marcondes de Moura, nós apresentamos uma proposta a ele, dizendo que ele já tinha mais facilidades dentro do governo do Estado, e que Garça possuía e possui duas instituições de Ensino Técnico, que são a Etec Monsenhor Antonio Magliano e a Etec Deputado Paulo Carvalho de Barros e na Etec Monsenhor Antonio Magliano, tinha espaço disponível para o início de uma Fatec.

Então nós, já ligados ao Centro Paula Souza, fizemos a proposta, mas como estava em final de mandato, não houve tempo suficiente para que levassem o projeto em frente. Quando o seu sucessor, Prefeito José Alcides Faneco, assumiu, já no ano de 2001, voltamos até a prefeitura, e depois de tomar conhecimento através de jornais de grande circulação no Estado

que estavam sendo criadas novas Fatecs. Apresentamos também essa nova proposta e ele, de imediato, concordou, achou excelente a ideia, e fomos em frente com esse projeto de trazer uma Faculdade de Tecnologia para Garça.

O Jornal Estado de São Paulo, no início de 2001, noticiou que o governador Mario Covas pretendia construir no Estado mais cinco Fatecs, porque naquela época o Centro Paula Souza mantinha sobre a sua administração apenas 14 Unidades.

Com as notícias publicadas no Jornal Estado de São Paulo, com o foco na criação de mais cinco Fatecs pelo governador, levamos para os prefeitos dos municípios vizinhos, falamos para eles da possibilidade de uso do espaço físico na Etec Monsenhor Antonio Magliano, onde caberia uma Fatec. O Prefeito de Garça, Faneco, naquele momento não detinha de muito conhecimento a respeito e solicitou-me sugestão por onde começar. Citei a ele que, primeiramente deveria ser solicitado ao governador do Estado, que já era o Sr. Geraldo Alckmin, também ao Secretário de Ciência e Tecnologia e ao Diretor Superintendente do Centro Paula Souza, que na época era o senhor Marcos Monteiro.

As maiores dificuldades para a implantação da Fatec aconteceram quando na Secretaria de Ciência e Tecnologia o projeto ficou empacado. Ali, num primeiro momento o Secretário alegou que, realmente, o governador iria construir cinco Fatecs no Estado, mas em cidades com mais de 100 mil habitantes. Como Garça não possui nem 50 mil. Então a primeira barreira foi essa: a população de nossa cidade ser pequena.

As investidas para superar a primeira dificuldade começaram em conversa com o prefeito Faneco, quando ele disse que nós precisávamos encontrar um caminho para solucionar o problema colocado e que Garça necessitava de uma faculdade pública. Então eu sugeri a ele que nós pedíssemos para os prefeitos das cidades da Região que nos ajudassem através de ofícios, pedindo para que fosse instalada uma faculdade aqui em Garça, e que ele fizesse um trabalho junto aos políticos com quem ele tinha mais afinidade para dar mais força junto ao Governo do Estado para conseguirmos essa FATEC.

Felizmente solicitamos aos prefeitos das cidades de Duartina, Fernão Dias, Lucianópolis, Ubirajara, Alvinlândia, Lupércio, Álvaro de Carvalho, Júlio Mesquita, Ocaçu, Vera Cruz e todos esses prefeitos foram solidários com a situação.

Em seguida foram apresentados os ofícios para o governador Geraldo Alckmin, e ele entendeu que essa faculdade não atenderia só a cidade de Garça, mas também à microrregião em que Garça está inserida.

Os prefeitos se uniram para tornar a Fatec uma realidade e solicitaram ajuda de alguns deputados.

Essa trajetória de luta proporcionou momentos felizes. O primeiro momento: - penso que o mais feliz, foi quando o governador Geraldo Alckmin esteve em Garça, e lá na Concha Acústica do Lago Artificial, o prefeito Faneco disse a ele que tinha um sonho, que seria ter uma Fatec em Garça e naquele momento ele, o Governador, disse que aquele sonho seria realizado. E se concretizou então a doação de uma faculdade para Garça. E outro momento muito feliz, foi quando realizamos o primeiro vestibular.

Como eu já disse, estou na educação há aproximadamente 40 anos, então a gente sabe das dificuldades das pessoas, em termo de curso superior, porque não são todos que têm a condição de pagar uma faculdade. Então uma faculdade pública numa cidade é de grande importância porque vai abrir caminhos para que muitos possam cursar o ensino superior, ter uma boa formação e com certeza o acesso ao mercado de trabalho. Com pessoas capacitadas, e essa é a função da faculdade, principalmente a nossa de tecnologia, de formar cidadãos preparados para o mercado de trabalho e também conscientes de sua cidadania. E agora, como cidadão, eu acho que para Garça é muito importante porque, se nós olharmos a nossa cidade, hoje nós vivemos em uma outra realidade. Nós vemos aqui vários jovens de várias cidades que compõem aqui a nossa comunidade, e isso também veio a aquecer até a economia de nossa cidade.

O meu sonho já foi realizado, agora é torcer para que ela cresça cada vez mais, com abertura, se Deus quiser, de novos cursos, proporcionando a esses jovens mais educação, mais facilidades para que eles possam se inserir no mercado de trabalho, com competência.

A Fatec, quando iniciou as suas atividades aqui em Garça, ela foi criada pelo governador Geraldo Alckmin no decreto, se não me engano de 9 de janeiro de 2004. Antes, porém, já em 2003 já estava tudo certo, tudo organizado, e nós realizamos o primeiro vestibular da Fatec em janeiro de 2004. As inscrições foram no mês de janeiro, tiveram início em 5 de janeiro, e o exame foi realizado no dia 1º de fevereiro de 2004. Antes, já atendendo a solicitação do Diretor Superintendente Marcos Monteiro, na época, estivemos em São Paulo várias vezes, ficando definido que as aulas teriam seu início dia 1º de março de 2004, como realmente aconteceu. Então, antes desse processo, nós já estávamos solicitando, para que não houvesse mais atrasos,

à comunidade de professores que pretendessem trabalhar na faculdade, que enviassem até a Etec Monsenhor Magliano o seu currículo, porque naquele momento era inviável se proceder com um concurso público.

Então os primeiros professores foram admitidos através de análise do currículo. E o exame vestibular, como dito anteriormente, foi realizado em fevereiro de 2004, na Etec Monsenhor Antonio Magliano e nós que lá trabalhávamos, realizamos esse vestibular. Os fiscais foram todos os professores da Etec. A faculdade, no seu primeiro ano de vida, esteve nas instalações da Etec Monsenhor Antonio Magliano, e seu primeiro diretor foi o Professor Doutor José Carlos Gomes de Oliveira, que assumiu já no finalzinho de fevereiro.

A Fatec não tinha uma estrutura própria, mas nessas idas e vindas a São Paulo eu sempre dizia ao superintendente que cabia uma faculdade ali, junto à Etec Monsenhor Antonio Magliano, que tínhamos salas ociosas, principalmente no período da manhã, mas que havia necessidade de conceder uma reforma nessas salas de aula. E também naquela oportunidade o Sr. Marcos Monteiro foi solícito com nosso pedido e autorizou que se fizesse esta reforma. Posteriormente, o governo do estado também autorizou, através do trabalho, com o prefeito José Alcides Faneco, que conseguiu uma área para que a Fatec de Garça tivesse suas instalações próprias. Num primeiro momento foi construído um prédio onde abrigava todas as salas de aula, laboratórios e administração.

Mas quando o governo do estado autorizou essa construção desse prédio, pela planta inicial, nós teríamos ali quatro edificações. Então, para felicidade nossa, hoje, de concreto temos três instalações próprias: uma só para administração e biblioteca, outra onde funcionam só os laboratórios e outra, contando com mais 12 salas, onde funcionam as salas de aula. E, para fechar todas essas áreas construídas, o governador recentemente autorizou a construção de um prédio de aproximadamente 2.000m², onde então fecha o ciclo de construção da Fatec em Garça. E para informar, a área destinada à Fatec aqui é uma área de 47.000m²

Fatec Garça



Maria Alda Barbosa Cabreira

Maria Alda Barbosa Cabreira. Formada em Ciências Sociais e Geografia, Mestrado em Educação, pela Universidade Estadual de São Paulo e pela UNESP de Marília/SP. Trabalhou na Rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio, como Assistente Técnico Pedagógico da Delegacia de Ensino de Garça/SP, com capacitação de professores. Ministrou aulas no Curso Superior de Turismo e Pedagogia da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal – FAEF/Garça. Atualmente é Professora dos cursos de Tecnologia em Mecatrônica Industrial e Tecnologia em Gestão Empresarial da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Garça. Coordena os Projetos: Inclusão Digital da Terceira Idade e Memória da Fatec de Garça.



Silvia Regina Tedesco Rodella

Silvia Regina Tedesco Rodella. Graduada em Serviço Social pela Universidade de Marília (UNIMAR, 1979) e Pós-graduada em Gestão Estratégica de Educação pela Faculdade de Tecnologia do Instituto Brasileiro de Tecnologia Avançada (IBTA, 2012). Atuou como Secretária do Núcleo de Supervisão de Marília (CETEPS, 1995-2000). Exerceu a função de Diretora de Serviço da Área Administrativa na ETEC Jacinto Ferreira de Sá, em Ourinhos-SP no período de 2000 a 2004. Atualmente trabalha como Diretora de Serviço Acadêmico (FATEC-Garça, 2004-2013).

A senhora Silvia Regina Tedesco Rodella, Diretora Acadêmica da Faculdade de Tecnologia de Garça – FATEC, concedeu uma entrevista no dia 20 de junho de 2013, às 14 e 30 min, no Auditório da FATEC-Garça, entrevista esta que faz parte do Projeto “Contribuição da Memória dos Sujeitos para a Construção da História da FATEC-Garça”, projeto este que está vinculado a outro projeto maior do curso “História Oral na Educação: memórias e identidades”, do Centro Paula Souza, com o objetivo de registrar as memórias do ensino técnico e tecnológico no Estado de São Paulo.

Silvia Regina é natural da cidade de Marília e participou da implantação da FATEC-Garça. Relatou como tudo começou, pois já era funcionária do Centro Paula Souza, e começou a trabalhar em Marília. Logo em seguida, foi convidada para trabalhar em Ourinhos, na ETEC Jacinto Ferreira de Sá, em Ourinhos/SP, como Diretora de Serviço Administrativo. Trabalhou lá por quatro anos e quando foi implantar a Fatec de Garça, o Prof. Dr. José Carlos Gomes de Oliveira convidou-a para trabalhar junto com ele na implantação da FATEC-Garça.

Questionada sobre as maiores dificuldades no início desta implantação, ela respondeu que na verdade não foram muitas, a não ser os prazos muito curtos, pois as aulas iniciariam no máximo até março de 2004 e a reforma das salas na ETEC Monsenhor Magliano não tinha sido concluída, e estavam então sem um local adequado para o início dos trabalhos. Na ETEC, utilizou-se por alguns dias ou semanas a sala dos coordenadores e uma sala de reunião, cedidas pela Instituição.

Alguns momentos relevantes lembrados por Silvia Regina, para a implantação dos cursos da FATEC-Garça: ela relatou que como o vestibular que já havia acontecido, foram realizadas as matrículas dos alunos e as entrevistas com os professores para seleção do corpo docente.

Pela resolução UNESP nº116, já haviam sido aprovados dois cursos, o de Informática e o de Produção. O primeiro curso implantado foi o de Informática para a Gestão de Negócios. A matrícula foi iniciada com 80 alunos, hoje a Instituição conta com 1200 alunos, mais ou menos.

Como cidadã e diretora acadêmica, disse que a criação de uma FATEC representa uma oportunidade, qualidade de ensino para toda uma comunidade e oportunidade de trabalho pra funcionários e professores.

As expectativas em relação à continuidade e transformações na Unidade de Ensino, essa oportunidade dada aos nossos alunos, que se reverta principalmente, em melhores perspectivas para todos os cidadãos. Salientou ainda que “no começo apenas eu e o professor, até começarem a vir outros funcionários e professores”. Naquela época, a gente tinha uma cafeteirinha elétrica, nós mesmos fazíamos o café, é então era tudo feito por nós, desde o café, a lista de chamada, tudo. O início foi apenas com o professor José Carlos e eu até o início da primeira admissão, com um grupo de 7 professores: Igor, Pedro, Claudia, Cassia, Nancy, Ferraz e Vania. A primeira coordenadora foi a Profª Claudia que ficou ainda algum tempo na coordenação. As instalações iniciais eram: um laboratório, uma sala de aula e uma sala de aula dividida para ser a coordenação, a direção e a diretoria acadêmica, lá na ETEC Monsenhor Antonio Magliano. Nós continuamos dessa maneira durante um ano, e em 2005, nós já estávamos aqui no prédio onde é a FATEC hoje. Essas questões constituem em o processo de organização e implantação da FATEC-Garça.

Fatec Garça



Nancy Aparecida Guanaes Bonini

Nancy A. Guanaes Bonini. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Licenciada em Letras Vernáculas e Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduação em Pedagogia pela Universidade de Marília. Professora de Inglês e Coordenadora do Curso de Tecnologia em Mecatrônica Industrial, na Faculdade de Tecnologia de Garça. Desenvolveu atividades docentes e de capacitação de pessoal em serviço na Educação pela Delegacia de Ensino de Garça. Implantou e coordena o Projeto de Alfabetização de Adultos na Fatec de Garça. Participa do Grupo de Contadores de Histórias PIRLIMPIMPIM, trabalho voluntário desenvolvido na Biblioteca Pública de Garça - SP, com o objetivo de estimular a contação e a mediação de histórias.



José Alcides Faneco

O senhor José Alcides Faneco, Prefeito Municipal de Garça, (Gestão 2013 a 2016), no dia 20 de Junho de 2013, às 10h30, no Auditório da FATEC-Garça, foi filmado enquanto gravava uma entrevista sobre o processo de se conseguir e de implantar uma unidade da FATEC no município de Garça.

Esta entrevista faz parte do Projeto Contribuição da Memória dos Sujeitos para Construção da História da FATEC-Garça, que pertence a um projeto maior do Centro Paula Souza que tem como objetivo registrar as memórias do ensino técnico e tecnológico no Estado de São Paulo.

O senhor José Alcides Faneco agradeceu a oportunidade de poder gravar uma entrevista que tem como objetivo registrar fatos, porque o registro é a forma de manter vivos aquilo que foi feito e a forma como foi feito, pois o tempo apaga e também distorce os fatos.

Faneco, como é conhecido, é natural da cidade de Lins e seu primeiro contato com Garça aconteceu em 1969, quando tinha 19 anos. Atualmente está com 64 anos. Pelo tempo que já viveu aqui, considera-se muito mais garcense do que linense. Em Garça, ele se elegeu prefeito pela primeira vez, para a gestão de 1993 a 1996. Depois, reelegeu-se para o mandato de 2001 a 2004 e, foi nesse mandato em que começaram as articulações do Governo Municipal com o Estadual para que uma FATEC fosse implantada no município de Garça.

O Estado de São Paulo, na época, contava com apenas 14 Fatecs e, corria a notícia de que seriam implantadas mais três, mas a implantação delas seria em cidades com mais de cem mil habitantes. O Governador da época era o Sr. Geraldo Alckmin, que se encontra, agora em 2013, novamente, à frente do Governo do Estado. No ano de 2003, Garça recebeu o Senhor Governador e sua comitiva que procederiam à entrega de viaturas à Polícia Militar e ônibus à Secretaria da Educação para municípios vizinhos e também para Garça. A Concha Acústica do Lago Municipal seria o palco para receber os ilustres visitantes, e lá concentravam-se autoridades, convidados e comunidade em geral para prestigiar o evento. Quando se consegue um maior acesso aos governantes e assessores, é uma boa hora para se fazer pedidos e, foi em um desses momentos que o Prefeito Faneco cochichou ao ouvido do Governador Alckmin, se ele poderia fazer seus pedidos publicamente. O cochicho ao ouvido foi um pedido de autorização. O Prefeito Faneco não queria acuar publicamente o senhor Governador com uma solicitação inviável. Recebida a licença de que poderia manifestar seus pedidos publicamente, o prefeito garcense disse alto e em bom som: - Governador, eu tenho três pedidos para fazer para o senhor e também queria manifestar um sonho que tenho para a nossa cidade.

O Prefeito fez os pedidos publicamente e continuando sua fala, assim se dirigiu, novamente ao Governador de Estado: - Senhor Governador, agora que já fiz meus pedidos, quero falar do meu sonho para a nossa cidade. O meu sonho é que nós tenhamos uma FATEC em Garça! Sonho difícil de realizar, haja vista que a população garcense era menos que a metade prevista para a cidade onde se implantariam novas Fatecs. O Governador ouviu os pedidos e ouviu o sonho. O protocolo da visita continuou a ser cumprido. Chegou o momento do pronunciamento do Governador que, antes de concluir sua fala, disse: - Meu caro Prefeito, eu vou atender a um dos seus pedidos, mas qual deles você gostaria que fosse atendido?

A resposta do Prefeito veio ansiosa e rápida: - O sonho!!! Eu queria que o Senhor realizasse o sonho de termos a nossa FATEC!!!” Aquele foi um momento tenso e forte e, ao se lembrar dele, o prefeito Faneco mostrou nos olhos lacrimejados, na voz e respiração entrecortadas, no soluço engolido, toda a emoção que dele se apoderou, naquele dia, há mais de dez anos atrás. O Prefeito Faneco, em um gesto de comoção e agradecimento, levantou seu braço, juntamente com o de Geraldo Alckmin e, como o guerreiro que lutou um bom combate, comemorou a tão sonhada e desejada Fatec para Garça. Em fevereiro próximo, a comemoração será a do aniversário de dez anos e a aniversariante já conta em seu currículo com várias turmas formadas nos cursos de tecnologia implantados. A realização do sonho foi uma ação de grande importância para o desenvolvimento da cidade.

Com a criação de uma FATEC, abriram-se possibilidades para que cidadãos jovens e adultos de Garça e região pudessem cursar uma escola de nível superior, gratuita e de qualidade, sem precisar sair da cidade ou mesmo se mudar dela. Além de prover educação de nível superior, de facilitar o acesso a ela, mantendo os alunos na sua cidade e região, abriram-se perspectivas locais de trabalho porque Garça, por sua vez, consolidava-se como um polo industrial na área de eletroeletrônica. O primeiro curso de Tecnologia em Mecatrônica Industrial do Centro Paula Souza foi criado em Garça, com a finalidade de poder atender a crescente demanda de profissionais qualificados na área. Para se chegar ao curso de Mecatrônica, que foi um dos últimos a ser implantado na FATEC-Garça, muita coisa aconteceu.

Depois que o Governador Alckmin autorizou a FATEC para Garça, o Prefeito Faneco trabalhou exaustivamente, por mais de um ano e meio, para que a escola realmente fosse implantada na cidade. A FATEC-Garça se instalou provisoriamente no final do ano de 2003, nas dependências da ETEC “Monsenhor Antônio Magliano”, em duas salas gentilmente cedidas pela diretora da instituição, professora Luci Mieko Hirota Simas. Na ocasião, aconteceu o primeiro vestibular e em março de 2004, a FATEC-Garça recebeu as duas primeiras turmas de alunos para o curso de Tecnologia em Informática para a Gestão de Negócios. A FATEC-Garça não era mais um sonho, tornou-se realidade. Garça tinha agora uma escola pública, gratuita, com ensino de qualidade e de nível superior, mas que não tinha prédio próprio. Onde instalar definitivamente a FATEC-Garça? Começou aí a necessidade de se definir uma área para a construção do prédio da FATEC. Pensaram em construí-la na área da própria ETEC “Monsenhor Antônio Magliano”. Local muito bom, encostado ao bosque Municipal, área nobre da cidade.

Mas a visão empreendedora do Prefeito Faneco apontou para o lado oposto. Apontou para o trevo de Garça, na Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros. A lavoura de café que

havia área foi tombada e se definiu o quilômetro 1, da via de acesso a Garça como o endereço fixo da FATEC-Garça e, o Governo do Estado, através do Centro Paula Souza, investiu na construção do primeiro bloco de salas de aula da FATEC- Garça e, à Prefeitura Municipal coube o calçamento de todo o pátio de estacionamento.

A implantação de uma FATEC veio contribuir muito com o desenvolvimento do município. Há trinta anos Garça era uma cidade exclusivamente agrícola e se dedicava à cafeicultura. Com o advento das indústrias de eletroeletrônica na cidade, mudou-se o foco de sua economia e isso fez surgir uma variante no cenário econômico: necessidade de mão de obra qualificada. Hoje as empresas têm o emprego para oferecer. Existem vagas de trabalho. Existe a necessidade de gente qualificada para o trabalho e se a empresa não tiver essa mão de obra qualificada (preparada e atualizada), ela terá seu desenvolvimento comprometido que, por sua vez, comprometerá o desenvolvimento do município.

Com a implantação da FATEC, as empresas se beneficiaram, grandemente, com mão de obra qualificada e, os cidadãos, jovens e adultos, independentemente de classe social, de poder aquisitivo, passaram a ter oportunidade de fazer um curso superior, de ter acesso mais facilitado à Educação e de conseguir uma colocação no mercado de trabalho, mais voltada a sua formação. A Fatec está consolidada, mas o trabalho não para aí. Dois blocos foram construídos, um para atender a parte administrativa e o outro, de salas de aulas, veio para atender a crescente demanda de alunos, mas as instalações ainda não são suficientes. Outro bloco, autorizado pela superintendente do Centro Paula Souza, senhora Laura Laganá e pelo Governador Alckmin, será construído em uma área de 2.400m dentro do campus da FATEC, para poder abrigar os laboratórios do curso de Mecatrônica Industrial. O Prefeito Faneco admite que tem a FATEC-Garça como sua escola do coração e que seu compromisso com ela, não cessa, já que ela está consolidada. Ele ressalta que seu compromisso vai além: ele é compromissado com a Educação e sabe que é através dela que as edificações e as transformações podem acontecer.

Fatec Garça



Luci Mieko Hirota Simas



Maria Alda Barbosa Cabreira



Nancy Aparecida Guanaes Bonini



José Carlos Gomes de Oliveira

José Carlos Gomes de Oliveira. Doutor em Educação Matemática pela UNICAMP (1999). Mestre em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro (1993). Iniciou a carreira docente no ensino superior na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho/PR (1972 – 2003), onde em 1979 foi Diretor. Diretor fundador das Faculdades Estácio de Sá, em Ourinhos/SP (1999 – 2001), da Fatec de Marília (2006) e Fatec Garça (2004 a 2009). Autor de inúmeras publicações na área de Matemática. Participação em pareceres do CFE e CEE. Membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática e da Comissão de Especialistas do Conselho Estadual da Educação do Estado de São Paulo. Desde 2009, é Assessor Técnico da Superintendência do Centro Paula Souza.

Aos 29 de julho de 2013, às 16 horas, o Prof. Dr. José Carlos Gomes de Oliveira, primeiro diretor da Fatec Garça, em visita à cidade, reservou um espaço para gravar essa entrevista. O momento foi muito importante e, o prazer de fazer parte desse projeto ficou evidenciado na disponibilidade, na segurança das respostas e na emoção que as lembranças boas evocaram.

O professor Dr. José Carlos Gomes de Oliveira é natural de Bragança Paulista, mas tem Garça no seu coração. Ele não só se considera garcense, mas recebeu, oficialmente, o título de Cidadão Garcense outorgado pela Câmara Municipal de Garça pelos seus feitos na implantação da FATEC e por sua participação ativa na comunidade.

Antes de sua mudança para Garça, o Prof. José Carlos era morador de Ourinhos e professor na FATEC de lá. No final do ano de 2003, recebeu, por meio de seu diretor, professor Xíxaro Henriques, um convite da Superintendente do Centro Paula Souza, senhora Laura Laganá, para que fosse o diretor implantador de uma das três FATECs que o Governo estava implantando no Estado de São Paulo. Haveria a possibilidade de escolher entre os municípios de Mococa, São José do Rio Preto ou Garça. Ele foi para casa e conversou com Ana Claudia, sua esposa, sobre esse convite. A resposta teria que ser dada no dia seguinte. Sendo assim, o Prof. José Carlos e seu diretor foram a São Paulo para confirmar esse convite. Estando lá, o Prof. José Carlos foi entrevistado pela Superintendente, mas naquele momento ainda não se definiu para qual cidade o novo diretor iria.

No primeiro final de semana, após essa ida a São Paulo, o casal Gomes de Oliveira veio até Garça, para fazer um passeio e conhecer a cidade, para ver se realmente escolheriam Garça ou Mococa ou São José do Rio Preto. O Prof. José Carlos e sua esposa vieram para Garça sem que as pessoas soubessem o que os dois vieram fazer aqui. Passearam pela cidade, almoçaram, deram uma volta por onde, possivelmente, se instalaria a Fatec-Garça. Depois desta visita, Garça passou a fazer parte dos sonhos do casal. A mudança para uma cidade diferente passou a ser considerada, assim como, consideraram um novo trabalho e as responsabilidades a ele inerentes, um grande desafio. Na viagem de volta para Ourinhos, o casal se convenceu de que Garça seria o lugar ideal para se instalar, e todos os trâmites foram acertados. A vinda para Garça implicava em uma casa para morar e enquanto ela era providenciada, somente o diretor viajava todos os dias de Ourinhos a Garça e de Garça a Ourinhos. Foi então, nessa época, que se formaram os laços de amizade entre O Prof. José Carlos e Ronaldo Bracialli, dono da Imobiliária Residência, que não poupou esforços para instalar logo e bem o novo casal. No dia 08 de março de 2004, Ana Cláudia, a esposa, trouxe a mudança e o casal começou aí, a fazer parte da

comunidade garcense. Em 2004, o casal fixou residência, mas a movimentação toda para a instalação da Fatec iniciou antes.

Era necessário aguardar a publicação da indicação do Diretor pelo Diário Oficial. Enquanto aguardava, José Carlos vinha a Garça, incansavelmente todos os dias de Ourinhos, para começar a trabalhar toda essa estrutura que precisa ser trabalhada para a Instalação da Fatec. Isso começou no final de outubro/novembro de 2003, e ele trabalhou praticamente esse final de ano, olhando lá pra frente, para a Fatec Garça. Em janeiro e fevereiro de 2004, aconteceu o primeiro vestibular. Em março de 2004 realizou-se a aula inaugural da Fatec de Garça. A aula inaugural se fez com a presença da comunidade garcense, toda a representação política da cidade. José Carlos enfatiza a importância da aula inaugural, foi feita no Grêmio Teatral Leopoldo Fróes: -“A sala cheia de gente, muito bonito, foi um momento marcante em minha vida também. Estar aqui em Garça proferindo uma aula inaugural de uma faculdade que nós estávamos implantando aqui na cidade.” A partir daí, já morando em Garça, as coisas começaram a ficar mais fáceis. Comenta: “Já eliminei a viagem de Ourinhos pra cá pra vir trabalhar... e a partir daí começa então um novo ciclo em nossa vida.”

A primeira vez que o Diretor da FATEC se encontrou com o Prefeito Municipal, Sr. José Alcides Faneco, foi em um cafezal, justamente no local onde, hoje, está, definitivamente, instalada a FATEC-Garça: Rodovia de Acesso a Garça, Km 1.

O Prefeito e mais alguns técnicos estavam analisando se a área seria um local viável para a instalação da Fatec. Do Km 1, a comitiva se dirigiu à ETEC “Monsenhor Antônio Magliano” e lá, se encontrou com a Diretora, Sra. Luci Mieko Hiroshi Simas e o Diretor Administrativo, o Prof. Nilson Bataglia. E o diretor da nova escola se apresentou a eles, colocando o objetivo de sua visita e também da necessidade que ele tinha, naquele momento: local onde dar início as atividades da Fatec-Garça e o apoio dos dois nessa empreitada.

A sugestão era de que ela fosse instalada, provisoriamente, no prédio da ETEC “Monsenhor Antônio Magliano” e que ele, o Diretor Implantador, contava com a colaboração da professora Luci e do senhor Nilson. O apoio e a colaboração sempre foram a constante de ambos, em relação à implantação da FATEC de Garça. Desse relacionamento profissional de ajuda mútua, criou-se um respeito muito grande entre eles que acabou por se definir em amizade franca e sincera e nesse clima de fraternidade e confiança, a FATEC-Garça se instalou em uma ala, no 1º andar com 4 salas de aula. A partir dessa definição, a nova escola se organizou da seguinte maneira: uma sala de aula propriamente dita, uma sala onde funcionaria a biblioteca, outra sala onde seria o laboratório de Informática, haja vista que o primeiro curso a

ser implantado seria o de Tecnologia em Informática para a Gestão de Negócios. Outra sala foi dividida para acomodar o setor administrativo: a sala da direção, secretaria acadêmica, coordenação do curso, sala de professores e uma saleta de espera. Essas foram as instalações onde se implantou a Fatec-Garça no início do ano de 2004, enquanto se processava a derrubada do cafezal e se iniciavam as negociações com o Governo do Estado para a construção de seu Campus.

Isso demandou muito trabalho coletivo e o Prefeito Faneco sempre ajudou muito, ao atender as reivindicações do prefeito em instalar a Fatec, no lugar onde está atualmente instalada. Assim que foi liberada a verba, o prefeito disponibilizou os trabalhos da prefeitura, para a derrubada do cafezal e preparo do terreno. De início foi construído o primeiro bloco. Esse bloco tinha doze salas de aula, e, novamente, houve a necessidade de se improvisar, pois não havia espaço para a parte administrativa. O mesmo modelo administrativo usado nas instalações da FATEC na ETEC foi utilizado. Seis salas de aula, quatro laboratórios, uma biblioteca e uma sala de aula convertida em setor administrativo, sala da direção, secretaria acadêmica, coordenação do curso, sala de supervisão de estágio e sala de professores o administrativo. Pode-se contar, também, com um prédio onde funcionava a cantina, uma portaria onde ficavam os vigias e um estacionamento.

A mudança para esse prédio novo aconteceu em janeiro de 2005. Ao se ocupar o novo espaço, iniciou-se o plano de expansão da Fatec que começara sua implantação com sete professores.

Nas novas instalações, rapidamente este número passou para 30 professores, duas coordenadoras, haja vista que se implantou também o curso de Tecnologia em Tecnologia de Produção Industrial. Foi uma expansão rápida que fez com que se pensasse em expandir o espaço físico que acabara por ficar pequeno. Foi quando optou-se construir um espaço administrativo com uma área de 1.200 m², e que contava com instalações para uma biblioteca e uma sala de estudos, um auditório pequeno com capacidade de abrigar até 110 pessoas, e mais toda parte administrativa acomodada convenientemente. Em 2008, obteve-se a autorização para a construção de mais um bloco de sala de aula. Em 2009, quando o Prof. José Carlos se transferiu para São Paulo, como Assessor da Superintendência, o bloco já estava praticamente pronto. Seu legado foi grande e contou com dois blocos de salas de aulas, 2.400 m² construídos, um bloco administrativo, de 3.600 m² construídos, uma cantina e uma recepção; totalizando, em torno de quatro mil metros quadrados de construção.

Nem tudo foram “rosas” nesse processo de implantação da FATEC. Muitas dificuldades foram encontradas, mas a quantidade de dificuldades foi proporcional ao número de pessoas que o ajudaram a superá-las. A sociedade garcense sonhava em ter uma faculdade pública aqui na cidade, e foi necessária muita força política para que se conseguisse tudo o que se precisa,

para implantar essa faculdade pública. O apoio da Prefeitura Municipal, das instituições sociais, dos alunos e dos professores que literalmente “vestiram a camiseta da escola” foram fatores que muito colaboraram nessa empreitada de se construir uma instituição pública que oferecesse ensino público de qualidade, não só para a população de Garça, como também, para toda a região. Esse desejo comum facilitou muito o trabalho. As dificuldades serviram para se ganhar forças nessa empreitada.

O casal, José Carlos e Ana Cláudia, sempre conversavam sobre essa vinda a Garça e a missão que teria que desenvolver na nova cidade. A mudança aconteceu em uma fase muito bonita de suas vidas e dos amigos que aqui fizeram só receberam uma acolhida muito grande e muito carinhosa. A sociedade como um todo valorizou a presença do casal e seu trabalho desenvolvido na FATEC, porque além de oportunidades de estudos, abriram-se oportunidades de trabalho. O professor também assinala que, além da criação da Fatec, a amizade, aqui encontrada, lhes deu muita alegria.

O Prof. José Carlos, com saudosismo, lembra de uma noite, um pouquinho depois do intervalo do período da noite, todas as luzes da Fatec se apagaram e a Profª Nancy, coordenadora do curso de Tecnologia de Produção Industrial, veio chamá-lo para tentar resolver o problema que havia começado nas dependências da cantina, prédio mais afastado no campus da escola.

A descida para lá, foi dificultada pela escuridão. Ao se chegar à cantina, as luzes se acenderam de repente e, sons melodiosos de um violino puxavam o coro harmonioso de um “Parabéns a Você”, entoado pelos alunos dos cursos de Informática e Produção, por professores, funcionários e vigias que, além de palavras afetuosas de agradecimentos e votos de felicidade, ofereceram ao querido diretor um pequeno tablete de chocolate Talento, homenagem singela a quem tinha muito Talento. Foi uma grande noite para todos. Atrás desses eventos sociais, das comemorações estavam sempre as professoras Maria Alda e a professora Nancy.

Durante a sua estada em Garça, o Prof. José Carlos conseguiu criar o Conselho Municipal do Idoso, mesmo não sendo, na época um idoso. Ele se reuniu com idosos e estruturou o Conselho. Depois foi a vez de criar o Lions Universitário, diga-se de passagem, o segundo Lions Universitário do Brasil. Essa ideia foi concebida com o apoio dos companheiros do Lions, do Nilson Bataglia, do Luiz Gonzaga e Janete Conessa. Todos esses projetos que lhe deram muita alegria, mas, ele considera também de grande importância, a criação do Projeto de Inclusão Digital para a Terceira Idade. Um grande apoio do desenvolvimento desse projeto veio da professora Maria Alda Cabreira, da professora Nancy Guanaes Bonini, da Ana Cláudia e de

outros professores. Depois, ao se deparar com a dificuldade do idoso não letrado, viver em um mundo letrado, foi a vez da criação de um curso de alfabetização também para os idosos e, em decorrência do curso, foram atendidas necessidades de óculos, de cirurgia de catarata. Foi um projeto emocionante, onde pude contar com o apoio da professora Nancy, de professoras e de alfabetizadoras, aposentadas da rede pública de ensino. Deram sua colaboração ao Projeto, as professoras Selma Rosa Couto, Maria Luiza, Rosa Maria da Silva Guanaes, Maura Travassos, Maria Tereza Foganholi, Ilderci Ortega, Heliani Galhase, Maria Rachel Selani e Vera Lúcia Guanaes Bonini. As professoras Nancy e Maria Alda encabeçaram e levaram adiante esses projetos sociais. Foi um período muito feliz!!!

Durante sua estada em Garça, o casal foi convidado a participar do Lions Clube. Em 2007, convidado para participar da Loja Maçônica General Guimaraes IV, e o Prof. José Carlos declarou que esse foi um período diferente em suas vidas, pois eles tiveram a oportunidade de servir muito e o lugar onde se pode servir, tem que ser muito valorizado.

A permanência do Prof. José Carlos em Garça durou cinco anos, cinco meses e cinco dias e ele salientou a importância das pessoas que aqui conheceu e que direta ou indiretamente, colocaram muito incentivo e energia no trabalho, coroado de sucessos, que realizou em Garça.

Sempre pode contar com os amigos que fez na cidade. Prof. José Carlos, ressalta que seu trabalho em Garça, não teria sido possível sem o apoio de sua esposa, Ana Claudia. Ele confessou, muito emocionado, que ela lhe deu muita força e lhe passou sempre muita energia e lhe deu muito apoio em todas as suas realizações. O primeiro Diretor da FATEC-Garça afirmou também que sentia que vir para Garça era uma missão que teria que levar a cabo. Comentou que já havia citado algumas vezes que quando ele era pequeno, sua mãe o chamava:- Filho! Acorda, pra ir pra escola. Para ele, muitos anos depois, essa chamada, poderia ser entendida assim:- Filho! Acorda pra ir estudar e ir para Garça fazer tudo o que precisaria ser feito na implantação e implementação da FATEC de Garça.

O professor José Carlos revelou sua vontade de nomear também outras pessoas que estiveram vinculadas ao processo de implantação e implementação da FATEC-Garça, nos cinco anos em que ele esteve aqui. Relatou que durante a implantação do Conselho Municipal do Idoso, teve contato com o presidente da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Garça e região, Sr. José Vieira do Nascimento. Foi a partir desse contato que se firmou a parceria FATEC-Garça e Associação dos Aposentados e Pensionistas de Garça e Região, na implantação do primeiro projeto social a funcionar na FATEC-Garça: Inclusão Digital da Terceira Idade. O terceiro parceiro desse projeto foi a Prefeitura Municipal de Garça. Cabia à Prefeitura fazer a

manutenção dos laboratórios com disquetes, com papel, com tinta para as impressoras e disponibilizar ônibus para o transporte para os “Longevos”. À Associação Comercial coube fazer as matrículas dos interessados, fazer o encaminhamento deles à FATEC-Garça e providenciar o lanche deles nos dias de aulas. O Sr. José Vieira do Nascimento fez o papel de polo de aglutinação desses longevos na Associação e era de lá que eles saíam para vir aqui pra FATEC de Garça para participar do Projeto. O Sr. José Vieira foi uma pessoa fundamental na existência da FATEC em Garça. A outra pessoa que também ajudou muito e que precisa ser mencionada é o Dr. Alberto Baracat, na época, Secretário Municipal da Agricultura e do Meio Ambiente. Foi ele quem cuidou do paisagismo, quando a FATEC se mudou para as novas instalações. O Albertinho Baracat estava sempre pronto a atender todas as solicitações a ele feitas. Ele é uma pessoa que ajudou, também, a construir a FATEC de Garça. O Prof. José Carlos agradeceu muito a duas pessoas que o auxiliaram nessa jornada: A senhora Silvia Regina Tedesco Rodella, secretária acadêmica e ao incansável senhor Nilson Bataglia, atual Diretor Administrativo da FATEC-Garça, que na época era o diretor Administrativo da ETEC. Essas foram duas pessoas que funcionaram como alavancas para ele, pois o acompanharam e se empenharam a resolver as dificuldades juntos. A eles se juntou, a professora Cláudia Maria Bernava Aguillar, que foi a indicada para responder pela coordenação do Curso de Informática.

Outra pessoa que precisa ser lembrada é o Diego. O Diego está na FATEC de Garça, desde o seu início e foi ele quem montou todos os laboratórios de informática e instalou os softwares em todas as máquinas. Ele foi a pessoa que garantiu o funcionamento dos laboratórios de Informática e foi ele também, quem fez a instalação de toda a rede de informática da FATEC de Garça. Tudo o que acontecia de rede de informática na FATEC estava sob a responsabilidade do Diego e ele sempre respondeu à altura. Sempre com responsabilidade e sempre disposto a atender e a resolver os problemas a qualquer hora. No dia a dia, o Diego estava sempre à disposição da FATEC. Ele é uma pessoa que eu não posso me esquecer de mencionar e também de agradecer porque ele me ajudou a construir a FATEC. Ele também deu as mãos a todas as outras pessoas que formaram um círculo virtuoso para a construção da FATEC. Uma pessoa especial que o Prof. José Carlos queria agradecer também, ao Sr. o Toninho da Rotisserie pela amizade e pela força dada durante o tempo em que ele morou em Garça. O Sr. Toninho lhe deu muita força para poder trabalhar aqui em Garça. Foi um amigo, um companheiro e um irmão. Outra pessoa mencionada pelo Professor José Carlos, foi o Sr. Dorides Furlaneto pela força dada, pelo companheirismo, pela ajuda moral, amizade e companheirismo. Sempre. Ele também ajudou a colocar tijolo aqui, na FATEC. O agradecimento do primeiro diretor da FATEC-Garça também se estendeu a todos os cidadãos garcenses que o ajudaram;

mesmo aqueles a quem ele não conhecia, mas que o encontravam na rua e o parabenizavam pelo trabalho que ele estava desenvolvendo e se colocavam à disposição para o que ele precisasse.

Entre os vereadores, havia um a quem os agradecimentos do Prof. José Carlos também se estendem. Foi o vereador José Maria Piola. Ele logo reconheceu o trabalho do diretor aqui em Garça. Foi em nome desse trabalho que o Prof. José Carlos foi indicado para receber o título de Cidadão Garcense. Depois de mencionar essas pessoas, o entrevistado mostrou a intenção de finalizar sua conversa sobre a sua passagem por Garça, como diretor da FATEC, como cidadão garcense. Mais uma vez agradeceu a todos pela ajuda e pela oportunidade que lhe foi dada de servir. Considerou que estar em Garça foi a sua grande oportunidade de servir. Ao ser indagado sobre quais seriam seus planos se ficasse à frente da FATEC por mais cinco anos, ele abaixou um pouquinho a cabeça, o pensamento pareceu voar para longe, pôs um meio sorriso nos lábios e deixou que sua fisionomia se iluminasse ao dizer que se colocaria à disposição de Deus para que ele continuasse a fazer dele um instrumento para servir. Que Deus colocasse na sua cabeça o que e ele teria que fazer para atender a este pedido Dele.

Finalizou a entrevista, meneando a cabeça várias vezes e dizendo:É isto que era o meu sonho!

Etec

Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho

Ipaussu / SP



Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho



Janice Zilio Martins Pedroso

Janice Zilio Martins Pedroso. Pós-graduada em Informática em Educação (UFLA), Licenciada em Processamento de Dados (FATEC), Matemática (UNIBAN) e Pedagogia (FAPI). É professora do Centro de Educação Tecnológica Paula Souza desde 1997, onde atuou como coordenadora nas áreas de Informática e Ensino Médio. Atualmente é coordenadora responsável pelo Núcleo Pedagógico na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho. Participante pelo segundo ano do Congresso de Educação do Norte Pioneiro da Universidade Estadual do Paraná, com a apresentação dos seguintes trabalhos: “A importância do incentivo à leitura para o processo de ensino-aprendizagem, Adquirindo competências e habilidades através da pedagogia de projetos” (2012), “Métodos de ensino da língua espanhola desde a educação infantil até a fase adulta” e “A tecnologia da informação e o aprendizado à distância” (2013)



Silvia Regina Vuolo

Silvia Regina Vuolo é graduada em Análise de Sistemas pela PUC- Campinas e licenciada em Processamento de Dados pela Faculdade Metodista de Lins. Trabalhou como Analista de Sistemas de 1983 a 1991 nas empresas SIBRA (Campinas) e D&ISI (São Paulo). Em 1992 retornou para Santa Cruz do Rio Pardo e trabalhou como autônoma na área de Informática implantando sistemas de faturamento e contabilidade. No mesmo ano iniciou suas atividades como docente do curso de técnico em informática, na Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho, onde permaneceu até o ano de 1998. Atualmente é concursada pela Caixa Econômica Federal e em 1998 trabalhou na área de Habitação, onde exerceu o cargo de Analista Pleno na área de Informática, desenvolvendo inúmeros sistemas na área e páginas de Intranet.

Na época não tinha local para eles fazerem estágio. Mesmo que fosse estágio fora, não tinha onde eles fazerem. Não tinha firma, nem empresas para esses coitados.

Iniciei minhas atividades na Etec de Ipaussu, num dia em que fui levar a Sandra para fazer um cadastro para dar aula de matemática. Então eu vi que tinha processamento de dados lá e falei:- Ah, tem processamento? E a Angela falou:- Tem por quê?- Porque eu sou analista de sistemas. Então ela me “catou” pelo cangote, me levou lá na sala da dona Lurdes, e como a dona Lurdes era boa de conversa, eu voltei para casa com 28 aulas. Era metade, tinham 56 aulas no total; o restante ficou com aquela Marisa de Pirajú. Na verdade ela não tinha feito faculdade, não tinha nada. Foi o que eles conseguiram achar.

Eu dava aula mais à noite porque eu preferia este período, pois trabalhava de dia aqui (em Santa Cruz do Rio Pardo). Eu dava metade, dava meioa meio. Era um segundo ano só. Quando comecei eu falava: - Ah! Eu não vou aguentar! E minha irmã falava:- Os alunos da noite? Eles põem fogo no seu carro, eles furam pneu. Aí eu pensava: “eu não vou aguentar, eu vou embora daí.” No fim eu gostei.

Os alunos da noite eram os mais educados da escola. Eu fiquei pelos alunos, porque eu gostava deles. Então apareceu uma grade que a dona Lurdes trouxe e copiou de uma escola, de uma cidade que acredito que era Garça. Quando eu cheguei, eles já tinham tido o primeiro ano e iam começar o segundo. Era final de janeiro, começo de fevereiro. Já ia começar o segundo ano e não tinham professor. Só tinham a Marisa que arrumaram em Pirajú. Então ela (D. Lurdes) falou que como eu era formada, eu tinha prioridade e podia pegar tudo o que eu quisesse. Eu falei:- Não quero, não quero. Por fim acabei pegando metade, eu dividi as aulas com a Marisa.

O supervisor era o Paulão de contabilidade, que não sabia nem como funcionava o computador. Então ele falava para mim:- Pode fazer o que você quiser. Então eu pensei assim: “nessa matéria estágio, os alunos do primeiro ano não tiveram matéria técnica nenhuma. Como é que eu vou fazer o estágio?” Aquela época era o integrado. O primeiro ano era só básico. No segundo ano, no primeiro dia de aula, eles tinham estágio. Eram quatro horas de estágio profissional por semana. Eu pensei assim: “como é que eu posso dar estágio profissional?” Bom. Não tinha empresa para eles fazerem estágio, não tinha nada. “Como é que eu poderia dar trabalho para eles fazerem, se eles não sabiam nem ligar o computador?” Eu tive uma ideia: “de pegar o segundo ano e fazer aula prática de informática”. Tinha aula de

LP1 (Linguagem de Programação), LP2 e cinco computadores para 30 alunos. Então começamos a fazer divisão de classe. Metade ficava com o professor, tendo aula teórica, e a outra metade na prática. Eu fiz assim com a Marisa, eu dava aula de Cobol teórica na classe, e prática no CPD (Centro de Processamento de Dados). Ela não sabia nada de Cobol. Ela dizia que sabia Clipper, Dbase na época. Era Dbase ainda, começando o Clipper. A gente invertia: meia classe e meia classe. Do número um ao 15 e dos 16 ao 30. Fazíamos desdobramento com as aulas. As aulas então batiam com as de estágio.

No terceiro na, fazíamos o projeto. Eles já sabiam programar. Eles desenvolviam a prática dentro das aulas. Dentro dessas cinco aulas, eles tiravam dúvidas. Pedíamos para eles fazerem levantamento de dados porque já tinham tido as noções. Eles iam numa empresa, num dentista, numa clínica veterinária e faziam o levantamento.

A gente ajudava a montar mais ou menos. Era no final do primeiro semestre, começo do segundo que eles começavam o desenvolvimento mesmo do sistema. Era o trabalho final deles. O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) deles como é hoje. Como é que eles poderiam fazer um trabalho de conclusão de curso, no segundo ano, se eles não tinham tido nenhuma aula? Só tinham tido matemática, física, português e geografia.

Eles não tinham a prática em empresa. A única coisa é que eles iam numa empresa, faziam o levantamento de como era lá. Manual ou automatizado. Então a gente montava junto com eles. Ia montando a parte de análise bem sutil, bem levezinho assim, principalmente nas aulas do primeiro semestre do terceiro ano. Ajudávamos a montar e aí eles faziam a programação, eu questionava: “como é que eu vou dar estágio para os alunos se eles não sabem nem fundamentos de informática?” Até poderia ter alguém que soubesse alguma coisa, mas realmente não tinha. Mesmo que houvesse, seriam um, dois, três, cinco. E os outros 25 da classe? Tínhamos que dar aula para todos. Então não tinha o estágio. Usávamos como aula prática para poderem ter um melhor desempenho, para eles aprenderem melhor.

Não cheguei a trabalhar com eles quando o estágio não era mais componente na grade curricular. Saí de lá em 1998. Ainda era integrado. Saí no último ano que era integrado. Outubro de 1998. Vai fazer 15 anos agora.

Nas demais disciplinas que me lembro, usávamos técnicas de sistemas em processamento de dados, como análise de sistemas. TO (Técnicas de Operação) era a parte mais de Word. Nós íamos encaixando. TSPD (Técnicas em Sistemas de Processamento de Dados) era mais teórico no segundo ano. No terceiro ano ajudávamos a montar um sistema. Era isso. Uma surpresa. Você vai dar aula disso daqui. Pensava: “Mas o que é isso?... Não sei.”

Na época não tinha local para eles fazerem estágio. Mesmo que fosse estágio fora, não tinha onde eles fazerem. Não tinha firma, nem empresas para esses coitados. As aulas de estágio começavam com quatro aulas no segundo ano e depois ia para cinco no terceiro ano. Essas quatro aulas na verdade, foram aulas práticas de LP1 e LP2. Pela grade eles tinham LP1 e LP2 com duas aulas de programação. Na realidade eles tinham mais. O dobro. Eles tinham oito aulas de programação no segundo e no terceiro aumentava um pouquinho. Era isso. Eu tinha um papel, que a D. Lurdes trouxe lá da outra escola, mas acho que não tenho mais, tipo uma apostila falando o que o povo estava fazendo lá. Um plano para seguir. Eu tinha isso aí, mas não sei se tenho. Posso até fuçar e procurar se você quiser. [risos]

Eu não sabia nem fazer um plano de aula. Eu não sabia nem o que era um plano de aula. Eu copiei. Escrevi só uma coisinha, fui copiando as coisas que tinha.

A Waleska também tinha a apostila. O que eu lembro é isso. A gente usava a aula do segundo ano para programação, para eles poderem entrar no terceiro ano fazendo alguma coisa. A programação maior era realmente no segundo semestre do terceiro ano. Enquanto eles faziam levantamento a gente também usava como aula prática. A gente desdobrava. O que tinha era o desdobramento das aulas de linguagem e de estágio. Era tudo desdobrado. Por isso que davam 28. [risos]

(Entrevista de Silvia Regina Vuolo, em 20 de junho de 2013, em sua residência na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, a entrevistadora Janice Zilio Martins Pedroso, que realizou a transcrição e transcrição da entrevista)

Etec Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho



Tania Janaina Borda Landi

Tânia Janaína Borda Landi. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (FAFIJA, 2000), licenciada em Filosofia (UNIMES, 2007), Letras Português e Espanhol (UNIMAR, 2003), Pedagogia (UNIG, 2002), Letras Português e Inglês (FIO, 1997), Técnica em Processamento de Dados e Secretariado. Atuou 10 anos como secretária bilíngue com ênfase no Mercosul. Professora do Sistema Objetivo desde 2001, concursada no CEETEPS desde 2002, professora no Ensino Médio e Técnico; coordenadora da Etec (2007-2011), coordenadora da Fatec (2004-2006). Publicou artigos sobre: Memórias da Escola Técnica Estadual Profª Pedro Leme Brisolla Sobrinho: Contribuição para a História da Educação e Adquirindo Competências e Habilidades Através da Pedagogia de Projetos (2012).



Carmen Bruder Moraes

Carmem Bruder Moraes. Especialista na área da Educação (São Luís, 1997), licenciada em Letras Português e Inglês (FIO, 1988), Pedagogia (FAFIP, 1996), professora concursada na Rede Estadual, desde 2000, e no CEETEPS, desde 1994. Ingressou na Etec Jacinto Ferreira de Sá de Ourinhos, onde atualmente exerce a função de Coordenadora e Professora do Ensino Médio, no Ensino Técnico ministra aulas de Inglês e Português Instrumental. Trabalhou na Fatec de Ourinhos ministrando aulas entre os anos de 1999 a 2002. Em 1982 morou em Sandston (Virgínia), frequentou a High School de março a junho. Atuou em escola de idiomas de 1992 a 2002. Em 2012 participou do Intercâmbio Cultural em Londres, teve a oportunidade de estudar na International House of London.

Na época que eu fui para Ipaussu fui para dar aula no curso de informática, mas eu não tinha um computador. Eu pensei: “eu tenho que ter um computador, pois eu não posso levar coisas mimeografadas para um aluno que faz curso de informática.”

Eu fui para Ipaussu em 1996, encontrei um corpo docente maravilhoso, pessoas maravilhosas, grande parte desses professores já saíram da Etec. Na época tudo era novo para mim na área da informática. Eu fui muito bem recebida, nós tínhamos o Carlos, que hoje é o diretor da escola, tínhamos a Silvia e a Waleska que também não está mais lá.

Não sei quem da área de informática ficou daquela época, mas eu fui bem recebida e eles me auxiliaram, não só na disciplina de LPT - Leitura e Produção de Textos (atualmente a disciplina é chamada de LTT - Linguagem, Trabalho e Tecnologia), mas no inglês, porque nós tínhamos o integrado e eu trabalhava textos de língua inglesa. Recebemos a ementa da disciplina, no papel, e tínhamos que xerocar aquilo, montar um material.

Na época que eu fui para Ipaussu, fui para dar aula no curso de informática, mas eu não tinha um computador. Eu pensei: “eu tenho que ter um computador, pois eu não posso levar coisas mimeografadas para um aluno que faz curso de informática.” Então me matriculei, fiz para aprender a lidar com o computador, porque eu precisava. Comprei uma impressora matricial.

Nós não tínhamos a máquina de xérox dentro da escola, o que dificultava, o aluno trabalhava e reclamava que ficava caro. Parte do material eu fornecia impresso e ele xerocava, parte do material eu colocava na lousa. O que melhorou um pouquinho para nós foi quando tivemos o curso ASTI- Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação da Fatec, que funcionou na extensão.

A nossa biblioteca melhorou bastante, recebemos livros de português instrumental para consulta, que me ajudou muito. Esse material que eu utilizei no ASTI acabei transferindo e hoje a apostila que eu tenho, que eu utilizo de LTT, o esqueleto dela veio dessa época, porque eu digitei tudo, todo esse material que anteriormente eu tinha xerocado eu digitei, então eu tenho horas e horas de digitação, eu buscava nos livros a informação, digitava e montava uma apostilinha para passar para o aluno.

A ementa foi mudando e foi direcionando de curso para curso, porque antes nós tínhamos LPT que não era tão direcionado. Os Laboratórios de Currículo melhoraram isso, mas eu ainda uso alguma coisa da minha apostila, uso essa do Centro como referência porque o aluno

não tem o livro, tem só o pen card, quando eu preciso de uma referência de correspondência comercial o aluno tem, quando o aluno não tem, não recebeu, eu passo para ele o conteúdo todo.

Hoje eles têm acesso e computador em casa, na época o nosso aluno não tinha. Ele fazia curso de informática e não tinha o computador para trabalhar. A realidade era diferente.

Naquele período eu trabalhava algumas coisas que eu trabalho até hoje como: acentuação, pontuação, ortografia, porque eu considero isso essencial. Sempre questiono: “Como é que o meu aluno vai escrever bem se ele não domina a gramática?” Você tem que conversar com ele e esclarecer, para depois partir por área. Antes era um geral, não era tão específico. Hoje o professor recebe o que tem que trabalhar, eu senti mudança nisso.

O aluno fala assim:

_ Poxa, porque é que a gente tem aula de português?

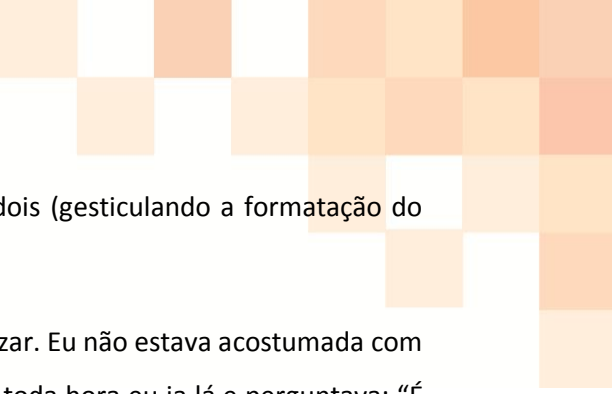
Eu falo:

_ Vocês não tem aula de português. Como todo cidadão brasileiro você tem obrigação de escrever bem.

Eu digo isso até hoje para o aluno. Professores de LTT, de Inglês, de Organização Empresarial e das demais disciplinas estão aqui para acrescentar. É a formação do profissional. Eu não posso ser um profissional só técnico. Eu tenho que ter o lado humano. Sempre digo: “Eu não estou aqui para prejudicá-los, eu estou aqui para ajudá-los. Quando você for fazer o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) vai precisar desse conhecimento.” Na época nós não tínhamos o TCC como disciplina obrigatória no Centro Paula Souza. Ipaussu tinha. Então eu esclareço: “LTT auxiliará lá na frente quando você for produzir o TCC.”

Eu não utilizava laboratório na hora de editar texto, porque nós não tínhamos computadores para isso. Ipaussu tinha um laboratório pequeno. Várias turmas de informática no período noturno. Não dava certo para eu usar o laboratório no momento da minha aula. Então acabava ficando na sala de aula na teoria. Hoje, como nós temos mais laboratórios às vezes pode ser possível conciliar um momento e nós vamos lá. Como é que eu vou aplicar uma norma na formatação do meu texto? Hoje é possível, naquela época não era.

As correspondências oficiais eram colocadas na lousa, às vezes havia uma certa resistência com a apostila, com o xerocar material, e tinha aluno que se interessava, que pegava e xerocava e eu acabava montando a correspondência na lousa, porque a maioria não tinha. O aluno estava



ali... eu colocava o meu A4 na lousa, o meu três, três, dois, dois (gesticulando a formatação do sulfite).

Eu mostrava para os alunos: - Olha aqui vamos centralizar. Eu não estava acostumada com o vocabulário, com o jargão profissional da informática, então toda hora eu ia lá e perguntava: “É isso mesmo? Eu peguei esse texto aqui e vou trabalhar com os alunos.”

Eles me ajudavam bastante, os professores da época, era uma equipe maravilhosa, tenho boas lembranças de Ipaussu, gostei de trabalhar lá.

(Entrevista com Carmem Bruder Moraes, em 15/06/2013, na Etec Jacinto Ferreira de Sá, em Ourinhos, com a entrevistadora Tânia Janaína Borda Landi, que fez a transcrição da entrevista, em 30/06/2013 e a transcrição, em 30/07/2013)

Etec

Rosa Perrone Scavone

Itatiba / SP



Etec Rosa Perrone Scavone



Anderson Wilker Sanfins

Anderson Wilker Sanfins. Mestre em Educação (USF, 2011) e Doutorando em Educação, na linha de História, Historiografia e Ideias Educacionais, na Universidade São Francisco. Especialização em Administração de Empresas com ênfase em Marketing (USF, 2001), Bacharel em Análise de Sistemas (USF, 1998) e Licenciatura Plena em Processamento de Dados (Fatec de Americana, 1999). Atuou como Coordenador de T.I.E. (Tecnologia da Informação Educacional) na Secretaria da Educação, da Prefeitura Municipal de Itatiba (2003 a 2008). Tem experiência como coordenador de curso e professor nas áreas de informática e eletrônica (1994 a 2008), é Diretor da Etec Rosa Perrone Scavone, em Itatiba/SP e Professor da Faculdade Anhanguera. Tem artigos publicados em congressos e livro.



Gentil de Souza Coelho

Gentil de Souza Coelho, natural de Amparo/SP, Técnico em Mecânica e Pedagogo, foi professor e vice-diretor da ETEC Prof. Horácio Augusto da Silveira, em São Paulo, e diretor da ETEC Rosa Perrone Scavone, em Itatiba, de 1969 a 1982. Atualmente é funcionário público da Prefeitura Municipal de Itatiba. Diretor-Fundador, em 1972 e membro da APAMI – Associação dos Patrulheiros Mirins de Itatiba; Fundador, em 1974 e membro da CREPI - Creche Paraíso Infantil e 1º Secretário do Asilo São Vicente de Paula de Itatiba.

“aqui no Rosa Perrone Scavone eu tive, vou dizer uma coisa para você, eu acredito que nós tivemos aqui, os melhores professores de Itatiba aqui no Rosa, essa escola sempre foi exemplo de ensino de qualidade”.

A escola Rosa Perrone Scavone, localizada na cidade de Itatiba, foi criada pela Lei n.º 77, de 23 de fevereiro de 1948, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 25 de fevereiro de 1948, com a denominação de “*Cursos Práticos de Ensino Profissional de Itatiba*”.

As aulas tiveram início somente no dia 06 de março de 1950, nas modalidades de: Ajustagem Mecânica, Marcenaria e Corte e Costura. Para a direção da escola, foi designado Luiz Pântano, professor primário para responder pelo expediente da diretoria dos Cursos Práticos de Ensino Profissional de Itatiba e encarregado da regência das aulas de Matemática. Em 1952 a escola recebeu o nome de sua patronesse “Rosa Perrone Scavone”.

A unidade escolar passou por diversas denominações: Cursos Práticos de Ensino Profissional, Escola Artesanal, Escola Industrial, Ginásio Industrial, E.E.P.S.G. - Escola de Primeiro e Segundo Grau, E.T.E.S.G. – Escola Técnica Estadual Segundo Grau e finalmente ETE e ETEC – Escola Técnica Estadual. Em 1969, com a aposentadoria do Prof. Luiz Pântano, Gentil de Souza Coelho, professor de Mecânica de Automóveis, do Ginásio Industrial Estadual “Prof. Horácio Augusto da Silveira”, da capital, é designado para responder pela direção do Ginásio Industrial Estadual “Rosa Perrone Scavone”, de Itatiba, e ficou no cargo até 1982.

Gentil de Souza Coelho esteve à frente da direção ou como vice-diretor da escola Rosa Perrone Scavone por 13 anos, passou por momentos fundamentais da escola, como implantação dos cursos técnicos na década de 70, a incorporação e utilização do prédio da Escola Estadual Manoel Euclides de Brito e deixou marcado seu trabalho de valorização da formação técnica na cidade de Itatiba. Atualmente, trabalhando como funcionário público da Prefeitura Municipal de Itatiba, Gentil Coelho foi entrevistado no dia 21 de junho de 2013, na diretoria da escola Rosa Perrone Scavone, pelo atual diretor e pesquisador, professor Anderson Wilker Sanfins. Com sua fala mansa, paciência e bastante gesticulada, o professor Gentil Coelho é um exemplo de determinação e simpatia, nos relatou momentos de extrema importância para compreensão do ensino técnico na cidade de Itatiba e da história de mais de 65 anos da ETEC Rosa Perrone Scavone.

Gentil de Souza Coelho nasceu em Amparo/SP, veio para Itatiba, especificamente na escola Rosa Perrone Scavone através de seu cunhado, José Luis Trindade (falecido), casado

com Dona Ivani de Castro Trindade. José Luis era de Amparo e Ivani era de Jundiá. Na época, o diretor da escola Rosa Perrone, Prof. Luiz Pântano, precisava de um professor de ciências, então, trouxe José Luis para a escola de Itatiba, pois o mesmo havia casado recentemente com Ivani, que já lecionava na Rosa Perrone, fato que facilitou a vinda do casal para Itatiba.

O motivo principal da mudança de Gentil Coelho de São Paulo para Itatiba se deve a um incidente que ocorreu em São Paulo com seu filho Helder, conforme descreve: “as crianças estavam começando a crescer, houve um problema lá em São Paulo, meu filho Helder foi praticamente, se não era um cara bom de volante, porque o Helder saiu correndo da minha casa, ele tinha uns quatro anos e, o motorista desviou e não atropelou, mas quase atropelou, então esse fato, isso foi mais ou menos em maio de 1969, esse fato fez com que a gente procurasse outro lugar, eu queria ir para Amparo, mas em Amparo o Odracir Caminada já era o Diretor, já estava lá, ele era professor de matemática da João Belarmino, e o Luiz Pântano, diretor da escola Rosa Perrone aposentou, eu tinha muito conhecimento no departamento do ensino técnico e da coordenação do ensino técnico, aí o pessoal deu um jeito e me trouxe para cá.”

O professor Gentil Coelho foi professor de mecânica na disciplina de Desenho Técnico, na escola Horácio Augusto da Silveira e passou para assistente de diretor devido a um acidente de carro, que sofreu em 1963. Segundo o professor Gentil Coelho, que nessa época trabalhava na escola artesanal da Vila Maria (Etec Prof. Horácio Augusto da Silveira) durante o dia, e na escola da Penha (Etec Prof. Aprígio Gonzaga) à noite: “Em 1963, eu sofri um acidente sério, eu tinha um jipe Land Rover, e tinha uns cinco, seis alunos e só eu que machuquei, a molecada caiu tudo fora, mas não aconteceu nada, eu bati com o osso, desloquei a retina da vista. Eu fiquei internado no hospital da Avenida Celso Garcia, não lembro o nome do hospital, e, quando, eles queriam me aposentar, por causa da batida que eu tinha machucado, a porta entrou aqui, eu tenho uma cicatriz grande aqui (*mostrando embaixo do braço*), aí, queriam me aposentar, naquele tempo era mais ou menos fácil, aí eu fui na coordenação do ensino técnico e eu falei: - não, eu não quero aposentar, eu quero ser vice-diretor. Aquele tempo era vice-diretor, não era assistente ainda, aí eles me botaram, não tinha vice na escola, me botaram com vice-diretor, eu fiquei como vice-diretor de 1963 até 1969, quando eu vim para cá.”

Gentil Coelho foi nomeado diretor no dia 31 de julho de 1969 e, tomou posse logo em seguida. Sua esposa Lourdes lecionava na escola da Vila Maria e, quando terminaram as aulas no dia 15 de dezembro, se mudaram para Itatiba. Gentil Coelho conta que foi muito bem recebido na escola, devido ao fato de seu cunhado, José Luis, já estar ministrando aulas na Rosa Perrone. Outro colega que encontrou, em Itatiba, foi o professor Benno Carlos Claus, que

ministrava aulas de mecânica e, também participava, junto com Gentil Coelho das reuniões na Superintendência da Educação Profissional e Doméstica. Eles se conheceram nestas reuniões e se tornaram grandes amigos, de frequentar a casa um do outro. Segundo Gentil Coelho “eu tinha boa amizade com o Benno até a hora que ele faleceu, quando eu comprava carro, eu avaliava para ele e ele para mim, era um negócio, eu tinha amizade muito grande com o Benno e com a família”.

Depois dessa boa recepção na escola e do encontro com o amigo, Gentil Coelho começa seu trabalho à frente da direção da escola, o qual tem um papel importante na implantação dos cursos técnicos na escola: “Como diretor foi ótimo e a primeira coisa que eu fiz nessa minha gestão, foi plantar essas cinco árvores (*apontando para a frente da escola*), tá aí até hoje, em 1969. Em 1973 eu consegui junto com o Sr. Giácomo Rela, prefeito na época, ele era industrial, tinha interesse que fosse colocado um curso técnico aqui, a gente tinha muita amizade com o Sr. Erasmo de Freitas Nuzzi, que era o coordenador, do ensino técnico, Sr. Giácomo pegou muita amizade com ele e conseguimos trazer, o Sr. Agenor mudou da escola para prédio novo (*mudança da escola CENEMEB, vizinho da escola Rosa Perrone*), esse prédio ficou vago, depredaram tudo, quebraram vidro, sabe, fica parado, aí a gente assumiu esse prédio, em abril de 1973 instalamos o colégio técnico de mecânica, primeiro o curso de mecânica, em 1974, instalamos eletrotécnica e, em 1975, instalamos eletrônica. Na verdade, quando foi feito não era curso técnico, era uma sala de 2º grau do Ginásio Industrial Rosa Perrone, em 1974 que passou a ser chamado Colégio Técnico”.

Um fato característico na escola era a divisão que acontecia na entrada dos alunos, os estudantes de mecânica e marcenaria utilizavam uma entrada, e as alunas de corte e costura e educação doméstica, entravam pelo outro lado da escola. Para Gentil Coelho, essa divisão já acontecia na escola da Vila Maria, quando o mesmo era vice-diretor. Outra curiosidade relatada pelo diretor era o fato de haver meninas, que já na década de 70, cursavam mecânica na escola, quebrando preconceitos, essas meninas obtinham sucesso na carreira, inclusive, como lembra Gentil Coelho, a aluna trabalhava como técnica na Volkswagen.

Gentil de Souza Coelho ficou na direção da escola até abril de 1982, quando após realização de concurso público, assumiu a direção, a professora Thelma Lopes Martins Coelli. Outros diretores tomaram posse e, no período de permanência destes diretores, Gentil Coelho assumia como vice-diretor. Os diretores no período foram: em 1976, após aprovação em concurso público, professor Alcides Ferreira de Castilho assume como diretor de 01 de setembro de 1976 a 06 de dezembro de 1977; em janeiro de 1979, o Prof. Ernani Nobre toma

posse, como diretor, mas afasta-se junto a CENP; em fevereiro de 1980 o Sr. Hécio da Cunha Lanfranchi toma posse como Diretor da U.E., mas afasta-se junto à DRE; em fevereiro de 1981, a Sra. Vera Maria de Oliveira Silva toma posse como diretora, ficando até dezembro de 1981. Gentil disse: “Eu fiz o concurso como diretor e passei, em 1982, quando a Telma escolheu eu também escolhi, só que eu escolhi Carapicuíba, porque dos 40 que prestaram o concurso aqui em Itatiba para Diretor, só passou eu e a Maria Inês Mecca, só nos dois passamos, então nós escolhemos juntos. Quando a Telma escolheu para vir para cá, eu escolhi em Carapicuíba, e a Maria Inês em Osasco, então a gente ia com o carro dela uma semana, parava na escola em Osasco, onde tem a televisão do Silvio Santos, tinha a escola ali. Ela sempre muito organizada, e eu seguia até Carapicuíba, aí quando voltava, pegava ela de tarde. Só complicava um pouquinho no dia de entregar folha de pagamento, aquela fila, aquele monte de escola. Eu, na verdade, entrei em abril, nós entramos em abril de 82 e me removi para Itatiba em 31 de dezembro de 82, aí eu fui na escola do Coroado (EMEF Philomena Zupardo).

Em Carapicuíba eu fiquei bem pouco, porque em 82 eu perdi meu filho, no dia 25 de julho, ele se acidentou com a moto. Ele tinha ido para Serra Negra junto com a turma, ele se acidentou e morreu. Então eu tinha, eu acho que duas licenças prêmio, eu tirei e quando terminou a licença prêmio eu já tinha entrado com o pedido de transferência, e nesse tempo, eu trabalhava com o Carlito no Carbonari, Colégio Comendador Carbonari.”

Com 13 anos à frente da direção ou como vice-diretor da escola Rosa Perrone Scavone, com boa relação com prefeitos e com a Superintendência da Educação Profissional e Doméstica, Gentil Coelho sempre é lembrado com carinho por professores antigos e ex-alunos da escola. Perguntamos ao professor qual sua maior alegria ou dificuldade encontrada como diretor e, qual a receita do sucesso na direção dessa escola tão tradicional na cidade de Itatiba: “Aqui no Rosa eu tive, vou dizer uma coisa para você, eu acredito que nós tivemos aqui em Itatiba os melhores professores de Itatiba aqui no Rosa, essa escola sempre foi exemplo de ensino de qualidade, então vou citar os nomes: - Luis Carlos Cagliari, ele é da UNICAMP, e a Maria Inês, baixinha, mulher dele, ela era professora de Inglês; Isabel Jorge Barreiro que foi uma excelente professora de Português; a Ivone de Antonio Belo que foi uma excelente professora de Matemática; a Carmen Baqui Ribeiro dos Santos, ela era professora de Educação Moral e Cívica e OSPB, aquele tempo da revolução, quem mais, e um pessoal; a Dona Adelina; a Ivani; a Maria Olinda e a Vilma Rabelo, e como professores da parte de Mecânica, o Benno era daquela parte de preparar para ir depois para outra oficina, como é que chamava mesmo, não lembro mais o nome, tinha o Benno, o Sr. Benedito Rela, Benedito Batista, João Luis

Pantano e o Autran, Luis Autran, é o pai daqueles donos da empresa (Attour) e, outra professora boa, que nós tivemos aqui foi a Lucy Gotardelo, professora de matemática, exigente daquela (apontado para mesa com dedo riste), baixinha, mas fogo.”

Gentil Coelho foi devidamente reconhecido pelo seu trabalho na escola Rosa Perrone, no dia 18 de maio de 1996, recebeu uma homenagem da professora Rosangela Helena de Lima, diretora na época, o pavilhão principal da escola Rosa Perrone Scavone, no prédio um, recebeu o nome de “Pavilhão Prof. Gentil de Souza Coelho”, uma justa e honrosa homenagem à pessoa marcante e dedicada ao ensino profissional de Itatiba. Depois de cinquenta minutos de preparação e conversas e, vinte minutos de gravação, encerramos a entrevista com Gentil de Souza Coelho, sempre dedicado às causas assistenciais, atualmente como membro do Asilo São Vicente de Paula, da CREPI – Creche Paraiso Infantil e da APAMI – Associação dos Patrulheiros Mirins de Itatiba, pois o mesmo informou que teria uma reunião no Asilo. Ao sair da escola, para em frente à placa em sua homenagem e observa com calma, depois, caminha já com certa dificuldade, mas sempre com sorriso no rosto, cumprimentando a todos, os alunos, funcionários, professores que encontra pelo caminho.

Em mais de seis décadas de funcionamento, observa-se que a escola técnica sempre foi uma referência de ensino técnico de qualidade na cidade de Itatiba, respeitado centro de formação profissional, isso é comprovado na entrevista com o ex-diretor Gentil de Souza Coelho, que fala com orgulho dos tempos em que trabalhou na escola. A Etec cresceu e, atualmente, chega a contar com mais de 1.300 alunos, que disputam as vagas do Ensino Médio e do Técnico oferecidas por meio de vestibulinhos, que acontecem duas vezes ao ano. Esses momentos de orgulho podem ser conferidos nos dias de publicação dos resultados dos vestibulinhos, a euforia dos estudantes e pais dos alunos do Ensino Médio, ao saber que a aprovação do seu filho será a garantia do ensino público de qualidade e, aos alunos aprovados nos cursos técnicos, é uma garantia de emprego, essa percepção dos alunos e seus pais comprova que a escola cumpre seu papel na educação e na formação profissional de milhares de estudantes de Itatiba e região.

(Entrevista em 21 de junho de 2013 na Diretoria da ETEC Rosa Perrone Scavone com o entrevistador: Anderson Wilker Sanfins; transcrição da entrevista entre 22 e 23 de junho de 2013 e transcrição entre 15 e 30 de julho de 2013 por Anderson Wilker Sanfins).

E t e c

Cônego José Bento

Jacareí / SP



Etec Cônego José Bento



Julia Naomi Kanazawa

Julia Naomi Kanazawa. Mestre em História Social (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008). Atua como docente na Secretaria da Educação do Governo do Estado de São Paulo e no Centro Paula Souza. É professora responsável por projeto HAE e pelo Centro de Memória Etec Cônego José Bento, em Jacareí. É integrante do Grupo de Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Foi pesquisadora bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), no Projeto Historiografia das Escolas Técnicas Estaduais mais Antigas do Estado de São Paulo, sob a coordenação das professoras Carmen Silvia Vidigal de Moraes, Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Júlia Falivene Alves, da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza.



Maria Luiza Rezende

Maria Luiza Rezende, brasileira, nasceu no município de Rezende, Rio de Janeiro, no dia 21 de setembro de 1936, e foi criada na Fazenda Sobradinho. Na década de 1940, mudou-se, juntamente com a sua família, para Jacareí. Aos quinze anos ingressou na Escola Industrial e Agrícola Mista Cônego José Bento no curso de iniciação agrícola, turma feminina, e onde estudou até 1952. Trabalhou na Etec Cônego José Bento, no período de 1991 a 2006, na Biblioteca, onde realizou atividades como organização de acervo e atendimento. Atualmente, aposentada, continua morando em Jacareí e dedica-se à oficina de oração e vida.

Ô Maria Luiza, Olga, vamos fazer a prova lá na escola. Quando? Perguntei-lhe. Agora, tô indo pra lá, disse ela. Largamos a vassoura e fomos para a escola fazer a inscrição sem material nenhum. Seu Barros nos arrumou a caneta, lápis e borracha e fizemos a prova. E assim viemos estudar.

Meu nome é Maria Luiza Rezende e nasci no município de Resende, Rio de Janeiro, no dia 21 de setembro de 1936. Sou filha de Júlio Theodoro Rezende e de Rita de Paiva Rezende. Estudei na Escola Profissional Agrícola e Industrial Mista Cônego José Bento de 1950 a 1952, e cursei iniciação agrícola, turma feminina. Na época só existia este ginásio. Ingressei na Escola por escolha própria; meus pais não impuseram nada. Como fui criada em uma fazenda já possuía uma ligação com o meio rural. Lembro-me que papai falava: - que ou entrava no ginásio ou então voltaríamos pra roça. E prá roça eu não queria voltar de jeito nenhum! Já tinha uma outra perspectiva de vida para mim.

Um dia, estava eu varrendo a calçada da minha casa, quando uma colega japonesa, Helena Yamaguchi, passou e disse:- Ô Maria Luiza, Olga, vamos fazer a prova lá na escola. Quando? Perguntei-lhe. Agora, tô indo prá lá, disse ela. Largamos a vassoura e fomos para a escola fazer a inscrição sem material nenhum. Seu Barros nos arrumou a caneta, lápis e borracha e fizemos a prova. E assim viemos estudar.

Eu vinha a pé para a Escola, lá do São João, onde morava. Vinha numa boa, ô beleza! Era moça, né? As moças, que estudavam aqui, se deslocavam todos os dias. Na minha turma, eram todas daqui mesmo.

O curso teve uma duração de três anos e minha turma era constituída de 25 a 30 alunas. Estudava o dia todo, das 7h às 17h. Somente nos dias de treino de Educação Física, entrávamos meia hora antes. De manhã tínhamos as aulas teóricas e, à tarde, aulas práticas. As disciplinas, vamos dizer: do núcleo comum eram - Português, Matemática, Ciências, História - e as disciplinas técnicas, que eram duas aulas, eu acho que era assim, tanto na jardinagem, horta. Qualquer uma dessas disciplinas técnicas, a gente tinha duas tardes por semana ou duas aulas, era bem dividido mesmo.

Direcionadas para o feminino, tínhamos Economia Doméstica, que era bem abrangente, inclusive, saber administrar uma casa completamente, fazer desde o orçamento doméstico até o controle, por exemplo, de roupas que mandava para lavanderia e por aí fora.

Era a administração de uma casa, com tudo que isso implica. Era uma profissionalização da dona de casa. Apicultura era uma, outra disciplina, por sinal era uma matéria que gostávamos muito mesmo. No apiário colhíamos o mel e já trazia pra centrifugar, engarrafar. E, havia a sala com mesa e bancos para as aulas teóricas. Qualquer coisa que precisasse anotar durante a aula prática, existia lugar para anotar.

O professor da aula teórica era Daniel Zilli, muito conceituado, conhecido na cidade. A aula prática era com Roberto Godoy, que fez Pedagogia depois e veio ser diretor da Escola, de 1980 a 1985. Ele acabou se casando, inclusive, com uma aluna da minha turma, a minha irmã, Olga. Tinha aula de avicultura também. Lidava com todas as etapas, separava os piquetes de poedeiras, todo o processo que existe na área. E a aula teórica era dada pelo professor Antoninho Nunes, que mais tarde se tornou prefeito de Jacareí.

As separações dos ovos eram por tamanhos, e feitas, embaixo, no prédio administrativo, era tudo muito limpinho, sempre pintado. Havia uma preocupação com a segurança e com a higiene. Os próprios alunos cuidavam e se organizavam. Não depredavam, vamos dizer..., o prédio público. Esse tipo de problema, não existia na época em que estudei aqui.

Quanto às construções dessas seções – aviário e suinocultura - continuam as mesmas; reformaram-se uma coisa ou outra; mas as estruturas são as mesmas. A maternidade dos suínos, por exemplo, continua sendo a maternidade. As construções das salas de aula são as mesmas; naturalmente que houve mudanças, esse varandão, que existe agora, não existia. Somente as aulas na horta, eram lá embaixo, bem lá pra baixo mesmo, pra cá do estábulo; em uma extensão muito grande, bem grande mesmo. Quem ministrava as aulas teóricas eram o doutor Fernão e o doutor Castro e a aula prática era o professor Moura - Francisco de Moura, muito querido por todos.

Na horta se plantava hortaliças de modo geral, alface, chicória, muita couve. Plantava-se também mandioca e abóbora. E, com tudo isso se abastecia o refeitório, porque havia o internato; assim como a avicultura; a apicultura, com a produção de mel; a suinocultura e o gado leiteiro. Era almoço e jantar. Pros internos era o almoço, o jantar e, à noite, o lanche ainda. Era uma base de trezentos alunos. Depois que terminavam as aulas, às cinco horas, quando a gente estava ajeitando para ir embora, ouvíamos os alunos internos tocando corneta por aí fora, ensaiando, dentro da Escola mesmo, pois o espaço era muito grande. Um funcionário que gostava disso, ensaiava esses alunos. Os instrumentos eram da Escola mesmo.

Isso, inclusive era muito bom para os alunos, porque como eles eram internos, ficavam com atividade até a hora de dormir. Infelizmente, às vezes, corria na cidade, algo de ruim em relação aos alunos. Como eles ficavam longe da família, alguns deles procuravam bebida alcoólica. Teve um colega, que ao darem por falta dele, estava bebendo cerveja na igreja, daí o seu apelido, Guido padre. Mas com o inspetor de alunos, seu Basílio, que ficava tanto de dia quanto de noite, no dormitório, não existiam tantos problemas assim.

A suinocultura e o gado faziam parte das aulas da turma masculina. Uma coisa interessante é que, numa época em que se não falava nisso, um biodigestor foi construído na Escola. Ele foi até desativado porque, na ocasião, ainda não havia informação do quê fazer com o chorume, não tinha a técnica.

Mas olha, há quantos e quantos anos, já se via que o biodigestor era uma beleza, uma fonte de energia, se bem feito. O estábulo, também, era uma instalação que sempre existiu, onde os alunos tinham aulas, e a seção de máquinas..., a carpintaria, a selaria.

As meninas não frequentavam as aulas da turma masculina, mas poderiam observar as aulas. Agora, com a dona Eugênia em cima.

Não sei se era uma rigidez ou se a gente achava aquilo ali, vamos dizer: - natural. O contato maior com os alunos era no recreio; aí juntava; mas nunca ficávamos assim, à toa. Sempre tinha duas, três bolas, para fazer levantamento. Uma turma ia para quadra de basquete, que ficava perto do prédio onde atualmente funcionam os Laboratórios de informática e a Biblioteca. Sempre ficava alguém, tanto na quadra de vôlei, quanto na quadra de basquete. Jardinagem era uma maravilha! Lá prá baixo eram realizadas as aulas. Quem dava as aulas era o doutor Fernão e o doutor Castro, dava aula teórica. E o funcionário, seu Elpídio, era responsável pela jardinagem da Escola toda. Era ele de técnico e mais os funcionários braçais. O jardim era o jardim! Vamos dizer: - bem cuidado né?

Na aula de jardinagem se aprendia, desde, a preparação da terra, da plantação até o enxerto. Não havia muito, vamos dizer, - paisagismo, porque na ocasião não se falava nisso ainda. Era o bom senso, aonde se achava que ficava bom isso ou aquilo. O orquidário, que coisa maravilhosa! Existia ambiente, tudo fechado com ripado entendeu? A orquídea pede sol e sombra, e dava bem; teve boas produções.

O conhecimento das orquídeas, quem possuía era o doutor Fernão, o seu Elpídio, o seu Moura. Enfim, havia entre as disciplinas e entre os professores... um intercâmbio, uma

integração. Já ocorria uma integração, que hoje damos o nome de interdisciplinar. E corte e costura? Uh! Isso aí tinha bastante. As aulas eram dadas na parte onde foi a Biblioteca, espaço em que trabalhei. Possuíamos, vamos dizer, - o material pra trabalhar, completo mesmo, desde o tecido até o aviamento, havia tudo. Máquinas de costuras, umas dez na sala de aula. Era o suficiente para atender todas as alunas.

As alunas confeccionavam uniformes da Escola toda e, esses uniformes, eram usados, tanto na aula técnica como na aula teórica. Usávamos um uniforme diário, que já vínhamos de casa pra cá. Se tinha aula prática, por exemplo, utilizava-se um macacão, cor cáqui. Mesmo as meninas usavam. E havia também, o que se chamava de uniforme de festa, era uma saia pregueada, mas de 1 cm. As pregas! Prá lavar aquilo, alinhavávamos a saia toda. Porque senão, não conseguíamos passar depois.

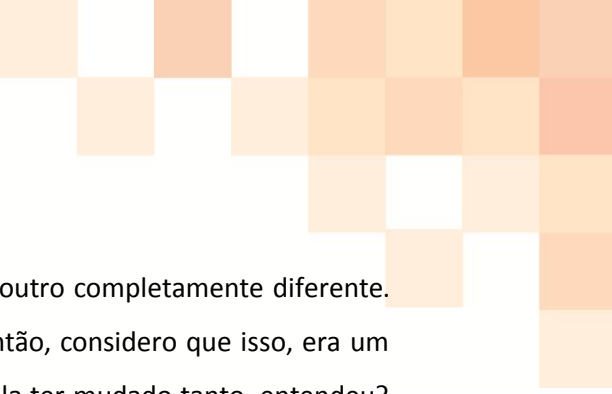
Todas as estruturas, as construções, naquela ocasião, atendiam as necessidades da aula. E, todos os materiais para as aprendizagens do ensino técnico, eram disponibilizados pela Escola.

Quer dizer, de repente, um professor sentia falta de alguma coisa, mas nós alunos, achávamos que estava tudo bem, que estava atendendo muito bem. Por exemplo, no caso do manuseio das abelhas, necessitavam-se de roupas especiais, tinha tudo; todo o equipamento que precisava.

Posso dizer, com toda sinceridade, que estudar na Escola foi a melhor coisa que fiz na minha vida, porque o estudo era completo, completo mesmo. Imagina só, tinha até aula de música! Canto orfeônico, música, assim de, de ler na pauta musical. Aula de canto era na própria sala de aula e logicamente tinha os dias em que a gente ensaiava, também, na própria sala de aula. A professora foi Gilda Scalisse.

A Escola sempre fez, não foi só um lugar de passar informações, mas acho que fazia um trabalho social também, um trabalho social e muito bom mesmo! No aviário, por exemplo, a produção era muito grande. Não era só para consumo da Escola; o que sobrava era enviado para a Santa Casa de Misericórdia de Jacaréí.

Eu que trabalhei na Biblioteca, depois de adulta, deu pra analisar tudo isso. Um aluno interno, por exemplo, que vinha de lá do sertão, ele vinha lá, coitadinho, já viu em que estado né? Se o professor pedia a ele um determinado trabalho, ele não sabia simplesmente localizar aquilo no livro. Mas aí, a gente dava uma mãozinha, ajudando.



Quando chegava ao terceiro ano, que ia embora, era outro completamente diferente. Dessa forma, ele iria melhorar o ambiente em que morava. Então, considero que isso, era um trabalho social muito grande que a Escola fazia. É uma pena ela ter mudado tanto, entendeu? Pois deixou de fazer o que demais importante a Escola fazia.

Etec

Benedito Storani

Jundiaí / SP



Etec Benedito Storani



Marta Regina Spinace

Marta Regina Spinace. Nutricionista especialista em Administração Hospitalar e Docência. Coursou Técnico em Nutrição e Dietética em escola estadual concomitante ao ensino médio, na década de 70, após alguns anos graduou-se em Nutrição. Atuou profissionalmente como Técnica e, depois como Nutricionista, em Unidades de Nutrição e Dietética de Hospitais particulares, em Jundiaí, por mais de trinta anos. Hoje se dedica à docência como Coordenadora do Curso Técnico em Nutrição na Etec Benedito Storani, em Jundiaí/SP, e como Nutricionista Clínica em consultório de nutrição. Apaixonada por Nutrição Materno-Infantil trabalhou por muitos anos com cursos de orientação para gestantes, deste trabalho nasceu o projeto de coautoria do livro, dedicado a este público, “Crescendo com Eles”, publicado em 2005 e reeditado em 2010.



Tânia Maria Bernardes de Almeida

Tânia Maria Bernardes de Almeida, Nutricionista, especialista em Nutrição Clínica e Docência, formou-se na PUC de Campinas, na década de 1980. Ainda estudante iniciou sua carreira como professora do Curso Técnico em Nutrição e Dietética da Escola Estadual Dr. Antenor Soares Gandra, em Jundiaí, concomitantemente atuou como Nutricionista na Alimentação Escolar do mesmo Município, posteriormente migrou para a área hospitalar, na vizinha cidade de Cajamar, onde ainda atua. Hoje, leciona na Etec Benedito Storani, no curso Técnico em Nutrição e Dietética, e também no curso de graduação em Nutrição da Universidade Padre Anchieta.

Casada, apaixonada pelo trabalho, é mãe de três filhos maravilhosos, hoje, já universitários e trabalhando.

Em uma tarde de junho, às vésperas do final do semestre, na sala de aulas da turma do terceiro módulo do curso Técnico em Nutrição e Dietética, ocorre a entrevista com a professora Tânia Maria Bernardes de Almeida, em meio a mais uma prova de recuperação da matéria de Gestão de Dietas Especiais. A professora Tânia, que não gosta muito de falar de si, começa timidamente a contar sua trajetória profissional: Nutricionista formada pela PUC Campinas/SP, na década de 1980, começa a trabalhar no ensino técnico ainda no mesmo ano da conclusão de sua graduação em Nutrição, na antiga escola Industrial de Jundiaí a, Escola Estadual de Segundo Grau “Dr. Antenor Soares Gandra”, onde na época funcionavam os cursos técnicos estaduais na cidade de Jundiaí.

Tânia ministrou aulas e, também coordenou o curso no “Gandra”, até 2003, quando por mudanças na legislação os cursos Técnicos deveriam ser ministrados nas escolas Técnicas e, não mais nas escolas da Secretaria Estadual de Ensino. Com esta mudança, o curso Técnico em Nutrição e Dietética, na Cidade de Jundiaí, foi para a Etec Benedito Storani, que à época era conhecida tão somente como Escola Agrícola, por contar com o curso Técnico em Agropecuária. Estávamos em 2004, quando teve início a primeira turma e a professora Tânia transferiu-se para a Etec, a fim de lecionar e coordenar o Curso Técnico em Nutrição e Dietética, onde está até hoje, já no próximo ano completará 30 anos de docência. Conjuntamente com sua paixão pela educação, também foi se especializando em Nutrição Clínica, Docência e Docência em ensino Superior e hoje, além de lecionar no Técnico em Nutrição, também leciona na Graduação em uma Universidade particular na cidade de Jundiaí. Tânia ainda trabalha como responsável técnica em um hospital da região.

A entrevistada conta com orgulho que começou sua carreira de professora lecionando matérias como Nutrição Normal e Dietoterapia, também lecionou no curso técnico de Alimentos, matérias relacionadas a Boas Práticas de produção de alimentos. Relata que no início da carreira, o número de aulas era pequeno, porém, com o passar dos anos, foi se adaptando à escola e mais tarde já tinha uma carga completa de aulas.

Perguntada sobre a diferença entre os alunos da década de oitenta (1980) e os de hoje, século vinte e um, ela ri, mas pondera o seguinte: hoje temos um grande percentual de alunos mais jovens, no início de minha carreira lembro-me de alunos já um pouco mais maduros, talvez por conta destes terminarem um pouco mais velhos o ensino médio, cerca de dois anos, muitos já trabalhavam nas mais variadas áreas, e vinham procurar pelo curso técnico objetivando conquistar um trabalho que remunerasse melhor, ou mesmo uma qualificação

profissional, para que pudessem adentrar ao mercado de trabalho, pois estamos em uma região onde, nas décadas de oitenta e noventa do século passado, a industrialização cresceu muito, e com ela a necessidade de técnicos em todas as áreas, também como não havia o curso de graduação em Nutrição em Jundiaí, tínhamos poucas Nutricionistas na cidade, e o mercado acaba absorvendo um número maior de Técnicos em Nutrição, para gerenciar os restaurantes das indústrias.

Nossos alunos de hoje ainda estão testando, ou seja, já desponta uma curiosidade por determinada área de atuação, então optam por fazer um curso técnico ao mesmo tempo em que finalizam o ensino médio, com o intuito de conhecerem melhor a área para darem seguimento aos estudos em nível universitário. Além destes ainda recebemos muitos alunos oriundos da empresa, onde já desenvolvem atividades administrativas, precisam da formação acadêmica para galgar novos postos e melhores salários no mercado de trabalho.

Outro fato que considera relevante é o embasamento científico e o maior cuidado com a legislação vigente no campo da Nutrição pois, no início de sua carreira, não havia tanto detalhamento da legislação, o que muitas vezes gerava dúvidas a quem estava trabalhando com determinado assunto, e muito mais com os profissionais, além de faltar este apoio da fiscalização. Às vezes o Técnico indicava uma série de mudanças em seu ambiente de trabalho, para melhorar a qualidade do produto final (refeição), mas não tinha apoio dos fiscais da vigilância sanitária, por exemplo, que acabavam liberando o funcionamento do restaurante, pois muitas vezes possuíam pouco conhecimento específico da área de alimentação para coletividades, pois a alimentação ainda era tratada mais pelo apelo emocional do que pela racionalidade.

Neste momento, Tânia fala um pouco de sua experiência em trabalhar no ensino técnico concomitante ao ensino médio, considerando que o aluno que fica o dia todo na Etec, e já desde o primeiro ano do ensino médio vai tomando contato com as atividades profissionais com a formação técnica, é levado a “amadurecer”, ou seja, tem um crescimento como ser humano, muda sua forma de ver a vida, passando a valorizar mais os estudos e a família que trabalha para mantê-lo.

Falando das lembranças: É muito importante nos sentirmos queridos e podermos ser lembrados por pessoas que nos foram tão queridas, adoro quando vou a cursos e encontro com ex-alunos que hoje são graduados, pós-graduados e, lembram-se perfeitamente da escola e, especialmente para mim dos professores, recordam-se de fatios inusitados, como uma situação que ocorreu há pouco, encontrei-me em um evento de Nutricionistas com uma aluna

de um período muito difícil pelo qual passamos, onde havia um perigo eminente de o curso técnico em Nutrição, lá da Escola Estadual, fechar por conta de mudanças políticas da época, que não vêm ao caso lembrar agora e, quando a situação foi colocada para os alunos, estes fizeram um “levante”, buscaram auxílio com políticos locais, como nada se resolvia, saíram às ruas por vários dias fazendo um famoso “panelaço”, buscando desta forma chamar a atenção das autoridades locais, para a importância da formação profissional, sei que a cidade toda se mobilizou contra o fechamento do curso e, houve alguma interferência política, tendo sido mantido os cursos na cidade, para comemarmos esta conquista, todos os alunos dos cursos técnicos da Escola Estadual, saíram devidamente uniformizados com camisetas dos cursos, num grande desfile de Sete de Setembro, mostrando para a população e autoridades locais a importância da organização, da luta e do empenho coletivo organizado, a fim de se conquistar um objetivo que favoreça ao coletivo. *“Acredito que os Técnicos em Nutrição necessitam de um olhar diferenciado do Conselho Regional de Nutricionistas, visando resgatar a importância do técnico dentro do mercado de trabalho”.*

Finalizando, no início da década de noventa (século passado), o Conselho de Nutricionistas desobrigou os Técnicos de estarem registrados, pois não poderiam ser Responsáveis Técnicos mesmo, houve muita discussão, ações judiciais, etc. e, cerca de uns dez anos mais tarde, reviram os processos e tornaram o Técnico em Nutrição participante do corpo técnico das unidades e referendando a inscrição compulsória, a fim de poder exercer legalmente todas as suas funções; porém no meu ponto de vista, ainda falta uma regulamentação de atividade “solo”, para este profissional, como acontece com outros profissionais de nível médio que têm regulamentado seu trabalho até um determinado número.

Nossos Técnicos poderiam muito bem responder, sem a Responsabilidade Técnica do Nutricionista, por restaurantes comerciais, especialmente pensando-se nos eventos internacionais que sediaremos nos próximos anos, isto seria uma garantia de se ter um profissional que respondesse pela qualidade higiênico-sanitária da alimentação fora do lar e, com toda certeza, traria uma valorização extra para nossos profissionais e uma visibilidade maior para nossos cursos. Devemos nos preocupar em aperfeiçoar cada vez mais este profissional e o direcionarmos para a alimentação Institucional e comercial, pois estas duas áreas há muito tempo são relegadas a um segundo plano pelas Nutricionistas, pois estas, ao entrar para a universidade, já verbalizam o desejo de trabalharem exclusivamente com clínica ou esporte.

(Entrevista com Tânia Maria Bernardes de Almeida, em 24/06/2013, na Etec Benedito Storani, em Jundiaí, por Marta Regina Spinace, que transcreveu a entrevista em 24/06/2013, e fez a transcrição, em 30/07/2013)

Fatec

Jundiaí / SP



Fatec Jundiaí



Célio Aparecido Garcia

Célio Aparecido Garcia. Mestre em Comunicação e Cultura pela UNISO – Universidade de Sorocaba e Doutorando em Língua, literatura e cultura italianas na USP- Universidade de São Paulo. Licenciado em Letras português / italiano (UNESP – Universidade Estadual de São Paulo-campus Assis). É professor da língua e literatura portuguesas na rede estadual de São Paulo e língua italiana e projeto de graduação na FATEC – Faculdade de Tecnologia de Jundiaí, junto ao curso de Tecnólogo em Eventos. Desenvolve pesquisa sobre a influência da língua italiana no português brasileiro em três comunidades formadas por imigrantes italianos em Jundiaí e, História Oral, no projeto Memória Ferroviária 1800 – 1970, coordenado pelo professor Eduardo Romero de Oliveira, UNESP – Campus Rosana e Livia Lousada Brandão Fatec Jundiaí. Tem experiência nas áreas de Comunicação, língua e literatura portuguesas e italianas.



João Pedro Ximenes

João Pedro Ximenes, 66, aposentado pela FEPASA, iniciou suas atividades na via permanente e depois foi transferido para trabalhar no pátio da oficina e no setor de pintura, até a aposentadoria em 1998. Continua morando próximo à linha em uma casa da ferrovia. Descreve, em sua narrativa, o período áureo da FEPASA e seu atual abandono. Apesar das dificuldades exalta a beleza e o cuidado dos trilhos, das locomotivas e dos vagões. Emociona-se ao falar do estado atual em que se encontra a ferrovia. Uma imagem dissonante em relação às imagens ainda presentes na memória. Pois “a história oral é uma história do presente” (MEIHY).

Vocês não sabem o que é uma tenaia. Sabem?

Meu nome é Pedro Ximenes. Nasci em Monte Sião, Minas, em 28 de agosto de 1946. Sou casado e tenho quatro filhos: Reginaldo e Patrícia que moram em Campinas, Daiane e Bruna que nasceram e moram em Jundiá. Viemos para Jundiá em 1974, com a Mogiana.

Comecei a trabalhar na Ferrovia na via permanente trocando dormentes, descarregando vagões de pedra, capinando, limpando as valetas e roçando. Também fazia ronda. Começava a trabalhar às 10h00 e à meia noite saía para verificar os trilhos. Depois fui trabalhar no pátio das oficinas, aqui em Jundiá. Trabalhei quinze anos na via permanente e, em 1998, fui transferido para a oficina, mas fazia de tudo.

Mesmo trabalhando na oficina ainda trocava dormentes e durante um período trabalhei como pedreiro. Até eu ser transferido para a pintura. Lá fazíamos as reformas dos vagões e locomotivas: pintávamos e lavávamos. Trabalhei na oficina e pintura mais quinze anos, até 1998, quando aposentei. Mas continuo morando próximo à linha. Moro no mesmo local há trinta anos.

Sempre as pessoas me perguntam algo sobre a Ferrovia. Então explico como era e como está hoje, porque o estado atual causa aborrecimento. Queria que tudo estivesse mais bonito e limpo. Sem o matagal que está tomando conta de tudo. Se eu pudesse visitar com vocês o fundo do pátio mostraria onde ficavam as oficinas e onde fazíamos os vagões.

Às vezes, alguns vagões carregados pegavam fogo no eixo. Quando ocorria isso tirávamos o miolo do eixo e colocávamos algodão e óleo diesel. Isso é do meu tempo. Após a revisão, os trens seguiam para Campinas ou São Paulo. Chegavam também alguns para pintura. Em alguns casos, a pintura era realizada ali na linha mesmo. As máquinas saíam da revisão lindas. O trabalho realizado nas oficinas era muito gratificante. No setor da pintura trabalhavam seis funcionários. Quando tinham tempo realizavam outras atividades da oficina. Agora referente aos trilhos, para mostrar e explicar os cruzamentos, ou os jacarés. Vocês sabem como era feita a troca de dormentes?

Cada trabalhador tinha de trocar uma média de vinte dormentes por dia. Ganhava por produção. Se não conseguisse não recebia pelo dia trabalhado. Quando as trocas eram próximas com a ajuda da tenaia era mais fácil. Vocês sabem o que é uma tenaia? Puxava o dormente e socava, com a picareta, as pedras e colocava outro no lugar. Depois furava os

dormentes com o trado. Sabem o que é um trado? O arco de pua ou a furadeira hoje. E fixava os pregos com a marreta. Os chefes, portugueses brabos e sem educação, falavam assim: “se não conseguirem” não falavam mulher “traz a amiga para ajudar”. Quer dizer a mulher.

Quase morria de trabalhar. O suor molhava a roupa. E, no final do dia, tínhamos que empurrar, na mão, o trole sete quilômetros. Um ficava atrás e outro na frente olhando, com uma bandeira vermelha, para evitar um acidente. Era feito entre os trabalhadores, a cada quilômetro, um revezamento. Depois de guardar os materiais é que tomávamos banho. De manhã, todos tinham uma atividade. Eu fazia a ronda de Jundiá a Louveira. Levava, nas costas, um garfo, uma picareta, uma marreta e um trado. Um trabalho solitário e sofrido esses quinze quilômetros. Ainda levava o almoço. Almoçava naquele sol quente. Além de não ter água gelada era arriscado ser picado por uma cobra.

Ao encontrar um trilho quebrado, andávamos depressa, antes de o trem chegar, uns quinhentos ou seiscentos metros e colocávamos uma bandeira verde e, no local do trilho quebrado, uma bandeira vermelha. Onde o trem apontava colocávamos outra, do lado direito, para o maquinista ver, aplicar a emergência e conseguir parar o trem antes do local indicado com a bandeira vermelha. Ao parar o trem o maquinista descia e perguntava: dá para passar o trem? Respondíamos: sim, mas a cinco por hora. Quando a locomotiva passava, duzentas toneladas, o trilho abria e nós calçávamos na mão. Se não conseguisse passar comunicávamos o feitor e ele mandava mais trabalhadores para puxar o trilho e liberá-lo para a marcha normal. Naquela época o trem chegava a oitenta ou noventa por hora. Hoje não passa dos quarenta ou sessenta por hora. Isso porque a linha está abandonada. Antes era um brinco. Era capinado, ciscado e varrido.

Quando descarrilava vagões de trigo, de laranja, de café, de milho tínhamos de trabalhar durante a noite passando para outro vagão. Se fosse trem de passageiros os cadeirantes eram transferidos, para o outro vagão, nos braços. Um pegava a mão do outro e fazíamos uma cadeirinha. Como transportar uma criancinha.

Era uma vida corrida. Não tinha hora para o almoço e nem para o jantar. Além de ficar a noite toda trabalhando não tinha feriado, ou domingo, chuva, sol nem Natal. Aqueles vagões cheios de terra e pedras, vinte e cinco metros cúbicos, para a hora de emergência, ficava anos e anos carregado, tinha formigas, árvores, mas você tinha que descarregar na picareta. Mesmo com as formigas tinha que descarregá-los e não podia falar não. Às vezes, fazíamos esse serviço no escuro e sob chuva. Só éramos liberados após concluir o serviço e liberar o trem. Tem hora

que nem acredito que cheguei onde cheguei. Trinta anos nesse trabalho. Sempre agi com responsabilidade. Nunca fui punido com suspensão e nunca perdi um dia de serviço. Mesmo sabendo que muitos pediam atestados para passear. Sempre fiz minha parte.

Durante a ronda levava o almoço da turma. Eram dois caldeirões nas mãos e duas sacolas nos ombros. Naquele tempo era bornal. Não era marmita e nem era mochila. Era bornal feito de saco de açúcar. Por volta de oito e meia nove horas a turma já estava tremendo de fome. Então, todos vinham almoçar, mas quando apontava o trem não podíamos continuar almoçando. Tínhamos que nos levantar e ficar em pé, com as mãos próximas ao corpo. Ao passar, às vezes, o maquinista jogava um bilhete indicando o local com problemas nos trilhos ou um animal morto. Nesse momento devíamos parar de almoçar e irmos ao local indicado e liberá-lo. O mais rápido possível.

Cheguei a pensar que não ia aguentar, mas agradeço à minha irmã pelo incentivo e os conselhos para não pedir demissão. Hoje era para eu estar parado, mas continuo trabalhando em um serviço pesado. Mas estou feliz. Eu gosto do que eu faço: capinar, plantar e aguar. Também agrado as crianças e gosto de recebê-las. Eles ficam felizes porque não sabem nem plantar uma árvore. Minha mulher sempre questiona se eu gosto desse serviço. Respondo que sim e para ela está bom. Porém minhas filhas dizem que eu não deveria trabalhar mais. Mas no trabalho converso, faço amizades com pessoas e aproveito aquele ar fresquinho debaixo das árvores.

Antes eu trabalhava no sol, com botas de borracha. Imagine o calor! Parecia que o ar estava tremendo. E tínhamos de tomar aquela água quente do corote. Não tinha água gelada. E quantas pessoas eu encontrei mortas na linha. Tinha vez que encontrava pedaço da nuca da pessoa no freio da locomotiva. A pessoa pensava que o trem não ia atingi-la e a máquina ao fazer a curva atingia a pessoa na cabeça. Aqui mesmo chegamos a encontrar pedaços da cabeça de pessoas atingidas pelo trem.

Quando encontrávamos alguma pessoa morta, independente do tempo, tínhamos que remover o corpo junto com a polícia. Algumas vezes o corpo já estava em decomposição, mas tínhamos que removê-lo dos trilhos e ajudar a carregar o caixão de aço. Nessa função tinha tudo isso. Até hoje estamos esperando alguma coisa para melhorar.

Para garantir a segurança do governador, quando ele viajava de trem, fazíamos a ronda para verificar os trilhos e evitar qualquer acidente que colocasse em risco a segurança dele. A polícia ficava próximo à linha observando enquanto o trem passava, enquanto nós fazíamos a

ronda sozinhos. Somente Deus para nos guardar. Também íamos trabalhar em Campinas. Muitas vezes ouvíamos de pessoas que construía suas casas próximo aos trilhos frases como “vamos beber o sangue de vocês”, porque eles não gostavam de ouvir os pedidos para não construirmos naqueles terrenos e, por isso, nos ameaçavam. Muitas vezes tivemos que abandonar o local e deixar esse trabalho para a polícia, pois não carregávamos armas, não carregávamos nada e aquelas pessoas não gostavam que falássemos sobre os riscos de construir suas casas próximo à linha.

Algumas vezes o trem matava cinco seis animais nos trilhos, então falávamos para não por a mão e, nesse momento, queriam nos agredir. Em alguns casos não era possível identificar se era vaca ou cavalo, mas levavam tudo. Certo dia, chegaram com um coração de cavalo, morto há cinco dias, para nos oferecer.

Respondemos que não queríamos. Mesmo assim comeram o coração do cavalo. Quando estava assando ou cozinhando (risos) a carne de cavalo espumava.

Era uma vida sofrida. Antes de trabalhar na FEPASA eu trabalhava para uma empreiteira. Mas o pagamento era feito a cada três, quatro meses e, por isso, cheguei a passar fome. Quebrava pedra, na marreta, apenas com pão e água, porque a falta de pagamento mensal não permitia a compra dos mantimentos regularmente.

Criei meus filhos. O Ricardo já está com quarenta e dois anos. Sempre tinha um comigo. E o que eu fazia? Punha dois (inaudível) e ele dormia ali. Hoje ele trabalha na Medley, em Campinas. Está muito bem. Graças a Deus!

Tenho três netinhos e mais uma filha, a Patrícia, lá em Campinas e mais duas filhas em Jundiaí. A Bruna que trabalha no Poupa Tempo e outra brancona, fortuna e vamos tocando.

Minha mulher está com quarenta e seis anos. Eu já estou com sessenta e seis. Bem mais velho, mas ela é a minha segunda esposa. Como moro aqui perto, caso queiram conhecer minha casa, estou à disposição. Podemos passear e então mostrarei para vocês coisas que nunca viram e não conhecem. Como a máquina que é tocada a álcool. Vocês não sabiam. Sabiam? Só tinha uma. Era novidade naquela época: mil novecentos e sessenta e poucos. Conhecida como Jaburana (inaudível). Desconfio que ela ainda continue no pátio da oficina. O dia que eu for lá com vocês a mostrarei.

Então colocavam álcool, naquela época o álcool era barato, mas ela tinha apenas um lado para virar. Não virava assim como as outras que vão para frente e para trás. Naquele

tempo as máquinas não possuíam computadores como hoje ou o GPS que fala. Era no (inaudível). Tocava o telefone e falava que tinha um acidente. Agora tudo é resolvido de dentro da máquina mesmo. O que tem de fios de cobre nesse pátio! Está cheio. As pessoas faziam vários buracos, alguns bem profundos, para roubarem esses fios de cobre. Por hoje está bom! Na próxima vez falaremos mais. Eu falei muita coisa que já tinha falado. Não?

Fatec Jundiáí



Sueli Soares dos Santos Batista

Sueli Soares dos Santos Batista é graduada em História pela USP (1992) e em Filosofia pela Unicamp (2007). Possui mestrado (1997) e doutorado em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano pela USP (2002). Desde 2007 é professora pesquisadora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, trabalha em regime de jornada integral e coordena o Núcleo de Estudos em Tecnologia e Sociedade (NETS) na Fatec Jundiáí. É integrante do Projeto Memória Ferroviária em parceria com a Unesp-Rosana e financiado pela Fapesp. Realizou pós-doutorado sobre infância e tecnologia na Faculdade de Educação da Unicamp. É membro do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Jundiáí.



Angelo Cazzolato

Angelo Cazzolato tem 86 anos. Mora em Jundiáí, num bairro que margeia a estrada de ferro cujos trilhos permanecem mal cuidados e de uso somente para trens de carga. É de descendência italiana, estudou pouco e passou longos anos da sua vida trabalhando numa das funções que exigiam mais força física do ferroviário: a manutenção das linhas. Quanto à sua escolaridade, só foi possível obter alguma informação através de uma entrevista complementar que foi feita com sua esposa. De qualquer forma, o relato do senhor Angelo mostra que a educação e a formação para o trabalho na companhia férrea se dava principalmente pela disciplina.

Os guardas cuidavam de tudo direito. Explicavam tudo pra gente. Falava assim: -fica sentado direito, não vai sair... o banheiro do trem é lá... Era tudo respeitado. E a gente gostava disso.

Meu nome é Angelo Cazzolatto. Trabalhei na Companhia Paulista de Estradas de Ferro durante 25 a 30 anos. Entrei para trabalhar na ferrovia em 1949. Eu já estou velho. Tenho 86 anos. Eu trabalhei primeiro em Dois Córregos, depois fui para Brotas e Torrinha. Só depois que vim pra Jundiaí. Em Brotas eu trabalhei na serra. Trabalhava de noite, na linha, De lá de cima da serra rolavam pedras e quando isso acontecia tinha que avisar a administração. Era muito perigoso, sabe.

Em Torrinha eu trabalhava na linha fazendo troca de trilho e de dormente. Às vezes o trilho torcia, ficava torto. A gente trocava o dormente quando ele estava podre. Tirava e colocava outro novo. Carregava para o vagão. Na linha era pesado, viu! E o guarda andava junto e se não fizesse direito, ele chamava a atenção (risos). Também carpia. Naquela época eu era molecão (risos). Quando chovia a gente plantava cidreira na beira da linha para não desbarrancar e a turma catava pra remédio.

Depois, na Paulista, eu trabalhei de guarda. Trabalhei uns 15 anos de guarda na portaria da Paulista. Trabalhava uma semana de dia, uma semana de noite (risos). Eu gostava de trabalhar na linha, mas de guarda era melhor. De dia era melhor. De noite já era difícil. De noite tinha os relógios. A gente marcava ele em cada volta que dava na oficina.

A Companhia Paulista era um dos melhores lugares do Brasil pra trabalhar. Tinha trem de passageiro. Tinha restaurante nos trens. Às vezes a gente ia passear e viajava para o Paraná porque a família da minha esposa mudou pra lá. O trem tinha de tudo. Uma coisa louca! O guarda que tomava conta perguntava: “O que você deseja? Tomar um lanche? Eu derreto um pãozinho com queijo!” (risos). Os guardas cuidavam de tudo direito. Explicavam tudo pra gente. Falava assim: “fica sentado direito, não vai sair... o banheiro do trem é lá...” Era tudo respeitado. E a gente gostava disso. .

E o trem viajava assim: era difícil atrasar. No começo a Paulista tinha os trens tudo funcionando com lenha queimada no motor da máquina, depois começou comprar máquina de óleo, depois tinha a locomotiva elétrica. A elétrica! Nossa senhora! E tinha trem que transportava criação de gado que ia para os frigoríficos. Era uma beleza o tempo da Paulista!

A minha família gostava muito que eu trabalhasse na Paulista porque na roça eu ganhava pouco. Não tinha valor. Na Paulista tinha ordenado, tinha passe pra viajar nos dias de folga ou nas férias (risos).

Ali você tinha que andar direito. Eu me lembro que quando eu trabalhava de guarda tinha um setor que reformava peça e depois dava para os funcionários. Fazia de tudo lá. Registro para chuveiro, ferramentas... Era uma beleza. Peça para locomotiva, pra vagão. Tinha gente que trabalhava na linha pra consertar instalação de luz. Era uma beleza.

A Paulista ajudava o empregado. Às vezes eles faziam casa e davam para o empregado. Era tudo de bom.

Era todo mundo amigo. Não podia contrariar.

Lá tinha também um setor que nós que éramos guarda tínhamos que olhar. Tudo o que a Paulista ganhava, tudo, ia pra lá. Lá ficava também o dinheiro que era pago para os empregados. Era uma coisa! Só vendo pra acreditar!

Tinha um lugar que era almoxarifado. Sabia que tinha até costureiro para fazer os uniformes dos guardas, do pessoal das oficinas? Era uma coisa linda!

Depois a Paulista foi vendida para o governo. E aí as coisas foram acabando.

Quando a Paulista foi vendida para o governo começou a sair um monte de empregado e acabou tudo.

(Entrevista com o senhor Angelo Cazzolatto, em 12/06/2013, na Fatec de Jundiaí, entrevistado por Thais Helena Cazzolatto, Sueli Soares dos Santos Batista e Célio Aparecido Garcia, cuja entrevista foi transcrita, em 02/07/2013, por Carolina Vieira Cunha e Sueli Soares dos Santos Batista).

Fatec Jundiáí



Sueli Soares dos Santos Batista

Sueli Soares dos Santos Batista é graduada em História pela USP (1992) e em Filosofia pela Unicamp (2007). Possui mestrado (1997) e doutorado em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano pela USP (2002). Desde 2007 é professora pesquisadora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, trabalha em regime de jornada integral e coordena o Núcleo de Estudos em Tecnologia e Sociedade (NETS) na Fatec Jundiáí. É integrante do Projeto Memória Ferroviária em parceria com a Unesp-Rosana e financiado pela Fapesp. Realizou pós-doutorado sobre infância e tecnologia na Faculdade de Educação da Unicamp. É membro do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Jundiáí.



Aparecida Jandyra Toniato Cazzolatto

Aparecida Jandyra Toniato Cazzolatto. Tem 79 anos, mora em Jundiáí desde 1961. De origem italiana, nasceu em São Paulo, na cidade de Dois Córregos. É esposa do senhor Angelo Cazzolatto, ex-ferroviário, com 86 anos, que trabalhou na Companhia Paulista, em Jundiáí. Teve dois filhos que também trabalharam na Companhia Paulista. A entrevista feita com ela é complemento à entrevista feita por Célio Aparecido Garcia e Sueli Soares dos Santos com o Sr. Angelo Cazzolatto. Precisamos deste complemento devido dificuldades de audição do Sr. Angelo.

- De onde que veio a família do senhor Angelo? Qual a origem dele?
- Angelo Cazzolatto é brasileiro, nasceu no estado de São Paulo, na cidade de Dois Córregos, a família veio da Itália, o pai nasceu na Itália e veio com oito anos para o Brasil.
- Quantos anos ele trabalhou na Companhia Paulista?
- Trabalhou 30 anos na Companhia Paulista, entrou em 13 de agosto de 1949 e aposentou em 30 de setembro de 1979.
- Onde ele trabalhou antes da Paulista?
- Antes de trabalhar na Companhia Paulista trabalhava em fazenda, como colono, trabalhava em lavoura de café, plantação de arroz e feijão.
- Quanto tempo o senhor Angelo trabalhou de guarda na Paulista? E qual o horário que ele fazia?
- Na Companhia Paulista entrou trabalhando na linha, na cidade de Dois Córregos, trabalhou uns dois anos, e depois foi para Brotas, lá ficou uns cinco ou seis anos trabalhando como vigia na Serra de Brotas. Depois foi para Torrinha trabalhar na linha outra vez, ficou uns cinco ou seis anos e depois veio pra Jundiaí, como trabalhador de linha, mas foi poucos meses, depois passou para a oficina. Mudou para Jundiaí em 1961. Em 1962, começou a trabalhar como guarda, ficou uns 15 anos. Aposentou-se, em 1979, uns três anos antes de aposentar ele começou a trabalhar como caldeireiro. Eu lembro que ele falava que era muito difícil, porque não tinha maquinário e que trabalhava muito, era tudo feito com picareta para levantar linha e quando chovia plantava cidreira na beira da linha, que era muito bem conservada e bem arrumadinha a linha, não tinha mato, não tinha nada e hoje em dia está abandonado.

Era perigoso trabalhar em Brotas, ele trabalhava à noite, no escuro, tinha uma lanterna que quando passava o trem tinha que dar sinal que eles estavam lá e se acontecesse alguma coisa eles paravam o trem, mas quando ele estava, nunca aconteceu. Aconteceu uma vez de dia, que caiu uma pedra aí o trem parou e teve que fazer baldeação, mas ele não estava neste dia, foi de dia e não aconteceu nada com o trem. Ele trabalhava em três pessoas, mas cada uma ficava em um trecho, não ficavam juntos. Para dar o sinal para o trem a lanterna tinha uma parte verde, uma vermelha e a outra amarela, quando estava tudo bem dava sinal verde e se precisasse, o vermelho. Ele recebia a cada três meses, quando ele trabalhava na FEPASA,

antes de vir para Jundiaí, o pagamento era feito na linha, eles passavam com o carro pagador, uma máquina e um carro, e faziam o pagamento na linha, eles já ficavam esperando, o trem parava e fazia o pagamento, não era depositado em banco. Não tinha perigo de assalto, naquele tempo não tinha. Pensou hoje? Aquele carro pagador que ia com bastante dinheiro e ia na linha até Bauru, até o fim da linha.

Quando ele trabalhava tinha que marcar no relógio para dizer que estava trabalhando, porque senão podia dormir. Ele ficava andando todo o pátio e dentro da oficina. A gente gostava que ele trabalhava na Paulista, porque tinha um emprego. Tinha médico como benefício, aquele tempo não tinha médico pelo INSS e na Paulista tinha médico, atendia a família também. Uma vez nós precisamos, logo que mudamos pra cá, meu filho fez uma cirurgia da hérnia, ele tinha oito anos. Lá na Casa de Saúde (hospital) tinha direito ao médico. Tinha benefício de construção, nós construímos a casa e o material foi comprado, fornecia em Rio Claro, de lá vinha pra cá, fazia o pedido e depois descontava no pagamento. Vinha: telha, cimento, piso, taco. Para alimentação tinha a cooperativa, a gente fazia o pedido e depois descontava do pagamento. A cooperativa era na cidade, onde era o Grêmio, depois mudou para dentro da Paulista.

- Você se lembra das festas comemorativas da Paulista?

- Quando tinha festa era no sindicato, mas acho que ele não participava.

- Vocês moravam perto da Paulista? Onde?

- Em Canela (município de Brotas) nós morávamos perto da Paulista, nas casas da Paulista.

- Fez algum curso durante o período em que trabalhou na Paulista?

- Meu marido nunca fez curso para trabalhar na Paulista. Nem meus dois filhos que foram ferroviários. Fizeram escola normal.

(Entrevista realizada em 28 de junho de 2013, com o senhor Angelo Cazzolatto, em 12/06/2013, na Fatec de Jundiaí, entrevistado por Thais Helena Cazzolatto, Sueli Soares dos Santos Batista e Célio Aparecido Garcia, cuja entrevista foi transcrita, em 02/07/2013, por Carolina Vieira Cunha e Sueli Soares dos Santos Batista).

Etec

Trajano Camargo

Limeira / SP



Etec Trajano Camargo



Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG). Atua no magistério público estadual há 45 anos. Desde 1995, é professora da Escola Técnica Estadual “Trajano Camargo” de Limeira, integrante do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Leciona História no ensino médio e Ética e Cidadania Organizacional no ensino técnico. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP), coordenado pela professora Maria Lúcia Mendes de Carvalho. Recentemente, tem desenvolvido trabalhos de pesquisa sobre a cultura escolar, as práticas, os alunos e professores da Escola Trajano Camargo, nas décadas de 1930, 1950 e 1960. E sobre um dos temas, escreveu um artigo que foi publicado no livro “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).



Júlio Américo Barbugli Abbade

Júlio Américo Barbugli Abbade nasceu em Itápolis/SP, no dia 12 de outubro de 1931. Foi criado em S. José do Rio Preto, onde começou a praticar atletismo, vôlei e basquete. Coursou Educação Física na Faculdade de Educação Física de São Carlos (1953) e Fisioterapia na Universidade de São Paulo (1962). Transferiu-se para Limeira, em 1958, para dar aulas de educação física na Escola Industrial “Trajano Camargo”, seu local de trabalho durante vinte e sete anos. Dessa época tem muitas saudades. Formou equipes de alunos que, com muito treinamento e empenho, ganharam troféus de futebol, vôlei e atletismo, em competições importantes, como os jogos regionais. A fanfarra ensaiada por ele era destaque nos desfiles, procissões e festas da cidade. Foi vice-diretor do Trajano Camargo (1963/64) e diretor da escola industrial de S. José do Rio Preto (1966). A partir de 1967, lecionou na escola Trajano, e nos centros de estudos da Universidade Estadual de Campinas: Colégio Técnico, Faculdade de Engenharia, CESET (Centro Superior de Educação Tecnológica) e faculdade de Educação Física. Aposentou-se pela Unicamp, após trinta anos de trabalho. Prestou muitos serviços à comunidade local, em especial à ARIL (Associação Limeirense de Reabilitação Infantil), na área de sua especialidade (a neurológica) e ao Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro, entidade que formava (e forma) aprendizes para o mercado de trabalho. Com justa razão, recebeu o título de cidadão limeirense, em 1999. Júlio Abbade, profissional ativo e competente, cidadão valoroso, com 81 anos de idade, se dedica à administração do Instituto de Fisioterapia e Reabilitação Abbade, conhecido como Clínica de Fisioterapia Abbade.

Todos os campeonatos que nós entrávamos, não por vaidade, não por orgulho, mas por satisfação, nós conseguimos levantar todos os troféus. Perdíamos, às vezes, no basquete, ÀS VEZES, mas nem sempre.

Nasci em Itápolis/SP, no dia 12 de outubro de 1931, o dia mais bonito do ano, dia da padroeira do Brasil. Fui criado praticamente em S. José do Rio Preto. Fiquei pouco tempo em Itápolis. Mudamos para Monte Alto, Bauru e, em 1939, nos fixamos em São José do Rio Preto. Eu praticava muitos esportes: futebol, basquete vôlei e atletismo. Fiz o curso de Educação Física, em São Carlos. Era uma faculdade particular e mais próxima à minha cidade. O outro curso era em São Paulo, na Universidade de São Paulo.

Assim que me formei (1953) voltei para Rio Preto. Comecei a dar aulas no Ginásio Riopretano, no 1º semestre de 54. Em junho, fui nomeado professor de Ciências Físicas e Biológicas, em Pederneiras. Em outubro, surgiu uma vaga de Educação Física em Jaboticabal, no instituto de educação. Lá fiquei durante dois anos. Além de professor, treinava futebol no Atlético de Jaboticabal, e jogava, treinava a equipe de vôlei e basquete da cidade. Vim para Limeira em junho de 1958, porque dei aulas, por um ano, na escola industrial de Jaboticabal e, como o professor de educação física da Escola Industrial “Trajano Camargo” se removeu para lá, vim para o seu cargo em Limeira. Fui inicialmente morar em um hotel. Depois morei com meus colegas: Edison Lusvarghi, Celestino Mikami, Caetano Grizzo, Zé Mendes, Clóvis, seu Levy, numa república na Rua Presidente Roosevelt, próxima à escola. Nossa refeição era dada pela dona Rita, mãe da Mariusa, que também era funcionária do Trajano Camargo. Ficamos nessa república enquanto solteiros. Quando o Celestino, o Edison e o Caetano se casaram, tive que sair da república. E morei no TC, por quase um ano (1961), numa sala debaixo da escada. Em 1962, me casei e fui morar na Rua Capitão Flaminio. Nos anos de 1963 e 1964, além de dar aulas, fui vice-diretor. O diretor era o Creso Assumpção Coimbra.

Quando eu comecei a dar aula no Trajano, em 58, o prédio da frente estava em construção. Eu brincava e falava que os alunos eram aviadores e que iam pular de paraquedas. Eles corriam na parede do prédio em construção e de lá saltavam no monte de areia. O espaço para as aulas de educação física era um quadrado de terra na frente do prédio antigo. Não tinha como praticar nada ali, a não ser uma brincadeirinha de um futebolzinho. Para poder preparar essa turma, a parte de atletismo eu levava para a pista de atletismo do Tiro de Guerra; a parte de basquete nós treinávamos no Nosso Clube e no Gran São João; o futebol,

que não disputava campeonato, mas que os alunos queriam jogar, nós jogávamos onde hoje é o cemitério II, no começo da Av. Saudades; natação nós praticávamos na CME (Comissão Municipal de Esporte). Ao lado do zoológico, no bosque, havia uma piscina que nós usávamos para os treinamentos. Esses troféus, então, eram adquiridos pelos treinamentos que fazíamos. Não dávamos folga. Os alunos que queriam disputar tinham que treinar para poderem representar bem a escola. Primeiro era feita uma eliminatória na cidade: de basquete, vôlei, atletismo, natação, etc. Os classificados iam para a fase regional: Campinas, Americana, Araras, Rio Claro, Piracicaba. Os vencedores regionais iam disputar a final dos campeões regionais em São Paulo. Nós fomos duas vezes para as finais, de atletismo e basquete [não vôlei, não chegou, pegamos o 2º lugar]. E fizemos apresentação de ginástica rítmica, no estádio do Pacaembu.

Aquele espaço de terra, aquele quadrado, dava certinho para a quadra. Assim, fizemos uma campanha na cidade para construir essa quadra. Uma rifa. O 1º prêmio era um carro *Dauphine*, que foi exposto na Praça Toledo de Barros, e os outros prêmios, um aparelho de televisão (2º), uma rádio vitrola (3º) e uma bicicleta (4º).

Com o dinheiro apurado com a venda da rifa construímos a quadra e compramos a primeira perua [Kombi] para a ARIL – Associação Limeirense de Reabilitação Infantil. Foi trabalho executado pelos professores e alunos do Trajano Camargo, com a minha orientação. Então construindo essa quadra, ficou mais fácil para, pelo menos, treinarmos vôlei, basquete, handball e, termos espaço para fazermos ginástica olímpica, que nós tratávamos como ginástica de aparelho, com plinto, cavalo, acolchoado.

Em 1965, eu me transferi para S. José do Rio Preto, a convite de dois médicos amigos meus. Junto com outro amigo, o limeirense Décio Lang, que morava lá, abrimos uma clínica de fisioterapia (nesse tempo, já era formado em fisioterapia, pela Universidade de São Paulo). Infelizmente não deu certo. Fiquei em Rio Preto durante dois anos, um ano com essa clínica e depois trabalhando numa clínica minha, que atendia os excepcionais de Rio Preto. Orientei a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais -APAE da cidade. Em 1966, por indicação e por ter tido experiência como vice-diretor, fui convidado pelo prof. Valter Costa, Diretor do Departamento do Ensino Profissional, a assumir a direção da escola industrial de Rio Preto, a qual passava por problemas administrativos. Assumi o cargo com o intuito de deixar a escola normalizada. Preparei um colega, que era como meu vice, para ficar no meu lugar porque eu tinha a intenção de voltar para Limeira. A escola era distante da minha casa e recebi um jipe, chapa branca, do departamento para fazer o trajeto. Era o único diretor do ensino industrial a ter um jipe.

No ano de 1967, voltei para Limeira, para o meu cargo de professor de Educação Física. Trouxe o jipe, devidamente transferido, para o Manoel da Silva, diretor do TC. A seu convite, comecei a dar aulas no Colégio Técnico Industrial, da Universidade de Campinas, que funcionava no prédio da escola Trajano Camargo. Então, dava aula no Trajano Camargo e no Cotil e tinha todos os meus clientes da fisioterapia (abri a clínica em 1974). Comecei a trabalhar como fisioterapeuta na Associação de Reabilitação Infantil Limeirense – ARIL. Ali trabalhei durante 18 anos, orientando os funcionários e ajudando a diretoria a manter a associação em funcionamento.

Nesse período, que fiquei no Trajano Camargo, disputávamos todas as modalidades esportivas - até havia pais que ficavam meio aborrecidos comigo porque eu marcava aulas para os alunos às 6 h da manhã (eu estava acostumado a acordar cedo). À noite, como não tinha o que fazer, ficava na escola jogando tênis de mesa (aquele tempo era pingue-pongue, não tênis de mesa) com alunos e funcionários, com os que estavam com gás. Então praticamos muitos esportes e trouxemos muitos troféus para o Trajano Camargo.

Todos os campeonatos que nós entrávamos, não por vaidade, não por orgulho, mas por satisfação - nós tínhamos uma equipe excelente, de alunos do ginásio e nós disputávamos com o Instituto de Educação Castello Branco, que tinha alunos do colégio (científico, clássico, normal) -, conseguíamos levantar todos os troféus. Perdíamos, às vezes, no basquete, às vezes, mas nem sempre.

Quando abriu o Cotil então aí mudou, houve a separação em duas turmas, os menores de 15 e os maiores de 15 anos. Os jogos, na categoria de “menores de 15”, disputava com os alunos do Trajano, na categoria de “maiores de 15”, disputava com o Cotil. E continuávamos ganhando quase todos os troféus. Fomos a S. Paulo disputar campeonatos, fomos disputar finais de campeonato em S. Paulo e conseguimos levantar o nome do Trajano Camargo no meio esportivo. Fazíamos demonstração de ginástica na cidade, fazíamos apresentação de pirâmides no Gran São João. Tudo isso é fruto do trabalho executado nesse período.

As alunas tinham aulas de educação física com uma professora e os alunos com um professor. Com o tempo, nos anos de 1980, foi permitido, tanto ao professor como à professora lecionar para os dois sexos. Tornou-se, mais prático ter a convivência de alunos e alunas. O uniforme de ginástica dos alunos era camisa olímpica branca com E.I., calção azul, meias brancas e tênis. Tinha que vir perfeitamente uniformizado, se não, não participava da aula. E a disciplina era estritamente rigorosa. O aluno tinha que se portar na aula como se fosse

um regime militar. Essa era a principal exigência. E os alunos respeitavam, e quando você precisava chamar a atenção de um deles, você podia, porque os pais vinham lhe dar apoio, porque estava corrigindo os seus filhos. Agora, infelizmente não é mais assim. Com o regime que eu trabalhava, não seria capaz de dar aula, nos dias atuais.

Eu também ensaiava a fanfarra do TC. Como ela não tinha hiena, resolvemos, em 1960/61, se não me falha a memória, fazer as nossas hienas. O presidente do grêmio, Nivaldo Pelegrini, com a orientação do Celestino, do Caetano, do Odecio, conseguiu fazer as três primeiras hienas da fanfarra. A escola participava dos desfiles de 7 de setembro, 15 de setembro (dia da padroeira) e 15 de novembro, da Festa da Laranja e da FACIL (Feira Agroindustrial de Limeira). Nos desfiles, fazíamos um carro alegórico, chegamos a construir dois. Quanto aos regulamentos do TC: o primeiro, respeitado, tanto pelo aluno como pelo professor, o horário. O horário era especial. O professor tinha relógio ponto para assinar, não chegava atrasado e não saía antes da hora. O aluno que chegasse atrasado, não entrava em aula, a não ser que os pais fossem junto com o filho à escola e justificassem o atraso. Se não, o aluno não entrava. O pai era notificado "seu filho não veio à aula hoje".

Então o pai estava sabendo que o filho não tinha ido à aula. Ia dar a justificativa, "ele não veio hoje porque estava doente, estava em casa." Hoje não, é à vontade, mas naquela época, a exigência era grande, tanto para o aluno, como para o funcionário como para o professor. Esses eram repreendidos, primeiro verbalmente, depois por escrito. Se persistissem, eram punidos com suspensão.

Com relação à organização das classes: eram mistas, nas aulas teóricas (Português, Matemática), mas nas práticas, não. Os meninos iam para mecânica, para fundição, para forja, para eletricidade e as meninas iam para a aula de corte de costura, dada pela Zilá, Nilza, dona Neusa, Ana italiana e para a de arte culinária, dada pela dona Alcina Queiroz, pela Flávia. Era uma turma grande de professoras.

Quanto à ocupação do prédio escolar: nos anos de 1960, a escola era grande. Tinha muitos alunos porque usava quase que o prédio inteiro da frente. Depois quando entrou o Cotil, aí precisou manejar um pouco, controlar, porque tinha que deixar espaço para o Cotil também. Para a parte teórica, o colégio técnico usava o prédio principal e a parte prática era na oficina do Trajano e no SENAI. Os professores eram de Rio Claro e de Piracicaba e outros daqui mesmo. Mecânica, Edificações e Estradas foram os três primeiros cursos do Cotil. Engenharia começou depois, Engenharia Civil da Unicamp.

Sobre a formação dos professores: nessa época, o Edison, o Celestino, o Caetano, o Fernando, não sei, mas acho que também, eram mestres, fizeram o ginásio e depois o curso de mestria. Com o diploma de mestre podiam dar aulas nas escolas industriais. Depois, o Celestino, o Pedrinho e o Fernando foram fazer engenharia. Acho que a Neusa, Zilá, Ana italiana eram só mestras. Se alguém fez Pedagogia foi a Neusa. O Manoel cursou Pedagogia em Ouro Fino, por causa do Cotil.

Havia troféus anuais, outros, após três anos seguidos ou cinco alternados. Na escola, não sei se ainda tem, deveríamos ter dois troféus de três anos consecutivos e um de cinco anos intercalados.

Durante a época militar, você lidava mais com a exigência de ensinar ao aluno a ordem unida (a voz de comando, a marcha), ensinar o aluno a respeitar a bandeira, a cantar o hino nacional, na aula. Para ser dispensado da aula, eram obrigados, e aprendiam, a gritar “Brasil”. Quer dizer, era um regime meio militar.

A única coisa a falar é uma mágoa que guardei de um diretor do Trajano Camargo. É que quando construí aquela quadra, digo assim porque fiz a campanha para arrumar o dinheiro, os alunos do grêmio fizeram uma placa em homenagem e colocaram na quadra o meu nome.

E um diretor, por uma desavença entre nós dois, tirou essa placa e sumiu com ela. Ela estava fixada na parede. Ele tirou a placa de lá e ela nunca mais foi vista. Toda a ferragem, a sustentação da quadra foi feita na oficina mecânica pelo Celestino, Caetano, Odecio, seu Ari Pereira Souto e toda parte de madeira foi feita na marcenaria pelo Edison Lusvarghi. Eu tenho muitas saudades do Trajano Camargo.

Etec

Mairinque / SP



Etec de Mairinque



Fernanda Gonçalves Fontes

Fernanda Gonçalves Fontes. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Currículo: novas tecnologias (2005). A internet como ferramenta para a construção de conhecimento e valores foi o tema da pesquisa. Possui especialização em História COGEA/PUC-SP (1996); licenciatura em Ciências Sociais pela PUC-SP (1992), graduação em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1986) e licenciada em História pela Universidade Metropolitana de Santos (2011). Há mais de vinte e cinco anos trabalha com educação, com experiências nos setores públicos, privados e no ensino superior. A fotografia amadora perpassa pelo interesse de recortar e recontar a construção do cotidiano humano.



Berenice Oliveira Gil Mendes

Berenice Oliveira Gil Mendes foi Coordenadora de área do Ensino Médio da ETEC Rubens de Faria e Souza por catorze anos, onde leciona Matemática há 39 anos. Estudou na tradicional escola pública de Sorocaba, “Estadão” (Escola Estadual “Doutor Júlio Prestes de Albuquerque), o curso “científico”, atual 2º grau. Licenciou-se em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, FAFI (– Universidade de Sorocaba). Em 1980 ingressou como professora efetiva na rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de Votorantim.

Ah, porque ela não se inscreve para dar aula no colégio técnico? Lá é uma escola muito boa.

(...) Não saio fácil daqui.

Eu cheguei aqui em 1974, era recém-formada. Meu pai trabalhava com construção e em conversa com o Professor Moura (José Moura Pereira, Professor de História e depois diretor na ETEC Rubens de Faria e Souza), seu amigo, disse que sua filha havia se formado e ele disse: Ah, porque ela não se inscreve para dar aula no colégio técnico? Lá é uma escola muito boa.

Naquela época tinha muita aula, era fácil pegar aulas, principalmente de Matemática. O Rubens de Faria, uma escola estadual, pertencia à Delegacia de Ensino de Sorocaba, mas não era como as outras escolas públicas. A inscrição para novos professores era feita na própria unidade e não via Delegacia de Ensino. Aí, eu fiz a inscrição, esperei me chamarem e em março eu estava aqui. As aulas começavam em fevereiro.

Tinha aula sobrando porque a professora de Física, Deise, havia ido dar aulas na Faculdade de Filosofia. Logo depois, outro professor reduziu a carga de aulas e em questão de um mês fiquei com trinta aulas à noite. Eu tinha aulas de segunda a sábado! Tinha aulas aos sábados também. E dava aula!

O período noturno, na época, era estranho para mim, porque muitos alunos eram mais velhos do que eu, a maioria dos professores era homem, e eu uma recém-formada. O noturno assustava um pouquinho, mas foi um desafio. Até então eu não tinha dado aula. Dei aulas particulares em casa e na época da faculdade para os colegas, mas eu sempre gostei de estudar. Sempre fui muito estudiosa. Estudava por prazer, então eu preparava horrores de aulas de Matemática, para o primeiro e segundo, e Física para o terceiro, pois os alunos sempre testam a gente.

Na época os cursos eram integrados, Matemática e Português apareciam nos três primeiros anos. No quarto ano eram disciplinas técnicas, mas a Matemática estava lá. Então, eles tinham uma carga maior de Matemática, de Física nem tanto, por isso com o tempo fui ficando só com a disciplina Matemática. Eu gostava. Os alunos eram incrivelmente interessados. Em uma classe, do curso de Mecânica, um dos alunos era irmão da Etsuko (Professora de enfermagem na mesma unidade) um excelente aluno. Acho que fez Poli (Escola Politécnica da USP). Outros foram para ótimas faculdades. Então, era um desafio e ao mesmo

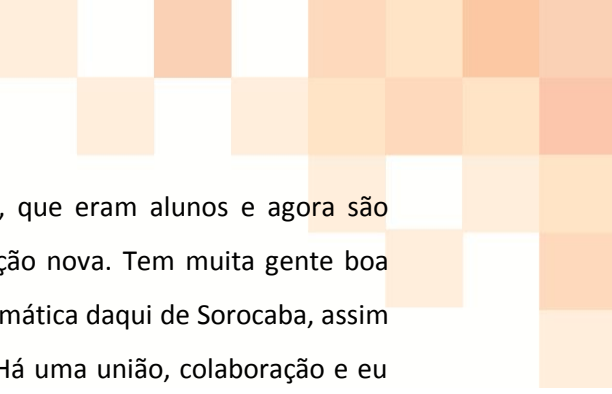
tempo muito gratificante. Eu estudava muito e podia dar tudo aquilo que aprendia. Quando temos aluno bom, a gente aprende mais, a gente faz muito mais. Eu gostava de pegar classe boa. O Rubens de Faria sempre teve fama de ser uma boa escola. Na época, eu preferi dar aulas aqui a me inscrever nas “escolas estaduais”, mas depois -- como muita gente foi dar aula fora -- eu acabei indo também para as estaduais, porque eu era solteira na época e podia ter um ganho maior. Apesar de se pagar mais nas escolas técnicas. O pagamento sempre foi melhor. Assim fiquei com 30 aulas à noite e 10 aulas à tarde. Naquela época o total era de 44 aulas por semana e trabalhei muito tempo assim. Quando prestei concurso para o Estado e passei, ingressei em Votorantim e tive que largar aqui, era 1980.

Em 1983 eu voltei para o Rubens. Prestei concurso aqui de novo, mas aí já tinha passado para o Centro Paula Souza. Tem vários professores que são desta época, até o Renato (Professor de Matemática que se aposentou, em 2010) veio nessa época. Foi um período de transição para o Centro. Muitos professores vieram para cá, porque essa escola sempre foi uma escola muito boa, então a pessoa queria dar aula aqui.

Uma boa escola tem bons alunos e bons professores. O nível daqui era muito bom, o curso integrado era muito melhor, os alunos tinham uma bagagem muito maior, então a gente preparava, tanto que os alunos daquela época entravam com mais facilidade nas universidades estaduais e federais. São excelentes profissionais hoje. Tem professores aqui na escola que foram meus alunos e também já dei aula para os filhos de alguns, o que dá uma boa visão de tudo isso. Acho importante que muitos se formaram numa determinada área e permaneceram trabalhando nela. Alguns fizeram curso técnico e depois engenharia elétrica, por exemplo. O curso técnico só teve a acrescentar.

Agora nós temos alunos bons, mas já não dá para aprofundar muito em minhas aulas. Eu podia fazer muito mais do que faço hoje. Se eu pudesse pegar provas daquela época e aplicar para as turmas de hoje, jamais conseguiriam, era muito mais teoria. Eu podia fazer muito mais com eles do que agora, é incrivelmente diferente. Agora é tudo mais superficial, o aluno não sente curiosidade em aprofundar o conhecimento, ele só quer noções. A escola continua boa, nossos alunos são bons, pois tem seleção do vestibulinho.

Com o integrado eles aprendiam mais, porque aplicavam muito mais o conhecimento, pois precisavam dentro do curso técnico que faziam. Depois foi mudando e agora o conhecimento do aluno é muito superficial, mas para ir para uma faculdade precisa de aprofundamento. Na parte de exatas os alunos precisam de muita base. Hoje eles continuam bons, mas antes a qualidade era muito melhor.



Depois de trinta e nove anos a gente vê os amigos, que eram alunos e agora são professores. Os colegas estão aposentando e vem uma geração nova. Tem muita gente boa também. Sou uma das primeiras turmas da faculdade de Matemática daqui de Sorocaba, assim como muitos colegas. É uma escola muito boa de trabalhar. Há uma união, colaboração e eu não me vejo longe daqui, me deixa triste a ideia de me aposentar, pois gosto muito daqui. Os alunos são bons, educados, gosto deles e gosto muito dos professores. Não saio fácil daqui.

E t e c

Sylvio de Mattos Carvalho

Matão / SP



Etec Sylvio de Mattos Carvalho



Analder Magalhães Honório

Analder Magalhães Honório, 30 anos, formado em Processamento de Dados pela Fatec Taquaritinga, licenciado em Informática pela Fatec Americana, com pós-graduação em Educação Especial. Desde 2008, é docente da Etec Sylvio de Mattos Carvalho, em Matão, onde atua na área de Informática. Atualmente coordena o curso de Informática para Internet na unidade, onde foi aluno entre 2002 e 2003, e concluiu o curso Técnico em Informática. Por estar ligado à escola no passado como aluno, e agora como professor, tem interesse em resgatar história da escola, empregando para isso a história oral, e por acreditar que esta história é de suma importância para a comunidade Matonense.



Teresa Cristina de Toledo Francisco

Teresa Cristina de Toledo Francisco é Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos. É professora de Biologia no Centro Paula Souza desde 1995, atuando hoje nas unidades de Matão (Etec Sylvio de Mattos Carvalho) e Guariba (Etec Bento Carlos Botelho do Amaral). Atualmente trabalha no projeto “Lixo Sustentável e Lúdico” que visa construir brinquedos para crianças carentes a partir de produtos descartados, como o lixo, e no projeto “Horta Orgânica” que visa à construção de uma Horta, dentro da unidade escolar, ambos os projetos são desenvolvidos com alunos dentro da Etec Sylvio de Mattos Carvalho.

Para o aluno aprender ele precisa ter uma relação emocional positiva com o educador, então antes de eu ser professora eu prefiro ser amiga.

A Teresa, ela é uma pessoa que gosta muito do que faz, porque ser professor é... uma profissão que ajuda a gente a aprender diariamente, a diariamente compreender. A Teresa é uma pessoa que todos os dias está aprendendo, é uma pessoa que, que ama a vida, que gosta das coisas certinhas, gosto de fidelidade, respeito, gosto de verdade. Minha história começou dia nove de fevereiro de 1995, quando eu ingressei na escola técnica Sylvio de Mattos Carvalho, faz aproximadamente 18 anos.

Na época, nós tivemos que passar por uma prova, que ocorreu em São Paulo, foram avaliadas a questão pedagógica e a questão específica da minha área, biologia. Foi uma prova que não foi fácil, mas como meu objetivo era entrar no Centro Paula Souza, eu estudei muito bem e aí eu fui classificada.

A ETEC havia sido incorporada ao Centro Paula Souza recentemente, um pouquinho antes de eu entrar. Era uma escola pequena, fisicamente falando, era uma escola pouco reconhecida, tinha poucos professores, poucas salas, mas nessas poucas salas numerosas, tinham 40 alunos completos, era uma escola com poucas salas, porém os alunos eram naquele tempo interessados, gostavam bastante de estudar, era uma sala cheia.

Eu escolhi a ETEC por conta do histórico do Centro Paula Souza, da organização, da própria força que a instituição tinha nesse processo educacional, então na época inclusive, eu estava pra escolher um concurso do Estado e o concurso do Centro Paula Souza, e eu dava aula em escolas particulares e eu preferi optar pelo Centro Paula Souza, por conta da Instituição, que é uma instituição forte, como até hoje é, e isso valeu a pena.

Na época, o diretor era o senhor Miguel de Luna, uma candura de pessoa, profissionalmente ele tinha sua posição, como dirigente era um gerenciador, mas como pessoa, ele era uma pessoa muito tranquila de relacionamento, e mesmo com seu jeito ele conseguia administrar tranquilamente a escola.

De professores, na época, tinha o Hass que até hoje está comigo no ensino médio como professor de matemática, o Toninho, que também foi nosso diretor na gestão passada, o Mário, professor da área de eletrônica e os outros que hoje não fazem mais parte do nosso quadro de professores, um professor de física, eu não me recordo o nome dele, mas que também

trabalhamos juntos na escola particular e nós viemos juntos para o concurso. A Cleide, professora de geografia que hoje ela faz parte de uma instituição federal no IBAMA. Ela preferiu ir para a parte prática, era uma excelente professora. Todos os professores que ingressaram neste período eram professores de gabarito, muito bons.

Eu considero a ETEC minha segunda casa, em alguns momentos eu acredito até que ela é minha casa, então todos os dias são dias especiais, gosto demais, até hoje, gosto muito de vir aqui, porque eu sinto esse espaço físico, as pessoas, como pessoas que fazem parte da minha vida, como se aqui fosse a minha casa, então não existe um momento especial, o momento especial foi quando eu fiz parte da instituição, esse foi o momento, e hoje, cada dia, eu reforço como sendo um casamento perfeito.

Assim como no casamento, nós aprendemos no amor e na dor, e eu precisei me afastar da ETEC por alguns problemas profissionais, não que estes problemas fossem o motivo principal, mas eu estava passando por um momento difícil na minha vida e eu não queria estragar essa relação que eu tenho com a instituição, então eu preferi me afastar, e lógico alguns problemas na área administrativa me causaram mal-estar, então eu preferi me afastar e resolver alguns problemas fora para não quebrar o clima.

Eu digo que para o aluno aprender ele precisa ter uma relação emocional positiva com o educador, então antes de eu ser professora eu prefiro ser amiga e fazer parte do dia a dia, porque eu faço o que eu amo e na maioria das vezes o aluno, ele vem para escola com um objetivo completamente diferente, então a minha relação é uma relação de extrema liberdade no sentido de dúvidas de colocações, não só dentro da sala de aula, como fora, como uma pessoa que eu possa ajudar no dia a dia dele, dando um norte para o caminho profissional dele. Essa relação que dentro da sala é profissional, mas temos nossa relação mesclada com as conversas informais, a relação continua fora da sala, na vida particular, então para o que ele precisa, eu estou com ele.

Tenho que ensinar a biologia, mas também ensinar o que a vida tem de bom, mas também mostrar que a vida não tem só coisas boas. Então eu procuro ensinar a biologia usando um pouco da experiência de vida. O educador tem essa função, não é só o componente curricular, ele tem que olhar o aluno holisticamente, como um todo. Não acredito que o professor apenas ensina, o professor vai ensinar e vai educar, é a maneira holística dessa relação, essa palavra professor e essa palavra aluno, não é uma análise retilínea de eu vou ensinar e ela vai aprender, a vida tem os caminhos paralelos, porque se emocionalmente o aluno não está bom, ele dificilmente vai ter o processo de ensino aprendizagem tranquilo, então como educadora tenho a

responsabilidade junto com os pais, acredito muito nisso, junto com a família na formação completa do educando.

Eu dou aula numa escola particular em Araraquara e uma moça que trabalha comigo é esposa do Márcio que teve aula comigo aqui, hoje eles têm um filho, que inclusive, estuda nessa escola, mas está numa série ainda jovem, iniciando. Ela comentou comigo sobre o Márcio, e eu disse:- Eu não acredito que você é esposa do Márcio!O Marcio fez o ensino médio e o técnico aqui, hoje ele está terminando a graduação, e nós nos reencontramos e ele diz que fica feliz, de saber que eu vou fazer parte do processo de ensino aprendizagem da filha dele, e fico feliz também por ele estar no mercado de trabalho e eu ter tido essa responsabilidade. Ele até conversa comigo, fala que muito da vida dele, que ele tem hoje, ele deve a alguns professores da escola técnica, não só do ensino médio porque ele fez o técnico também, e que ele responsabiliza muito a vida dele hoje profissionalmente e familiar ao Centro Paula Souza, que ajudou muito a ele ter essa visão de vida que ele tem hoje.

Infelizmente o perfil do discente vem mudando, não só da ETEC, como eu tenho experiências em outras escolas, hoje o jovem tem a possibilidade de buscar as informações na internet, o processo está globalizado, então ele, na relação que ele tem com a escola, em especial na ETEC Sylvio de Mattos Carvalho, não existe muita responsabilidade.O aluno não é mais engajado, alguns, não vamos generalizar, mas muitos vêm para ter o diploma, para cumprir tabela, porque eles falam que eles podem buscar as informações de outras formas, e a maioria nem quer estudar.Eu fico muito triste com isso, mas não é a ETEC em si, é o processo educacional. Eu fico triste porque eu vejo a falta de carisma com o processo de ensino aprendizagem, hoje eles não têm aquele amor, aquele carinho, aquela vontade.

Também fui professora no técnico, eu trabalhava na área do eixo ambiental, e hoje a gente no famoso tripé de sustentabilidade que é uma visão social, econômica e ambiental do processo, do dia a dia, seja numa indústria, num descarte, seja no dia a dia da nossa vida. Fiquei triste quando tiraram as aulas das matrizes curriculares dos cursos técnicos, eu senti porque sei que eles precisam ter essa visão ambiental, eles precisam deixar para as gerações futuras uma qualidade de vida.

Na realidade não foi eu quem perdeu as aulas, mas quando o aluno perdeu esse componente ambiental do currículo, fique bastante preocupada, essa ruptura de choque, pois me perguntava:-Então como esse aluno vai buscar essas informações, já que ele não tem vontade?Então quando houve a perda deste componente nos cursos técnicos eu fiquei

preocupada no sentido de como ele vai buscar essas informações, que ele vai precisar saber, que no dia a dia ele precisa pra evitar uma degradação do ambiente.

Os componentes “Gestão ambiental” ou “Tecnologia e meio ambiente” não estarem mais presentes nos cursos técnicos, me preocupa. Como ele vai buscar essas informações, que ele precisa, a questão ambiental de sustentabilidade, seja numa instituição de educação, seja numa empresa, então ele precisa destes conceitos.

Espero que ele esteja, no dia a dia dele, buscando essas informações. E eu sempre procuro, mesmo não tendo este componente, no dia a dia, junto com meus amigos docentes, e junto com as pessoas que podem e estão perto de mim, ajudar nesta questão ambiental, que é delicada.

Com os alunos do técnico, eu tinha um grau de intimidade um pouco mais restrito, porque eles eram na maioria casados, e essa relação emocional era mais distante, mas independente disso a gente tinha essa liberdade, e eu procurava mostrar para eles que eles precisavam ter a liberdade de contato comigo, não só como professora, mas como amiga, porque de novo reforço, isso facilita o processo de ensino aprendizagem, que existe essa distância, mas nada que prejudique o meu processo de ensinar e o processo deles de aprender, mas por conta da idade, havia menos essa liberdade de contato com o professor, e isso acho que é complicado pelo processo, mas eu sempre que...

A gente fica lisonjeada, porque diariamente a gente recebia um abraço, um “professor muito obrigado”, mas o reconhecimento da turma, de ser convidada para ser paraninfa da turma me deixava lisonjeada, me emociono e fico com lágrimas nos olhos. É bom. A gente não pode viver de ego, mas ajuda bastante a acreditar que a gente precisa continuar nessa vida, que essa vida vale a pena, não vou desistir nunca, e falo para os meus alunos e para os meus amigos, que se a gente faz o que gosta e com amor, e faz certinho, a gente... Às vezes eu chego e apago a lousa ou estou sentando, preparando meu material, às vezes uma conversa informal, eu ouço:- Nossa, a aula da professora... Duas aulas e direto passa tão rápido...- Professora porque você não fica aqui?

Então eu, nessas poucas palavras eu sinto que a minha aula faz diferença. Talvez eu até responsabilize o componente Biologia e não a minha maneira de ser, mas o componente Biologia, ele atrai mais o aluno para as questões do dia-a-dia dele, então ele pergunta coisas, que quando respondo, ele tem segurança na minha resposta e ele acaba sentindo que tem uma pessoa do

lado dele, questões do ciclo menstrual, DSTs, drogas, então nesse sentido eu acabo me aproximando dele.

Todo professor tem que ter esse contato com o aluno, não ser só o professor, mas ser também um educador e paralelamente fazer parte do dia a dia, da vida dele, da vida particular, emocionalmente falando. Então não é só nesse sentido, mas a biologia provoca isso, essa proximidade, por causa das dúvidas da adolescência dele, dos pelos no corpo, da voz grossa, dessa necessidade sexual, então isso acaba aproximando ele mais de mim, Teresa, nesse sentido, mas essa proximidade é fundamental no meu processo, eu consigo trabalhar tranquilamente.

O segredo é respeitar o aluno, o chegar à sala, o bom dia, essa aproximação, eu até faço a metade do coração e eles têm que completar esse começo, esse agregar energia positiva já começa por aí. Depois a gente incorpora, vamos falar de sangue? Então nós vamos ser uma célula, vamos entrar no sangue. Vamos falar de vias respiratórias? Então vamos ser a molécula do oxigênio, a gente faz isso também. Procuro usar a aula e buscar para facilitar muito, e isso tem muita responsabilidade, buscar o que eles fazem no dia a dia, esse lance de aprender por aprender sem associar com a vida deles no dia-a-dia passa e aí ele não consegue filtrar. Então a gente vivendo, a gente sendo a molécula, sendo a célula e buscando o dia a dia dele para entender esse processo, facilita muito, torna-se uma aula atrativa. Por exemplo, trabalhar física sem falar da onda do mar, não tem propósito, não faz sentido.

Fui professora também no curso Técnico em Enfermagem, isso aconteceu há alguns anos, como eu trabalhava com biologia, veio a parte de anatomia e fisiologia humana, e eu conseguia fazer toda a parte, a maioria dos desenhos, eu conseguia trabalhar em lousa, então nesse sentido, para mim foi muito bom, foi um grande aprendizado, mas depois vieram outros professores, com maior competência, da área da saúde.

Acredito que se o professor tem uma competência para responder direcionado para a área da saúde, acho que é interessante. Eu dou aula de “Anatomia e fisiologia humana”, com ênfase na saúde que o aluno da enfermagem vai precisar, mas alguma patologia associada com alguma estrutura da anatomia e fisiologia talvez eu conhecesse, e não poderia oferecer um conteúdo mais direcionado, só anatomia e fisiologia, direto, sem a parte patológica, que poderia ser uma dúvida no momento e, eu não tendo essa bagagem ficava difícil, pois vem a responsabilidade de alguém da saúde, então agora o aluno tem anatomia, fisiologia e a possibilidade de responder direcionado para área da saúde.

Ficar sem essas aulas foi difícil. Mas, foi bom enquanto durou, porque me ajudou muito até para trabalhar na área de biologia, até hoje uso algumas aulas que tive na aula de enfermagem para aula de biologia, quando trabalho aula de anatomia e fisiologia.

Retomando a história da ETEC, hoje, fisicamente continua sendo a minha segunda casa, às vezes, em alguns momentos, primeira. Hoje muito mais porque estamos desenvolvendo projetos, com a horta, então fico mais tempo aqui, estou com aluno fora da sala. Aquela formalidade quebra um pouco, damos mais risadas, contamos piada, falamos mais besteirinhas.

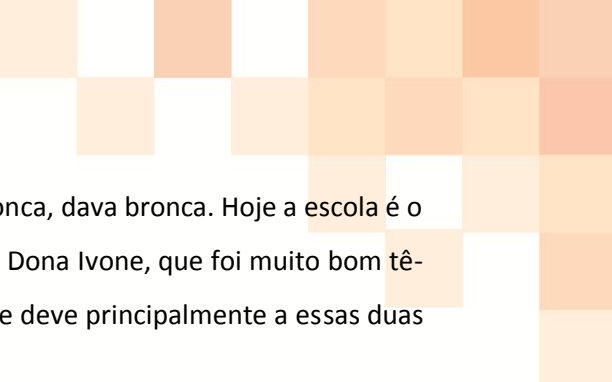
A relação com os amigos de sala de professor está mais difícil porque só temos esse momento, porque nossa vida é corrida. Falta pouco tempo para me aposentar e isso já me causa mal estar, porque hoje, pelo grau de amadurecimento eu quero estar presente mais tempo na escola, então estes projetos ajudam eu estar presente. A escola está mudando fisicamente, está passando por algumas melhorias, isso acaba mudando a nossa vontade, porque um lugar com poluição visual não nos faz sentir bem, e isso acaba nos afastando. Felizmente aqui nesta instituição poucos foram os momentos assim, hoje a escola para mim está sendo mais do que estes 17 anos.

Eu, Teresa, estou mais próxima da escola, mas eu sinto que do ponto de vista aluno nós estamos com um pouco de dificuldades para mostrar pra ele, para o discente, que isso aqui tem que fazer parte da vida dele para um crescimento pessoal e profissional, e eu tenho dificuldades porque eles não estão com essa visão, mas eu não vou desistir, não mesmo.

Não sei se por causa da internet, a verdade é que estou buscando o porquê disso, desta falta de estímulo. Isso me causa uma tristeza, mas ao mesmo tempo me injeta a vontade de querer mudar, então é nesse sentido, só que me preocupa, hoje a escola técnica, a falta de vontade discente, mas não vou desistir, vou tentar buscar e reverter.

No passado os alunos tinham menos momentos para se envolverem em questões sociais, tinham, mas eram esporádicos esses momentos. Agora nesse sentido, a horta, esse trabalho de lixo lúdico e sustentável que nós estamos montando brinquedos para as instituições, esse trabalho com a comunidade, essas festas, isso ajuda muito. Antes existiram, mas como eu disse, eram esporádicos. No entanto havia um maior entrosamento, uma maior procura, hoje menos, mesmo a gente oferecendo muitas oportunidades, então a gente está indo por vários caminhos pra ver o que está acontecendo, mas hoje o envolvimento é menor.

Quanto a Dona Ivone, ela foi junto com a gestão do senhor Miguel, foram as gestões que me ajudaram a enraizar e a permanecer na escola. Foi uma gestão tranquila, de relacionamento



profissional e pessoal muito tranquilo, quando era para dar bronca, dava bronca. Hoje a escola é o que ela é por conta e responsabilidade do senhor Miguel, e da Dona Ivone, que foi muito bom tê-los na minha vida profissional e fazer parte da ETEC que hoje se deve principalmente a essas duas pessoas.

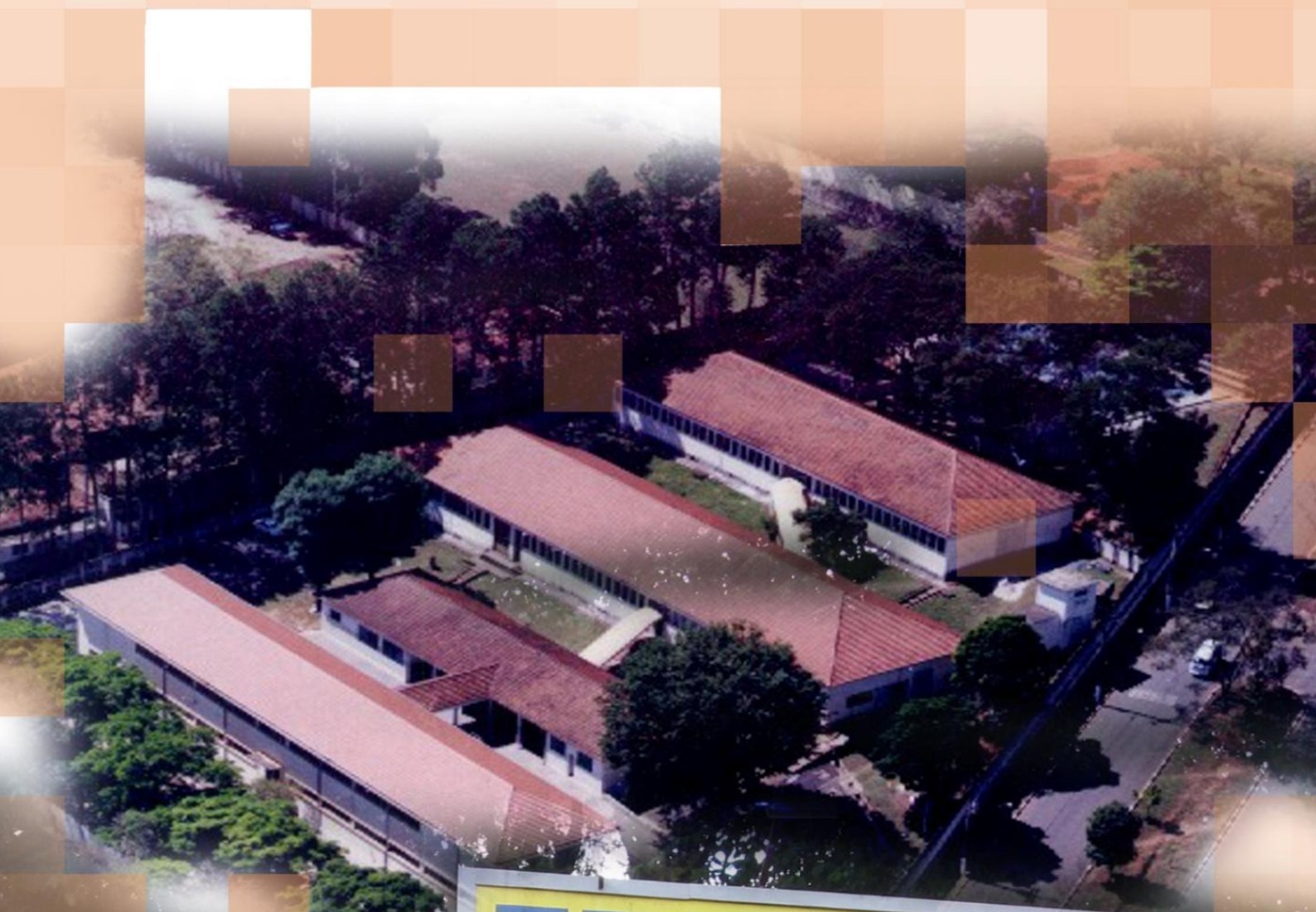
O senhor Miguel, eu trabalhei muito pouco tempo com ele, mas ele era de uma candura, de um profissionalismo. E não tenho também o que falar da dona Ivone, sobre aspecto negativo, a gente aprendeu muito, eu aprendi demais com a dona Ivone, então iria ficar difícil qual dos dois escolher. Sou uma pessoa muito emocional, eu não guardo minhas emoções, então o que falei é verdadeiro. Só quero reforçar que é muito bom ter vivido e muito bom viver dia a dia nessa instituição. Aprendi demais profissionalmente. Se eu precisasse viver de outra forma, se fosse reescrever minha história, seria muito difícil eu ser feliz assim de outra forma. Foi muito bom. E quero agradecer ao ser supremo e a todos aqueles que passaram pela minha vida.

(Gravação em audiovisual)

Etec

Pedro Ferreira Alves

Mogi Mirim / SP



Etec Pedro Ferreira Alves



Fábيا Dovigo Pais

Fábيا Dovigo Pais. Graduada em História (1993), Português (1998) e Pedagogia (2003). Lecionou na Rede Estadual e Particular de Ensino, no ensino fundamental e médio e atuou como coordenadora pedagógica na rede estadual no ano 2000. No mesmo ano, ingressou na Etec Pedro Ferreira Alves. Lecionou a disciplina de História no Ensino Médio e Ética e Cidadania no Curso Técnico. Foi a primeira professora a desenvolver atividades com os alunos do Ensino Médio na disciplina de Projetos, implantada no Currículo Escolar no ano de 2001. Ainda no mesmo ano, foi designada ATD (Assistente Técnico de Direção) na Etec Pedro Ferreira Alves e atuou até 2008. Atualmente, leciona a disciplina de História no Ensino Médio Regular e Médio Integrado ao Técnico.



Roberto José de Fátima Magalhães

Roberto José de Fátima Magalhães é graduado em Biologia e Pedagogia. Antes de se dedicar exclusivamente ao magistério na Rede Pública de Ensino e Instituições Particulares, exerceu funções junto a órgãos públicos como o INSS, TELEMIG e os CORREIOS. Atualmente é professor da Etec Pedro Ferreira Alves - Mogi Mirim, onde iniciou no cargo de Diretor de Escola no ano de 1998 exercendo o mandato até o ano de 2004. Atualmente é designado Diretor de Escola da ETEC Carolino Mota e Silva- Espírito Santo do Pinhal. Empolgado e com boa vontade, concedeu esta entrevista demonstrando ter dedicação de sobra ao Ensino Técnico Profissionalizante. Contou que obteve e aproveitou as oportunidades da vida através dos estudos e da dedicação.

“Obrigado e parabéns pelo projeto, vocês estão realizando um sonho meu

e de muitas outras pessoas da escola”.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer e lembrar que eu sou professor desta escola, e estou designado como diretor da Etec Carolino Mota e Silva. Parece-me que as pessoas têm boas recordações da sua infância. As minhas são excelentes! Eu nasci em Monte Belo- MG, na zona rural de Monte Cristo. Lá, eu vivi até os sete anos. Depois, morei em Ribeirão Preto- SP, com a minha avó e um tio que era jogador de futebol. Na zona rural tinha-se muito a fazer. Tinha como brincar. Espaço para correr, laranjeira e jabuticabeira para subir. Tenho muitas recordações da minha infância em Ribeirão Preto- SP. Estudei numa escola excelente chamada Dr. Cônego Barros e na Escola Otoniel Mota. Deixa-me feliz, recordações assim.

Logo na adolescência eu comecei a trabalhar. Meu primeiro emprego oficial foi entregador de farmácia, aos 11 anos. Faz 48 anos que estou trabalhando e ainda não estou aposentado. Para mim, trabalhar e estudar eram uma alegria. Depois, voltei para Muzambinho- MG. Lá, eu estudava e entregava jornais. Isso foi uma grande oportunidade na minha vida, ganhei conhecimento e cultura. Talvez as pessoas não entendessem e vissem isso como um problema. Muitas vezes dei cabeçada no poste lendo os jornais. Depois da entrega, fazia uma coisa que mais me dava prazer, jogava futebol e acho que pelas condições dos exercícios acabei me tornando um corredor. Eu corria pela escola como atleta do grupo de fundo. Em 1972, fui o 3º mineiro numa corrida significativa que antecipava a São Silvestre.

Eu tenho excelentes recordações da minha infância e juventude. Agradeço muito aos meus pais. Minha mãe e meu pai tinham uma preocupação muito grande com os meus estudos. Eram daquelas pessoas, que naquele tempo iam à casa da professora saber o que a gente estava fazendo na escola. Por qualquer pequena reclamação nós éramos prontamente repreendidos demais.

Havia muita dificuldade com a alimentação. Nós éramos sete irmãos. Com muita dificuldade comíamos arroz, feijão, viradinho de chuchu com farinha. De vez em quando tinha um franguinho, uma macarronada. Lembro-me das grandes dificuldades do meu pai e da minha mãe tentando resolver os problemas da economia doméstica. Meu pai era funcionário público e não ganhava tão mal naquela época, mas para sete e somente ele trabalhando era

difícil. Tanto que ele tinha uma segunda profissão, era barbeiro e ficou conhecido em Muzambinho como Antônio Barbeiro.

De Muzambinho tenho muitas recordações e depois de Ribeirão Preto. Monte Belo, eu nasci, mas nunca morei na cidade. As pessoas me perguntam de onde eu sou. Digo que sou de Muzambinho. Ao contrário da minha esposa, que nasceu em Muzambinho e sempre viveu em Monte Belo e diz que é de Monte Belo. Trocamos esses papéis.

Minha mãe preocupava-se tanto com a nossa profissionalização que ainda na adolescência, além de estudar e entregar jornais eu aprendi o ofício de alfaiate. Aprendi a casear, a chulear, pregar botões. Não passei disso. Nunca fui habilidoso com as mãos. Tenho uma grande dificuldade motora. Não fui muito bom nisso e acho que o alfaiate da época desistiu de mim, mas não me demitiu. Depois eu desisti dele. Não era minha profissão. Também fui vendedor de picolé e doces. Mas, a coisa mais difícil que eu já vendi na minha vida foi chuchu, numa cidadezinha que nós moramos por pouco tempo, Conceição do Ouro-Mg. Eu peguei uma cesta de chuchu para vender. Só que todo mundo tinha chuchu em casa. Era impossível vender chuchu naquela cidade!

Mas, eu tentei! E talvez tenha vendido alguns, por pena que as pessoas sentiam de mim, por estar carregando uma cesta pesada. De um modo muito rudimentar consegui vender alguns, o resto virou comida para os porcos.

Minha infância e adolescência são de muita alegria. As minhas recordações negativas representam grande oportunidade de fazer coisas boas na vida.

Casei-me muito jovem, aos 19 anos e na época trabalhava no correio. Passei no concurso para carteiro. Que maravilha! Onde eu fui o único candidato! Lembro-me ter errado uma conta de matemática! Errei uma conta de subtração no concurso do correio quando na época eu dava aula particular de matemática! Não me perdoo até hoje por ter errado aquela conta! Meu pai já era funcionário do correio. O concurso foi em Campanha-MG.

Não respondi o concurso a meu pai. Então fui ser carteiro em Muzambinho- MG e casei-me com a minha esposa Hirlei.

Depois passei no concurso da TELEMIG onde havia muitos candidatos. Fiquei surpreso em saber que eu iria assumir. Tinham dito que havia cartas marcadas e seria outro candidato. Trabalhei por um ano e quatro meses. Tive alguns problemas e saí. Fiquei meio que desempregado. Na época, eu fazia faculdade e tinha um irmão que morava em Mogi Guaçu- SP.

Ele trouxe-me para arranjar um emprego. Havia muito emprego! Mas, ninguém queria me dar. Eu tinha muito estudo e depois eu iria querer sair. Era impressionante! Emprego de braçal e dos mais simples não me davam. Coincidentemente, meu irmão trabalhava no INSS e ficou sabendo que sua colega estava deixando o serviço no Colégio Imaculada, em Mogi Mirim. Fiz uma entrevista. Talvez não pela minha competência, mas pela necessidade do Colégio, eles acabaram me admitindo temporariamente.

Comecei a dar aulas em alguns cursos. Ralei muito para dar aquelas aulas! Talvez, cheguei a preparar 11 horas para dar aula de 1 hora! Foi muito difícil! Mas, graças a Deus foi um sucesso! No ano seguinte passei a ter 50 aulas! Dessa maneira, acabei resolvendo vir morar em Mogi Mirim-SP. Ainda trabalhando no Colégio, fiz um concurso no INSS, passei e trabalhei concomitantemente. Depois fiz um concurso para professor no estado. Na época, o professor ganhava bem! Infelizmente, contava-se muito o tempo de serviço no estado e eu não tinha muito. Fui obrigado a ir a São Paulo. Então de Mogi Mirim eu fui a São Paulo. Mas, essa é outra história.

A minha ida para São Paulo tem tudo a ver com a minha vinda à Etec Pedro Ferreira Alves. Eu passei num concurso para professor de ciências e fui trabalhar em São Paulo. Passar no concurso era uma coisa, escolher a escola era outra. Havia milhares de professores que tinham passado naquele concurso. Eu não podia perder.

Era uma grande oportunidade. A escolha foi na Praça da República. Chegando lá, fui informado que não havia mais nenhuma aula de Biologia no interior. Aquilo para mim foi uma tristeza muito grande! Eu estava sozinho! Apenas com um parente, que me levou até lá. Eu não conhecia nada em São Paulo. Fiquei angustiado! Se não tem no interior, como é que vai ser? Vou ter que escolher na grande São Paulo. Eu tinha muito medo de São Paulo! Achava que era extremamente perigoso! Como hoje em dia, com os seus problemas e tudo. Mas milhões de pessoas vivem lá, e vivem bem! Eu tinha parentes em Osasco. Em minha opinião, Osasco era mais violenta que São Paulo.

Naquela época, eu estava redondamente enganado. Não sei hoje. Mas, como eu achava Osasco violento, resolvi escolher um lugar que fosse próximo a São Paulo, mas que não tinha tanta violência. Na minha vez na escolha, perguntei: Onde é que tem? Tem São Paulo, Osasco, Guarulhos. Guarulhos! Eu achava que Guarulhos fosse perto de Osasco. Uma do lado da outra. Escolhi Guarulhos. Guarulhos tinha excelentes escolas! Hoje, eu já não sei. Tinha duas Delegacias de Ensino. A primeira e a segunda. As escolas da primeira eram centrais, muito bem

assentadas e resolvidas. Eu não sabia disso. E aí? Que escola o senhor quer? Eu não sei! Vai falando o nome das escolas. Falaram vários nomes de escolas excelentes em Guarulhos. Isso eu vim saber depois. De repente disseram: - Tem essa do Jardim Palmira. Falei: - Nome de mulher! Vou trabalhar nessa escola! Quero essa! Acontece que ninguém contou que quando a escola tinha nome de bairro ela era muito nova. Ainda não tinha um patrono. Então, eu fui trabalhar no Jardim Palmira.

Aí é outra história muito interessante. Escolhi e não conhecia. Peguei minha malinha e arranjei onde ficar em São Paulo. Uma pessoa bondosamente cedia-me espaço e comida para eu trabalhar em São Paulo. Fui à escola. Primeiro já errei o ônibus. Na época, achei que Guarulhos tinha uma rodoviária e não tinha. Havia um ponto central e passei do lugar. Foi uma confusão. Esqueci minha mala no ônibus! Tive que pegar um táxi para ir atrás dela! Foi uma tristeza! Acabei chegando ao centro de Guarulhos. Detalhe, a todo mundo que eu perguntava sobre a escola do Jardim Palmira, ninguém tinha a menor ideia de onde ficava. Era uma tristeza! Meu Deus, essa escola não existe! De repente, eu vi (DRE- Diretoria Regional de Ensino). Eu falei: - Lá, mexe com a educação, o pessoal tem supervisor! Vou perguntar para aquele povo. Lá, na época, tinha a DRE e a DE (Delegacia de Ensino). Eu entrei na Delegacia de Ensino e perguntei. Ninguém, nenhum supervisor tinha ouvido falar da escola do Jardim Palmira. Eu falei: - Mas não é possível! Aqui no papel gente! É em Guarulhos! Aí alguém falou: - olha vamos ver lá em cima com um supervisor.

Cheguei no supervisor. Ele disse: -Eu não conheço. Eu nunca fui lá. Mas, eu já ouvi falar (que fulana) - não lembro nome lógico- já estive nessa escola. Ela disse:- nessa escola eu estive uma vez.

Olha só! A supervisora tinha ido uma vez à escola. Deu-me dicas de que tinha que pegar um circular e ir até a Vila Galvão na rua treze de maio. Que deveria ali, pegar um ônibus para o Jardim Palmira. Gente! Eu estava acostumado em Mogi Mirim. Uma cidade bonita, limpa como é até hoje. Quando eu cheguei à Vila Galvão, me assustei! Tive uma impressão terrível! Depois me acostumei. Hoje eu conheço e gosto muito de lá. Mas, achei terrível! Suja, fedida e muitos outros detalhes. Minha esposa Hirlei era muito nova e me acompanhava. Tínhamos deixado os filhos não sei com quem. Como tínhamos que pegar outro ônibus, falei: - Puxa vida, ainda bem que não é aqui esse tal de Jardim Palmira! Acho que é um lugar melhor. Pegamos o ônibus. Olhei e estranhei. Um ônibus sujo de terra, uma coisa estranha.

O ônibus sacolejava para todo o lado! Parecia que estava com os parafusos soltos! Fomos embora! Depois de 4 a 5 minutos acabou o asfalto e o paralelepípedo. O ônibus entrou

numa rua de terra. Só poeira! Hirlei olhava para mim e dizia: -você não vai ficar aqui! Eu já tinha pedido demissão do Colégio Imaculada. Tinha largado tudo aqui. Não tinha mais nada o que fazer. Não tinha mais emprego. Estava desempregado. Era aquilo ou ficava desempregado e ela morrendo de medo. Ela disse: -Vamos embora! Chegando ao ponto final do Jardim Palmira, perto de uma padaria, achamos a escola. A escola não tinha telefone e nenhum orelhão. O único ponto de contato telefônico era dentro da padaria. Não tinha mais nada. Entrei na escola. Fui recebido por um senhor bem trajado de terno. Eu falei: - é o diretor.

Um homem de terno aqui! Não era o diretor coisa nenhuma! Achava que ele era o auxiliar de serviços gerais, atendente de classe ou alguma coisa assim, não lembro mais. Conversei com ele: - A diretora não está, hoje ela não vem. Aliás, não ia muito! A coisa que ela mais fazia era não ir. À noite, jamais! Acho que ela não conheceu a escola à noite.

Eu precisava pegar aula e na época, a gente assumia por uma carga chamada parcial. Era metade das aulas que eu queria. Achei que naquela escola teria muitas aulas. Qual não foi a minha surpresa ao saber que já tinha uma professora efetiva e estava na minha frente. Eu iria pegar o resto das aulas e ficaria só com aquela jornada. Não dava para sustentar minha família. Fazer o quê? Vamos lá! Resolvi assumir e comecei muito a contragosto da minha esposa. Depois, descobri que aquele senhor de terno realmente trabalhava na escola e tinha uma particularidade. Um problema de entendimento. Aquele terno ele usava durante meses e meses, e segundo relatos não trocava. Mas, foi aquele senhor que me atendeu.

Até foi muito solícito. Mas, foram essas coisas que ficaram na minha mente.

Comecei a trabalhar. Uma escola terrível! Mas me dispus a ir aos sábados ficar com os alunos na quadra. Fui fazendo amizade. Apesar de todos os problemas, acabei sendo uma das pessoas protegidas até pelos criminosos do lugar. Foi uma coisa incrível ter vivido lá! Acabei fazendo muita amizade! Lembro-me que fiz no dia das crianças um jantar. Pessoalmente, fiz a comida para os alunos do noturno. Não tinham nada. Aquilo para eles foi uma coisa muito significativa. Fizemos uma festa de formatura maravilhosa. No dia 22 de maio, não lembre qual ano, eu tive a grata surpresa de um aluno também fazer o bolo do meu aniversário! Esse menino fazia bolo muito bem! Foi muito marcante! Na realidade, ter vivido no Jardim Palmira foi para mim muito marcante.

Por necessidade de trabalhar mais eu pedi remoção para a escola Cerqueira César onde eu tive excelentes momentos. Foi lá que eu comecei a minha vida na área de gestão. Eu era professor de ciências só que o diretor precisava de um doido que assumisse a APM e eu fui o

doido. A APM estava com dívidas e nós tivemos que fazer uma festa junina. Eu sei que nós fizemos um trabalho. Tínhamos uma dívida relativamente grande. De 400, eu não lembro qual era o dinheiro, passamos a ter 600 em crédito. Pagamos tudo o que devíamos e tivemos uma festa maravilhosa. Daí para frente eu comecei a envolver-me muito com a parte administrativa. Fui trabalhar numa escola em São Paulo chamada Dom Bosco.

Na realidade foi assim que eu vim para Mogi Mirim e fui embora para São Paulo. Mas, esqueci de dizer, tenho um relato interessantíssimo da época que morei em Mogi Guaçu. Eu trabalhava no INSS e já estava dando aulas nas escolas públicas. Trabalhei em São João da Boa Vista. Em 1977, fui dar aula aos sábados na Etec Dr. Carolino Mota e Silva. Foi nesse momento, que conheci a escola agrícola de Pinhal. Apaixonei-me pela escola. No mesmo ano, dei aula aqui no Pedro Ferreira Alves. Era num único dia da semana, às quartas feiras, eram duas aulas. Numa classe de 50 homens. Era aula de Programa de Saúde. Lembro-me que cabia muito mal os alunos. É a mesma sala onde hoje está o laboratório 1. Tinha 50 meninos.

Essa época foi muito interessante. Afinal de contas a gente não sabia nada! Eu peguei aulas no bairro Nova Louzã, em Mogi Guaçu. Assumi as aulas. Eram noturnas. Eu imaginei que devia ter jeito de ir e voltar com tranquilidade. As aulas começavam mais cedo e quando eram 9 horas da noite elas acabavam. As aulas eram justamente depois do intervalo. Quando terminava a aula em Nova Louzã, zona rural, eu ia para pista e não tinha mais ônibus. O pessoal da faculdade que voltava de ônibus, de Espírito Santo de Pinhal à Mogi Guaçu passava às 11 horas da noite. Às vezes, se tivesse visibilidade e eles me vissem eu voltava com eles.

Se não, eu ficava ali tentando uma carona. Algumas vezes tive que voltar a pé de Nova Louzã até Mogi Guaçu por que não tinha como voltar. Era a única oportunidade e nem por isso perdi um único dia de aula em Nova Louzã. Lá ministrei todas as aulas. Fiz um esforço tremendo para não faltar. Aliás, não faltava aos sábados em Espírito Santo do Pinhal até por que eu precisava do dinheiro. Era o ganha pão. Depois dessa questão, dei aula no Colégio Imaculada. Depois fui à São Paulo. Eu mudei um pouquinho a história.

Em São Paulo eu fiquei aproximadamente 10 anos. Mas, o meu sonho sempre foi voltar ao interior. A minha cidade era Mogi Mirim. Sempre quis isso. Houve um tempo que desisti de ser professor. A coisa andava ruim. Resolvi ser construtor de casas. Pedi demissão, peguei meu fundo de garantia e comecei a construir uma casa junto com o meu cunhado que era pedreiro. Pensei que construiria uma casa e venderia. Depois compraria outra. Achei que fosse fácil. Trinta dias depois meu cunhado pediu demissão e desistiu do projeto. Fiquei sozinho.

Perguntei: - o que eu vou fazer na vida? Voltei a procurar emprego. Quem me deu o emprego foi o Colégio Imaculada. Devo muito da minha vida a ele. Mas, quando eu voltei para cá não voltei sem nada. Quando desisti de ser professor e meu cunhado de ser construtor e me deixou na mão, sozinho. Um dia passando pela mesma DRE, no mesmo lugar que começou a história, em Guarulhos, lembrei-me de um concurso de biologia que tinha feito há um tempo e não fui chamado. Eu estava desempregado passei por lá e me disseram: - Nesse final de semana vai ter a escolha! Qual é a sua classificação? Gente! Minha classificação era terrível. Três mil e tanto. Eles falaram: -Não! O senhor está sendo chamado. Como? Eu! Nossa que benção! Seja o que Deus quiser. Vou escolher onde tiver vaga.

Na época tinha vaga na escola Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Pedro Ferreira Alves. Aquilo para mim foi a maior alegria do mundo. Escolheria na Pedro Ferreira Alves! Vocês não imaginam a minha felicidade! Escolher aula aqui! Isso foi no mês de junho depois de um período de greve demorado. De repente, escolhi o Pedro Ferreira Alves e achava que tudo estava previsto para começar em agosto. Que nada! Eles atribuíram. Só que o exercício foi em fevereiro do ano seguinte, em 1990, e não em agosto do ano de 1989. Voltamos com a previsão de assumir as aulas. Pedi emprego no Colégio Imaculada. Deram-me o emprego de novo. Na época, dava algumas aulas como eventual. Dei aula no Valério Strang, no Coronel Venâncio, no Ernani Calbucci. Corri atrás. Comecei a fazer salgadinho e vendia na rua. Passava vendendo salgadinho nos bancos. Eram três filhos para criar e ainda pagava aluguel. Aí a coisa melhorou. Essa é a história até eu chegar aqui. Daqui para frente acho que vocês é quem vão perguntar.

Etec Pedro Ferreira Alves



Vagner Braz

Vagner Braz. Cientista Social (Licenciatura 1998) (Bacharelado 2004) Unesp Araraquara/FCL. *Atou como Professor de Sociologia para o Ensino Médio na Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo na cidade de Mogi Mirim. Lecionou as disciplinas de História e Projetos na Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves do Centro Paula Souza, também desenvolveu trabalhos de ação e cidadania junto aos alunos na função de professor e coordenador do Ensino Médio na escola. Atua como professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, Ética e Cidadania Organizacional no Ensino Técnico. Desenvolve atividades junto à Secretaria Acadêmica da Escola Técnica, como Diretor de Serviços para Assuntos Acadêmicos.*



Rogério Mazzola

Rogério Mazzola. Em 1940 ingressou na antiga Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo, por opção no curso de mecânica. Seu papel ao longo dos anos, acima de tudo foi de um apaixonado e apaixonante educador. Paralelamente ao trabalho na direção do Ginásio Industrial Estadual Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim. Lecionou na Escola Estadual Francisco Picolomini, em Mogi mirim, dando aulas de Desenho. Participou também da área secundária acadêmica. Deu aulas na FEG em Mogi Guaçu e também na faculdade de Mogi Mirim. Participou de todas as áreas: no ensino profissionalizante, no ensino acadêmico secundário e no ensino superior. Foram experiências diferentes, mas seu coração sempre pendeu para o ensino técnico profissionalizante.

Tenho uma grande satisfação em dirigir algumas palavras, principalmente porque minha vida confunde-se com o ensino técnico industrial.

Estou aposentado há quase dezoito anos, gozando das delícias da aposentadoria e do descanso, mas jamais me distanciando ou me separando do ensino técnico industrial através da Escola Técnica Pedro Ferreira Alves. Essa escola onde fiz e deixei muito amigos. Onde hoje tenho grandes amigos com os novos professores e com a nova direção enfim com a coletividade integral da escola.

Sou oriundo do ensino técnico, do antigo ensino profissional. Em 1940, aos doze anos morava no bairro da Mooca, em São Paulo, e através de provas de admissão da época, ingressei na antiga Escola Técnica Getúlio Vargas de São Paulo, por opção. Havia inúmeras possibilidades de cursos, procurei aquele que mais me identificava, o curso de mecânica.

Naquela época existia o que se chamava de o ano vocacional, hoje primeira série do ensino médio. Era um ano onde o aluno passava por diversas atividades profissionais, tendo sempre aulas teóricas de todo o ginásio comum e mais a parte da oficina, portanto o ensino era integral, período da manhã e da tarde.

Aqueles alunos com onze e doze anos já estavam frequentando aquilo que hoje é a escola técnica, mas que naquele tempo era escola profissional. Na época o nome certo era Instituto Profissional Masculino. Esse instituto localizava-se na rua Piratininga número 105, no Brás. O Instituto Profissional Feminino, totalmente separado, encontrava-se na rua Monsenhor Andrade também no Brás.

Como dizia, o ensino vocacional dentro do primeiro ano de atividade, identificava o aluno para as profissões que ele desejasse. Optei por mecânica que na época era mais concorrida e mais difícil. Como um grande número de alunos, eram identificados aqueles que melhor estavam classificados. Tive essa felicidade. Frequentei de 1940 a 1943, os quatro anos de ensino profissionalizante de mecânica. Terminado o curso, frequentei também na mesma escola, através de exames de admissão, como é feito hoje regularmente, o curso técnico de mecânica. Na época era um curso muito concorrido, porque não recebia só alunos das escolas profissionais, mas também do ensino secundário acadêmico predominante na época. A concorrência era muito grande, também tive a felicidade de participar desse curso e me formei em 1946. Com o estágio do último ano do curso, passei a trabalhar na indústria particular, a partir do segundo como funcionário efetivo da empresa. Trabalhei por cinco anos na área técnica da Máquinas Bromberg

Limitadas, indústria alemã que na época, ao final da segunda grande guerra, fabricavam material bélico para as forças aliadas.

Fui nomeado interinamente como professor da área de mecânica na escola técnica hoje João Belarmino. Na época chamava-se popularmente de Liceu de Amparo. Era um tipo de imitação ou de paralelo ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. A escola técnica de Amparo foi uma das quatro pioneiras do ensino técnico, ensino profissionalizante da época. Foi instalada no estado de São Paulo, juntamente com a Escola Técnica Getúlio Vargas e mais as escolas profissionalizantes de Rio Claro e Franca. Foram as quatro primeiras instaladas em 28/09/1911, portanto, mais de um centenário. Em setembro vamos comemorar 102 anos de ensino profissionalizante no estado de São Paulo.

Como professor da Escola João Belarmino de Amparo, fiquei vários anos. Depois fui removido para Escola Técnica Bento Quirino de Campinas, ficando lá uma temporada. Posteriormente como um cigano que não parava em lugar nenhum, fui para escola técnica Trajano de Camargo de Limeira e novamente voltando para João Belarmino de Amparo.

Ganhei uma bolsa de estudo em São Paulo, patrocinada pelo próprio departamento de ensino técnico, no instituto pedagógico do ensino profissional. Fiquei dois anos em São Paulo ainda morando em Amparo. Paralelamente ao curso que era só noturno fui dar aula na escola que me formei. Por dois anos lecionei na escola Getúlio Vargas, sempre na área de mecânica. Concluindo esse dois anos em São Paulo, voltei para Amparo. Através de um convite feito pelo diretor do Departamento de Ensino Técnico, o professor Valter Costa já falecido, me indicava para vir para a escola de Mogi Mirim. Uma escola onde havia um prédio cercado totalmente de matagal e era uma parte do instituto masculino de menores de Mogi Mirim. Para cá eu vim no ano de 1962. Lembro-me bem que antes da data do início do meu trabalho, da minha investidura no cargo de diretor, outros colegas já haviam vindo para Mogi Mirim e sentiram de perto as dificuldades que a escola teria e acabaram desistindo. Quer dizer! Não fui privilegiado de ser o primeiro escolhido para fazer um trabalho aqui em Mogi Mirim, já havia quatro pessoas antes de mim e essas quatro pessoas desistiram por se tratar de uma tarefa árdua.

Concentrei-me muito junto a minha família, principalmente a minha esposa, pensando se deveria ou não aceitar, pois era um professor efetivo em Amparo, com casa própria com os filhos pequenos, todos próximos de mim, enfim uma vida bem estabilizada. Para que deixar todo aquele conforto e vir para Mogi Mirim, viajar diariamente sem saber se era possível ou não instalar essa escola. Aceitando o desafio. O próprio diretor geral do ensino técnico na época me falou: – Olha é uma tarefa árdua. Você vai encontrar dificuldades imensas! Você não vai para

uma escola que está planejada! Você não vai para uma escola que está definida já o seu funcionamento! Você vai para uma escola que não existe nada, só prédio, sem nenhuma previsão de dotação orçamentária! Sem nenhuma previsão de compra de equipamento, mesmo os elementares para as aulas teóricas, quem dera aqueles para as aulas técnicas práticas, que são equipamentos valiosos, ferramentais caríssimos! Não há previsão de nada. – Mesmo assim pela minha teimosia, acabei aceitando e vim para cá, em 17/09/1962. A partir daí fui pelo menos procurar a chave da escola. Aonde está essa chave? Como se abre esse prédio? Ninguém sabia! O próprio prefeito de Mogi Mirim da época, Luiz Franklin Silva, foi uma pessoa maravilhosa, que tanto ajudou a escola, ele mesmo não sabia onde estava a chave. Quem foi que construiu? Onde estava o empreiteiro? Em São Paulo não sabiam! Era ou não era da secretaria da educação! Era da justiça, porque o Instituto Masculino de Menores possuía o terreno que pertencia a Secretaria da Justiça! E aí com muito custo descobri que essa chave estava em Espírito Santo do Pinhal, local da residência do empreiteiro que construiu a escola.

Este empreiteiro de posse do prédio terminado, que era através do Departamento de Obras Públicas do Estado, ninguém quis receber a chave da escola, porque era uma verdadeira bomba, quem recebesse tinha que assumir todo esse patrimônio. Nem a Prefeitura de Mogi Mirim, nem a Câmara Municipal, nem qualquer órgão da educação recebia ou quis receber a chave. Recebi a chave lá em Pinhal, um monte de chave, um emaranhado de chaves. Vim para cá e tentei abrir a porta da frente, a porta principal, até que encontrei essa chave e quando adentrei a escola fiquei apavorado, via morcego morto, rato morto, escorpião, enfim era um abandono total. Os vidros totalmente depredados, estilhaçado por todo canto, cacos de vidro por dentro da escola. Corri os outros prédios, eram cinco prédios. A escola possuía originalmente um terreno de doze mil metros quadrados e com uma construção de três mil e trezentos metros quadrados, dividida em cinco blocos sendo o primeiro bloco da administração e das salas de aulas de dois pavimentos. O segundo é o local do recreio atualmente. O terceiro seria da oficina mecânica e da oficina de forja e uma parte da fundição, assim foi construído. O quarto que é o prédio grande, as oficinas de marcenaria e outros tipos de atividade que não fosse da mecânica. O último prédio eram quatro salas, não eram de aulas, mais para depósitos ou até para moradia de zelador.

O prédio estava nessas condições. O que eu tinha de fazer? Inicialmente nas minhas idas e vindas a São Paulo ao Departamento de Ensino Técnico, que era o responsável, minha chefia. Queria saber o que tinha que fazer! Eles próprios diziam: – Não sei o que tem que fazer! Você vai saber o que deve ser feito!

Sabendo que já estávamos no final 1962 e todo empenho (empenho é um documento que se destina a registrar o comprometimento de despesa orçamentária, obedecidos aos limites estritamente legais não poderia ser para 1963 e sim a partir de 1964. Pensava comigo mesmo! Meu Deus o que eu vou fazer aqui? Este povo está querendo a escola! Querem uma escola profissionalizante! Tenho o prédio mas não posso fazer nada!

Parti para outras escolas, através de contatos que sempre tive com colegas diretores. Por exemplo: de Sorocaba, Campinas, Jaboticabal, a própria Escola Técnica Getúlio Vargas e Amparo que lecionei. Procurava junto aos diretores materiais inservíveis para eles, mas que pudesse absorver e deste modo montar nossa escola. E foi assim sendo, fazia uma verdadeira peregrinação. Com o caminhão da Prefeitura de Mogi Mirim ia nessas escolas retirando esses materiais. Lembro-me que, em Sorocaba tinha seis bancadas de mecânica, cada bancada com seis morsas. Foram as primeiras coisas que trouxe para Mogi Mirim e igualmente foram máquinas, furadeiras, os primeiros tornos já usados. Teria o mínimo para iniciar, pelo menos o curso teórico! Dois conjuntos de carteiras que foi emprestado pelo próprio inspetor do ensino primário da época, professor Constantino Alves. E assim foi montada uma escola, com materiais velhos, mas pensando acima de tudo, iniciar.

Pensava! Conseguir iniciar essa escola vai fazer com que a própria comunidade de Mogi Mirim tenha interesse. Já havia muito interesse. Vão me ajudar muito mais. E sendo assim o próprio órgão oficial em São Paulo terá que tomar as medidas necessárias. E vocês podem ler na comarca que está saindo ultimamente, temos tido as notícias de cinquenta anos atrás e lá eles citam: A escola vai funcionar inicialmente com o curso masculino, apenas parte teórica. Assim vai acontecer até 2014, quando for o cinquenta anos que iniciamos.

Essa é a história da escola quando íamos iniciar o primeiro curso profissionalizante da época, curso industrial masculino com duas classes. Curso ginásial classe A e B no período integral. Iniciávamos curso ginásial oficial, o ginásio industrial equivalente ao ginásio acadêmico. Iniciei no final de 1962. Em 1963 foi aquela luta tremenda para conseguir alguma coisa, portanto daqui alguns meses, faremos o cinquentenário praticamente do início das atividades escolares. Em 12 de março de 1964, iniciávamos as atividades escolares e paralelamente com esse período diurno, instalávamos o curso de Desenho Mecânico à noite. E nesse curso de Desenho Mecânico, precisava de professores especializados na área de mecânica. Porque era a parte fundamental, o pulmão do curso, as aulas de desenho. Prometido para alunos para iniciar as aulas.

Os alunos chegaram nesse dia, não tinha professor. A única pessoa habilitada da escola para dar essas aulas era eu mesmo. O que fazia! Colocava o servente e o escriturário que tinha, no período da noite também, ficavam atendendo o público. Subia para aquela sala grande onde dava

aula de desenho e os casos mais difíceis eles me levavam lá na sala de aula, interrompiam, pedia licença para os alunos, uma classe adulta. Quantos empresários de hoje, prefeitos, vários foram alunos lá e esse pessoal era exigente. Estavam lá não para brincadeira. Tinha que deixá-los com uma impressão de que era uma escola séria, uma escola de trabalho.

Tive que fazer isso durante três meses. Dando as aulas no período noturno e atendendo o público na própria sala de aula e também trabalhando durante a dia, até que chegou um professor habilitado, veio comissionado de Bragança Paulista, professor Alberto de Carvalho Filho. Foi a pessoa que passou a dar as aulas. Causou-me um alívio, pude dedicar-me mais à parte administrativa.

E assim foi, a escola nasceu do sacrifício, teve o início conturbado mas cheio de vontade, cheio de atração pública.

Lembro-me bem dos primeiros professores, professora Celina Solto Dante, professora Ilsa Seixá Pereira, professora Odila Batalia, professora Virlei Ferrarini da Silva, professora Nirce Oliveira, foram as que iniciaram juntamente comigo. Professor Jessé, que foi de educação física. Enfim inúmeros, o professor José Benedito Mendes de Oliveira, que hoje tem a nora dele Cristina, como professora da escola. Professor Alberto de Carvalho Filho. Professor João Luís de Moura Giraldo, pai do atual diretor da Fatec, professor André. Professor Edson Domingues que morava em Campinas e lecionava aqui. Enfim esses primeiros professores que hoje encontramos alguns por aí, embora muitos já partiram. Foram aqueles baluartes que iniciaram a escola.

Eu tinha por lema, o trabalho acima de tudo era o aluno, a valorização do aluno era muito importante. Em uma ocasião nunca esqueço, recebi até uma crítica de um professor numa reunião de professores, criticando a direção da escola. Pois a direção considerava o servente igual ao professor. No fim de toda essa polêmica que se criou na época, dei um esclarecimento. Dizendo o seguinte, essa crítica foi o maior elogio que havia recebido em minha vida, porque se considerasse um professor tanto quanto um servente como ser humano era muito importante! Falava o seguinte, que a pessoa de menor importância na organização escolar era o diretor da escola, porque o diretor pode faltar. Ele tem alguém que substitui. O professor! Se ele faltar, importante que tenha algum substituto, se não tiver, o aluno vai ficar fora de aula. Se um servente não limpar o banheiro, ele é mais importante ainda. Cada um teria a sua importância. Isso foi a filosofia do início da escola, a valorização do ser humano partindo principalmente para o aluno, com respeito, com dignidade e com autoridade.

E isso foi o que ocorreu na minha vida profissional até me aposentar definitivamente em 31 de dezembro de 1995, quando passei a direção da escola para a professora Leila Ferracioli

lazzetta e, posteriormente, veio o professor Roberto José de Fatima Magalhães, professora Hirlei Felicidade Assunção Magalhães e atualmente o professor Felipe Duran Gonçalves, o qual eu tive a honra de conhecê-lo recentemente.

Bom o meu papel acima de tudo foi de um educador, um apaixonante educador sempre ligado ao ensino técnico. Veja bem, paralelamente ao meu trabalho na direção da escola, lecionei na Escola Estadual Francisco Picolomini, aqui de Mogi mirim, dava aula de Desenho. Participei também da área secundária acadêmica. Dei aula também na FEG de Mogi Guaçu. Dei aula também na faculdade de Mogi Mirim na área administrativa, estrutura e funcionamento do ensino do primeiro e segundo grau. Deixei de dar aulas porque era muito acúmulo de trabalho. Mas tive uma satisfação grande de participar de todas as áreas, no ensino profissionalizante, no ensino acadêmico secundário e no ensino superior. Foram experiências diferentes, mas o meu coração, a minha direção era sempre para o ensino técnico profissionalizante.

Um dos meus filhos, o mais velho, não porque na época não existia, mas o meu filho mais novo frequentou a Escola Técnica Pedro Ferreira Alves. Era aluno e eu fui diretor.

A minha esposa foi escriturária, secretária e professora da escola, envolvida também juntamente comigo e com a família. E meu neto, no final de 2012, se formou na Fatec aqui de Mogi Mirim, Fatec Artur de Azevedo, formou-se em Mecânica de Precisão. Mais do que provado está que minha vida foi sempre voltada a ensino profissionalizante.

Como disse, há quase dezoito anos que me desliguei da escola, acho que não há um dia que não tenha um motivo para estar ligado com todo esse pessoal, vinculado ao ensino profissionalizante aqui de Mogi Mirim. Haja vista a presença de você aqui. Haja visto, o contacto que eu tive, e recentemente tenho com o novo diretor, professor Felipe o qual eu tive a honra de conhecê-lo. A amizade e o intercâmbio que tenho também com o professor André Giraldi, que além de nosso amigo é diretor da Fatec, enfim estou envolvido até o final da minha vida com o ensino técnico.

Poxa vida, acho que falei até demais. Não sei se falei muito! Queria ter a satisfação de agradecer a vocês, professor Vagner Braz e professora Fabia Dovigo Pais e a tantos outros professores, que quando deixei a escola, vieram posteriormente à minha saída. Tive uma grande honra em receber a homenagem em 17 de setembro de 2012, quando fez cinquenta anos que eu vim para Mogi Mirim. E terei a satisfação de participar também do cinquentenário de fundação em 12 de março de 2014. De agradecer essa gentileza que vocês tiveram, essa deferência toda especial, inclusive para provar tudo o que ocorreu desde 1940. Eu tenho aqui e vou mostrar para

vocês agora uma homenagem que o ensino técnico, o Centro Paula Souza fez sobre os noventa anos do ensino técnico que ocorreu em 2001. Tem uma fotografia de um quadro onde está o diretor da Escola Técnica Getúlio Vargas, o professor Alfredo de Barros Santos, que é um baluarte do ensino técnico. Nessa fotografia onde ele está junto com os professores, estão lá centenas de alunos e eu me encontro lá no meio. Tive a satisfação de me identificar nesse álbum, nessa homenagem. Está escrito embaixo da foto sem data. Eu acrescento a data era 1940. Muito obrigado.

Etec

Profª Marinês Teodoro de Freitas Almeida

Novo Horizonte/SP



Etec Prof^a Marines Teodoro de Freitas Almeida



Daniel Bruno da Silva

Daniel Bruno da Silva é licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade Faceres de São José do Rio Preto, e pós-graduando em Sociologia Política na mesma instituição. Professor do Ensino Médio nos componentes curriculares de História, Sociologia e Filosofia nas Etecs do Centro Paula Souza, onde está vinculado desde 2010. Também leciona Ética e Cidadania Organizacional nos cursos técnicos. Juntamente com dois professores da Etec de Novo Horizonte, elaborou e executou em 2012, o Projeto de HAE, “Participação Social nos Gastos Públicos de Novo Horizonte”, cuja experiência relatada num artigo, foi apresentada no Congresso Internacional de Pedagogia, em fevereiro de 2013, na cidade de Havana, Cuba. Atualmente trabalha no projeto HAE “Viabilizando a Participação das Associações de Bairro em Audiências Públicas Orçamentárias”.



Almério Melquíades de Araújo

Almério Melquíades de Araújo. Possui graduação em Física pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras Prof. Carlos Pasquale (1991) e mestrado em Educação (Supervisão e Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995). Pesquisador da área de Currículo em Educação Profissional e Tecnológica. Membro da Comissão Executiva do Fórum da Educação Profissional do Estado de São Paulo. Desde 1997, é Coordenador da Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza respondendo pelos Grupos de Elaboração e Reformulação Curricular, Capacitação Continuada de Docentes, Educação à Distância e Supervisão Educacional.

“Os professores passaram a indicar seus coordenadores, quando antes era o diretor quem indicava praticamente. E a questão da participação, é uma coisa muito mais intensa porque a indicação do coordenador de curso é uma coisa que todo ano tem a votação, tem a seleção pública dos coordenadores pedagógicos”.

Almério Melquíades de Araújo é coordenador de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza e foi entrevistado pelo professor de História da escola técnica de Novo Horizonte, Daniel Bruno da Silva, na nova sede da instituição, em Santa Ifigênia, na capital, em São Paulo.

Daniel iniciou a entrevista lhe perguntando: - O senhor foi professor nas escolas técnicas no período militar?

E então Almério lhe respondeu: - Durante o período chamado de Ditadura ou Regime Militar, que foi de 1964 a 1985, eu não dei aulas em escola técnica, trabalhava em escolas particulares. Eu comecei a dar aulas nas Etecs em 1983. Agora, que o ensino técnico sofreu impacto no período do Regime Militar, é real, claro! Houve uma legislação que foi o marco, e que é de 1970, um dos períodos mais duros do Regime Militar. Nós tivemos uma mudança significativa no modelo de ensino técnico, ou na forma dominante de oferta de ensino técnico que a partir da edição da Lei Nº 5692/71 transformou o ensino na época chamado secundário. O colegial, hoje ensino médio, passou a ser obrigatoriamente vinculado com uma formação técnica. Para fazer uma analogia, hoje nós chamamos de ensino técnico integrado ao médio. Isso que está voltando, e ganhando maior intensidade hoje, mas que não alcança mais que 20 a 25% da oferta global do ensino técnico, mas que em 1970, mais de 40 anos atrás, acho que você não era nascido, ele virou a oferta obrigatória. Todo o ensino médio se transformou em ensino técnico integrado ao médio. Porque até então você tinha o ensino técnico integrado ao médio, mas ele era uma alternativa para o ensino médio.

Havia o ensino médio regular como se tem hoje, e, o técnico integrado ao médio. Em 1970, deixou de existir o médio que nós chamamos de regular e passou a existir exclusivo - o técnico integrado ao médio. Isso foi uma medida no governo militar em face ao chamado milagre brasileiro, onde o Brasil passou por uma fase mais intensa de industrialização, um processo acelerado de substituição de produtos industriais importados para a produção local. Quando surgiu, ou melhor, ampliaram-se as montadoras, a produção de automóvel, a indústria em geral. Os anos da década de 1970 foram marcantes na urbanização. Todo esse crescimento das cidades,

do processo industrial, fez com que o governo militar respondesse à necessidade de formação profissional, obrigando todo aluno de curso médio ou secundário a ter uma formação técnica. Isso para reduzir também a pressão que existia pela ampliação do ensino superior público, já que na época o ensino superior privado era menor, não tinha o peso que tem hoje. Era basicamente público e, particularmente, federal. Então isso era uma pressão política sobre o governo federal que ele tentou também, dentro desse contexto de se transformar todo o ensino médio em técnico, não só atender a demanda dos setores industriais, do desenvolvimento, da urbanização no Brasil, como também reduzir a pressão pela ampliação do ensino superior, que depois se resolveu pela privatização, que hoje responde por uns 80% do ensino superior.

Com isso houve de fato uma política que impactou no ensino técnico. Foi uma preocupação de responder a essa demanda de urbanização, industrialização, essa revolução industrial que nós estávamos passando, e reduzir a pressão pelo ensino superior.

Então houve esta proposta, aparentemente generosa de dar ensino técnico para todos, mas que resultou num certo fracasso porque não tinham professores, não tinha infraestrutura. Nas escolas, nem tinham o desejo de todos os estudantes de fazerem curso técnico, como não tem até hoje.

A maioria queria fazer o ensino médio, depois decidir o que fazer em termos profissionais, um curso superior ou técnico. Essa talvez tenha sido a reforma na educação profissional de todos os tempos, a de maior impacto, seja ela negativa ou positiva. Foi um projeto nacional que gerou um aumento significativo do ponto de vista quantitativo, mesmo que do ponto de vista qualitativo deixasse a desejar. Todo jovem que fez o ensino secundário nos anos 1970 teve acesso à educação profissional.

Daniel: - Na época, como o senhor percebeu a influência ideológica de um grupo específico do Brasil, ou seja, do Governo Militar nessa política educacional?

Almério: - Eu não dava aula na época. Eu trabalhava em outras coisas. Assisti e participei, mas não como professor de ensino técnico. Eu comecei a dar aulas a partir de 1975, mas em escolas particulares, e só vim a dar aula no ensino técnico em 1983. Eu peguei o finalzinho do último governo militar quando comecei lá no bairro da Mooca, a dar aulas na ETEC Professor Camargo Aranha.

Daniel questiona: - Já era agregada ao Centro Paula Souza?

Almério: Já era agregada, por volta de 1982 e 1983, e eu fui dar aula lá em 1983. Agora, você me perguntou que ideologia, pensamento, em termos de visão de desenvolvimento do país. Predominava uma ideia de desenvolvimento capitalista que veio no bojo do movimento de 1964, do Regime Militar, em contraposição ao governo derrubado, de João Goulart, que pregava um sistema de maior participação social, de movimento dos sindicatos, das associações camponesas, enfim, havia um movimento social nos anos 60 das reformas de base. De 1961, quando o Janio Quadros renunciou, até 1964, quando ele (João Goulart) governou, houve uma grande ebulição no país por reformas da educação, a reforma urbana, e foi quando começaram a surgir os BNHs... Hoje isso é comum, na época isso era o início do uso do fundo de garantia, tudo isso foi nos anos 1960. E o Jango (João Goulart) foi derrotado nessa proposta de reformas: reforma agrária, reforma urbana, reforma da educação, enfim... Isso foi derrotado por um movimento conservador, liderado por civis, como Carlos Lacerda, Magalhães Pinto... Havia uma liderança, Ademar de Barros, em São Paulo...

Eram lideranças civis, havia uma forte manifestação chamada “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade”, que os militares aproveitaram e deram o golpe. Depois, quando houve o recrudescimento do regime militar, toda essa liderança que incentivou e motivou o golpe foi cortada, e como se diz: - cassada.

E, esse movimento tinha como grande ideólogo no plano econômico, Roberto Campos, que era o ministro da Fazenda, e que já tinha produzido muitos livros. Tinha o Otávio Bulhões, o Delfin Neto, que era ministro, e é ainda hoje, está aí ainda. Na época, era a cabeça de todo o projeto econômico, e hoje, é conselheiro da atual presidente.

Mas era essa ideologia que você chama de Liberal, Neoliberal, de um Estado menos envolvido, a ideia de que o mercado é que determina tudo... Essa discussão vem lá dos anos 1960, e o movimento de 1964 foi uma vitória desse grupo liberal. E é claro, quando você tem esse movimento, que tem o caráter mais econômico, você tem lá os ideólogos da área da educação, no plano social, enfim...

Daniel pergunta: Professor Almério, o senhor avalia que houve uma influência dessa ideologia na prática do professor e que determinasse a formação do profissional formado nas escolas técnicas.

Almério: Quando se tem um regime militarizado, conseqüentemente hierarquizado, isso faz com que na escola haja uma direção mais rígida, e o professor também, que dialoga menos... Não é a toa que os pedagogos associados ao discurso da pedagogia freiriana, são contrários a este modelo de escola dura, muito centrada na hierarquia, tendo como centro o professor. O discurso

freiriano que passa a influenciar bastante a escola brasileira, a partir dos anos 1980, propõe o contrário: o professor é um orientador de estudos, você tem que saber quem são os alunos, e que você tem que dialogar mais. O ensino é um processo de mão dupla, enfim... Você não pode achar que o aluno está ali para receber informações simplesmente, os alunos são diferentes, eles precisam ter tempo, espaço para expressar as suas dúvidas, os seus conhecimentos também. O professor precisa ter a humildade para saber que ele também aprende no momento que ensina. Esse discurso se contrapunha ao modelo de ensino mais verticalizado, que tinha como centro o professor, que cumpria os conteúdos contidos no livro didático e no currículo. Se você está vivendo numa sociedade que é mais fechada, a escola também tende a passar certos valores mais conservadores. A escola até certo ponto, reproduz a ideologia vigente. Os pais também querem formar seus filhos para se adequarem àquela sociedade posta, e que está dada. Então eu acho que teve muita influência sim, sem dúvida nenhuma!

Daniel: - O senhor citou a concepção de educação do Paulo Freire, que pressupõe uma interatividade maior entre professor e aluno, e nessa época percebe-se que isso quase não houve? Mas o Centro Paula Souza preza muito por essa concepção, tanto que temos institucionalizado a “Semana de Paulo Freire” para tornar conhecida e refletir sobre essa educação freiriana.

Nesse período, quando terminou a Ditadura Militar, o senhor percebeu se houve uma mudança que acompanhou essa nova concepção, ou houve uma permanência da prática docente por conta dos 21 anos influenciados pela concepção do Governo Militar?

Almério: - Sim, houve mudança. Já havia uma situação de abertura política, era o governo Sarney, um governo eleito indiretamente. Mas já era o primeiro governo civil depois de mais de 20 anos de militarismo. Nós introduzimos o processo de eleição para diretores, com a participação de alunos, professores, e funcionários. Na verdade eu já coordenava naquela época, e nas 12 escolas isso foi aceito normalmente, coisa que talvez 10 anos antes não fosse aceito!

Daniel: - Isso foi em que ano?

Almério: - Entre 1988 e 1989, e isso existe até hoje. Na minha gestão eu propus isso e foi aceito pelo conselho deliberativo, e nós também criamos uma revista para discutir os problemas da escola. Nós criamos na época os jogos “INTERETES” (jogos entre as escolas técnicas do Centro Paula Souza) para promover encontros esportivos e culturais, envolvendo quatorze escolas que nós tínhamos na época. Nós criamos esse processo de educação continuada para professores, e que hoje é considerado uma conquista. Assim como as revistas, nós criamos os projetos de HAE, e

tudo isso foi feito no final dos anos 1980, pós-ditadura, no governo civil. Claro que isso não era obrigado. Teve instituição que continuou repetindo o modelo tradicional. Os professores passaram a indicar seus coordenadores, quando antes era o diretor quem indicava praticamente. E a questão da participação, é uma coisa muito mais intensa porque a indicação do coordenador de curso é uma coisa que todo ano tem a votação, tem a seleção pública dos coordenadores pedagógicos. Quer dizer: as coisas ficaram mais abertas, transparentes a partir do fim do Regime Militar. Creio que essas mudanças não seriam possíveis se vivêssemos numa ditadura.

Daniel: - Que perfil você definiria o profissional formado no período da ditadura?

Almério: - Eu não dava aula no período, dos anos 1960 a 1970, em escola técnica. Mas no caso da formação do técnico, se tem uma influência muito grande das relações no mundo do trabalho. Quer dizer: claro que você formava um técnico que ia atuar dentro de uma indústria ou numa farmácia ou dentro de um hospital, dentro de uma visão mais hierarquizada, aquela coisa de você seguir mais as ordens, as normas, e ser menos contestador.

Não é que a pessoa fosse estúpida, ela tinha menos espaço para se colocar. Hoje é estimulado. Hoje a empresa diz: Opa! Quero saber da tua opinião! Tem uma caixinha de opinião aqui, porque eu quero tirar de você também a sua criatividade, o que você pode melhorar no processo, no produto, e assim por diante.

Antes não era muito mais assim. Quem pensa é a gerência. Tem os engenheiros, os diretores, e o setor operacional. Como o próprio nome diz, são pessoas para fazer, não é? Não se está impedido de pensar, mas ninguém espera grandes contribuições de sua parte. Hoje não.

Hoje há uma expectativa da empresa de que todo mundo pode contribuir, em níveis diferentes, para a melhoria de processos. E para que isso aconteça tem que estimular. Tem até prêmios, a partir dos anos de 1980, com o discurso da qualidade, do trabalho em equipe... A empresa começa a fazer isso, e a escola rebate “Não posso mais formar um profissional que sirva apenas para cumprir ordens”. A empresa está querendo um trabalhador com algo a mais. Daí vem o discurso de “vestir a camisa”. A empresa queria uma pessoa mais envolvida. A escola responde “Olha o envolvimento sim, mas também em defesa dos interesses do trabalhador!” Não simplesmente se envolver apenas para melhorar os processos de produção, mas também para melhorar salários, as condições de trabalho, etc.

Daniel: - Dentro dessa nova concepção de educação profissional, o que é que você destaca como particularidade do Centro Paula Souza na formação desse perfil novo de profissional técnico para o mercado? Almério responde que: - Nos últimos 15 anos, nós estamos

construindo o técnico numa perspectiva de um profissional competente. É o discurso da competência! O que é ser um profissional competente? O profissional, em diferentes níveis, para ser competente ele tem que ter uma capacidade de análise, tem que se situar dentro da empresa, saber qual é o papel dele, o papel da equipe, qual é a função do seu trabalho, do trabalho dos demais. Ele tem que ser uma pessoa que não está só repetindo uma operação x ou y, fazendo a mesma atividade todo dia. Ele pode crescer, e para crescer ele precisa interagir e participar. Nesse sentido quando você vê hoje o perfil do técnico formado pelo Centro Paula Souza, ele está sempre associado à capacidade que este profissional tem de planejar, executar e controlar o seu próprio trabalho e o trabalho dos demais. Parece simples, mas não é!

O professor sempre fez isso, não é? O diretor sempre pediu para você um Plano de Ensino, um Plano de Trabalho Docente (PTD), não é isso? E naquele plano de trabalho que era o seu planejamento havia um cronograma, uma metodologia de trabalho, forma de avaliação, de recuperação, e assim por diante. Então para nós que somos professores, profissionais de nível superior, planejar executar e controlar sempre foi algo dado.

Agora o técnico passou a ter isso na sua formação também. Então se você olhar no currículo o nome dos componentes, você vai ver que a palavra planejamento e gestão aparecem.

Não aparece só a parte operacional. Vai aparecer também que ele é alguém, seja ele um técnico em enfermagem, em edificações, farmácia, administração, agropecuária ou mecânica, ele tem que ter competência para planejar, para executar e para controlar aquilo que ele faz.

Daniel finaliza a entrevista: - Muito obrigado pela colaboração.

Almério: - Espero que tenha gravado!

(Entrevista realizada com Almério Melquíades de Araújo, na Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, em 25 de junho de 2013, com o entrevistador Daniel Bruno da Silva, que transcreveu a entrevista gravada em 10 de julho de 2013, e que foi transcrita por Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 19 de novembro de 2013)

Fatec

Ourinhos/ SP



Fatec Ourinhos



Eunice Correa Sanches Belloti

Eunice Corrêa Sanches Belloti. Nascida em Ourinhos em 29 de dezembro de 1959, é psicóloga e pedagoga. Tem Mestrado em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Mestrado em Psicologia e Sociedade pela UNESP de Assis (2003). Atua em Consultório de Psicologia desde 1983, com ênfase em Psicanálise. Professora da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, desde julho de 1994. Lecionou em faculdades privadas da cidade de Ourinhos, dá aulas em cursos de pós-graduação na região e para psicólogos. É vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Ourinhos. Palestrante com temas voltados a Psicologia, Psicanálise, religião, relacionamentos familiares e de casais. É casada e tem dois filhos.



Norival Vieira da Silva

Norival Vieira da Silva. Natural de Santa Cruz do Rio Pardo nasceu em 25 de abril de 1923. Como jornalista, atuou em diversos órgãos de imprensa. Frequentador assíduo das rodas de conversas no Café do Ponto, em Ourinhos, professor Norival escreve crônicas de diversas pessoas e situações da vida social, cultural e educacional da cidade de Ourinhos. Foi diretor das F.I.O (Faculdades Integradas de Ourinhos). Auxiliou na criação da FATEC Ourinhos. Dedicou sua vida ao ensino. Como professor de História e Filosofia, Norival Vieira da Silva atuou das séries iniciais ao ensino superior, tem uma extensa lista de ex-alunos que o estima e reverenciam e o chamam carinhosamente de “Professor”.

Em 15 de junho de 2013, no apartamento do professor Norival Vieira da Silva, esteve presente a professora Eunice Corrêa Sanches Belloti e três alunos do 5º Ciclo do curso de Jogos Digitais, que frequentam a disciplina Comportamento e Cognição, ministrada pela referida professora para colher o depoimento do professor Norival, sobre o início da criação da Fatec Ourinhos. A função da professora Eunice foi a de fazer as perguntas e a dos alunos foi de gravar, filmar e fotografar o entrevistado.

A entrevista inicia-se com a solicitação ao professor Norival que fale sobre sua vida e carreira, e sobre quem é Norival Vieira da Silva. O entrevistado afirmou que é filho de Santa Cruz do Rio Pardo, estado de São Paulo, veio para Ourinhos depois de completar seus estudos de nível superior na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Campinas/SP. Disse o entrevistado que naquela época a PUC era muito valorizada, tinha melhores professores mais que a UNESP e a USP. Norival continuou seu relato: “começou a minha vida de professor, no dia seguinte, que cheguei a Ourinhos. Era o dia de meu aniversário: - 25 de abril, de 1947”. No dia seguinte, ele foi procurado na casa de seus pais que já residiam em Ourinhos e eram comerciantes. Quem o procurou foram as freiras do Colégio Santo Antonio que dirigiam a instituição de ensino particular, de grande importância na época. Então começou lecionando no curso de Normal, já no dia seguinte. Logo após, foi trabalhar no Instituto de Educação Horácio Soares, hoje o Colégio Santo Antonio mantém as FIO (Faculdades Integradas de Ourinhos). E assim ele viveu sua vida, somente dentro das salas de aula, em meio aos alunos.

Lembrou-se bem, referindo-se aos alunos presentes em seu apartamento, que com os alunos da Fatec, sentados no chão, no corredor da instituição construía uma carreira, a carreira de professor.

Nesse momento afirmou que a Fatec guardou em si um início de carreira, uma carreira como educador em Ourinhos, na antiga faculdade das irmãs. (Confunde-se com a criação das FIO, que foi um dos responsáveis também). Quanto à Fatec, ele disse: “tenho um carinho todo especial, porque ela marca o início do que eu fui de Ourinhos, professor”. A seguir foi solicitado a ele que se lembrasse do ano de 1991, quando nessa época foi Assessor de Educação da Prefeitura Municipal de Ourinhos, cujo prefeito na ocasião era o Dr. Clóvis Chiaradia.

Como assessor ele teve a primeira ideia de trazer para a cidade uma faculdade gratuita.

A Fatec em Ourinhos nasceu dessa ideia, de trazer uma faculdade pública para a cidade. E assim a Fatec de São Paulo mostrou desejo de vir para Ourinhos, criar uma extensão de campus, isso foi um fato extraordinário, segundo suas palavras: “Ourinhos com a faculdade, Ourinhos com

faculdade pública era necessário pensar em que local ela iria funcionar”. E ele como Assessor da Prefeitura acreditou que devia ser em um lugar isolado, e que a mesma começasse do nada.

Esse lugar foi escolhido e é justamente a região em que a Fatec Ourinhos se encontra hoje. Ele diz: “eu vi a Fatec crescer, eu vi a Fatec nascer e crescer... isto não há dúvida nenhuma que eu me lembro como Assessor da Prefeitura, as autoridades me encarregaram de escolher um lugar, e eu escolhi um lugar novo, é, foi justamente onde é a Fatec de hoje”.

Norival iniciou a sua vasta trajetória como assessor e viajou muitas vezes para a Fatec São Paulo e autoridades da Fatec São Paulo começaram a vir à cidade para cuidar dos assuntos referentes à criação da Extensão de Campus da Fatec São Paulo em Ourinhos. Deu-se origem a uma fase nova na cidade, Ourinhos com a faculdade, com curso superior gratuito. Relatou que foi muitas vezes a São Paulo, e ainda se recorda plenamente que, na Fatec de São Paulo, se encontrava com várias pessoas. Disse ele: “esse curso foi rápido porque, toda cidade almejava um curso superior público.” (Nesse momento da entrevista repete os fatos do início de sua carreira, confundindo-se com a criação das FIO).

Questionado em relação às pessoas que se envolveram na época com a criação da Fatec e sobre os nomes das mesmas, o professor recordou-se do Dr. Roald Correia, que foi um dos idealizadores das FIO, e das idas à Cidade Universitária da USP, para a criação dessa faculdade particular. A seguir afirmou que teve o apoio de toda a cidade para a escolha do local para a instalação da Fatec. Apesar de ser um local abandonado, com mato, um recanto completamente isolado, viria a ser um centro universitário de Ourinhos, um lugar novo. Também relatou outras participações de pessoas importantes para a criação das FIO, como Carlos Nicolosi. (Novamente confundiu-se com a criação das Faculdades integradas de Ourinhos).

Ele foi indagado novamente se vieram algumas pessoas de São Paulo e estabeleceram contato com ele, na prefeitura, para a criação do campus da Fatec, ele afirmou não se recordar do nome, mas receberiam uma professora de São Paulo.

Também foi questionado sobre o primeiro vestibular que foi no final de 1991 e sobre uma crônica que escreveu em relação ao tema, em 18 de dezembro de 1991, na sua coluna chamada “Sociologia e Política” do jornal local, “Jornal Da Divisa”, cujo título era “Fatec, um novo rumo”. Ele escreveu sobre a importância dos jovens da cidade de Ourinhos e região fazerem um curso como a Fatec. Nesse momento é dada a ele uma cópia dessa crônica.

Em janeiro, dia quatro e cinco de janeiro de 1992, ele redigiu outra crônica nesse mesmo espaço: “Um apelo aos Universitários”, em que escrevia sobre o vestibular da Fatec e da

importância de uma faculdade de ensino superior público, para a região de Ourinhos: sobre os universitários se reunirem, e fazerem comitivas para conseguir transporte, mostrando sua preocupação com o bem estar dos alunos.

Essas duas crônicas estão registradas e guardadas na Fatec Ourinhos.

Norival trabalhou um período na Fatec, lecionou a disciplina de Relações Humanas, para o sexto semestre do curso de Processamento de Dados, no ano de 1996, em substituição a licença gestante de uma professora titular, esta que o entrevistado. Ele comentou que trabalhou na instalação da faculdade, mas confunde-se novamente com a descrição da criação das FIO.

A seguir ele é indagado sobre o professor Paulo Henriques Chixaro, sobre sua vinda para Ourinhos, mas afirmou não se lembrar, depois diz que: - “consegui, em São Paulo, reviver o processo de criação da Fatec, e praticamente a cidade toda queria, a cidade toda vivia na expectativa de um curso superior gratuito, e este curso superior foi a Fatec”.

Questionado sobre o Dr. Clóvis Chiaradia, ele afirmou que este foi prefeito e que o convidou para ser assessor, e neste momento lembrou-se de uma crônica que escreveu sobre o trabalho do Dr. Clóvis Chiaradia como prefeito.

A entrevistadora afirma que ele foi um jornalista. Ele respondeu que sempre foi jornalista porque gostava de passar para o povo o sentimento da cidade, ou como nasce uma nova modalidade na cidade de Ourinhos. Disse deste tempo, guardar muito bem, mas não sai da sua cabeça, ele sentado no chão da futura Fatec. (Mais uma vez confunde-se com a criação das FIO). Perguntou-se: - o que representa a Fatec para ele, e este respondeu: “A Fatec faz parte de minha vida, é sem dúvida nenhuma uma lembrança que não sai de minha cabeça, né, eu vivi um tempo como Assessor, São Paulo-Ourinhos. Ourinhos um campo, um gramado, onde hoje é a Fatec, e a gente se reunia ali, não tenho dúvida nenhuma e, eu falava sempre para eles, e comecei a lecionar na própria Fatec de Ourinhos, que nascia”.

Ao ser lembrado sobre o período que trabalhou na Fatec, o professor Norival, por problemas de memória, não se lembrou da própria professora que o substituiu, sendo a mesma que o entrevistava e completou: “Substitui e...ah...ah, a minha, como chama ela, a...é...ela fala como chama me...memória atual sempre falha né, mas eu, eu me lembro muito bem essa passagem que eu sempre vivi, e ela é...colocou o meu, uma crônica minha onde eu era professor da Fatec substitui uma ex-aluna e que ela deu o nome... de Sentimento de Solidão, é guardado, por que ali era meu carinho, Ourinhos um gramado e Ourinhos um curso superior que começava”. Foi indagado sobre a importância que teve como idealizador da vinda da Fatec para

Ourinhos e de seu trabalho para isso, afirmou ter tido a ideia e foi em busca da concretização deste tão almejado objetivo.

Foi informado a ele que logo haverá o Jubileu de Prata da Fatec, ou seja, vinte e cinco anos da vinda da Fatec para a cidade e se ele tinha mais alguma coisa para falar sobre a Fatec.

Ele encerrou a entrevista dizendo que o início dos cursos superiores gratuitos em Ourinhos, “onde eu lecionei, onde eu vivi no meio dos estudantes e recebi a homenagem de transformar um campo de futebol, um mato onde hoje é a grande faculdade Fatec, não há dúvida nenhuma, isso está marcado em mim, lembrando a nossa querida Fatec Ourinhos,... estava o campo de gramado e seria transformado em faculdade, a cidade toda trabalhou, vamos dizer a verdade, mas um ponto de referência e de começo foi justamente ah...a minha colocação de...ser diversas vezes, ser professor e receber esta homenagem da minha querida ex-aluna”. Nesse momento mencionou seu sentimento de alegria ao ser colocada uma crônica sua na dissertação de mestrado da entrevistada. Enfim, enfatizou: “Sabia o que estava havendo na cidade de Ourinhos, a transformação na cidade de Ourinhos. Um campo, e um gramado, uma grande faculdade a Fatec... não tenho dúvida nenhuma! E eu sinto orgulho em dizer, eu tive a ideia como assessor duma, de um início de uma faculdade de curso superior em Ourinhos que era o sonho de todos da cidade de Ourinhos”.

(Transcrição da entrevista feita por Eunice Corrêa Sanches Belloti com o entrevistado professor Norival Vieira da Silva, com 90 anos, em 15 de junho de 2013)

Etec

João Jorge Geraissate

Penápolis / SP



Etec João Jorge Geraissate



Ednéia Chinellato Moura

Graduada em Pedagogia e em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis (Fafipe), Especialização pela UEL (Universidade Estadual de Londrina). Professora efetiva da Rede Pública de Ensino – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Professora concursada do Centro Paula Souza e Coordenadora de Área do Ensino Médio-Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, desde 2011, atuando na Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis. Foi Coordenadora do Portal Clickideia (Portal Educacional) na Etec João Jorge Geraissate, por dois anos consecutivos.



Edison João Geraissate

Edison João Geraissate. Nasceu em Penápolis, em 1928, filho de Rosalina Dualibi Geraissate e João Jorge Geraissate. Casado com a professora Iraides Anhezine teve cinco filhos e nove netos. Como engenheiro civil, exerceu a profissão em Penápolis e cidades vizinhas. Em 1963 foi eleito prefeito de Penápolis, no seu mandato adquiriu o terreno e construiu a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis; destinou uma área de 100 alqueires de terra para a instalação do Colégio Agrícola e a Criação da Escola Agrícola de Penápolis, entre outras tantas conquistas. Na década de 80, foi eleito vice-prefeito e foi Secretário de Obras e Engenheiro de todas as obras da Prefeitura. Atualmente é membro fundador da Associação em Defesa da Cidadania, ÀGORA.

O entrevistado Sr. Edson inicia lendo a página de número 51 da autobiografia: - Isso daqui (pega uma folha sulfite com um texto impresso) é do livro que estou fazendo das memórias né.

Ednéia – Sim

Edison – (Leitura do texto) Tendo como uma das principais metas da minha administração a instalação de escolas e mais escolas para o desenvolvimento, cultura de nossa juventude. Eu e meus assessores resolvemos nos dedicar à instalação em nossa cidade de uma escola agrícola, e, quem sabe, no futuro, que pode estar próximo, uma Escola Superior de Agricultura. Assim decidido, fomos à luta. As informações eram as mais contraditórias possíveis. O certo é que o Estado não estava disposto a instalar mais uma agrícola e para isso exigiam que lhe fosse doada uma propriedade com área de cem alqueires. Achei um absurdo e aleguei que nenhuma escola agrícola existente no Estado tinha mais que 40 alqueires. (Para a leitura para comentar) Eu fui lá, em São Paulo, não eles disseram que pregavam que com cem alqueires, onde já se viu, para que cem alqueires para uma escola agrícola, todas têm quarenta, nenhuma tem mais que quarenta. (Volta a ler) Os burocratas afirmaram que as normas tinham sido alteradas e que tinha que ser cem alqueires e que a área tinha que ser doada por pessoa física, não podendo ser doado por órgão público, o que era vetado pela Constituição. (Comentário explicativo) Quer dizer, um órgão público não pode dar nada para outro órgão público.

Ednéia - Entendi.

Edison – Entendeu?

Ednéia – Teria que ser...

Edison- (Explicação) Você pode dar o que quiser dar para o órgão público, mas a prefeitura não pode dar para outra prefeitura. A prefeitura não pode dar para o Estado.

Ednéia – Entendi.

Edison – (Leitura) Quer dizer que de um jeito ou do outro, conseguimos com os vereadores que o Senhor Benedito Faleiros fizesse a doação. (Para a leitura para comentar) Aí tem outra história. Benedito não tinha fazenda, não tinha nada. (Barulho mexendo folha de papel) Então como vou dizer para você. Como você quer que eu conte a história?

Ednéia – Aí o senhor conseguiu uma área de duzentos alqueires?

Edison – Não, de cem alqueires.

Ednéia – De cem alqueires.

Edison – É, não, então nós chegamos, e nós, e como que achamos alguém para doar uma área de cem alqueires para o Estado?

Ednéia - É, como? Naquela época doar terras assim né.

Edison – É, então nós conseguimos de um parente da Iraides (esposa), um tio da Iraides ali onde é, que ele tinha mais terras lá, que ele vendesse cem alqueires para nós por vinte milhões, dois milhões o alqueire naquele tempo. Nem sei o dinheiro, tem que transformar. Naquele tempo então, nós pagamos para ele vinte milhões.

Ednéia - Que era mesmo o valor da época.

Edison – É, mas como fazer isso? O Dito não tinha dinheiro para comprar terras de 20 milhões. Ele não ia dar uma escritura para o Dito sem receber o dinheiro. Então nós fizemos e que hoje nós seríamos todos presos, hoje iria preso. Então nós pegamos e fizemos, juntamos os vereadores, e naquele tempo só tinha um vereador que era da oposição, que era o Dirceu Peters naquela época, até que no fim do mandato do governo em diante, ele largou de ir à seção e depois ele renunciou o mandato (...)

Mas, nós pegamos e nós fizemos que os vereadores e que a prefeitura doasse, comprasse os cem alqueires e doassem para o Benedito Faleiros com uma condição na escritura que passamos para o Benedito que ele posteriormente doasse ao Estado, quer dizer, como a prefeitura ia doar uma fazenda de cem alqueires? Como?

Ednéia - Feria a Constituição

Edison - É, não tinha jeito e fizemos isso. Nós compramos a terra, pagamos e doamos para o Dito, aí chegamos para Estado, Dito, (barulho batendo duas mãos) fez uma escritura, uma oferta para o estado de cem alqueires. Aí não teve jeito de eles negarem, porque a escola agrícola estava criada por lei. (Hei, hei... oh xereta –risos-....é da filha – a cachorra entra no escritório.) Mas, então, nós fizemos isso, conseguimos. Tem a lei do Jamil criando. Tem aqui. (Barulho das folhas. Pegando folhas xerocadas e encadernadas, com várias leis). Depois posso tirar xerox para você disso aqui.

Ednéia – Ta.

Edison – (Leitura do Decreto) Decreto de utilidade pública gleba de terra destinada à constatação, construção de um ginásio agrícola.

Ednéia - Hã... Decreto 246 de 1966.

Edison – (Continua a leitura) Fica declarada de utilidade pública, de ser adquirida pela prefeitura Municipal de Penápolis mediante desapropriação tal tal tal tal aaaa, destinada à construção de um ginásio agrícola área de cem alqueires de terra, a ser desmembrada da Fazenda Santo Antonio, no bairro Lageado, nessa cidade, neste distrito e município de Penápolis, sem benfeitorias, confrontando por seus diferentes lados com tal tal tal tal aaaa. Havendo concordância quanto ao preço. (Explicação) Então nos desapropriamos a terra.

Ednéia – E aquela terra era o local que vocês encontraram para poder comprar, para poder fazer...

Edison – Quem poderia vender e barato. Por que dois mil réis naquele tempo foi barato. Mas ele tava velho, um cara que não cuidava de nada...

Ednéia – Não era uma terra produtiva...

Edison – Por que todos os irmãos dele (Barulho da mão batendo levemente na mesa) ganharam 200 alqueires do lado do pai deles.

Ednéia – Herança.

Edison – O pai dele chegou aqui, comprou parece 1200 alqueires por aí, deu 200 para meu sogro, 200 para Jordano, 200 para esse, 200. Para todos os filhos, ele deu 200 alqueires. Era fácil dar 200 alqueires. (risos) Mas então, eu acho que, que o avô da Iraides quando ele veio da Itália. (Brincadeira – o tom da voz de brincadeira do entrevistado e da entrevistadora) Eu acho que ele veio e era mafioso. Lá sabe, é verdade, ele veio de lá veio meio fugido acho de Mussolini, lá daquele troço e, veio com muito dinheiro. Chegou aqui aplicou na compra.

Ednéia – Ah, que bom né.

Edson – A Iraides fala: - devia ser mafioso por que...

Ednéia – Ter tanto dinheiro assim para comprar tudo.

Edison – Naquele tempo ter tanto dinheiro e chegar comprando 1.200 alqueires de terras.

Edison- Imigrante italiano vem aqui para ser colono.

Ednéia – E ele foi proprietário.

Edson – Ele chegou comprando 1200 alqueires.

Ednéia – Poxa vida.

Ednéia – Tem alguma coisa nessa história.

Edison – Tem alguma coisa escura para trás.

Ednéia – Tem. É verdade.

Edson – Então foi isso. O Decreto que desapropriou a terra. (Procurando nas folhas o Decreto)

Ednéia – E o nome do colégio?

Edison – O nome do colégio. Depois, Jamil Dualibi quando eu, criamos o colégio, deixa ver onde tenho isso. (Procurando nos papéis encadernados, barulho das folhas) Isso já é da Faculdade. Então o Jamil Dualibi, quando ele ajudou. Tem a Lei do Decreto dele. Da Faculdade, ...onde vai tá, eu tinha tirado...(procurando nas folhas encadernadas e no computador) mas não fala agora, ah fundado no dia 13 de abril de 1970, voltada com a formação... através do Decreto... (Estava lendo impresso da página principal do site do Colégio. Procurando nas folhas, barulho)

Edison - Não tem nada não.

Ednéia – No site da escola não tem nada.

Edison – Não, não tem. E, só site da Yone Aguiar (Escola Estadual), da Yone tem tudo: a Lei que o Jamil fez, que não fez. Mas então, nós conseguimos doar e foi criado. Aí tinha que dar nome para a escola e o Jamil tinha duas escolas em Penápolis para dar nome, o Adelino Peters, que hoje é Adelino Peters e a escola agrícola. Então, o Jamil falou, eu tenho que dar nome de dois né, de duas pessoas. Eu vou por o nome do João Geraissate aqui escola colegial na cidade.

Falei que não, eu era o prefeito né. Eu falei não, não vai ficar bem, por que meu pai nunca foi professor, nunca foi disso.

Ednéia – Ele era agricultor.

Edison – Não era da cidade, não era assim, funcionário. Não era assim uma pessoa do ensino né, dessas coisas.

Ednéia – Ele era agricultor?

Edison- Era agricultor, tinha fazenda, tudo isso, já tinha morrido, tudo...Então falei: - não. Então você põe João Jorge Geraissate na escola agrícola e ponha Adelino Peters aqui na cidade quer dizer, era mais representativo talvez João Geraissate aqui na cidade, por que escola João Jorge Geraissate mas...

Ednéia – Não era o perfil dele.

Edison – Não, era o que eu achava.

Ednéia – E foi verdade.

Edison – Certo. Quer dizer Adelino, escriturário, filho de advogado, ex-prefeito, né, tava de vereadores. Então o Jamil deu lá. Eu não tenho aqui na mão o decreto, gozado, do Yone Aguiar, eu tenho tudo, eu to meio perdido, por que eu não tenho. Por que eu não tenho da escola agrícola tudo (mexendo nas folhas – barulho das folhas) que eu precisava ter. Por que quando nós fomos fazer o decreto para comprar essa terra e para doar pro Benedito, (Barulho da mão batendo na mesa) a seção da Câmara à noite, precisava a maioria assinar e faltava um. Até estava procurando agora, tava procurando aqui para ver o (tosse)

Edison – Deixa ver quem era o vereador naquele tempo. Tínhamos que ir atrás dele de noite. Nós pegamos os vereadores, fomos de carro, aqui na Fazenda Santa Maria, ai atrás do Jordano Anhesini. É um dos 200 alqueires né.

Ednéia – Ah!

Edison – E o vereador, o vereador, (Pausa) o vereador tava lá. (Barulho da mão batendo sobre a mesa) Então nós fomos lá. Só faltava uma assinatura. Fomos lá de noite. Suspendemos a seção da Câmara. Naquele tempo né...Entramos tudo numa perua. Os vereadores tava aprovando, fomos lá. Assinou também a Ata para dar o número legal para eu ir no dia seguinte de manhã entregar

Ednéia – Dar então...

Edison – Para o Estado, a doação de terra ao Estado.

Ednéia – Isso em 1970, né.

Edison – É...

Ednéia – Em 69...

Edison - Por aí, isto é, assim... Em 66, Declaração de Utilidade Pública, mas até fazer... Não, eu já era prefeito, não já era,... 68 mais ou menos 69.

Ednéia – Ela nasceu em 1970, né ela foi inaugurada em 70.

Edison – É por aí. Quem construiu foi Dirceu.

Ednéia – Foi na outra gestão de outro prefeito.

Edison – Ele pegou a terra. Já, no caso da criação, já tava criado, só faltava construir. O Dirceu quem construiu. Não fui eu que construí a escola.

Ednéia – Hum, certo.

Edison – Tá. Então, foi em 68 mais ou menos. Deixa ver aqui, - (Folhas de Decretos e Leis encadernadas.) – 64, 66 em 66 foi Decreto, a Lei. Vamos procurar aqui, ah!, março, vamos ver, ah! tá aqui, oh!

Ednéia – Abriu certinho.

Edison – Pela Lei 476, dispõe sobre aquisição de imóvel rural para construção de ginásio agrícola. Eu precisava tirar essa xerox para você também.

Ednéia – Eu pego em outra hora. Pego um escâner, aí nós vamos escanear.

Edison – Eu tenho escâner.

Ednéia – Mas durante a semana eu venho aqui uma hora e a gente, eu pego toda essa documentação do senhor. O senhor tem mais documentação do que nós.

Edison – É. É, tenho aqui a Lei da aquisição do imóvel rural né, aquisição do imóvel rural, né. (Pausa – barulho de folhas) Vamos ver a lei que diz que dá para o Dito (Barulho de folhas. Procurando nas folhas encadernadas de Lei e Decretos). Eu não sei como tiro no meu

escâner ela com isso aqui, isso aqui (referindo à encadernação) vai atrapalhar né. (Pausa)
Tenho que desmanchar daqui (referindo ao espiral). Por que no escâner tem que fechar.

Ednéia – Tem que fechar, mas às vezes não precisa fechar. Com a mão o senhor aperta assim, da para sair.(Preparando para escanear. – Ligando o escâner).

Edison – Vamos tirando já, e te dando tudo.(risos)

(Pausa para ligar o escâner. Silêncio, aguardando o escâner ligar.)

Edison – Ah! Tá bom, vamos fechar.

Ednéia – Deixa só puxar um pouco a folha.

Edison – Só se nós tirarmos...

Ednéia - É só encaixe. (Barulho do computador sendo ligado.)

Edison – É.Vamos experimentar assim, se der certo, deu certo se não der certo, a gente faz xerox.(Espera - silêncio)

Edison – Em PDF né. (Pausa- esperando escanear – barulho do escâner)

Ednéia – (Tosse).... Isso.

Edison – Isso, eu só queria achar as coisas. Eu tinha a Lei do Estado que deu o nome...
(pausa à espera da cópia do escâner) (Inaudível)

Vamos solta. (referente ao escâner) (Pausa pequena)

Ednéia – E como foi a escolha, Dr. Edison do primeiro diretor? Aí já foi em outro mandato, não foi no mandato do senhor.

Edison – Foi em outro né. Não foi no meu. (Pausa para ver o funcionamento do escâner)

Ednéia - Se é por causa da porta. (Tampa aberta do escâner)

Edison - Ah!

Ednéia - Será que é por causa da porta

Edison – Não.

Ednéia – É melhor não forçar.

Edison – Já era para ter digitado né. Não digitalizou. Vou copiar. Vamos ver né.
(Barulho do computador imprimindo)

Ednéia - Ficou boa.

Edison – Quer mais uma via?

Ednéia – Não, uma via só é suficiente Dr. Edison.Essa está ótima

Edison - É melhor copiar que digitalizar.

Ednéia – Certo.

Edison – Hã?

Ednéia – Essa deu certo. (Volta a cadeira para frente da mesa ao lado da mesa do escâner.)

Edison – É. E agora vamos ver se (mexendo nas folhas da encadernação) se acho aqui a Lei da terra ao Benedito né. (Barulho das folhas) Aqui foi pra comprar né...(Pausa) aí (Leve barulho das mãos batendo na mesa) (Leitura) Doar área de terra Poder Executivo ao senhor Benedito Faleiros,... na sequência... (Pausa para xerocar o documento. Barulho do computador imprimindo.)

Edison - (Leitura do documento) (Inaudível)...área de terra, (Inaudível) doar para o Estado.

O que nós precisamos tirar pra você. (Pausa) Eu tinha a história, gozado, eu fiquei intrigado por que agora que estou fazendo do que eu lembro da vida...né...(Risos)

Ednéia – Deixa eu fechar aqui. (Referente à máquina que estava gravando a entrevista)

Dr. Edison, agradeço a entrevista.

(Entrevista de Edison João Geraissate, em 15 de junho de 2013, com a entrevistadora Ednéia Chinellato, que realizou a transcrição e transcrição em julho de 2013)

Etec

João Gomes de Araújo

Pindamonhangaba / SP



Etec João Gomes de Araújo



Lucia Teixeira

Professora pela Escola Normal Heitor Lira (1971), inicia suas atividades no município do RJ em 1972. Nutricionista formada pela Faculdade de Nutrição e Dietética FEFIERJ atual UNIRIO (1976). Atuou como nutricionista na área clínica no Hospital de Bonsucesso RJ (1977 até 1984). Bacharelada e Licenciada em Ciências Biológicas pela FAHUPE (1983). Exerceu o magistério, no município do Rio de Janeiro, como professora de Ciências (1984 a 1995). Em 1995, começa a trabalhar na Escola Técnica João Gomes de Araújo no Curso Técnico de Nutrição e Dietética onde atua até hoje. No ano de 1997 trabalhou na Universidade de Taubaté, dando aulas de Nutrição nos cursos de Enfermagem e Medicina. A partir do ano de 2010 passou a fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e da Educação Profissional, desenvolvendo trabalhos de pesquisas apresentados anualmente nos encontros do GEPEMHEP. Organizou o livro “80 anos da Etec João Gomes de Araújo” e escreveu dois trabalhos de pesquisa no livro “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).



Rejane Teixeira Mendonça

A professora Rejane Teixeira Mendonça foi professora da Etec João Gomes de Araújo no período de 1986 até 2007, quando se aposentou. Ela é natural do Rio Grande do Sul e teve um papel primordial na solidificação do curso Técnico em Nutrição e Dietética quando iniciou sua trajetória na escola. Atualmente a professora se dedica à divulgação do livro escrito por ela em 2010, Guia de Nutrição e Gestão de Serviços de Alimentação.

...eu consegui uma autorização para modificar o programa da área, e tentei através do pouco tempo que eu tinha, motivar os alunos e levá-los até o final do curso.

A história da Nutrição da minha época iniciou em 1986, quando eu cheguei no João Gomes (Etec João Gomes de Araújo) com três aulas de Bromatologia, aí tinham duas salas, um terceiro e um quarto ano, nesse ano não tinham conseguido formar uma turma de segundo ano, na época o curso era integrado com segundo grau, os alunos faziam opção pelas áreas, no final do primeiro ano, e a partir do segundo ano, eles iniciavam os cursos técnicos que continuavam integrados com o ensino médio até o final.

Quando eu cheguei na João Gomes eu peguei a sala de terceiro e a sala de quarto, não só a sala de quarto com uma disciplina Bromatologia. Na metade do ano eu recebi mais vinte aulas por desistência da professora anterior, que era uma professora formada em Economia Doméstica, e ela precisou largar as aulas porque estava assumindo um cargo na Secretaria.

Os alunos eram desmotivados, estavam finalizando o curso só porque haviam iniciado, não tinham conhecimento técnico da área, e aí com autorização da direção, que era a Dona Raquel (Prof^a Raquel de Aguiar Laberto), eu consegui modificar o programa da área, e tentei através do pouco tempo que eu tinha, motivar os alunos e levá-los até o final do curso.

Esses alunos eram muito poucos, o quarto ano tinha oito alunos e o terceiro doze alunos e aí os próprios alunos saíram pela escola, uma menina em particular foi conversar com a direção, que havia gostado do meu trabalho e para tentar fazer com que a escola conseguisse organizar uma turma no ano seguinte.

Aí teve uma professora em destaque, a professora Elsa (Prof^a Elsa Peres Antunes de Oliveira), junto com a professora Leife (Prof^a Latífe Macruz de Azevedo) e a Ivete (Prof^a Ivete da Mota Carvalho Colin), saíram nas salas dos primeiros anos, convidando os alunos para fazerem o curso de Nutrição, tivemos alunas que já haviam optado pelo curso de Magistério no período da manhã e aceitaram fazer o curso de Nutrição à noite, essas meninas faziam o curso de Magistério de manhã e Nutrição na turma da noite, então a escola conseguiu abrir o segundo ano, no ano de 1980, final de oitenta, não início de 1987, e que foi a minha primeira turma, eu falo que é a primeira turma que eu realmente iniciei a minha carreira no técnico,

na João Gomes e eu ainda denomino essa sala de a sala da Rita (Prof^a Rita de Cássia da Silva), porque a Rita era uma aluna excepcional e ela se destacou no meio do grupo. Então nesse ano nós conseguimos abrir uma turma com vinte alunos e eu consegui formar dezessete desses vinte. E essa turma, ela era tão envolvida com o curso, que elas conseguiram mobilizar a escola e, no ano seguinte, nós conseguimos abrir outra sala.

Nós não tínhamos sala de aula e a escola através da professora Ivete conseguiu construir a nossa área, a área da Nutrição. Era uma salinha com vinte alunos e uma cozinha onde a gente desenvolvia as atividades práticas. Então no final de 1987, início de 1988, o curso não parou mais de crescer. Ele passou por muitas mudanças, todas as mudanças possíveis, que aconteceram na Educação e na área técnica, eu acho que eu consegui vivenciar todas elas e eu recebi o cargo de coordenadora da área em oitenta e oito através da professora Hiuroka que era assistente de direção.

Até 1989 o curso era formado por duas salas à noite, e no ano de 1990, quando assumiu a direção a professora Babi (Prof^a Bárbara Zenita França Macedo), ela me convidou para que eu escolhesse duas alunas que haviam se formado, duas alunas ótimas para que a gente conseguisse abrir uma turma à tarde, eu escolhi a Rita e a Adriana (Prof^a Adriana Aparecida Corrêa Leite) que eram alunas excelentes, e capacitei elas na minha casa, ensinei, tentei passar para elas como elaborar uma aula, como organizar um material didático e aí eu consegui montar uma equipe, que eu não tinha antes, porque eu era a única formada em Nutrição na área. Os outros professores não eram formados em Nutrição, tinha professor de Biologia, de Administração, além das disciplinas básicas como Português, a Física, e essas meninas elas passaram a fazer papel então de docente na sala de aula.

Adriana desistiu no primeiro ano porque foi para a faculdade fazer Pedagogia, eu convidei outra ex-aluna a Daniela (Prof^a Daniela Alvarenga Rutter) e a Rita continuou até fazer um concurso, quando nós passamos para o Paula Souza (Centro Paula Souza), ela passou a ser Assistente de Sala até quando pediu demissão.

Teve um período antes de ser Centro Paula Souza quando o diretor Paulo, foi 1995, o diretor Paulo (Prof^o Paulo Alfredo Franco Cesar) sim, a professora Lucia (Prof^a Lucia da Silva Teixeira) já estava na escola, não foi a diretora Silvia Zan (Prof^a Silvia Maria Pereira Zan), 1995 a 1996, nós chegamos a ter dez salas de Nutrição. Nós tínhamos Nutrição de manhã, à tarde e à noite, duas salas por período. Teve um ano a noite que tínhamos dois terceiros, dois quartos e quando a Paula Souza assumiu, depois de 1994, ela começou a reduzir as salas, tirou o período da manhã e então nós passamos a ter três salas à tarde e três salas à noite.

A partir do ano 2000, eu saí da coordenação e a professora Mariane Géia (Prof^a Mariane Carmona Géia) assumiu, depois eu voltei em 2003 quando o Serrano (Prof^o Antônio Serrano) assumiu e fiquei até 2007 quando eu me aposentei e é acho que foi isso, até 2007 que eu consegui ficar na escola e resolvi a minha aposentadoria.

O curso de Nutrição, no início ninguém conhecia, ninguém sabia o que fazia um Técnico de Nutrição, então eu saía para as empresas, de manhã quando o meu marido tinha um período livre, porque ele sempre me acompanhava, eu visitava as fábricas, os hospitais, os órgãos públicos, APAE, prefeitura e eu consegui levar nessas empresas o profissional técnico, em muitos lugares eles não sabiam nem a função de um técnico de Nutrição, então eu tinha que explicar para que eles aceitassem esses alunos como estagiários. E o curso, ele criou, ele se definiu com um nível profissional muito bom aqui na cidade, nós tínhamos alunos de todo Vale do Paraíba, e a partir do momento que ele foi reconhecido pelas empresas, as próprias empresas passaram a ligar para a escola solicitando os nossos alunos como estagiários e muitos desses estagiários já entravam no mercado profissional, um grande número de estagiários já eram contratados, até mesmo no período de estágio e se tornavam profissionais. Eu acredito que nesses anos eu consegui manter na escola um curso que teve a qualidade, e jogou muitos profissionais dentro do mercado de trabalho, e até hoje, quando eu encontro os meus ex-alunos eles reconhecem que fizeram um bom curso, e que eu fui uma boa professora.

Etec João Gomes de Araújo



Patrícia Campos Magalhães

Patrícia Campos Magalhães. Filha e sobrinha de professoras, advogada por formação, nunca deixa de declarar o amor ao ensino. Ainda jovem, optou pela carreira jurídica e se formou em Ciências Jurídicas pela Universidade de Taubaté em 1993. No entanto, bem antes disso, em 1989, a vida a levou para uma sala de aula onde se apaixonou pela educação. Em 1996, ingressou no Centro Paula Souza para lecionar direito ao ensino técnico. No decorrer dos anos, continuou seus estudos, fez pós-graduação em Gestão Ambiental, pela UNISAL, em 2002 e, em 2008, fez Licenciatura em Direito e em Letras pela Universidade Claretiano. Em 2010, passou a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza, o que gerou a produção de um livro sobre “80 anos da ETEC João Gomes de Araújo” e publicações sobre o ensino profissional.



Ivete da Mota Colin

Ivete ingressou no magistério na década de 1960, como professora da escola João Gomes de Araújo. O seu espírito inquieto e a sua liderança nata fizeram que sua atuação na escola não fosse de coadjuvante. Seja como professora, presidente da Associação de Pais e Mestres ou Diretora, Ivete deixou um legado: a luta pelo ensino de qualidade. Detentora de muito conhecimento sobre a instituição tentou, em alguns minutos, relatar todas as mudanças físicas que ocorreram sob sua responsabilidade entre 1970 e 2000.

Eu vivo para o futuro e não para o passado!

Eu estudei em Taubaté até terminar a faculdade, mas sempre trabalhei em Pindamonhangaba, até me aposentar da ETEC João Gomes de Araújo. Comecei a trabalhar em 1967, fui professora, assistente de diretor e diretora. O início da minha carreira, me efetivei na escola de Curuputuba, depois vim para o João Gomes. Cheguei a trabalhar em uma faculdade de São Paulo, Faculdade Santana.

Em 1996, já estava aposentada pela Secretaria da Educação, prestei concurso no Centro Paula Souza, e me tornei diretora da ETEC “João Gomes de Araújo”. Nessa época, quando prestei concurso para diretora, teve a tal da lista tríplice e aconteceram umas briguinhas, mas eu consegui.

Fui diretora por nove anos, quando a descentralizada de Taubaté foi desmembrada de ETEC de Caçapava, assumi a direção de lá e fiquei oito anos na direção e acabei indo trabalhar na Fatec que estava abrindo em Taubaté. Fiquei até novembro de 2012, quando completei 70 anos. Foi uma aposentadoria expulsória, uma pena, pois ficaria mais, pois sou uma idealista por natureza, mas não deu certo. No início da minha carreira, na escola João Gomes de Araújo, em 1978, havia cursos de administração, contabilidade, mecânica e nutrição. Os alunos da mecânica, na verdade, assistiam às aulas teóricas na escola e a práticas no barracão onde hoje funciona o DETRAN e a Delegacia da Mulher, o prédio do antigo Núcleo.

A nutrição funcionava em uma salinha minúscula. Havia uma salinha de aula com uma “dependenzinha” mínima que era a cozinha. Cabiam umas quatro ou cinco pessoas de tão pequenininha que era.

O laboratório da Mecânica, no prédio da ETEC João Gomes de Araújo, quando era presidente da APM, o professor Serrano, que trabalhava e possuía um cargo elevado na Alcoa, com ajuda do professor José Carlos, professor de elétrica, me orientou a pedir auxílio para os Estados Unidos, por meio da empresa. O dinheiro veio para APM que tocou a construção da oficina. Eles mandaram trinta mil dólares naquela época. O projeto foi para os Estados Unidos e fomos prestando conta como eles queriam. Foi uma coisa bonita, muito bonita. Com o laboratório pronto, começamos a transportar os maquinários do antigo Núcleo para o laboratório novo. Havia sessenta máquinas, se não me engano, mas só dez máquinas funcionavam. Os

professores da mecânica e alguns alunos usaram as máquinas que funcionavam para fazer as peças para consertar as demais. Ficaram todas em funcionamento. Foi um trabalho muito bonito que os professores fizeram.

Agora, como diretora da escola, como deu certo o dinheiro do laboratório de mecânica, resolvi pedir dinheiro para construir o laboratório de elétrica, elétrico-eletrônica. Eles fizeram uma série de exigências. Arrumei a sala onde hoje é a cantina, de acordo com a metragem que eles pediram e que o Professor José Carlos orientou. Ele fez um croqui maravilhoso das bancadas. Teve outro concurso para direção e a nova Diretora não desejou continuar o projeto de implantação do curso.

Quando voltei novamente para direção, resolvi mexer com a nutrição. Onde é a nutrição, naquela época, era um balcão aberto, chovia mais dentro dele do que fora. Não tinha nada, era um lugar onde os alunos ficavam em dia de chuva. Não era nada. Com o dinheiro da APM, aos poucos, fomos construindo a nutrição. Eu fechei o galpão, consertamos o telhado e forrei o salão todinho. Construímos bancadas de mármore e fizemos uma cozinha relativamente grande. Ficou assim: uma salinha, que era sala de aula, uma cozinha e o refeitório.

Já quando era Paula Souza, como diretora, construí as salas da mecânica ao fundo. As salas eram grandes e construí também mais um salão no fundo, próprio para mecânica usar para apresentação de trabalhos, palestras... Esse espaço foi usado pela Fatec, pela direção da Fatec. Ficamos com três salões, o da mecânica, o auditório e o salão lá em cima, que estava sucateado. Depois mandei arrumar o salão, afinei o piano, troquei as cortinas, troquei o piso, mandei estofar todas as cadeiras. Ficou aquele salão bonito que deve estar bonito até hoje. Sei lá, não fui mais lá... Isso foi na época do Centro Paula Souza.

Na época da DISAETE, eu arrumei o salão grande. O supervisor da DISAETE foi à escola no dia que estava chovendo barbaramente e eu fiz questão que ele fosse ao laboratório de química. Disse a ele que não ia entrar, pois tinha alergia a caruncho e pó. Quando ele entrou, ficou horrorizado com o forro que tinha naquela escola, era caruncho para todo lado, laboratório estava horrível, bancadas arreventadas, praticamente não eram usadas. Ele foi para o salão que também estava um horror, cheio de tacos saindo, goteiras, fungos e tudo. Daí ele autorizou a reforma e então trocamos o piso do salão, o forro e o telhado. Colocamos piso frio e precisei tirar o Sylvio de lá. Arrumamos a antiga sala de eletroeletrônico para virar cantina e continua nesse lugar até hoje.

Na década de 1980, montei um escritório de contabilidade com o Roberto Marcondes. Fomos para São Paulo e comprei máquinas de escrever. Em seguida, vieram os computadores...

Quando implantei o curso de informática, montamos um laboratório com dez computadores.

Dava até medo da gente ver. Ganhamos computadores até de banco para usar. Esse laboratório ficava em frente à secretaria. Eu implantei um curso de hotelaria na escola na década de 1990. Foi uma turma só. Usei o espaço do antigo laboratório de eletroeletrônica para simular um hotel. Foi antes da reforma do salão, antes do Sr. Sylvio ir para essa sala. O laboratório de hotelaria tinha o quarto com a cama, guarda roupa, toalha, roupa de cama e etc. Tinha até banheiro, só que não tinha água, mas tinha vaso sanitário, tudo bonitinho. Era o espaço para eles trabalharem. Quem fazia a manutenção do prédio, na maioria das vezes era a APM. Às vezes conseguia dinheiro em São Paulo. Uma vez, não me lembro o que tinha começado a fazer e não tinha dinheiro para terminar, eu disse para o Simões, “Vou para São Paulo arrancar dinheiro de lá!”, quando voltei, encontrei o Simões assustado e disse “Liga para São Paulo, pelo amor de Deus, liga e veja se eu consegui mesmo, também não to acreditando!”. Era um dinheiro grande, eles iam pagar em três etapas e resolveu o nosso problema.

Em 2002, eu consegui com a Paula Souza um dinheiro para reforma do prédio. Havia problemas seríssimos na escola.

A parte elétrica do prédio era um horror, eu tinha que mandar fotografar a caixa de luz e o relógio vermelho, quase pegando fogo. Mande essas fotos para São Paulo e consegui. Vieram reformar o telhado inteirinho da escola, o forro da escola. Nunca tinham reformado essa parte do prédio. Nessa época, pintamos o prédio e trocamos o piso. A APM contribuiu para colocar a grade na muretinha. O professor Moacir viu, quase me matou, pois tinha tirado os pés de café que ele havia plantado quando era diretor.

Nesse período, queria fazer uma área de lazer para os alunos. Um lugar para almoçarem, para não ocuparem o espaço da nutrição. São Paulo orientou que podia ser só reforma, mas eu disse a ele que havia uma construção mínima aqui, uma meia água, que precisava ser ampliada { a entrevistada piscava, indicando que não havia construção alguma, que foi uma estratégia para conseguir verbas para a área de lazer}. Foi através dessa meia água que conseguimos fazer a área de lazer, área de educação física, mesa imensa com os bancos, churrasqueira. Ficou gostosinho lá.

Na época da DISAETE, eu inventei uma coisa chamada “sondagem de aptidão”. Quando os alunos entravam na sétima série eram obrigados a fazer aulas de paisagismo, mecânica, nutrição, marcenaria e nutrição. A DISAETE concordou, foi uma grade que inventei, os alunos agitavam muito a escola. Fizemos uma feira chamada Expotec que foi muito interessante. As aulas de marcenaria eram dadas na sala de eletromecânica, onde funciona a cantina. O paisagismo, quem dava aula era a Lilian Braga, o jardim era naquele pátio, onde tem mesas perto do laboratório de Nutrição. A professora queria fazer um viveiro, mas não dava tempo, pois as aulas eram semestrais. . As aulas de artes eram dadas dentro do salão, eram aulas muito livres. A nutrição era dada na cozinha, meninos e meninas iam para lá. Dividíamos as turmas, quando uma ia para um laboratório, outra ia para outro laboratório. Todos faziam essas disciplinas, elas eram semestrais e eram dadas na sétima e oitava série ginásial. Logo em seguida, a escola deixou de dar aulas ginásiais e ficamos somente com o colegial.

Quando entrei na escola, em 1967, existiam salas de aula, laboratório de biologia e o de química, um pequenininho no piso superior. No salão de artes tinha um piano e um tablado que era usado para aula de canto. A quadra era sucateada, arrebitada. Só melhorou depois da reforma de 2002, antes não dava nem para os professores usarem.

Na década de 1970, a escola quase que se tornou profissionalizante. A DISAETE fazia parte da Secretaria da Educação, mas cuidava das escolas que eram profissionalizantes. Foi antes da Paula Souza, o Estado queria passar todas as escolas profissionalizantes para o Centro Paula Souza. Eles tinham poucas escolas, eram pouquíssimas escolas.

Eu reuni com os professores e perguntei a eles se queriam aderir ao Centro ou não... A turma ficou com medo, pois eram concursados efetivos da educação. Não aceitamos, foi a maior burrada que fizemos. Quatorze escolas aderiram e são as expoentes até hoje... O Centro Paula Souza investiu nessas que foram para lá e montaram esses monstros... Lauro Gomes, Getúlio Vargas... Eu não me lembro de datas, no prontuário na ETEC de Taubaté tem informações concretas. Eu vivo para o futuro e não para o passado. Acho que deve procurar o Serrano para falar sobre a mecânica e Regiane para falar sobre a nutrição.

Etec

Dep. Francisco Franco (Chiquito)

Rancharia / SP



Etec Deputado Francisco Franco



Dulcineia Ramalho A. de Oliveira

Dulcinéia Ramalho A de Oliveira. Graduada em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas (UEL - 1982); Habilitação em Desenho (UNOESTE - 1988); Coordenação de Área do Núcleo Comum (1995 a 1998); Coordenação Pedagógica na EE Dr. Benedicto Martins Barbosa (1997 – 2003); Professora de Arte, Aposentada na Secretaria da Educação (1985 a 2012); Projeto RRR – Reciclar, Reutilizar e Renovar (2010); Projeto Memórias da Educação profissional (2010 e 2011); Projeto Portal Educacional Clickideia (2010 e 2011); Coordenação de Área Responsável pelo Núcleo de Gestão Pedagógica e Acadêmica (2008, 2009 e 2012); Participação e apresentação de Trabalhos em Encontro, Simpósio e Congresso (2010, 2011 e 2012); Pós graduação em Gestão de Ensino, (FACCAT 2013).



Inês Aparecida Bonato

Inês Aparecida Bonato. Nasceu e mora atualmente em Rancharia, em São Paulo. Coursou o Primário na EE José Giorgi, e o Ensino Fundamental e Ensino Médio na EE Dom Antonio José dos Santos. Coursou o Técnico em Contabilidade Segundo Grau – 1974 a 1976, na Escola de Comércio; Datilografia (1976), no Educandário São José; Economia Doméstica (1974 - 1976), na Escola Técnica Agrícola de Segundo Grau de Rancharia e funcionária na Etec Deputado Francisco Franco, desde 1980 exercendo as funções de Economista Doméstica. Em 1981 frequentou o curso superior de Ciências Contábeis de 1981 a 1985 e o de Administração em 1987 na FACCAT – Tupã. Desde 2001, ano da inauguração da Biblioteca Jorge Viana, passou a exercer a função de auxiliar de bibliotecária.

Inês Aparecida Bonato disse: - nasci em Rancharia no dia 19 de maio de 1956. A minha infância até o tempo de adolescente foi na Vila Matarazzo, só moraram ali os trabalhadores da empresa Matarazzo. Meu pai trabalhou naquela empresa durante 35 anos, como chefe mecânico. Ele não deixava sair para brincar com as crianças e, segurava em casa, na sua adolescência, ele não deixava namorar. Mas ele era uma pessoa supercorreta no seu serviço, muito responsável. Naquela época, a educação era bem rígida. Brincava de peteca, betz, queima, esconde – esconde, brincava de cirquinho com as crianças, foi uma infância muito legal.

Depois que comecei a estudar, meu pai não admitia que filho estudasse e trabalhasse, então me dedico ao estudo e passo por várias escolas. Fiz o primário, depois ginásial, hoje seria o ensino do primeiro grau, fiz o segundo grau. Tentei fazer química, que não deu certo: não gostei. Depois pensei em enfermagem, que era um curso técnico também, na mesma escola, não gostei de ver o sofrimento das pessoas, aquilo fazia mal quando chegou na hora prática de trabalhar com os doentes desisti.

Onde gostei e me realizei foi na escola Agrícola, fiz o curso de economia doméstica. Mas tive só duas turmas, fiz na segunda turma, o meu primeiro namorado, que me incentivou a fazer este curso, não deu certo o namoro, tive que prometer ao meu pai que só estudaria. Meus irmãos criticaram por estudar num lugar que só tinha homem. Fiz o curso e me lembro até uma vez, na horta preparando o terreno junto com as minhas colegas, disse que um dia ainda iria trabalhar nessa escola, porque era o meu sonho, me sentia como sendo uma outra família. Tive dificuldade pra arrumar emprego, trabalhei como empregada doméstica para ajudar meu pai, que teve um derrame. Tinha cinco filhos, apareceu uma oportunidade no escritório do hospital.

Fiquei sabendo do concurso de Economia Doméstica da escola Agrícola, consegui o primeiro lugar. Senti que estava começando a realizar meu sonho, eu peguei um amor por essa escola, por isso que eu consegui ficar todo esse tempo, que não foi fácil, foi uma vida de muito sacrifício. A escola não tinha o recurso que tem hoje, era tudo mais difícil, hoje se tornou tudo mais fácil, até pra estudar os meninos têm livros, naquela época não tinha. Nós não tínhamos nem sala de aula, porque no primeiro ano começaram com quinze alunas, restou quatro, eu, a Maria da Graças que faleceu com leucemia, a Tereza que hoje ela é casada, a Ana que passou no concurso e assumiu em Dracena. Foram muitas turmas de técnico Agrícola, que passaram por aqui e tinha alunos de todos os lugares do Brasil, teve aluno até do Japão, Bolívia,

Rondônia, o Senador do Acre, Jorge Viana, estudou naquela época também, o sombra do programa do Ratinho. Eu não casei, não tive filhos e sempre me dediquei a minha mãe, até quando ela faleceu. A minha sobrinha terminou a faculdade de pedagogia e foi chamada pra trabalhar na escola pois havia passado no concurso de Orientadora Educacional. Encontrei muita dificuldade, porque as mesmas cozinheiras que serviam na época que eu estudei eram as mesmas funcionárias, elas não aceitavam uma pessoa na cozinha para liderar e tinha uma delas que sentia ciúmes dos meninos. Os meninos gostavam de tomar um cafezinho, ela negava para os meninos, eu pegava escondido e levava para os meus colegas.

Eu sentia muito mal negando café pros meus colegas e disse pra ela: - que de hoje em diante a senhora não vai mais negar café para aluno, se a senhora não quer servir café, então vai fazer menos.

Eu era muito frágil, muito tímida, os meninos eram mais velhos, naquela época, hoje os alunos têm quatorze, quinze anos. Eu gostava como era antigamente, hoje deixou de ser aquela família. O ensino médio, eu acho que é um curso que não deveria ter na escola Agrícola na minha opinião, tem que ter só curso integrado ao técnico, porque os alunos convivem com todos, é legal, esse laço de amizade, eles têm confiança, nas outras escolas comuns o aluno chega, assiste aula e vai pra casa.

Tem aluno que chegava chorar, que queria largar o estudo para voltar para casa, me lembro de um aluno que falava: “eu não consigo ficar longe do meu pai e minha mãe, eu vou embora” e chorava todo dia, eu falava pra ele, quando você sentir saudades vem, vamos chorar juntos, mas não larga o estudo, que vai ser muito bom pra você no futuro “Eu fico contente em saber que ele graças a Deus está em outro país”.

As aulas eram assim: - eu era da segunda turma que restou quatro alunas. O diretor Paulo Ney tentou nos transferir para Paraguaçu, nós estudávamos contabilidade à noite, a família era de Rancharia os pais não iriam deixar. Foi outro desafio minha vida. Entramos com recurso, ganhamos e voltamos pra escola e tiveram que dar aula para as quatro alunas, não tinha sala de aula para as meninas e as quinze que o diretor estava tentando conservar aqui foram embora para Paraguaçu. Tinha dia que a aula era debaixo da árvore, eu não esqueço de uma vez que fui fazer prova, quando fui entregar, sujou toda de fezes de passarinho, tive que refazer toda a prova. Nas aulas práticas trabalhávamos na horta, ajudávamos a preparar os canteiros, na parte de vestiários, tinha que confeccionar algumas peças de roupa, um avental, só que eu detestava costura. A funcionária que cuidava das roupas na lavanderia, costurava,

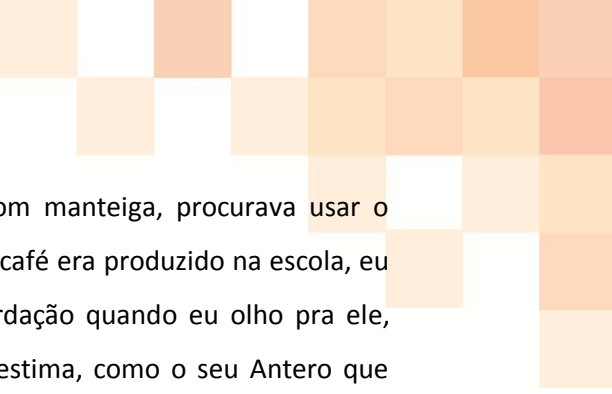
fazia a peça, e eu fazia o serviço da senhora, e a professora não soube até hoje. Eu passava um monte de lençol, toalha de banho. A turma era composta pela turma do técnico Agrícola em agropecuária e Economia Doméstica. Matemática e português era junto com os meninos da agropecuária, depois a parte técnica se separava.

Depois que eu entrei na escola como funcionária, enfrentei grandes desafios, as funcionárias eram antigas, nunca tiveram alguém na frente do serviço. Eu fui a primeira e elas que controlavam todo o cardápio que ia ser feito, a quantidade e eu comecei a barrar certas coisas que estavam fugindo da economia, pois elas não tinham essa noção e entrei ali pra ver isso, a escola não tinha tantos recursos.

Trabalhava em cima da produção e era feito cada três meses um orçamento, tinha que controlar para dar para os três meses, hoje a nutricionista faz o cardápio e compra o que for necessário. Não tinha o dinheiro na mão, uma época que não tinha óleo pra fazer comida, tinha que derreter gordura de porco para fazer a comida. Para aproveitar a sobra de arroz, ia preparar um bolinho, não tinha ovo. Cheguei a ir na casa da funcionária que morava do lado da escola para emprestar um ovo, quando tivesse devolveria para ela.

Os alunos colaboravam muito, eles ajudavam a lavar as panelas da cozinha, limpar o chão, lavar as verduras. Porque faltavam funcionários, trabalhavam em duas pessoas, uma ajudante, se uma cozinheira precisava entrar de licença médica não tinha reserva, hoje eles pegam outro funcionário pra substituir, antigamente não, eu fazia o serviço de inspetora de aluno ajudava as cozinheiras, depois na hora da refeição eu servia, ficava lá fora controlando fila de aluno, não tinha esse negócio de ficar doente, tinha que trabalhar, porque senão como ia deixar descoberto, eu ia todo sábado e domingo na escola, não pensava em ganhar hora extra, hoje se trabalhar a mais, eles consideram isso como hora trabalhada. Antigamente não, o diretor não queria nem saber, eu ia descongelar carne de sábado pra domingo, de domingo pra segunda, deixava a mercadoria, dia a dia, não deixava à vontade, estava sempre observando o gasto porque senão não adiantava estar ali, as cozinheiras eram acostumadas com muito desperdício, jogavam muito arroz, feijão, eu estando ali não, já procurava aproveitar tudo isso.

Na época, no almoço e no jantar era servido sempre o arroz, feijão, as saladas nunca faltavam porque tinha uma horta muito boa, muito melhor que a de hoje, tínhamos a ajuda dos alunos na horta, hoje tudo mudou não é como antigamente. Não tinha suco, não tinha fruta, mas carne não faltava, era tudo abatido na escola: boi, galinha e porco. Terceirizou a cozinha, então é tudo diferente.



No café da manhã sempre era servido dois pães com manteiga, procurava usar o estoque que tinha em favor do aluno, leite que era da escola, café era produzido na escola, eu ajudei a torrar café, no moinho antigo, que traz tanta recordação quando eu olho pra ele, porque funcionários que trabalhavam ali, que tinha grande estima, como o seu Antero que ajudava fazer o café, que hoje é falecido, traz muita saudade. O sebo que tirava do boi, não jogava fora e fazia sabão, para lavar o banheiro, a cozinha, pois não tinha acesso ao material de limpeza.

(Entrevista em 25/06/2013, na Etec Deputado Francisco Franco pela entrevistadora Dulcinéa Ramalho Amaral de Oliveira, com a transcrição realizada em 30/06/2013, e a transcrição em 30/07/2013, por Dulcinéa Ramalho Amaral de Oliveira).

Etec

Prof. Armando Bayeux da Silva

Rio Claro/SP



Etec Professor Armando Bayeux da Silva



Gilson Francisco Furtado

Gilson Francisco Furtado é professor no Centro Paula Souza. Formado em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Assis/SP. Tem especialização em Administração e Supervisão Escolar, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araras/SP. Lecionou durante 12 anos na Secretária Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Atualmente ministra aulas no Ensino Médio da Etec Prof. Armando Bayeux da Silva, em Rio Claro/SP.



Maria Antonieta Cassab

Maria Antonieta Cassab. Nasceu em Rio Claro no Estado de São Paulo, no dia 30 de novembro de 1952, é filha de Jamil Zaidam Cassab e Olga Calil Neder Cassab. Durante sua infância estudou no colégio Municipal Irineu Penteadou, depois na adolescência fez o curso ginásial na escola Estadual Prof.º Armando Bayeux da Silva. Posteriormente concluiu seus estudos no colégio técnico Michel Antônio Além, onde se formou em contabilidade. Durante trinta e oito anos exerce a função de oficial administrativa da secretária de Estado da Cultura, no Museu histórico e pedagógico Amador Bueno da Veiga, em Rio Claro, onde realizou diversos cursos relacionados diretamente com a parte administrativa de um museu.

Gilson: Olá! Antonieta poderia se apresentar?

Maria Antonieta: Meu nome é Maria Antonieta Cassab, trabalho como oficial administrativo do museu histórico “Armador Bueno da Veiga”, de Rio Claro. Tenho sessenta anos e há trinta e oito sou funcionária da secretária do Estado da Cultura.

Gilson: Quando você estudou no colégio ginásial Prof^o “Armando Bayeux da Silva”?

Maria Antonieta: Estudei durante quatro anos entre 1966 e 1970.

Gilson: Qual o curso?

Maria Antonieta: Cursei o ginásial, que correspondia naquela época da sexta série a oitava. Na escola éramos muito respeitados e os professores também, sendo que até hoje sei os nomes de todos e as matérias. Era uma escola muito boa que na parte da manhã a gente fazia educação física, entrávamos às sete horas da manhã com o uniforme e, na parte da tarde, que era a escola profissional. Na escola profissional aprendíamos a matéria de Educação Doméstica e o Desenho Técnico, foi muito importante porque cozinávamos, bordávamos, e fazíamos bijuterias como brincos, com a professora e também diretora Elza Badra Cassab, na parte de corte de costura era a Professora Ester.

Na educação doméstica todo os ingredientes utilizados para fazer a comida eram da própria escola e os alunos faziam para que pudessem comer depois. Terminada a refeição, mantínhamos a cozinha sempre limpa e higienizada, sempre com a supervisão da professora.

Gilson: Qual a duração do curso de Educação Doméstica?

Antonieta: O curso de Educação Doméstica durou quatro anos, onde nós aprendíamos Corte e Costura, Bordado, fazer brinco e também a cozinhar.

Gilson: Que tipo de comida vocês faziam?

Antonieta: Fazíamos arroz, feijão e vários tipos de salada, tudo dentro da parte de nutrição. Tínhamos também aulas de Português, Matemática, Ciências e História. Era a melhor escola que tínhamos em Rio Claro.

Gilson: Qual o horário das aulas?

Antonieta: As aulas começavam às sete horas da noite e terminavam às onze horas, porque na parte da manhã fazíamos educação física com a professora Nair. Jogávamos bola,

basquete e fazíamos ginástica. Tínhamos aulas de Desenho Artístico e Desenho Técnico com o professor Felício, enquanto as meninas faziam aulas de Desenho Técnico, os meninos iam para aula Mecânica. Na cozinha só iam as mulheres também.

Gilson: E as outras disciplinas eram frequentadas por todos os alunos?

Antonieta: Sim, todos participavam das disciplinas e era muito divertido, eu fui muito terrível e namoradeira, porém sempre aprendi. Certa vez a professora de língua portuguesa, Sandra Gianotti, pediu para todos lerem o livro *Barro Blanco*, mas li somente o começo e o fim do livro, claro, quando chegou na hora de fazer a prova, não sabia o que responder, ela desconfiada me deu um zero e escreveu na prova, você só leu o começo e o fim do livro e não o meio. Todo ano tinha um concurso de rainha da escola. Então os meninos escolhiam as meninas que iam participar, sempre participei e era muito divertido e aprendíamos muito sempre com respeito.

Gilson: Antonieta, os alunos geralmente participavam de desfiles cívicos?

Antonieta: Sim, todos participavam. Realizávamos também, em algumas salas de aula, exposições de tudo que era feito durante o ano e geralmente era aberta à comunidade.

Não vendíamos nenhum dos objetos, apenas eram expostos para nossos pais apreciarem nossas atividades durante o ano. A professora de língua portuguesa, Maria de Lurdes Zanardi, era muito temida, e todos tinham medo dela.

Gilson: Como era o material didático utilizado nas aulas?

Antonieta: O material didático utilizado nas aulas não era fornecido pelo governo, nossos pais que compravam. Somente os produtos utilizados na cozinha eram fornecidos pela escola, como também os materiais da oficina mecânica. Até as filhas do diretor, o Sr. Durval de Oliveira, estudaram na escola.

Gilson: Antonieta, cada professor lecionava em uma disciplina específica?

Antonieta: Sim, como possuíamos vários professores, cada um lecionava em uma determinada matéria.

Gilson: Quantas aulas por dia?

Antonieta: Acredito que tínhamos de quatro a cinco aulas, a cada troca de aula mudávamos de sala, onde os professores nos aguardavam. Tínhamos aulas de música, onde

aprendíamos a cantar e fazer notas musicais com a professora Emilie Cassab, que sempre levava os alunos para cantar em volta de um piano. Aprendemos muito nas aulas de Inglês com a professora Grizeldis, que entrava na sala e só falava inglês, tínhamos que nos virar.

Gilson: Antonieta, enumere todas as disciplinas do seu curso ginásial!

Antonieta: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Música, Educação doméstica (cozinha, bordado e corte e costura), Desenho técnico, Educação física, Desenho artístico, História e Inglês. Durante as aulas de Corte e Costura da professora Ester, aprendíamos a fazer molde de roupas, nunca costurávamos, não havia máquinas de costura. Nas aulas de Educação Doméstica também aprendíamos a confeccionar brincos, pulseiras e colares, usando miçangas com linhas de pescar.

Gilson: Quantos alunos tinham na sala de aula?

Antonieta: Acredito que na sala tinha uns trinta alunos mais ou menos, tanto meninos como as meninas.

Gilson: Como eram os uniformes dos alunos?

Antonieta: O uniforme das meninas era uma saia cinza com uma prega na frente e uma blusa branca bordada, e no bolso as iniciais da escola, além de uma meia três quartos branca com sapato preto no pé. Fizesse frio ou calor o uniforme era obrigatório. Os meninos usavam calças cinzas com camisetas brancas com as iniciais da escola.

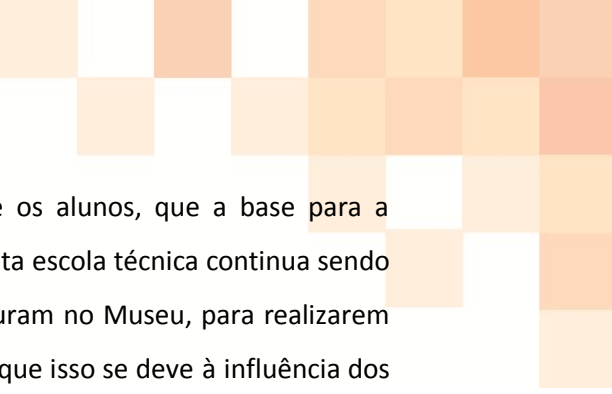
Gilson: Como era o sistema de punição para os alunos?

Antonieta: Durante os quatro anos que estudei na escola, nenhum aluno foi punido ou expulso. Não presenciei nenhuma cena de desrespeito aos professores.

Gilson: Quanto havia comemorações cívicas como eram os desfiles nas ruas?

Antonieta: Quando havia comemorações cívicas, sempre era escolhida pra carregar alguma coisa no meio da rua. Eu e minha prima Damares, que estudava comigo, éramos sempre escolhidas, talvez devido a minha família ser muito conhecida em Rio Claro, acho que tínhamos um tratamento diferenciado.

Gilson: Antonieta, muito obrigado por esta excelente entrevista, gostaria de deixar uma mensagem?



Antonieta: Sim, gostaria de alertar os professores e os alunos, que a base para a conquista de todas as coisas é o respeito. Em minha opinião esta escola técnica continua sendo a melhor escola de Rio Claro, porque os alunos que nos procuram no Museu, para realizarem seus trabalhos escolares são empenhados e respeitosos, acho que isso se deve à influência dos professores.

(Transcrição da entrevista realizada, em 23/06/2013, e, transcrição realizada em 30/07/2013, por Gilson Francisco Furtado)

Etec

Júlio de Mesquita

Santo André / SP



Etec Júlio de Mesquita



Geny Abigail Fidelis

Geny Abigail Fidelis. Graduada em Engenharia de Alimentos pela Universidade Federal de Viçosa (1999), mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Viçosa (2005), especialização em Pós – Colheita de Frutas e Hortaliças: Qualidade e Manutenção pela Universidade Federal de Lavras (2008) e Licenciatura em Alimentos pela Faculdade de Tecnologia de São Bernardo do Campo – SP (2011). Atualmente é professora do Curso Técnico em Nutrição e Dietética da Escola Técnica Júlio de Mesquita – Santo André – SP. Tem experiência na área de Gestão da Qualidade e Segurança Alimentar. Desenvolve projeto HAE intitulado História da Educação Profissional: uma abordagem dos laboratórios de aulas práticas do curso técnico em nutrição e dietética da Etec Júlio de Mesquita.



Eunice Yonamine Paiva

A Professora Eunice Yonamine Paiva tem formação Técnica em Economia Doméstica em nível de 2º grau no ano de 1978, no Centro Estadual Interescolar “Júlio de Mesquita”, graduação em Nutrição pela Universidade de Mogi das Cruzes em 1983 e concluiu em 2000 o Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo da Educação Profissional em Nível Médio. A Professora iniciou suas atividades docentes na Etec Júlio de Mesquita, em outubro de 1986, Coordenadora da Área de Nutrição de abril 2006 a janeiro de 2010 e Coordenadora da Área de Gestão e Negócios da classe descentralizada E.E. Esther Medina de fevereiro e julho de 2010. Desenvolveu diversos trabalhos junto aos alunos e docentes, como professora nas disciplinas: Administração Aplicada; Administração dos Serviços de Alimentação; Alimentos, Seleção e Controle de Qualidade; Anatomia Humana e Fisiologia da Nutrição; Atendimento ao Consumidor e Rotulagem; Controle de Doenças Transmitidas por Alimentos; Higiene e Segurança Alimentar; Inquéritos e Técnicas de Educação Alimentar; Segurança no Trabalho; Supervisão de estágios; entre outras.

“...acabei gostando bastante das condições, do exercício profissional de ensinar, e acabei ficando bastante tempo, até hoje ainda...”

A entrevista aconteceu no Laboratório de Nutrição, onde a professora Eunice gentilmente conversou sobre suas lembranças de seu tempo de estudante na escola Júlio de Mesquita. Apresentei-me dizendo que sou a professora Geny Abigail Fidelis, da Etec Júlio de Mesquita e que faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Memória e História da Educação Profissional, como participante do curso de história oral e que suas lembranças relatadas nesta entrevista irão fazer parte das atividades desenvolvidas no exercício de entrevistar, transcrever e transcriar. Permitindo também desenvolver material para o acervo do Centro de Memória desta escola.

Iniciamos nossa entrevista questionando como foi a sua entrada nesta escola, quais suas lembranças e o que a fizeram escolher o curso técnico. A Professora Eunice relata que a princípio a escolha foi porque na época havia a transição do curso do colegial para o técnico em conjunto, e naquele momento ela estava procurando um curso que tivesse todas as disciplinas com as quais tinha afinidades e interesse. Ela pesquisou em algumas escolas próximas de sua residência e acabou optando por esta escola, pois atendia a esta primeira necessidade. Começado o curso, pela sua pouca idade, naquele momento não valorizava tanto, mas guardava boas lembranças da época, das disciplinas, de alguns momentos deste aprendizado, mais valorizado um tempo depois. Ela descreve: [...] Neste curso só havia meninas, algumas já estudavam antes lá, no chamado “ginásio” e já se conheciam. Éramos uma turma não muito grande, que foi se reduzindo no decorrer do tempo.

Estive lá por dois anos – era o curso técnico integrado ao ensino médio, na época o nome era colégio, então colégio com técnico. Foram só dois anos, porque peguei a mudança do “colégio” para o novo sistema – então tinha feito o primeiro colegial em outra escola estadual, e tive que optar por outra devido a isso. Na época, nossos amigos mais próximos foram os meninos de uma classe de técnico em mecânica – à época havia apenas uma menina neste curso, também nossa colega. Lembro-me das aulas de costura, de artes, de administração da casa, de noções de enfermagem, de culinária e algumas outras como matemática, português, geografia etc. compondo o lado do chamado colegial (segundo grau). Lembro que tínhamos uma certa “vergonha” de dizer que curso (técnico) fazíamos pois o que se entendia era que formavam-se para “donas-de-casa” ou “piloto de fogão”; diziam em deboche os outros alunos.

Uma das colegas de sala contou que quando questionada por outras pessoas dizia fazer Técnico em Economia...e eu questionava: - mas e o resto do nome do curso?? E ela: - Não digo! Que vão pensar??!

A maioria das aulas práticas (e outras às vezes) acontecia dentro do atual auditório no térreo – que tinha vários espaços como salas de aula, com divisórias de madeira (acho que não havia salas suficientes/destinadas as aulas no prédio (atual Bloco A).Tive aulas de geografia com a então, bem jovem, professora Eliane A. Grande, que iniciava sua carreira acadêmica.

A professora de “corte e costura” me parecia bastante misteriosa – era uma senhora japonesa e bem quieta. Falava pouco e respondia nossos pedidos e questões apenas acenando com a cabeça, tinha cabelos longos, ondulados e olhos delineados fortemente em preto.

Não me recordo seu nome.Lembro-me de uma exposição/feira de escolas técnicas na prefeitura de Santo André; onde foram expostos alguns trabalhos que realizamos especialmente para a ocasião – uma rede de corda feita com uma técnica de amarração decorativa de nome macramê (era enorme). Havia também um trabalho muito delicado e sofisticado de algo que nunca soube (nem sei) fazer – bordado em tecido e os fios eram de seda, elaborado e vistoso – que me impressionaram na época – e também pedido para a ocasião – a professora era a Dona Luzia. Esses (e outros) trabalhos fizeram muita presença no espaço onde ficamos. Havia também os tornos de usinagem que me lembro, fizeram uns sininhos (pequenininhos e com o badalo móvel) muito disputados por todos os visitantes(feitos pelo Técnico de Mecânica, acho).

Lembro-me também das aulas de Matemática com a Professora Bernadete – pessoa muito séria e de poucos sorrisos; respeitada (e temida) por nós, com ela não tinha “moleza”!

...Tivemos também, aulas de tapeçaria que eu gostava e que ganharam valor muito tempo depois.Lembro também de uma professora pequena e muito delicada – a dona Laureci – da qual sempre gostei e que aparentemente tinha muita paciência com os alunos. Como adolescentes que éramos, imagino hoje, não éramos assim tão comportadinhos e, portanto, ela realmente teve paciência conosco! As aulas dela eram na cozinha – que era grande e com um fogão industrial bem no centro.Tivemos uma vez, um longo período de ensaios para uma dança coordenados pelos professores de educação física; que juntou as meninas de nossa sala com os meninos da outra sala – na verdade, quem participasse estaria dispensado de algumas aulas nos horários do tal ensaio – então principalmente os meninos se prontificaram e acabaram ficando presos a isso (“matar aula” ficou caro...). Usávamos uma fantasia/roupas

com a cor vermelha predominando – nos apresentamos algumas vezes – tanto na escola quanto fora dela – por exemplo, no Parque Duque de Caxias – atual Pq. Celso Daniel – em participação de algum evento escolar que não me recordo, mas da música sim: “...quando eu morrer quero ir em fralda de camisa, defunto pobre de luxo não precisa...” tudo em tom cômico. Também é forte a lembrança de ensaios da Fanfarra – que participava dos eventos cívicos na cidade (7 de setembro, por exemplo). Fiz parte da fanfarra uma vez, tocando um dos instrumentos de percussão. A maioria das escolas estaduais e também algumas particulares desfilavam nas ruas pré-definidas, e mostravam seu ritmo e também os uniformes.

Lembro também de alguns jogos escolares e torcidas para os times de nossa escola. Tive algumas aulas de saúde/noções de enfermagem, mas lembro de achar que faltava algum conteúdo para a minha curiosidade. Quem deu essas aulas foi a professora Aldonia – professora loura, alta, de olhos claros e que falava bem suave sempre sorrindo.

A classe foi encolhendo em número de alunos (evasão) e então nos mudaram para o período noturno, onde havia alunas um pouco mais velhas do que nós. Nessa época, fui fazer “cursinho” durante o dia e lembro que pela primeira vez tive sono e dormi em algumas aulas à noite. Foram apenas dois anos, mas foram intensos, pois coincidiram com a adolescência sempre cheia de acontecimentos e mudanças. Alguns dos professores citados se tornaram colegas de trabalho [...]

A professora Eunice relatou que concluíra o curso técnico de Economia Doméstica e este conjugado ao colegial, em 1979. Então na sequência ela se recordou de ter feito um curso, chamado cursinho preparatório para vestibular, lhe permitindo ir direto para a graduação em Nutrição. Graduou-se então em Nutrição pela Universidade de Mogi das Cruzes em 1983. Após a faculdade, ela trabalhou como nutricionista e não muito tempo depois, aproximadamente um ano, teve a oportunidade de dar aulas aqui na Etec Júlio de Mesquita. Não pretendia ficar somente na docência e sim conciliar com a atividade profissional de nutricionista, mas acabou gostando bastante de todas as condições, da própria aula, do exercício profissional de ensinar que acabou ficando até os dias atuais. Antes de finalizarmos a entrevista agradei muito a Professora Eunice pela sua disponibilidade, pela sua boa vontade em me ajudar neste estudo, nessa aprendizagem também de entrevistar e de escrever sobre história oral. Ela também agradece a oportunidade, dizendo que tem muito mais coisas e muito mais lembranças, e que sendo necessário e de interesse, estaria à disposição.

(Entrevista concedida a Geny Abigail Fidélis, em junho de 2013).



Etec Júlio de Mesquita

Maurício Tintori Piqueira

Maria de Fátima Banfi

Lecionando na ETEC Júlio de Mesquita de Santo André desde 1983, a professora Maria de Fátima Banfi vivenciou várias mudanças na instituição. A primeira a ser mencionada foi a respeito da quantidade de alunos, que era muito menor, pois havia apenas 15 turmas na escola.

Naqueles tempos, a qualidade do Ensino Médio era muito boa, pois grande parte dos alunos conseguia passar nos vestibulares das principais universidades públicas. Todavia, isso incomodava os professores dos cursos técnicos, pois o ensino integrado era de 4 anos, sendo que no primeiro os alunos tinham aulas apenas das disciplinas do médio, e no quarto e último ano eram lecionadas apenas disciplinas dos cursos técnicos. Dessa forma, muitos alunos passavam nas universidades e evadiam do curso técnico no último ano.

Por isso, o Centro Paula Souza realizou mudanças, visando à integralização entre o médio e o técnico, para diminuir a evasão. Atualmente, os alunos não são tão compromissados quanto os de vinte ou trinta anos atrás, apesar de, se comparados com os da Rede Pública, eles têm um desempenho melhor, sendo isso refletido no bom desempenho alcançado nas feiras tecnológicas e no mercado de trabalho, onde muitos dos alunos formados pela instituição ingressam em bons empregos logo após se formarem.

Para ela, o motivo principal para os jovens estarem menos compromissados com os estudos é a convivência moderna da família, pois tanto o pai quanto a mãe têm emprego e não desfrutam de um tempo maior para conversarem e prestarem atenção nos filhos. E esse descaso reflete no comportamento do aluno na sala de aula.

Mas, não são apenas os alunos que demonstram um compromisso menor com a escola: os professores também não têm o mesmo comprometimento porque, diferente do passado, eles estão empregados em várias escolas, e não apenas em uma, e isso afeta na concretização de projetos que melhorem a qualidade de ensino da instituição.

Por outro lado, houve aspectos positivos nas mudanças dos últimos anos. A escola ganhou uma maior infraestrutura, não deixando nada a dever as melhores escolas particulares da região, algo bem diferente da época em que ingressou na instituição, quando a Júlio de Mesquita era conhecida como a “escola de debaixo do viaduto”, alusão ao viaduto próximo de suas instalações e também ao fato de ela não contar com uma boa estrutura. Para ela, a atual direção tem um importante papel nessas conquistas que melhoram a estrutura física da Etec Júlio de Mesquita.

Etec

Philadelpho Gouvêa Netto

S. J. Rio Preto / SP



Etec Philadelpho Gouvêa Netto



Jurema Rodrigues

Jurema Rodrigues. Licenciada em Letras (FARFI, 1984), Pedagogia Plena (FEAARN, 1986). Atualização em Língua Portuguesa (USP, 1991). Especializações em Psicopedagogia (FISO, 2002), Educação Especial e Inclusiva (ISEB, 2011) e Língua Portuguesa (UNICAMP, 2012). Trabalhos apresentados intitulados “Literatura vivenciada na realidade do aluno” e “Pai contra mãe” (UNESP, 2005), “Tu és um Teorema?” (UNESP, 2006), “Resgatando a História do Philadelpho – Ginásio Industrial” no III Encontro de Memórias e História da Educação Profissional (Cetec/CPS, 2012). Professora da Etec Philadelpho Gouvêa Netto desde 1996, nas disciplinas de LPL, LTT e Ética, Cid.Org. Apaixonada pelo Ensino Técnico e pela Etec desenvolve projetos: Centro de Memória do Philadelpho (2013), o Jornal PHILA (2001 a 2010), Grupo de teatro ARTELITERATURA (2000 a 2008 e 2012), PHILARTE – Jornal Phila e grupo ARTEPHILA (2008 a 2011) e participa do GEPEMHEP (2012-2013).



Clovis Sanfelice

Clóvis Sanfelice. Professor de Ciências do Ginásio Industrial desde 1965, assistente de direção do Ginásio Industrial de 1969 a 1973, diretor do Ginásio Industrial de 1973 a 1975, assistente de direção do Colégio Técnico Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto” até 1980. Pode-se dizer um “bandeirante”, um apaixonado pela educação profissionalizante, uma vez que lutou pela qualidade do Ensino Técnico; pela melhoria do espaço físico quando solicitou a transferência para a Avenida Faria Lima, instalações de espaço físico de maior extensão devido às condições precárias do antigo que não mais comportava o Ginásio Industrial e o Colégio Industrial; pela manutenção do Ginásio Indústria, criação do Colégio Industrial e ampliação dos cursos do Colégio para Mecânica, Edificações e Eletrotécnica; pela apropriação do terreno e construção do prédio próprio da Avenida dos Estudantes, nº3248, Jardim Aeroporto. O papel do professor Clóvis Sanfelice merece ser registrado nas Memórias da Etec Philadelpho Gouvêa Netto.

Nasci em 14 de abril de 1936, em São José do Rio Preto, SP, completei 77 anos, casado com Maria Aparecida Gubolin Sanfelice, pai de dois filhos, mas consideramos o irmão caçula de minha esposa como filho mais velho, portanto, temos três filhos. Neste painel, fixado aqui no meu apartamento, estão algumas fotos dos meus familiares.

Estes são meus netos: esta é a Isabela, cursa Direito na PUC, este é o seu irmão que está fazendo o terceiro colegial, considerados netos, porque são filhos do meu cunhado que foi criado em casa como filho mais velho; estas são a Vitória e a Júlia, filhas do nosso filho mais jovem, eles moram em Santo André; esta foto é da Thayla, minha “rapinha de tacho”, é do nosso primeiro filho, fica comigo para a mãe trabalhar. Esta foto é do sítio em Engenheiro Schmidt onde eu passava as minhas férias. Para ter uma ideia, somos descendentes de italianos e todos os filhos dos meus avós que casavam vinham morar aqui, era como um hotel, se você contar, na foto tem uns dezesseis, mas chegava a ter trinta a quarenta pessoas aí, todos os filhos moraram e se reuniam sempre.

Não gosto de ficar fechado o tempo todo neste apartamento, na televisão, no computador, adoro espaço, natureza. Vejam essas plantas e flores que plantei na sacada do apartamento, sinto bem em espaço verde, próprio de professor de ciências. Duas vezes por semana, cuido da casa, do pomar e das plantas da antiga casa de meus sogros na cidade de Bady Bassit. Depois do falecimento deles, alugamos a parte da frente da casa para comércio imobiliário e o restante ficou para reunião de família, valorizamos muito a família. Como já disse, sou professor de ciências com licenciatura em História Natural pela antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de SJRP, 1965, IBILCE/UNESP, em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales em 1977, também em Supervisão Escolar pela Faculdade de Dom Bosco de Monte Aprazível em 1980. Exerci muitas funções, papéis como dizem, professor de Ciências do Ginásio Industrial desde 1965, assistente de direção do Ginásio Industrial de 1969 a 1973, diretor do Ginásio Industrial de 1973 a 1975, assistente de direção do Colégio Técnico Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto” até 1980. Em 1983, fui designado para a função de Diretor Técnico da D.R.E. de São José do Rio Preto (figura 4), onde permaneci na função até o término de 1994.

A Etec Philadelpho Gouvêa Netto está diretamente ligada a minha vida profissional, onde iniciei meus trabalhos quando a escola ainda funcionava na Rua Antonio de Godoy, no antigo Ginásio Industrial. Cheguei ao Philadelpho Gouvêa Netto em 07 de abril de 1965 onde

fiquei até 21 de agosto de 1980, aproximadamente 16 anos da minha vida dedicada à Escola Técnica. Primeiramente na função de professor, assistente de diretor, depois diretor até consumir nosso objetivo principal que era exatamente fazer com que a escola funcionasse em local apropriado como funciona atualmente. Uma história de conquistas desde a luta pela criação do Colégio Técnico em 06 de novembro de 1970, a liberação da área e de recursos para construção do prédio próprio nas imediações do aeroporto.

Hoje me sinto realizado, tendo em vista que a escola funcionava em condições precaríssimas em termos de espaço físico, equipamentos. Representa uma longa história de conquistas e problemas. É lógico, acabam aparecendo, nesta história toda, alguns dissabores (risos), como fatos interessantes, alguns deles não deveriam ocorrer, é preciso estabelecer prioridades e a prioridade no meu ponto de vista é o Ensino Técnico. Iniciamos as atividades do Colégio, em 15 de março de 1971, com os cursos de Mecânica e Edificações, pois antes só funcionava o Ginásio Industrial com os cursos da área de Mecânica. Havia uma corrida, uma concorrência muito grande para a instalação do Ensino Técnico nas cidades do Estado de São Paulo. São José do Rio Preto, polo de desenvolvimento da região norte do Estado, necessitava de mão de obra especializada técnica de nível médio, uma vez que estávamos em fase de implantação industrial, uma série de indústrias formava o parque industrial. Além disso, contávamos com a instalação de algumas usinas hidrelétricas próximas a Rio Preto, havia necessidade de mão de obra especializada, principalmente, na área elétrica. Desde a criação do colégio, a escola passou a ser vista pela comunidade e pela região de uma forma diferente. O Colégio Técnico veio exatamente preencher essa lacuna, a necessidade de formação de Técnico de nível médio. Hoje, olhando para trás, já com uma idade avançada, sinto-me realizado, representávamos uma educação de vanguarda que hoje é o Ensino Técnico, muitos colegas me ajudaram nessa atividade, empreitada. O Brasil precisa de técnicos de nível médio. Fico extremamente gratificado quando recebo telefonemas de ex-alunos que trabalham nas grandes indústrias como a Camargo Corrêa no país e fora do país. Alguns estão no Iraque, no Irã, e quando veem a Rio Preto me visitam ou telefonam dizendo: “Oh! senhor Clóvis, estou realizando um trabalho, construindo, ajudando a instalar usinas na África, como a Camargo Corrêa”.

O Colégio Técnico passou por três prédios: da Rua Antônio de Godoy, nº 3564, onde funcionava a antiga Escola Artesanal desde 1956, passando a denominar-se Escola Industrial em 30 de abril de 1963 e Ginásio Industrial Estadual, em 18 de fevereiro de 1965. Ainda no mesmo prédio, com a criação do Colégio em 06 de novembro de 1970 e início de suas

atividades em 15 de março de 1971, funcionavam duas escolas: Ginásio Industrial Estadual “Philadelpho Gouvêa Netto” e o Colégio Técnico Industrial de São José do Rio Preto. No prédio da Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 5541, funcionaram Ginásio e Colégio Industrial de 1971 a 1976. Em Janeiro de 1977, o Colégio “Centro Estadual Interescolar Philadelpho Gouvêa Netto” mudou-se para instalações próprias, no prédio próprio da Avenida dos Estudantes, nº 3248, cuja inauguração deu-se em 06 de agosto de 1977, essa é a sequência.

A instalação do prédio da Rua Antônio de Godoy, nº 3564, era precaríssima, vocês vão ficar surpresos, mas quando instalada, utilizou de um prédio que era um antigo prostíbulo, porque essa região de Rio Preto era onde funcionavam (risos) as casas, “essas casas suspeitas”. O prédio, antes de iniciar seus trabalhos da antiga Escola Artesanal, era mesmo um antigo prostíbulo. Condições precaríssimas, instalações adaptadas, algumas salas de aula funcionavam no porão. Uma conquista para mim como professor de ciências recém-saído da Universidade, conseguir instalar um laboratório no porão da escola, se é que, poderia chamá-lo de laboratório de ciências e de biologia. Uma sala que adaptamos com ajuda dos alunos, a instalação dessa sala não era o ideal, mas já podíamos fazer algumas experiências de ciências, mostrando para os alunos a importância da pesquisa no Ensino Técnico. Era a semente de tudo, considerávamos uma conquista, não tínhamos noção de aonde chegaríamos.

As condições eram precárias para todos, não era só para mim professor de ciências não, as aulas teóricas eram dadas em salas muito pequenas, o pessoal todo amontoadinho. Graças a Deus, o ensino era bem transmitido. Havia dois salões no fundo do prédio que foram também adaptados, onde funcionavam a oficina de mecânica e a oficina de economia doméstica desde a Escola Artesanal. Aproveito a oportunidade para dizer que ontem encontrei uma das professoras de economia doméstica, a professora Iraceles. Ela falou com muita da saudade daquela época, de como, mesmo com pequena infraestrutura, conseguimos realizar coisas muito boas. Nosso encontro foi gratificante, porque quando a gente vai envelhecendo, envelhece como um todo, não só a pessoa, mas as relações, o pessoal vai desaparecendo, uns mudam, outros morrem, (risos), é a idade da vida. Encontrando a professora Iraceles, tivemos a possibilidade de relembrar aqueles bons tempos de muitas dificuldades, não tínhamos o apoio das autoridades políticas, porque era uma escola destinada à criança pobre. Quando reivindicávamos qualquer benefício das autoridades, qualquer melhoria era sempre com grande dificuldade.

Conseguimos sair do prédio da Rua Antônio de Godoy nº 3564 para as instalações próximas ao Hospital de Base. Tudo aquilo que vocês veem no ambulatório do Hospital de

base, fomos nós que colocamos em funcionamento, eram apenas galpões inacabados. Quando nos deslocamos para esse prédio na Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 5541, as condições melhoraram, mas ainda deixavam muito a desejar, eram instalações adaptadas, não era um prédio feito especificamente para funcionar uma escola de nível.

Só atingimos nosso objetivo final quando conseguimos a construção do prédio nas proximidades do aeroporto, onde até hoje funciona o colégio, pois o prédio da Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 5541 contava com galpões, eram praticamente alicerces (risos), alicerces com quatro ou cinco paredes, galpões pertencentes à Fundação Regional de Ensino Superior da Araraquarense, cedidos pela Prefeitura Municipal. Para instalarmos o Ginásio e o Colégio Industrial nesse prédio, contamos com o auxílio do nosso curso de edificações e do auxílio do Departamento de Ensino Técnico de São Paulo, para levantarmos, terminarmos aquelas paredes. Assim fizemos, cobrimos tudo, instalamos a oficina de mecânica, a oficina de edificações e numa das partes, colocamos a parte administrativa e as salas de aula. Não era o ideal, porque eram salas também adaptadas, mas já era um avanço, pois, neste prédio, tínhamos mais espaço.

No prédio da Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 5541, além do Ginásio Industrial, funcionavam o curso de mecânica e o curso de edificações, esses dois cursos foram à base, o início do Colégio Técnico em Rio Preto. Em 13/02/74, pela resolução SE nº 17, a habilitação de Técnico em Eletrotécnica foi autorizada, as instalações de eletrotécnica iniciaram precariamente, mas não interferiu na boa formação de técnicos de nível médio na área de eletricidade, tanto que muitos deles foram aproveitados, posteriormente, em nossas usinas da região. Na região, havia a usina hidrelétrica de Marimbondo, depois instalaram outras usinas na região do rio Paraná. Muitos alunos foram se colocando nessas usinas, fazíamos excursões e, lá, os alunos entravam em contato com os técnicos, iam se encaixando nas usinas, alguns deles eram aproveitados como espécie de experiência, para vocês perceberem o nível da escola técnica. Muitos técnicos formados aqui foram trabalhar na maior usina hidrelétrica, a Itaipu, muitos deles se encaixaram e foram admitidos por grandes empresas para trabalhar fora do Brasil. Em termos de construção de hidrelétricas, representamos um marco na história do país, porque essas usinas hidrelétricas tinham uma tecnologia especial na sua instalação. Quando se instalou uma grande usina na China, não me lembro do nome dela agora, aproveitou-se técnicos brasileiros, engenheiros e técnicos de nível médio na instalação lá no rio Lang Tse, representou a grande conquista da China, alavancou o progresso da China, e tínhamos técnicos brasileiros lá.

Nesse prédio, também funcionava o Ginásio Industrial, ensino já com alguns fundamentos do Ensino Técnico, principalmente da área de mecânica para os jovens e economia doméstica e corte e costura para as moças. Assim foi a semente de tudo, com o trabalho dedicado de muitos funcionários como o professor Evaldo e o professor Nilton da área de mecânica, a professora Iraceles e outros que muito me ajudaram na proposta de transformação do Ginásio em Colégio. Tivemos também o diretor do Ginásio da época, o professor Olavo Fonseca, que chegou para mim e disse o seguinte: - Olha, você é, no momento, o único com formação universitária aqui, quero que você seja o meu assistente, vai trabalhar com todo o meu apoio e com tudo o que precisar.

Naquela época, havia algumas cidades com interesse na instalação do colégio técnico, e uma delas era Lins. Em Lins, havia uma força muito grande, um representante, um inspetor e tudo o que havia, ele tinha contato direto com o Departamento do Ensino Técnico. Nós tivemos que vencer todos esses obstáculos, havia uma série de problemas para instalação do Colégio em nossa cidade, mas (riso), atravessei, o colégio teria de ser instalado em Rio Preto e não em Lins. Fui a São Paulo e consegui trazer para cá o Diretor do Departamento do Ensino Técnico e falei para ele: - Com posição a de Rio Preto em relação às usinas que estão sendo instaladas e o crescimento de grandes indústrias na região de Rio Preto, não se pode deixar de instalar o Colégio Industrial nesta cidade! O senhor não pode comparar Lins com Rio Preto.

Na ocasião, precisei de um pouquinho de demagogia para convencer o Diretor do Departamento do Ensino Técnico. Mas recebi uma convocação para ir até São Paulo, porque o inspetor que representava Lins tinha estado aqui, e nos disse: - Como vamos instalar o Colégio Técnico neste prédio da Rua Antônio de Godoy, nº 3564? Falei para ele: - Trabalharemos no sentido de instalar o colégio em prédio próprio, tudo direitinho, mas o senhor veio visitar a nossa escola e disse para minha secretária, na época era a professora Tamem Cury, o seguinte:

- Não vamos instalar o colégio aqui, porque não tem condições, isso aqui parece mais uma pocilga.

Jurema, você se lembra da história da pocilga que já lhe contei? Na ocasião, eu estava coordenando o curso de geografia estatística promovido pelo próprio departamento de ensino técnico, pois não tínhamos um prédio à altura, conseguimos junto à escola SENAC Paiva Meira autorização para que o curso funcionasse lá, eu era o coordenador local, o inspetor da IREP de Lins era o coordenador geral do Estado nesse curso. Fui conversar com ele, como eu já tinha trazido o diretor do Departamento Técnico e movimentado toda a imprensa da cidade a respeito da instalação do colégio em Rio Preto, me vi numa situação difícil porque, depois do

discurso do inspetor da IREP de Lins, pensei: “vou perder o colégio técnico”. Cheguei à reunião do curso com muita empolgação, característica da mocidade, no momento em que os participantes tinham feito uma pausa para avaliar o curso. Pedi licença a todos e me sentei à mesa, solicitei um espaço para falar sobre o assunto, só que fui um pouquinho longe demais, a primeira coisa que eu disse foi: - Inspetor, eu o considero uma persona não grata na cidade, porque o senhor fez afirmações desairosas com relação a nossa pretensão de instalar o colégio técnico, o senhor não conhece o trabalho que estamos realizando, já trouxemos o diretor do Departamento de Ensino Técnico, quem nos confirmou a instalação do colégio técnico nesta cidade, o senhor não deveria atravessar o nosso trabalho, pois o senhor reivindica para Lins, mas faz afirmações desairosas com relação a nossa escola, repito: eu o considero uma persona não grata na cidade.

O inspetor da IREP de Lins se levantou e disse o seguinte: - O senhor será responsabilizado pelas suas palavras, vou agora mesmo ao departamento para deixá-los a par do que aconteceu aqui. Levantou, largou a reunião e foi embora, ao meu lado estava o diretor da escola SENAC Paiva Meira, senhor Otacílio de Almeida quem me disse: - Você vai ter problemas sérios aí pela frente.

Eu confirmei. Depois de anos, esse professor, diretor do SENAC, se tornou deputado federal e me indicou Diretor Regional de Ensino da Região, foi meu suporte político. Bom, voltando ao assunto, fiquei aguardando, acabei o curso que estava sendo realizado no SENAC, aguardei e, após dois dias, saiu no diário oficial, a minha convocação do Departamento de Ensino Técnico. Fomos para o departamento, eu e o professor Olavo Fonseca, na época era diretor da escola e eu o assistente. Só que o diretor Olavo estava afastado naquele momento em que as coisas aconteceram, mas o Departamento convocou os dois. Chegando a São Paulo, na Rua Piratininga nº 85, onde funcionava o Departamento, nunca mais me esqueço. Almoçamos, esperamos nosso horário de convocação, quando chegamos lá, estava aquele buchicho: “o diretor e o assistente do Ginásio “Philadelpho Gouvêa Netto” chegaram”. A secretária mandou nós entrarmos, ficamos aguardando, depois nos disse que poderíamos entrar, o diretor iria nos atender. Entramos numa sala ampla, sabe, tudo muito chique em São Paulo, móveis de requinte, naquela época era o centro, onde administrava todo o ensino técnico, e o diretor do Departamento nos disse: - Vocês foram convocados, porque houve um fato lamentável em Rio Preto, por ocasião do curso destinado ao ensino técnico realizado nas instalações do SENAC Paiva Meira, mas antes de tomar qualquer atitude, queria que me relatassem a respeito do ocorrido.

Relatei: - Oh! O Senhor já esteve em Rio Preto para tomar uma decisão em relação à criação e instalação do colégio técnico, e nos disse que o colégio será instalado lá. Acontece que o inspetor da IREP de Lins passou por cima de sua autoridade, e me vi na obrigação além de defender a instalação do colégio técnico, defender a autoridade do Senhor. Como se passa por cima da autoridade do diretor do Departamento Técnico, dizendo da não instalação do colégio em nossa cidade. O diretor ficou surpreso, não esperava que eu fosse fazer esse tipo de colocação, usei um pouco de malícia adquirida no meio profissional, ele me disse: - O senhor foi chamado aqui para ser punido, mas foi de muita franqueza, percebi, e o objetivo continua sendo aquele de quando estive em Rio Preto, a instalação do colégio técnico. Vocês me acompanhem.

Levantamos, nos levou lá embaixo numa sala ampla. Nesta sala, estava o mapa do estado de São Paulo, onde estavam indicadas, com bolinhas de cor, as cidades que iriam receber o Colégio Técnico, cada cor representava uma habilitação, o diretor do Departamento nos falou:

- Vocês podem, quando voltarem, comunicar ao prefeito que o Colégio Técnico será instalado em Rio Preto. Respondemos: - Pode deixar, vamos comunicar a imprensa local.

Olhei no mapa, vi a cidade de Rio Preto com apenas duas habilitações: mecânica e edificações, e lhe disse: - Professor, mas e a habilitação de eletrotécnica? Deve ter ocorrido um equívoco aqui, no ofício que encaminhamos ao Senhor, solicitamos a instalação do colégio técnico com três habilitações: mecânica, edificações e eletrotécnica, lá na região serão instaladas usinas hidrelétricas.

Observei que a habilitação de eletrotécnica estava no mapa de Lins, devia ter ocorrido algum problema, com uma cara de pau terrível, peguei a indicação que estava em Lins e pus na indicação de Rio Preto. Ele confirmou e nos disse que comunicássemos ao prefeito municipal que seria instalado o colégio com as três habilitações. Pediu que o acompanhássemos, subindo a escada, ele disse para o professor Olavo Fonseca, diretor do Ginásio Industrial de Rio Preto:

- Olavo, você escolheu um assistente muito dinâmico e engajado com a proposta, só que eu vou lhe pedir uma coisa, segura o homem um pouquinho, que, às vezes, ele ultrapassa as barreiras, mas, gostaria de ter um assistente assim.

O senhor Olavo ficou quieto, mas aproveitei e argumentei o seguinte: - Sabe o que acontece, iniciei minhas atividades no magistério no ensino técnico, procuro sempre fazer o melhor, percebi a importância do Ensino Técnico para o momento que o país está

atravessando, precisamos de técnicos que representem, administrem o setor da indústria. É isso que o país está precisando, principalmente na nossa região, pois lá não temos praticamente nada, só nós temos o SENAC que faz a área comercial, mas na área industrial não temos nada, isso será um avanço. Ele repetiu, confirmou a instalação do colégio técnico com as três habilitações. Serviu um café e nos perguntou como havíamos ido a São Paulo, respondemos que foi com a Maria Fumaça, pois naquela época só tínhamos a ferrovia, e que viemos no dia anterior e ficaríamos mais um dia, tínhamos um trabalho na secretaria da educação, no dia seguinte, iríamos embora. Ele chamou a secretária dele e disse a ela: - Pague três diárias para o Senhor Clóvis e para o Senhor Olavo, eles têm gastos com hotel e outras despesas. Recebemos três diárias, compensatório para quem foi chamado pelo diário oficial para ser punido. Foi uma vitória total, além de conseguir o Colégio Técnico, ainda recebemos as três diárias.

Estou contando esta história para vocês perceberem que lá nos bastidores a coisa é feia, tem que ter um pouco de jogo de cintura, um pouquinho de malícia.

Quando voltamos a Rio Preto, entrei em contato com o prefeito municipal da época, e lenos ofereceu o único prédio disponível, o prédio da Avenida Brigadeiro Faria Lima, nº 5541, em frente ao Hospital de Base, tinha praticamente alicerces, precisávamos levantar as paredes dos pavilhões para instalar a escola. Só tinha um pavilhão semiacabado e os outros dois precisávamos erguê-los. Pedimos um pouco de verba para a prefeitura, para o departamento de São Paulo, e através de uma série de atividades de rifas e festas, levantamos os três pavilhões. Rebocamos por dentro, a parte administrativa ficou num dos salões e o resto foi ocupado pelos cursos. Mudamos para lá naquelas condições, conseguimos junto à prefeitura, levar as máquinas antigas, velhas desde a Escola Artesanal.

O espaço não atendia nossas necessidades, agora precisávamos trabalhar no sentido de conseguir uma área para a construção do prédio definitivo e a verba para construção. Nessas alturas, já havia terminado a administração do prefeito citado anteriormente, e quem estava como prefeito municipal era o Dr. Wilson Romano Calil, entrei em contato com o prefeito municipal Dr. Wilson Romano Calil para dizer que sabia de uma área, perto do aeroporto, mas era uma área de pendência judicial, porque tinha menores envolvidos no inventário. O prefeito perguntou se a área convinha a nós, lhe respondi que era ótima, era de fácil acesso, não era muito distante e se conseguíssemos construir o prédio ali seria ótimo, melhor impossível.

Depois, entrei em contato com Dr. Clemente Pezzarini, assistente jurídico da prefeitura de Rio Preto, tomei conhecimento de que a área estava com problema, era de uma viúva, tinha menores envolvidos, mas o assistente jurídico da prefeitura estava preparando toda a papelada para desapropriação da área, teria preço justo, principalmente com menores envolvidos. Providenciou tudo, foi uma pessoa de uma habilidade espantosa. Também tivemos apoio muito importante do membro do conselho Estadual de Educação, Celso Volpe, professor de matemática da antiga FAFI, hoje IBILCE, disse-nos que poderíamos contar com ele na hora de aprovar o recurso para liberação da área, pois tinha acesso mais fácil.

Liberaram a área, agora precisávamos de dinheiro para construção do prédio próprio. Entrei em contato com a prefeitura, o prefeito municipal Dr. Wilson Romano Calil afirmou que encaminharia um ofício a São Paulo pedindo prioridade na liberação do recurso. Nada aconteceu, e nós naquele sufoco no prédio em frente ao hospital de base. Novamente entrei em contato com o prefeito, que nos disse que estivera em São Paulo, havia encaminhado ofício, e o terreno seria liberado.

Passaram-se dias, semanas, meses, nenhuma notícia, não havia sido publicado no diário oficial.

Pedi para o diretor Olavo Fonseca autorização para ir a São Paulo para verificar o andamento da verba para construção do prédio. Fui a São Paulo, me lembrei de uma moça que trabalhava no setor, pensei: “vou recorrer a ela para saber o que está acontecendo, pelo menos tomar pé da situação”. Fui procurá-la, cheguei para ela e falei: - Estou com problema assim, assim, vim ver o que está acontecendo, porque não foi publicada ainda a liberação desse recurso, da verba para construção do prédio do Colégio Industrial de São José do Rio Preto.

Ela respondeu: - Tem um ofício de um deputado, dizendo que não há necessidade de tanta urgência na liberação dessa verba, Rio Preto é uma cidade voltada para o comércio, parece que ele não está muito interessado na construção do colégio da área industrial. Eu lhe falei: - Não é possível, o único elemento que nós temos aqui, que nos representa é o ex-prefeito que hoje é deputado. Ela confirmou que era ele mesmo. Falei: - Não é possível! É um equívoco, ele mandou um ofício para todo mundo, me deixa dar uma olhadinha nesse ofício. - Olha! Senhor Clóvis, eu não posso fazer isso. - Você estaria ajudando a liberação de um recurso para uma escola técnica! – Mas, pode virar alguma confusão, ela me disse. - Não! Quebra esse galho para nós, respondi para a secretária.

Eu tinha levado uns docinhos de Schimidt, sabe (risos). Olha só como é que se resolve, eu brinquei com ela dizendo que: - Se você me deixar dar uma olhadinha no ofício, na próxima vez que eu voltar, trago mais docinhos de Schimidt para você. Ela trouxe o ofício, fui mais longe e lhe falei: - Você já me ajudou muito, mas se eu chegar a Rio Preto e falar lá na imprensa isso aqui, ninguém vai acreditar, eu precisaria de alguma coisa para mostrar quem está trabalhando contra a instalação do Colégio Técnico. A secretária falou: - Senhor Clovis, mas aí o problema é sério. Falei: - Não, eu vou até ali no quarteirão tirar uma xérox desse ofício, boto ele aí, retorna ele lá para o arquivo, essa cópia aqui vai ser de um valor que você não imagina. Tanto falei, tanto argumentei que ela autorizou, fui lá, tirei um xérox do ofício, voltei para Rio Preto, procurei o tal deputado e lhe falei: - Não estou lhe entendendo, perante o público, você diz uma coisa, que está trabalhando para instalação do Colégio Técnico, para liberação do recurso para construir o prédio, mas eu vou para São Paulo, encontro esse ofício aqui. - Onde você pegou isso aí? Ele perguntou. - Não interessa, isso é problema meu, consegui esse documento para mostrar para a população que está mentindo, não é? Olha aí!

O deputado negou, eu lhe disse: - É contra a liberação do recurso para construir o prédio.

Já sei, é porque no momento o prefeito é outro, é contra o atual prefeito, pois a liberação do recurso e a construção do prédio, todo o mérito vai para o atual prefeito, eu não sou político. Quero o prédio construído, se dentro de uma semana não sair publicado no diário oficial a liberação do recurso para construir o prédio da escola, eu vou mandar esse ofício para a imprensa, vou tirar algumas cópias e vou entregar para os jornais e TV. Levantei, estava na casa dele na Rua Santa Cruz, ele ficou parado e saiu.

Depois de dois dias, foi publicado no diário oficial a liberação do recurso para construção do prédio.

Faço questão de contar a história com esses pormenores para vocês perceberem que a gente, nessa luta diária para conseguir coisas boas, tem que passar por este tipo de obstáculo absurdo, não se consegue nem explicar por quê. Não se pode aceitar uma coisa dessas, que um político tenha atrapalhado a liberação de um recurso para construir uma escola técnica.

O recurso foi liberado e se iniciaram os trabalhos, a construção foi rápida, logo já víamos aquelas construções lá embaixo com tudo. Em Janeiro de 1977, o Centro Estadual Interescolar Philadelpho Gouvêa Netto, assim denominado pelo decreto 7400/75 em 30 de dezembro de 1975, publicado no DO de 31 de dezembro de 1975, mudou-se para instalações próprias, à Avenida dos Estudantes, nº 3248. Bom, agora a parte boa, a oba- oba, inauguração

do prédio em 06 de agosto de 1977, eu não me lembro, exatamente, quem era o governador do Estado de São Paulo da época... Lembrei, era o Paulo Egydio Martins. O governador veio, fizemos uma solenidade lá na frente do prédio novo, foi um negócio muito bom. Já era diretor na época, o professor Armando Pólis, pois o professor Olavo havia se aposentado, e o tal deputado, citado anteriormente, apareceu e ficou na inauguração, na função de prefeito. Acho interessante o comportamento de certos políticos no país, depois de tudo que havia acontecido, não deveria nem aparecer, mas apareceu, tudo bem. Foi feita a inauguração e essa é a história inicial do Colégio Técnico no local onde hoje ele está.

Quanto à mudança, aproveitamos mobiliário e equipamentos existentes no prédio antigo principalmente os da área de mecânica. Foram aproveitados os tornos, os fresas, todo equipamento do antigo Ginásio Industrial, eram equipamentos obsoletos, aquilo nem era suficiente, servia apenas para uma iniciação profissional e não para um nível técnico de 2º grau. Logo o equipamento novo, comprado no exterior, começou a chegar do Departamento Técnico de São Paulo, vieram algumas máquinas, fresas, e alguns tornos, equipamentos que faziam parte da instalação do Colégio Técnico, mas não o suficiente para o envio, principalmente para o curso de eletrotécnica, porque vieram dois ou mais painéis, depois pararam. Fui a São Paulo conversar com o diretor do Departamento Técnico e lhe disse: - Instalou o colégio, mas está funcionando de forma precária, porque o equipamento que foi para lá é insuficiente. Eu já estive lá no setor do protocolo, tem equipamento lá, chegou do exterior, tudo direitinho. O diretor do Departamento Técnico me respondeu: - Aquele material, o Colégio Getúlio Vargas já pediu. Respondi: - O Colégio Getúlio Vargas é uma escola de ponta, está instalada há muitos anos, já tem equipamento avançado, será apenas uma complementação.

Nosso colégio ainda não está equipado, estamos iniciando uma atividade, precisamos desse material, acho que a Getúlio Vargas pode esperar um pouquinho mais. Eu estive no almoxarifado, já conversei com o almoxarife, ele falou que para liberar, preciso de uma autorização do diretor do departamento, sem a autorização do senhor eu não posso levar.

O diretor ficou alguns momentos pensando e falou: - Vou liberar o material, amanhã eu não quero mais esse material lá no almoxarifado, porque está chegando material complementar. Respondi: - Preciso entrar em contato com a prefeitura de Rio Preto para mandar os caminhões. O diretor me disse que já havia liberado o material e teríamos que providenciar o transporte o mais rápido. Confirmei que daria um jeito, telefonei para prefeitura municipal de Rio Preto, dizendo que precisava de três caminhões para carregar todo material

como fresas, furadeiras de bancada, e os três caminhões teriam que chegar pela manhã no dia seguinte, senão perderia todo o material.

Na manhã do dia seguinte, de fato madrugaram, os caminhões estavam lá, por serem três caminhões, o rapaz do almoxarifado ficou surpreso, (risos) e nos ofereceu um muck para o carregamento. Mas, precisávamos de gente para carregar aquelas máquinas, todas cheias de óleo, estava chovendo, pois era época de junho, muito frio. Eu lhe perguntei como faria, ele me orientou que descesse a rua e fosse a um barzinho, pois os carregadores geralmente ficam ali, e arrumasse no mínimo dois, o ideal era três, mas se arrumasse dois, carregaria os três caminhões. Desci, lá tinha um botequinho, o pessoal todo lá, perguntei a um senhor se sabia quem era carregador, precisava de uns três, ele me falou que no momento tinha três, só que um andou exagerando na bebida alcoólica, riu e disse que achava bom eu não levar, correria o perigo de uma máquina cair. Falei que o levaria também, fazer o quê. Conversei com eles e fomos fazer o carregamento.

Não foi nada fácil, naquele frio, chovendo, as máquinas todas cheias de óleo, é lógico que eu e o almoxarife, um cara muito bacana, ajudamos, também com os três que peguei. Muito longe daquilo que se pode esperar de um carregamento, um carregamento com certo peso precisa de técnica, tem que distribuir de forma equilibrada nos caminhões, porque na pista, uma máquina pode cair dos caminhões.

Essa história precisa ser contada, para vocês perceberem como é difícil se trabalhar neste país, acredito que as coisas não melhoraram muito até hoje não, não acredito. E você que é jovem, (o entrevistado referiu-se ao monitor Eduardo Gabriel Silvestre Dias, aluno da 1ª série do Ensino Médio de 2013, que filmou a entrevista para a entrevistadora Jurema Rodrigues), lhe que cabe uma responsabilidade muito grande lá na frente, lá no futuro, pois os jovens precisam aprender que as coisas não caem do céu, tudo é fruto de um trabalho, na maioria das vezes, não reconhecido.

Há pouco tempo, fui convidado para ir até à Etec Philadelpho Gouvêa Netto, lá tomei conhecimento de que a escola está funcionando com classes comuns, do ensino médio, além do ensino técnico, fiquei muito chateado com isso, porque ali é uma escola técnica, não é uma escola comum, e não deveria ter classes comuns. É lógico que não disse absolutamente isso, porque era convidado e a diretora cumpria ordens. Mas isso nos deixa muito chateado, porque toda a conquista tem que ter uma continuidade, as pessoas têm que continuar pensando em avançar o ensino técnico, que foi uma proposta de uma instalação de escola técnica muito difícil, muito trabalhosa para se colocar em prática, está aí para quem quiser ver. E o produto

desta escola, para quem quiser ver também. É só fazer uma visita para as nossas usinas hidrelétricas, entrar em contato com empresas como a Camargo Correa, Mendes Jr, empresas automobilísticas, têm muitos de nossos técnicos lá também. É isso que eu tinha para dizer a respeito da história da criação e da instalação do Colégio Técnico de São José do Rio Preto.

Quero ressaltar o trabalho de um elemento que muito me ajudou nesse sentido, chama-se Chafic Balura, professor com ingresso e experiência no ensino comum, mas logo percebeu a importância do ensino técnico, juntamos esforços nas reivindicações em prol do colégio, trabalhamos durante muito tempo conjuntamente, e aliando à minha experiência do ensino técnico e à penetração que ele tinha na mídia, conseguimos colocar a escola técnica em destaque na região, por isso não posso deixar passar em branco a figura do professor Chafic Balura, importante para a história.

Quando o Ginásio Industrial ainda funcionava no prédio da Avenida Faria Lima, como assistente de diretor, um dos trabalhos que precisei desenvolver foi exatamente quebrar a dificuldade que existia de relacionamento do pessoal de formação geral e o pessoal de formação técnica, foi um trabalho em longo prazo, mas surtiu um efeito grande. Já no Colégio Técnico, éramos uma equipe só, uma família toda com o mesmo objetivo de jogar o ensino técnico lá em cima, na posição que ele sempre deveria ter tido em Rio Preto, infelizmente, as autoridades não tinham percebido isso. Quando já instalados no prédio próprio da Avenida dos Estudantes, sai muitas vezes com o meu carro, levando a mensagem do ensino técnico nas cidadezinhas em volta de Rio Preto.

Hoje, nós vamos, por exemplo, em Bady Bassit, essa região aqui, saía com o Chafic, íamos mostrar o que era o ensino técnico, eles até desconheciam, as prefeituras vizinhas nos ajudaram muito neste trabalho de divulgação do ensino técnico. E assim, nós fomos para Potirendaba, Bady Bassit, Nova Granada. Logo foi preciso fazer um exame de seleção, tamanha a quantidade de alunos (risos), não tínhamos mais condições de atender a todos. E hoje, fico sabendo que o Colégio tem salas de aula de ensino regular, nós estamos retroagindo, voltando atrás, esse espaço é para ensino técnico, a escola existe é para essa função.

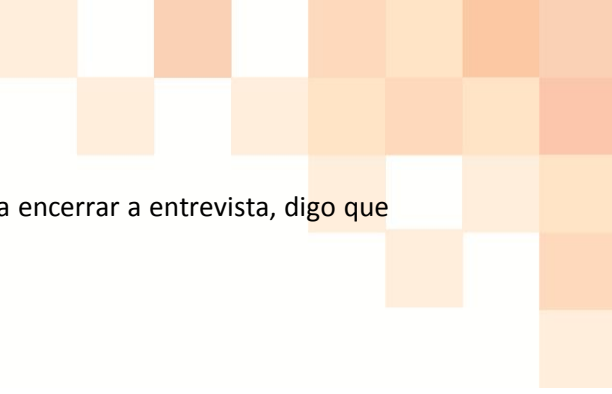
A lição que eu aprendi com todo os anos é o seguinte: apesar de todos esses problemas relatados, vale a pena trabalhar com o objetivo tão importante quando o ser humano tem certeza do que vai fazer e que aquilo é bom e necessário. Se eu tivesse saúde para tanto, faria tudo outra vez, porque muitos dos alunos que se formaram no Colégio Técnico estão empregados nas usinas de ponta, nas grandes empresas, o que não conseguiriam se não tivessem a habilitação da Escola Técnica Philadelpho Gouvêa Netto, houve abertura no mercado de trabalho, imagine a importância da Escola Técnica para os jovens da época.

O trabalho da nossa época foi feito, mas me sinto um pouquinho preocupado, porque não houve continuidade, a gente espera que alguém retome. Vou contar outra historinha a do CEFAM, escola criada na época em que já estávamos no prédio próprio, funcionava perto do Colégio Técnico Philadelpho, tinha como objetivo a formação de professores alfabetizadores, também conseguiram a área para construção do prédio próprio, mas fechou, não vi um político sequer que tivesse dado um alerta a respeito do que aconteceu, isso é ruim para o país. Aquela parte da letra do nosso hino nacional, “em berço esplêndido”, tem certa verdade, somos um país continente, recebemos tudo aquilo que uma nação precisa ter para o seu desenvolvimento industrial, não temos vulcões, não temos terremotos, não temos tsunamis, temos talvez uma das maiores reservas de minério de ferro do mundo, temos uma das maiores reservas de água potável do mundo, porque ainda continuamos com a aquela velha, aquele velho país de 3º mundo? Já deveríamos ser uma potência, para isso é necessário investimento na escola pública, investimento na educação de massa, porque 70% a 80% dos nossos alunos estudam em escola do estado. A escola do estado tem que ser um referencial no país e não o que estamos vendo hoje, alunos agredindo professor impunemente. Isso é que nos joga lá no fundo do poço, não é?

Estou com 77 anos, quando abro o jornal e vejo notícias como essas, puxa vida! Quando é que esse país vai acordar? E vai fazer um investimento maciço na área do ensino público, a única forma de reverter esse país é com investimento na escola pública. Quando o aluno diz para mim que estuda numa escola de ponta, numa escola paga, ele representa uma pequena fração que pode pagar escola. Nós temos que transformar a escola pública em uma referência no país com o melhor ensino.

Um dos caminhos é o ensino técnico, é um dos caminhos, não tenho nada contra a escola comum, porque fornece conhecimento, mas a escola técnica tem uma vantagem, ela permite a aplicação do conhecimento imediato, o aluno aprende e investe na prática rapidamente, o indivíduo que faz a escola comum como eu fiz, entra no mercado de trabalho só quando atingir a universidade.

Por exemplo, o médico só vai trabalhar na medicina quando for médico; o engenheiro, só quando for engenheiro. Não é como o Ensino Técnico de nível médio que antecipa a formação e vai para o mercado de trabalho, se quiser ser um técnico em nível superior pode continuar normalmente, uma coisa não invalida a outra. Por isso, o Ensino Técnico é o ensino



ideal para o país no momento que estamos atravessando. Para encerrar a entrevista, digo que eu acredito nesse país, apesar dos nossos políticos.

(Entrevista realizada pela professora Jurema Rodrigues com o colaborador Clóvis Sanfelice, em 15 de junho de 2013, às nove horas no apartamento do entrevistado, nº 22 sito à Rua Antônio Godoy, nº 3232, na cidade de São José do Rio Preto. A filmagem foi realizada pelo monitor Eduardo Gabriel Silvestre Dias, aluno da 1ª série do Ensino Médio de 2013.)

Etec

Prof. Horácio Augusto da Silveira

São Paulo / SP

CENTRO PAULA SOUZA
CORPUSCULA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PROFISSIONAL
CENTRO ESTADUAL DE ENSINO TÉCNICO PAULA SOUZA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
ETE PROF. HORACIO AUGUSTO DA SILVEIRA



Etec Professor Horácio Augusto da Silveira



Talita dos Santos Molina

Talita dos Santos Molina. Graduada pela Faculdade de Ciências e Letras no Campus Assis/ UNESP (2009). Entre 2009 e 2010 recebeu Bolsa de Iniciação Científica pela Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), produzindo a seguinte pesquisa: “Clóvis Moura (1925-2003): Acervo Pessoal e Vida Intelectual”, tendo como orientadora a Profª Drª Célia Reis Camargo. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com o seguinte trabalho: "Arquivos Privados e Interesse Público: Caminhos da Patrimonialização Documental" (obtenção do título: maio de 2013). Durante o ano de 2010, foi pesquisadora da instituição Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP) para elaboração da Revista do “Projeto Memória do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica - MOSMP”, para divulgação do acervo digitalizado deste grupo. De 2011 a 2013 é responsável pelo projeto: “Reconstruindo a história da Escola Técnica Estadual Professor Horácio da Silveira: da Escola Artesanal da Vila Maria ao Ginásio Industrial Estadual (1956 a 1965)”, atuando no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza.



Kátia Bettoi Lisboa

Kátia Bettoi Lisboa estudou na E.E.S.G. (Escola Estadual de Segundo Grau) Professor Horácio Augusto da Silveira de 1978 a 1981, no curso Técnico de Decoração - integrado ao colegial. Desde 27 de maio de 1986 é funcionária pública da Etec Prof. Horácio Augusto da Silveira na área administrativa da escola, trabalhando, especificamente, no Departamento Pessoal.

Estudei nesta escola de 1978 a 1981, fiz o curso de Decoração, e meu interesse em estudar esse curso é porque, na época...não foi nem por ser "Decoração", quando eu entrei. Depois que eu comecei a fazer eu gostei mas, mas na época os cursos eram mais...bobagem da gente, mais eram mais masculinos né, tinha Eletromecânica, Mecânica, Eletrônica, então como a maioria eram os homens que faziam, então, a gente acabou optando por Decoração. Curioso que, na minha sala, tinha um único homem, um único aluno e com quarenta alunos por turma, sendo a maioria, mulher.

Na época tinha que fazer um vestibulinho também para entrar na escola, e eu e minha amiga tínhamos nos inscrito para uma outra escola no vestibulinho. Só que daí nós viemos visitar esta Etec e o que mais me chamou atenção nessa escola é o que ela tinha de árvores, era - ou é - uma escola gostosa, bom, no fim nós acabamos pedindo a transferência do vestibulinho e fizemos o vestibulinho para o curso de técnico de Decoração da E.E.S.G. Profº Horácio Augusto da Silveira. Passei e, para mim, foi... nossa, maravilhoso! Eu adorava a escola - continuo adorando na verdade - a maioria das pessoas que eu conhecia, gostava muito de estudar aqui.

Adorava os professores que me davam aula. Inclusive, há pouco tempo eu fiquei sabendo que teve dois professores que me deram aula que faleceram, fiquei muito triste porque, nossa, eles eram bons mesmos...

Quando eu estudei, tinha as matérias que a maioria não gostava, que são aquelas transversais, que tem pra todos os cursos, mas a que eu gostava mais era a disciplina "Projetos", que era muita perspectiva, e gostava, fiquei encantada a primeira vez que a gente...

Nesta disciplina tínhamos que usar umas "pastonas" enormes - porque a gente carregava aquelas régua T, então, vinha para a escola no ônibus com aquela "pastona", com a "reguona" e, eu lembro que a primeira vez que eu usei fiquei encantada. Também tinha uma "reguinha" que usávamos para as plantas dos apartamentos. Nesta "reguinha" tinha a "privadinha", um "bidê", a "caminha", eu fiquei encantada com aquilo... Assim, "Projetos" era uma das disciplinas que eu mais gostava. O curso de "Decoração" era como se fosse o curso de "Design de Interiores" que temos hoje em diversas Etecs.

Na época em que estudei, o diretor da escola era um japonês super rígido, sr. Sussumo Sato, e ele, coincidentemente, era meu vizinho. Como vizinho, eu encontrava com pouca frequência, então, eu não tinha amizade, e ele era super rígido no bairro e aqui na escola. Teve um episódio aqui na Etec, que foi quando eu comecei a fumar. Naquela época, a gente quer experimentar tudo, então, comecei a fumar... eu lembro que uma vez, nós estávamos fumando lá

fora, atrás da quadra (de esportes), e ele chegou e falou assim: - Katia, você está fumando! E eu nem sabia que ele sabia meu nome, apesar de eu ser vizinha...eu quase engoli o cigarro, de tanto susto que tomei... Mas ele era super rígido sim, a escola era totalmente diferente em termos de disciplina, se comparadas as regras que os alunos devem seguir hoje... E isso não só nessa escola, acho que em qualquer uma, mas, eu vejo hoje... Para você ter ideia, a gente não conhecia esse lado de cá onde a pessoa trabalha, a secretaria, a gente não tinha acesso.

Também, como a escola era muito regrada, os alunos entravam e saíam pela rua do lado, podíamos utilizar somente as escadas que tem ali do lado do banheiro, não podíamos utilizar essa escada aqui (a escada ao lado da secretaria hoje). Tínhamos que vir na escola para cantar o hino nacional e hastear a bandeira na escola... era feita chamada. Eu acho muito importante isso que fazíamos, porque, antigamente, todo mundo sabia cantar o hino nacional por causa disso... hoje em dia você vê que a maioria das pessoas não sabem cantar o hino.

Em relação aos professores que me deram aula, o professor que mais me marcou foi, exatamente, o professor José Carrenho, depois, quando eu vim trabalhar aqui, ele ainda estava como professor. Quando eu estudava, ele era um dos professores que eu mais gostava. No primeiro ano ele me deu Biologia e no 2º Programa de Saúde, e era uma disciplina que no começo eu não gostava, mas eu passei a gostar por causa dele. Tinha também uma professora, a Regina, de Língua Portuguesa - antigamente o curso era integrado, era o Médio junto com o Técnico.

Coincidentemente, os professores que eu mais gostei não eram das disciplinas do curso de "Decoração", eram da área comum. Mas esses dois foram os que eu mais gostei. O prof. Carrenho ficou marcado para, ele era um ícone, dava uma aula que eu nunca vi igual... E ele é maravilhoso!!! De vez em quando ele aparece aqui na Etec, quando ele vem pra São Paulo, é a primeira coisa que ele faz. Ele chega num dia e no outro dia ele já vem aqui, de manhã, para conversar conosco.

Tive a oportunidade de estudar no período matutino, porque não trabalhava na época. Uma das coisas que mais me marcou neste período, para mim...bom, hoje, eu acho que eu era uma santa, mas, eu, era muito marcada assim, não sei se é porque eu falo muito (risos). Tinha uma inspetora de alunos, uma senhorinha, evangélica, que ela tinha um cabelo comprido até aqui...embaixo da cintura (gestos), usava óculos, e ela ficava sentada no corredor, e ela...no fim eu descobri que ela me adorava, mas ela pegava muito no meu pé, ela falava: - Kátia! Kátia! Kátia!...Às vezes, eu lembro que eu estava na sala, quietinha, assistindo aula, e eu ouvia algum

grito, alguma coisa, de alguém, e eu lembro que ela gritava: - Kátia, para com isso! E eu estava na sala tendo aula e ela chamando a minha atenção. Então, o que eu lembro é isso, que eu era danada, mas...

Hoje, do período que eu estudei, tenho duas amigas, voltamos a nos encontrar pelo facebook, porque nós tínhamos perdido o contato, e voltamos através do facebook. Tenho também duas vizinhas - que estudaram comigo - não vizinhas tão próximas, mas que eu vejo de vez em quando.

O curso finalizou-se entre 1981 e 1982, eu acho que em 82 foi a última turma, porque minha mãe foi diretora desta escola em 1983, e eu acho, se eu não me engano, que já não tinha mais (o curso). Acredito que tiraram esse curso por falta de profissionais para dar as disciplinas, porque a maioria dos professores eram arquitetos, então, a pessoa não vai deixar de ganhar como arquiteto para vir ganhar um salário de professor, ainda mais que era da Secretaria da Educação, apesar, que pelo Centro Paula Souza não está muito diferente.

O ginásio aqui era focado na área industrial, então, o curso de Decoração era diferenciado, era o que dava o feminino pra a escola, no entanto, essa escola sempre foi conhecida como Colégio Industrial, então, já era uma coisa mais masculinizada, talvez pela oficina mecânica também, que chamava a atenção, é enorme essa oficina, então as pessoas chegavam, viam aquelas máquinas, os tornos, as fresadoras. E era isso que encantava...

O bairro conhece aqui a escola não como Etec Prof. Horácio Augusto da Silveira, mas sim como Industrial. Aliás, quando você fala que trabalha na Etec Prof. Horácio Augusto da Silveira, ninguém sabe onde é: - É ali, atrás do Carrefour...; - Ah!!! É o Industrial!!! Então é conhecido como Industrial mesmo...

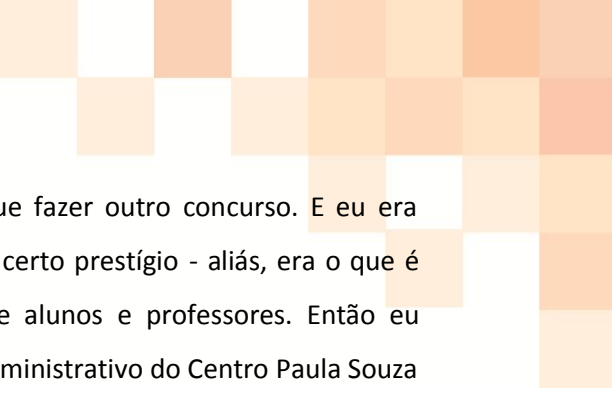
Quando eu entrei aqui para trabalhar, ainda estava trabalhando o prof. Carrenho e prof^a. Marissa - hoje estão aposentados, prof. Carlos David - que dá aula até os dias atuais para o curso de Eletrônica.

Como funcionária, ocorreu o seguinte processo: Eu fiz concurso público. Eu entrei dia 27 de maio de 1986. Da Secretaria da Educação. O dia que eu fui escolher a escola para trabalhar, foram junto comigo e com a minha mãe, sua assistente e secretário. Minha mãe era diretora da escola, e ela sempre trabalhou com a mesma assistente e o mesmo secretário. E a assistente dela e o secretário estavam trabalhando aqui nessa escola, então, no dia de eu escolher, tinham as opções, das escolas que tinha vagas e quantas vagas em cada escola... Aí quando eu cheguei lá

eles ficaram (falando): - Escolhe a Horácio, escolhe a Horácio! Mas eu morria de medo, porque, nas outras escolas eu ia fazer um tipo de serviço, aqui, já era a prova de fogo, porque, grades curriculares diferentes, por ser uma escola técnica, mas eles, tanto que ficavam: - Escolhe a Horácio! Escolhe a Horácio! Eu lembro que, na hora que me chamaram, você subia no palco lá, era numa escola grande, aí escolhia, assinava o que você escolhia, e descia pelo outro lado. E eu lembro que eu entrei: - Meu Deus, que eu vou fazer? Até quando me chamaram eu ainda tava em dúvida, mas eu adorava aqui, meu único medo era porque era gerado um desafio, eu nunca tinha trabalhado, então, já começar por uma escola grande assim...aí eu dei a volta, subi no palco e escolhi aqui o Horácio. Eu lembro que eles ficavam tudo assim (dando sinal de afirmativo, para escolher essa escola), para ver se eu tinha escolhido o Horácio mesmo. Aí eu fiz assim (sinal de afirmativo com a mão), escolhi, desci lá do palquinho, e daí nós fomos até comemorar, saímos de lá e ainda fomos comer um lanche pra comemorar, e eu vim pra cá, cru de tudo, não sabia fazer nada!

Comecei a trabalhar no que chamamos hoje de Secretaria Acadêmica. Eu lembro que o Mairlton, que era o secretário da escola, falou assim: - Bom, Kátia, embaixo desse balcão... (tinha um balcão enorme, de madeira, que estava cheio de cupim, na época), embaixo desse balcão é só prontuário para fazer histórico escolar, e eu não sabia nem o que era isso. Acho que tinha quase mil ali pra fazer, gente que estava esperando "há séculos", e eu não sabia fazer. Aí ele foi me ensinando, ensinando, ensinando...e eu fui pegando...Mas então, minha mãe e seus assistentes insistiram tanto para eu escolher aqui e logo foram embora, os dois. Queria porque queriam que eu escolhesse aqui, só que aí minha mãe levava eles para onde ela ia, então eles foram embora, mas daí eu fui ficando, ficando, ficando, porque eu adorava a escola. Aliás, essa escola tem mel, todo mundo que trabalha aqui, gosta daqui. Tanto funcionário, como professor, todo mundo.

No período em que fui estudante e depois funcionário, os diretores não eram eleitos. Era pela Secretaria da Educação. Então, era como qualquer escola da Secretaria da Educação. Como disse, quando entrei como funcionária, o diretor, Carlos - mais chamado de Cacá, ele era famoso, aqui na escola, e ele lutava para a escola ir para o Centro Paula Souza, até que...acho que foi em 93, saiu um decreto passando todo o material da escola, "todas as máquinas, todos os bois, vacas e funcionários" transferidos da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência e Tecnologia. Ninguém perguntou se a gente queria, se não queria, passamos. Só que, passamos mas...engraçado, porque, por exemplo, eu tinha um cargo que eu tinha feito concurso na Secretaria da Educação, e... nós passamos para o Centro Paula Souza, só que, se eu quisesse continuar no Centro Paula Souza, eu teria que prestar um concurso, eu podia ficar emprestada,



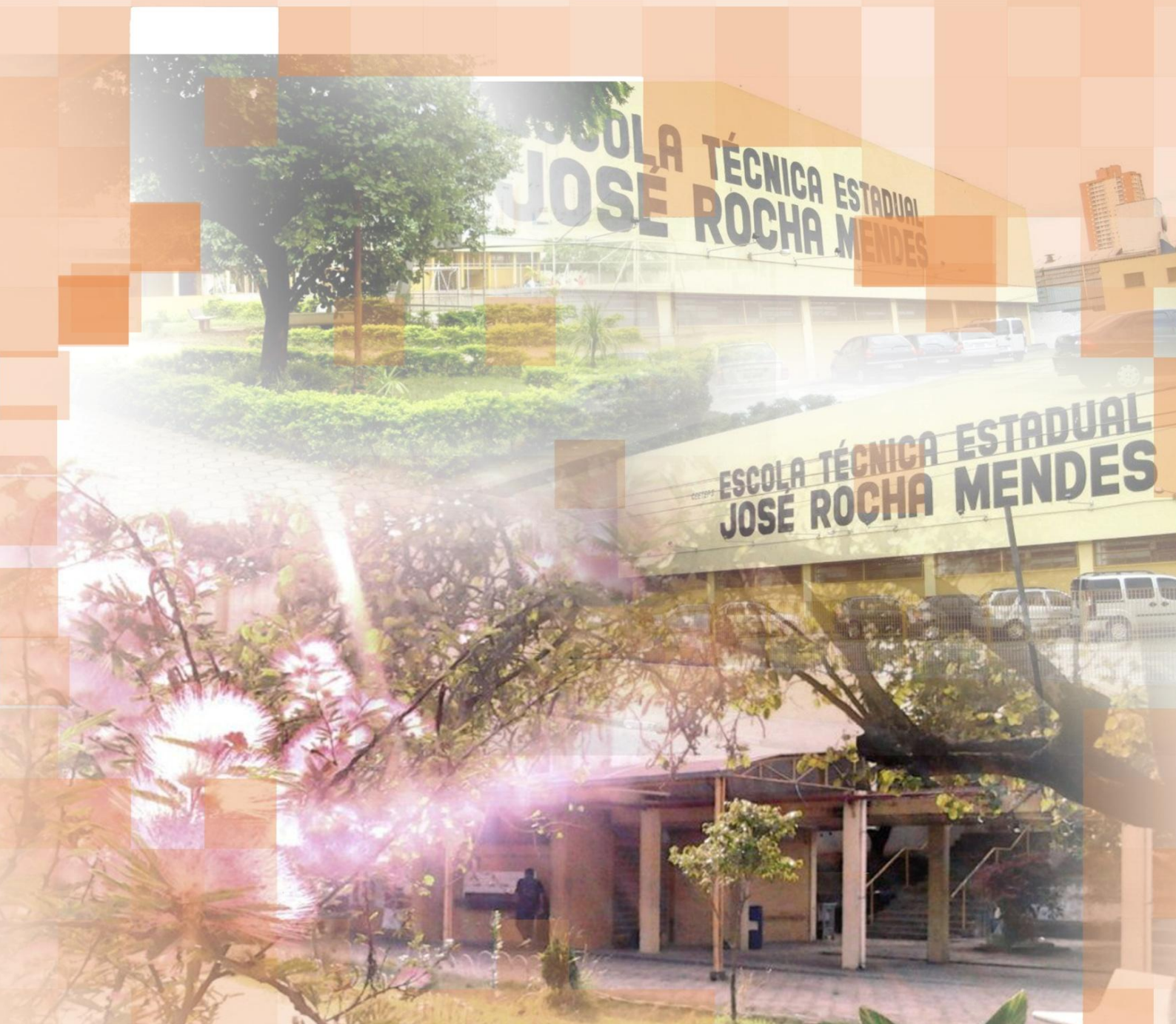
por enquanto, mas se eu quisesse ficar mesmo, eu tinha que fazer outro concurso. E eu era secretária dessa escola, e o secretário dessa escola tinha até certo prestígio - aliás, era o que é hoje o ATD misturado com Diretor de Serviços. Cuidava de alunos e professores. Então eu ganhava um pouquinho melhor. Mas daí, o salário de oficial administrativo do Centro Paula Souza era o mesmo que o secretário da escola aqui trabalhando pela Secretaria da Educação. E como secretária, eu tinha muita responsabilidade, então, por isso, eu resolvi fazer o concurso. Fiz o concurso e passei em primeiro lugar, escolhi aqui e daí já fiquei funcionária efetiva do Centro Paula Souza - até hoje né (risos).

(Entrevista gravada pela Talita dos Santos Molina, em 01 de julho de 2013, com a entrevistada Kátia Bettoi Lisboa).

Etec

JOSÉ ROCHA MENDES

São Paulo / SP



Etec José Rocha Mendes



Paulo Eduardo da Silva

Paulo Eduardo da Silva. Graduado e Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1985). Leciona na Rede Pública Estadual de São Paulo desde 1983, ingressando no Centro Paula Souza em 1995. Junto a outros profissionais do CEETEPS, produziu uma apostila preparatória para o vestibulinho (2006). Atua como professor na Etec José Rocha Mendes, onde desenvolve desde 2011, pesquisas em História da Educação Profissional. Nesse período, também reuniu material para a implantação de um Centro de Memória na mesma unidade. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP) onde participou da elaboração do livro “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).



Edson João Patané

Edson João Patané estudou no curso de Eletricidade do Ginásio Industrial José Rocha Mendes em fins dos anos de 1960 e posteriormente, foi aluno do curso de Eletrotécnica do Colégio Industrial nos anos de 1970. Ao deixar o colégio, formou-se engenheiro eletricitista pela FEI (Faculdade de Engenharia Industrial). Tem especialização em instrumentação automação e controle pelo Instituto Mauá de Tecnologia, é mestre em engenharia de processos químicos e bioquímicos também pelo Instituto Mauá. Retornando à Rocha Mendes, passou a dar aulas no curso de Eletrotécnica, assumindo a coordenação deste curso na década de 1990. Até aqui, são mais de 40 anos de convivência quase ininterrupta com a escola e suas muitas metamorfoses.

Eu acho que esse fato é um fato bastante importante: a volta por cima que nós conseguimos dar nesses anos todos. Foi renascido né? Acho que é a Fênix que renasce das cinzas. Então, realmente a situação chegou a estar muito ruim e muito caótica. Eu imaginava o seguinte: “só vou ficar feliz o dia em que eu puder trazer meu filho pra estudar aqui”.

O primeiro contato com o Rocha foi um contato indireto. Eu residia aqui nas proximidades da escola, e naquela época a gente brincava na rua, podia-se jogar bola na rua. Por volta do final da tarde a gente observava que descia uma série de descendentes de japoneses. Então eu comentava: - Pô! Será que tem alguma escola japonesa lá pra baixo? A escola ficava numa baixada e nós imaginávamos isso. Mais tarde, um vizinho meu veio estudar aqui na Rocha Mendes e descreveu a escola. Tinha oficinas, tinha prática e eu me entusiasmei com isso. E eu pedi para o meu pai que me trouxesse aqui pra escola, porque estava na época de entrar no então ginásio, que hoje é o Ensino Fundamental II. O meu pai preferia que eu estudasse numa escola do estado porque naquela época, a escola do estado era o “top”. Quem queria ter uma ótima formação não ia pra a escola particular, ia pra a escola do estado.

Mas enfim, atendendo aos meus apelos, meu pai me trouxe aqui pra conhecer a escola. E a minha sorte foi que chegando aqui, nós encontramos o Sr. Zualdo Capelosa, que era inspetor de alunos. Coincidentemente, o Capelosa tinha sido inspetor de alunos numa das escolas que o meu pai havia estudado. O Capelosa deu as melhores referências da escola e aí começou a minha história aqui na Rocha Mendes.

A convivência com os nisseis era normal. Uma curiosidade: a seleção do time de futebol era toda composta por japoneses. Apenas o goleiro que era o “mão de onça”, um moreninho grandão. E o resto era tudo japonês. Era uma convivência normal com eles. Não tinha nenhum tipo de segregação ou de preconceito. A escola sempre teve esse ambiente bom.

Quando eu comecei a estudar, a minha turma já não tinha tantos japoneses. Esses japoneses eles vieram, provavelmente, lá da Rua Piratininga, da Getúlio Vargas. Quando em 1968 eu entrei, já na minha sala não tinha tanta gente assim. Mas realmente, eles eram aplicados e eles conseguiam incentivar os outros a tentar acompanhá-los.

Daquela época pra cá, a escola sofreu muitas mudanças. Desde a estrutura do prédio até os cursos. Começou com o curso ginásial, ensino fundamental, apesar de ser curso industrial. Hoje esse curso não existe mais. Era mecânica e eletricidade, depois vieram os cursos de

mecânica e eletrotécnica a nível técnico. Hoje a gente tem muitos cursos. Não tem mais a mecânica, por exemplo. Tem eletrotécnica, eletrônica, comunicação visual, moda, segurança do trabalho e administração. Durante um tempo, o ensino médio virou o ensino médio normal. Hoje em dia, nós vamos retornar ao que era antigamente: o ensino técnico integrado ao ensino médio, que realmente é a vocação da nossa escola, é uma escola técnica. Então, não havia muito sentido você ter um ensino médio puro.

As melhores lembranças, certamente foram os amigos, os professores, né... São lembranças vivas mesmo, que a gente tem. Mesmo porque eu era aluno. Aí, quando eu me formo, que volto para dar aula e sou recebido de braços abertos aqui na escola. Então, isso não tem preço que pague. De repente uma pessoa que era teu professor está sentado, lado a lado, e te tratando de igual pra igual. Eu me lembro de que quando retornei e acertei as aulas, encontrei o professor Américo de Carvalho que tinha sido diretor e vice-diretor aqui da escola durante muito tempo. Quando soube que eu retornaria, ele me cumprimentou e falou: “Um bom filho a casa torna”. Então, eu fiquei muito feliz com ele. Essa é uma lembrança muito forte que eu tenho daquele tempo.

Outro fato marcante foi a volta por cima que a escola deu. Porque se a gente lembrar, naquela época (década de 1960, início dos anos 70), a escola era uma escola de ponta mesmo. O que nós tínhamos aqui em termos de oficina mecânica, nós tínhamos 20 tornos mecânicos, fresas, era um ambiente pra mecânica de aprendizado completo. Professores de primeira linha na eletricidade e na eletrotécnica também. Nós tínhamos um ensino excelente. Só que infelizmente, com o decorrer dos anos, a escola foi se deteriorando, os equipamentos não eram repostos e, realmente, a escola caiu mesmo de padrão. Aí culminou com uma enchente que nós tivemos aqui, que praticamente foi a pá de cal na escola e o desânimo se abateu mesmo nas pessoas. Eu me lembro de que nós recebemos a visita do professor Almério e da professora Laura. A professora Laura era chefe de gabinete do Centro Paula Souza e o Almério da Cetec. Hoje a professora Laura é superintendente da Paula Souza e eles fizeram o seguinte comentário: “que aqui era uma escola triste, uma escola macambúzia”. Eles não se animaram muito com a escola não. A gente estava numa situação muito ruim. Mas de lá pra cá, houve uma reação e nós conseguimos melhorar a escola com novos cursos.

Hoje em dia, a gente está muito bem equipado e parece que estamos retornando ou já retornamos àquela época em que nós éramos realmente um padrão de excelência. Eu acho que esse fato é um fato bastante importante: - “a volta por cima que nós conseguimos dar nesses anos todos”. Foi renascido né? Acho que é a Fênix que renasce das cinzas. Então, realmente a

situação chegou a estar muito ruim, muito caótica. Eu imaginava o seguinte: “só vou ficar feliz o dia em que eu puder trazer meu filho pra estudar aqui”. O meu filho não estudou aqui, mas eu tranquilamente, se ele tivesse que vir, eu teria colocado ele aqui. Então, isso realmente foi um alívio que a gente pode sentir.

Olha, era gostoso... Os alunos gostavam da oficina, respeitavam os professores, respeitavam as regras. Porque era meio perigoso. Você trabalhava lá com máquinas girantes, fazendo instalações elétricas. Tinha os painéis que trabalham com 110 volts, 220 volts, fundia peças, fundia materiais com alta temperatura... Então, era perigoso. Se você não respeitasse as regras, se os alunos fossem indisciplinados, poderiam até sofrer acidentes. E a molecada gostava realmente da aula porque era diferente de você estar preso numa sala de aula. Pelo fato de não existirem talvez, as tecnologias de hoje: videogames e outros brinquedos eletrônicos, aquilo até era uma diversão pros alunos. Tanto, que você não ficava muito tempo, você tinha o rodízio. A cada bimestre, você estava numa seção da oficina mecânica, ou melhor, da oficina de artes, na verdade.

Existiam várias seções. A turma quando chegava aqui na escola, era dividida em cinco turmas ou seis. Ficavam oito a dez alunos por seção, por professor. Então, nós tínhamos seções como marcenaria, ajustagem, serralheria, eletricidade, fundição, pintura, encadernação. Basicamente, você passava por todas essas áreas. Você aprendia a serrar, limar, montar um trinco, um esquadro... Faziam-se instalações elétricas, pintura, aprendia-se a ampliar desenhos, fundição. Isso ocorria nas duas primeiras séries. Por isso que a gente citou mais de cinco seções. Nas duas primeiras séries, o aluno rodava nessas seções. Depois disso, vinham a terceira e quarta séries do ginásio – hoje, equivale ao oitavo ano e ao nono ano do fundamental – e nós escolhíamos entre mecânica, ou eletricidade. E aí ficávamos dois anos nas aulas práticas e algumas aulas teóricas de mecânica ou eletricidade.

Quem dava aula de pintura era o professor Eden Della Bella, que chegou à direção da escola. Ele valorizava o lado artístico mesmo. Encadernação, por exemplo, você aprendia a encadernar livros... Você não ia utilizar aquilo na mecânica ou na eletricidade... Então, aquilo te desenvolvia, várias faces, mesmo, vários lados que você poderia escolher. – Ah, não quero fazer eletricidade e nem mecânica, mas eu fiz pintura lá no ginásio e gostei da pintura ou encadernação, e assim por diante.

O professor Eden faleceu no ano retrasado e nós, na solenidade, trouxemos a família dele aqui e fizemos uma singela homenagem a ele, dando o nome dele a este auditório. O que mais me atraía era eletricidade mesmo, mas o que atraía bastante era você ter um produto final na

mão também. Por exemplo, na eletricidade a gente enrolava um motorzinho pequeno de latinha e era gostoso depois ver aquilo girando.

Na mecânica, na serralheria a gente construía um trinco, todas as fases do trinco, um trinco de porta simples né, um martelo, construía-se martelos. Eu me lembro, muito bem, que na aula de fundição, tinha um molde de gesso, e esse molde era a estátua do Chopin. Então você comprava cera de abelha e a cera de abelha tinha aquele cheiro gostoso. Você fundia aquela estatueta e levava pra casa, mostrava pros pais. Aquilo era uma coisa que atraía muito, você ter aquele produto nas mãos. Fundia cinzeiros, torneava um trofeuzinho no torno de madeira e levava pra casa e pra colocar aquilo no seu quarto ou na sala. – Ó! Isso aqui fui eu que fiz. Acho que isso era um atrativo muito bom pros alunos na época.

O meu tio me contava as histórias... Meus professores que foram da Getúlio Vargas também... Por exemplo: um motor elétrico. Na minha época nós enrolávamos, fazíamos o enrolamento dos fios do motor elétrico. Na Getúlio Vargas da época do meu tio, eles faziam um motor completo, fundia a carcaça, chaparia do motor, toda parte mecânica se fazia também. O eixo era usinado nas oficinas da Getúlio Vargas, então o motor que se fabricava lá, era um motor Getúlio Vargas mesmo. A parte prática era muito mais intensa, mais pesada, do que foi quando eu estudei. Realmente, esses alunos saíam com uma formação excelente. Tanto isso é verdade, que se contava que a indústria não conseguia levar os melhores alunos pra indústria, porque os melhores alunos ficavam na própria escola, como mestres, como instrutores.

E financeiramente a indústria não conseguia acompanhar a escola. Hoje é uma situação que a gente não consegue nem imaginar... Como que a indústria não consegue cobrir o salário de um professor? Mas na época era o que aprendi com eles, que eles ficavam na escola, porque compensava mais financeiramente.

Hoje nós temos muita dificuldade em conseguir professores para vir dar aula porque a competição é uma diferença enorme. O corpo docente está envelhecendo e a reposição está sendo muito difícil. Então realmente a deterioração é muito grande.

Com relação ao aluno, a formação técnica visa inseri-lo no mercado de trabalho. O aluno se forma técnico eletrônico, ele vai ser inserido para trabalhar como técnico eletrônico, assim como os outros cursos técnicos que nós temos. Aquela formação lá do ginásio, era uma formação básica, que permitia que os alunos conhecessem as diversas áreas que eles fossem trabalhar, desenvolvessem habilidades pra poder escolher. Tanto é verdade que o aluno depois daquela fase, ele já entrava consciente no curso técnico. Ele sabia que queria fazer o curso de mecânica,

por exemplo. Ele já sabia, porque ele já tinha mexido nas máquinas, já tinha torneado. Então, no técnico ele continuava com aquela prática e a teoria era intensificada. Aí ele saía com uma formação realmente para o mercado de trabalho.

No ginásio industrial você poderia até ir para o mercado também, mas eu acredito que a intenção no final era que o aluno tivesse um conhecimento geral. Não seria um técnico. Poderia até ir trabalhar, aprender com maior facilidade. Mas o técnico prepara para o mercado de trabalho mesmo. Talvez seja difícil você fazer a comparação direta. Eu não quero ser saudosista falando: “Não, naquela época era muito melhor”. Mas hoje em dia você tem as tecnologias que de uma forma ou de outra compensam uma deficiência que naquela época não existia. Antigamente você tinha um torno mecânico e o torneiro tinha que sair com uma habilidade ímpar. Hoje não. Hoje você tem os CNCs (controle numérico computadorizado) onde você faz a programação e sai uma peça com uma precisão melhor. Talvez em termos de destreza, de habilidades, os técnicos antigamente fossem melhores. Só que hoje em dia você consegue compensar isso e produzir muito melhor com o uso de tecnologia. Como a nova geração é a geração da tecnologia, a geração dos botões, ela tem essa possibilidade.

Então, não quero fazer uma análise dizendo que as pessoas eram mais dedicadas, que elas saíam melhor formadas, mas eu acho que cada época é sua época e a gente não pode fazer essa análise superficial, de aquela época é melhor ou essa é melhor. No recreio a gente podia jogar bola, a turma jogava ou conversava. A nossa escola era uma escola tipicamente masculina, então era muito futebol. Segunda-feira era gozação do time que ganhava sobre os torcedores do time que perdia. E tinha as molecagens da época também. Até hoje nós temos aí algumas árvores frutíferas e tinha um colega que a gente costumava amarrar na árvore e subir pra a aula. E ele sempre chegava atrasado porque até conseguir se desvencilhar das cordas né? (risos) Eram brincadeiras normais que tem hoje. Quer dizer, a gente não tinha os videogames, não tinha como se comunicar pela internet, mas nesses termos a gente se divertia bastante no intervalo também.

As meninas começaram a chegar, no ano de 1976, aqui, tá? Na verdade, 76 era a época que eu tinha saído pra entrar na faculdade, então eu pude acompanhá-las a partir do segundo ano delas, em 1977. Mas foi uma convivência normal. Muitos estranharam: “Como? As meninas estudarem lá na escola masculina?” Mas elas se deram muito bem aqui na escola! Algumas delas, eu posso dizer, se eu conseguisse fazer uma lista dos 10 melhores alunos que passaram pelas minhas mãos aqui na Rocha Mendes, certamente duas daquelas meninas estariam classificadas entre os dez melhores. Não sei em qual posição, mas elas estariam muito bem colocadas. E a convivência delas era normal com os meninos, elas se misturavam entre eles e

acho que era muito mais fácil de controlar do que agora. Hoje em dia você tem mais liberdade entre os meninos e as meninas, a relação é diferente. Mas naquela época foi tranquilo, nós não tivemos nenhum problema por ter meninos e meninas aqui.

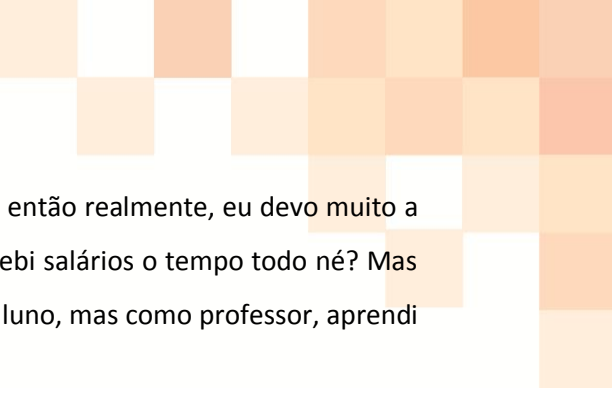
O Brasil precisa de técnicos, bons técnicos, e o Centro Paula Souza está atuando muito pesadamente na melhoria do Ensino Técnico. Haja vista que eles estão adquirindo equipamentos, têm setores de coordenação, os laboratórios de currículos estão frequentemente atualizando os currículos, estão avaliando esses currículos. Por exemplo: eu participo do laboratório de currículos agora, definindo o Curso de Petróleo e Gás. Então nós, além dos especialistas, estamos visitando empresas como a Petrobrás para saber quais são as necessidades que eles têm. Qual o perfil técnico que eles querem? Essas disciplinas que nós vamos colocar atendem as necessidades das empresas? Então, a tendência é cada vez melhorar, principalmente no Centro Paula Souza.

Nós temos outras entidades também com cursos técnicos. E a necessidade, o que se vislumbra? O Brasil é a “bola da vez”. Na verdade se fala em Copa do Mundo, se fala em Olimpíadas, mas tendo Olimpíadas, tendo Copa do Mundo, o Brasil vai ter que crescer. E o que nós vamos precisar para esse crescimento? Nós vamos precisar de muitos engenheiros e muitos técnicos também.

Até 2040 o crescimento deve ser muito grande. São Paulo - pra falar da nossa cidade - ela tem que tomar uma decisão, porque senão daqui a pouco ninguém vai mais andar. Então, nós vamos ter que descentralizar as cidades, vamos ter que construir polos industriais na Zona Norte, na Zona Leste. Itaquera agora vai se desenvolver muito com o estádio.

Independente de Copa do Mundo. Então aí, é que os nossos técnicos deverão atuar. Os técnicos eletrônicos no nosso Curso de Automação Predial, eles são muito requisitados. Às vezes as empresas falam: “Manda uma lista de técnicos e de eletrotécnicos”. Não temos! Estão todos empregados, ou estagiando. Às vezes, você não tem ninguém pra indicar pra empresa. Então o curso técnico ele está ainda muito atualizado e vai estar por muitos anos.

A Rocha Mendes veja, ela pertence à entidade Centro Paula Souza. Então ela vai realmente acompanhar tudo isso. Já está acompanhando. Nós temos bons equipamentos, que estamos recebendo. Recentemente, eu tive oportunidade de coordenar o Projeto Vita. E o Vita é uma entidade que ajuda a montar laboratórios pro Ensino Técnico e agro técnico. Então nós montamos um laboratório de 250 mil reais, com equipamentos de ponta auxiliados pela Entidade Vita. Fora isso, o Centro Paula Souza tem suprido muito essa necessidade. Falta muita coisa? Claro que falta muita coisa, mas a gente percebe que existe uma preocupação em tentar ajustar



isso que falta. Eu já vivi mais aqui do que nas casas que morei, então realmente, eu devo muito a essa escola. Até financeiramente, porque é lógico, aqui eu recebi salários o tempo todo né? Mas o que eu aprendi aqui durante todos esses anos não só como aluno, mas como professor, aprendi com colegas, com alunos. Acho que isso não tem preço.

(Entrevista gravada em 18 de agosto de 2012 no auditório Edem Della Bella da Etec José Rocha Mendes pelo professor Paulo Eduardo da Silva)

Etec

Mandaqui

São Paulo /SP



Etec São Paulo– Mandaqui



Ana Cristina Gonçalves de Azevedo

Ana Cristina Gonçalves de Azevedo. Mestranda na Pós Graduação de Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Unifesp. Especialista em Nutrição Clínica pela Faculdade São Camilo. Graduação em Nutrição pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Técnica em Nutrição e Dietética pela Etec Carlos de Campos. Atuou como Nutricionista na área hospitalar e como docente na Etec Carlos de Campos. Atualmente é docente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza na Etec Mandaqui no Curso Técnico em Nutrição e Dietética. Membro do grupo GEPESAN do Centro Paula Souza com o Projeto Educação Física e Nutricional com Adolescentes. No GEPESAN desenvolve trabalho com educação alimentar com adolescentes.



Felipe Bissaco Berbel

Felipe Bissaco Berbel. cursando Pós Graduação em Fisiologia e Prescrição do Exercício na Universidade Cidade de São Paulo. Bacharel em Educação Física pela Faculdade do Clube Náutico Mogiano e Licenciado em Educação Física pela Faculdade Unidade de Suzano. Desde 2012 é docente na Etec Professor Horácio Augusto da Silveira. Atualmente, também é pesquisador no Laboratório de Fisiologia do exercício da Universidade de São Paulo (USP), monitor na Faculdade UNISUZ e Personal em Academia.

“O significado do alimento na minha vida está focado na saúde.”

Meu nome é Felipe Bissaco Berbel, tenho 22 anos e sou professor de Educação Física da Etec Professor Horácio Augusto da Silveira. Nasci em Suzano, estado de São Paulo. Quando bebê eu fui amamentado durante um mês, segundo a minha mãe eu passei a rejeitar o leite e então passei a ser alimentado com Nan[®].

Na minha infância eu não comia salada, verduras e frutas. Eu gostava mesmo era de comer arroz, feijão, fritura, doce e refrigerante. Hoje eu enxergo que a minha mãe oferecia muito refrigerante e frituras, não era uma alimentação saudável. Não seguia os conceitos da pirâmide alimentar que estudamos, como a quantidade de carboidratos, proteínas, gorduras insaturada e saturada. Eu tinha muita dificuldade em aceitar alimentos que outras pessoas me ofereciam, como frutas e verduras, eu não conseguia, eu não gostava, porque estava acostumado com aquele tipo de alimentação que a minha mãe me oferecia. Também em casa, não tinha um horário certo para as refeições e muitas vezes o jantar era muito próximo da hora de dormir.

A minha família é descendente de italianos, então gosta de comer massas. Lembro-me que nos finais de semana nos reuníamos na casa da minha avó, esse momento era por causa dela. Ela era a líder da família, teve nove filhos, sendo um deles a minha mãe. Todo domingo a família toda se encontrava e era montada uma mesa bem grande, na verdade precisava unir duas mesas para que coubessem todos. Tinha sempre massas, lasanha e macarrão. É uma família que comia bastante. Tanto que isso é verdade que dois familiares tiveram que fazer a cirurgia de redução de estômago. Dá para dizer que meia dúzia são obesos e os demais estão todos com sobrepeso.

Se eu estou bem lembrado, aos meus quinze anos, eu comecei a ter minha consciência sobre a minha alimentação. Pesquisei. Afinal, como todo adolescente, eu queria ter um corpinho legal. Preocupava-me ver os casos de obesidade na minha família. Eu não queria ficar como eles! Não era pela estética, mas eu percebia que aquilo não era saudável. Eu já conseguia enxergar isso! Então busquei o conhecimento. Comecei a fazer academia e ouvia também muitas informações sobre o assunto alimentação e exercício. E essa busca me levou a minha escolha profissional, porque a educação física e a alimentação estão relacionadas. É engraçado, porque só estou falando sobre isso hoje, por conta da minha profissão.

Bem, fui fazer exercício e mudei a minha alimentação. Nessa época eu ainda tinha dificuldade para ingerir as saladas e frutas. Levou um tempo, foi uma adaptação, isso, acredito

que ocorreu uma adaptação comigo. Comecei a ter a consciência. Iniciou um processo de reeducação alimentar, não só comigo, porque eu comecei a influenciar na minha casa, fazendo com diminuísse o consumo de frituras e refrigerantes. Hoje tem regra lá em casa, refrigerante só uma vez por semana, 1 litro e uma refeição, deixou de ser os 4 litros de Coca Cola.

Hoje, durante a semana, procuro fazer uma refeição com bastante restrição de doces, frituras e refrigerantes. Posso dizer também que de um ano para cá eu consumo bastante salada, verduras e frutas. Preciso também dar uma alegria ao meu cérebro, assim aos finais de semana eu acabo comendo essas coisas que eu gosto. Eu faço um agrado a ele.

Atualmente não temos mais aquela reunião em família aos domingos. Na verdade, todos se reuniam com o propósito de ver a minha avó, agora que não tem... Nossas reuniões são somente em festas, aniversários e datas comemorativas.

Como faço exercício físico, pratico musculação, procuro comer de três em três horas. A refeição com base de carboidrato complexo e proteínas uma hora e meia antes do treino. Após, depende se estou suplementando ou não, uso um carboidrato simples com uma proteína. Volto a me alimentar quarenta minutos depois, com um carboidrato e uma proteína. Nos intervalos consumo muitas frutas. Cortei o leite da minha alimentação por escolha própria, utilizo outras fontes de cálcio. Tenho dúvida, na verdade, porque usava o leite pensando no cálcio e não nos demais nutrientes. Eu não sei se o leite é realmente o rei do cálcio ou não.

A ideia é essa, procuro fazer uma alimentação balanceada, para ficar saudável. Por praticar musculação, preciso de algumas outras coisas, mesmo não sendo saudável, como a suplementação. Atualmente eu estou utilizando, após o treino, a albumina que é uma proteína do ovo e também a dextrose, um carboidrato simples. Eu utilizo esses suplementos para aumentar a síntese proteica.

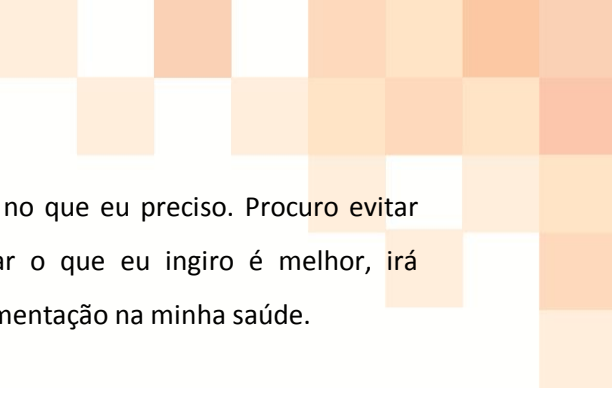
Como eu tenho uma preocupação com a alimentação e a atividade física, procuro trabalhar também com os meus alunos nas aulas essas questões. Falo sobre a Hipertensão, explico o sistema renina-angiotensina-aldosterona, a função do sódio na vasoconstrição e o do sistema nervoso simpático, relacionando com a alimentação. Outro tema é sobre o Diabetes, relaciono a alimentação e o exercício, explico que o carboidrato irá se transformar em glicose e o uso dependendo do tipo de diabetes, se é do tipo 1 ou do tipo 2, se é dependente ou não da insulina. Abordo também sobre a dislipidemia, falo sobre o triacilglicerol, o colesterol HDL e LDL. Explico que se o HDL estiver baixo e o LDL alto é ruim para o organismo. Sempre dou ênfase para a relação exercício e alimentação. Eu procuro mostrar que o sedentarismo e uma alimentação inadequada podem desencadear as doenças.

Procuro falar sobre a alimentação nas aulas independente de ser um tema transversal no Parâmetro Curricular Nacional. Eu me sinto responsável por fazer isso, conscientizar os alunos. É a base da matéria abordar exercício físico e alimentação. Eu não vejo e não sinto dificuldades em falar sobre alimentação saudável. É até legal eu contar um relato de um aluno sobre isso. Esse jovem me contou que era sedentário e se alimentava errado, mas a partir das aulas começou a frequentar a academia, em casa não se fazia mais fritura e não se comprava refrigerante, promovendo a perda de peso da mãe, melhora da saúde do pai, todos estavam se alimentando melhor. Fico emocionado, porque eu vejo que dá resultado. Um aluno me falou, mas quantos não vieram contar, quem sabe não aconteceu com outros também? Uma outra me disse que ela está tentando, está difícil conscientizar a mãe. É muito legal ouvir tudo isso, me emociona, me impulsiona e dá vontade de continuar fazendo.

Como eu trabalho em academia, também, muitos dos meus alunos pedem para que eu prescreva uma dieta. Eu falo que não posso, pois não sou Nutricionista, não tenho esse direito pela lei. Portanto, eu dou dicas, oriento a retirar as frituras, ou pelo menos diminuir frituras, refrigerantes e os doces, fazer refeições com intervalos de 3 em 3 horas e evitar refeição pesada perto do horário de dormir. Dou essas dicas porque não irão prejudicar a saúde.

Muitos jovens me perguntam sobre o uso de suplementos, principalmente os aminoácidos de cadeia ramificada ou *wey protein*. Eu procuro explicar a função e os efeitos do uso dessas substâncias. Sempre enfatizo que faça uma alimentação balanceada, procure um nutricionista, porém, se for ao profissional e ver que a alimentação não é suficiente, depende de cada um, depende da sua carga de treino, do seu objetivo. Eu acredito que o suplemento é um recurso que deva ser utilizado em último caso, na verdade acho que é mais para atletas. Eu sei que o uso de forma inadequada ou excessiva pode prejudicar a saúde. Muitos jovens que querem emagrecer me questionam sobre os termogênicos, querem cafeína. Porém, eu não sei como está o funcionamento do coração daquele indivíduo. Eu sempre enfatizo sobre o que é, o que pode acontecer, a partir daí é uma escolha individual. Eu estou informando, não estou indicando. Percebo, na maioria das vezes, que eles ficam com medo da informação recebida, sabem que existe um risco e eles evitam fazer o uso.

A meu ver, o significado do alimento na minha vida está focado na saúde. Nós temos que comer para sustentar as nossas células, por meio do alimento ela receberá o que precisa. Antes eu comia para agradar meu cérebro, por minha vontade. Hoje eu sei que tenho que comer para manter a minha célula saudável, como explica a biologia. Ela precisa receber gordura, glicose. Tenho que pensar no meu estômago, em todos os meus órgãos. Se eu comer muita proteína vou



sobrecarregar o meu órgão. Eu procuro balancear pensando no que eu preciso. Procuro evitar excretar, ou seja, quanto mais eu puder evitar de excretar o que eu ingiro é melhor, irá sobrecarregar menos os órgãos excretadores. Procuro focar a alimentação na minha saúde.

(Local da entrevista: Etec Professor Horácio Augusto da Silveira; entrevistadora: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo, em 21/06/2013; transcrição: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo, em 23/06/2013 e transcrição: Ana Cristina Gonçalves de Azevedo, em 02/07/2013)

Unidades de ensino Médio e Técnico

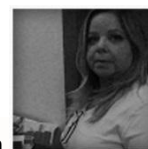


Unidade de Ensino Médio e Técnico



Maria Lucia Mendes de Carvalho

Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando dois grupos de estudos e pesquisas: Educação e Segurança Alimentar e Nutricional (GEPESAN) e Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, e de História da Alimentação e Nutrição. Organizou os livros “Cultura, Saberes e Práticas” (2011) e “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).



Alzira Bernadete Corrêa de Miranda

Alzira Bernadete Corrêa de Miranda. Graduada em Secretariado Executivo Bilíngue pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1998). Como restauradora e pesquisadora participou do projeto “Viva e Reviva – Nossa Escola Nosso Patrimônio” na Secretaria de Estado da Educação de Goiás, nas cidades de Goiás e Catalão, entre 2003 e 2006. Participou de diversos cursos na área de conservação e preservação de documentos no Arquivo do Estado de São Paulo (2003), do curso de Extensão Cultural – Introdução à Política e ao Tratamento de Arquivos na PUC de São Paulo (2003), do curso de Especialização em Organização de Arquivos na Universidade de São Paulo (2009). Desde 2010 atua como professora no curso do Técnico em Secretariado na Etec Raposo Tavares. Em 2012 ingressa no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e começa desenvolver projetos no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos do Centro Paula Souza.

Alzira Bernadete Corrêa de Miranda nasceu na cidade de Goiânia, em Goiás, teve a sua formação escolar inicial em escola pública, conforme relatou: Eu estudei no Grupo Escolar Vasco dos Reis, no Instituto de Educação em Goiás e, no Colégio Santo Agostinho, na cidade de Goiânia. Fiz pós-graduação na PUC de Goiânia, entre 1994 e 1998, e depois fiz um curso na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, mas sempre centrada em conservação e restauro. Na PUC eu fiz Secretariado Bilíngue. A minha intenção era graduar em secretariado e depois me pós-graduar, pois o meu sonho era ser tradutora-intérprete. Mas durante o curso de secretariado eu assisti uma aula sobre organização em escritório, e eu me encantei, a professora era doutora em documentação. Após um semestre de aula nessa disciplina, eu decidi que eu seria documentalista. A partir de então comecei a fazer cursos de preservação e vi a necessidade de conservar os materiais que eu estava lidando. Foi quando eu comecei a atuar com preservação e, mais especificamente, com suporte em papel. E a partir daí eu fui me interessando por outros suportes, mais frágeis, e que necessitavam de maiores cuidados. Depois eu fiz cursos em São Paulo, no Rio de Janeiro, e voltando para Goiânia, fui convidada para desenvolver alguns projetos e foi quando eu comecei a atuar na área.

Comecei trabalhando em um projeto na área de educação, na cidade de Goiás, sobre o Liceu da Cidade de Goiás, e na transferência do acervo do Liceu de Goiânia para o Liceu da cidade de Goiás. O desenvolvimento desse projeto foi muito bonito, e aconteceu no espaço de uma escola, onde nós fizemos todo o trabalho de higienização e recuperação do acervo. Essa escola sofreu uma adaptação, por que era uma escola pública – perto do rio – da casa de Cora Coralina, mas tem dois andares e (após a transferência do acervo do Liceu de Goiânia) foi onde esse acervo ficou reunido e disponibilizado para consulta. Nós trabalhamos neste projeto em 2002, 2005 e 2006. A recuperação desse acervo contou com apoio da Secretaria da Educação do Estado de Goiás e da UNESCO e foi produzido um livro e um documentário que apresenta passo a passo os procedimentos desenvolvidos durante o projeto.

Eu vim para São Paulo no início de 2007, e logo no início de 2010, eu comecei a trabalhar na Etec Raposo Tavares do Centro Paula Souza, assim que a escola foi inaugurada, dando aula no curso de Secretariado. O meu sonho era trabalhar na minha área de cultura. E a cidade de São Paulo, sempre me encantou, em função da sua história. É como se fosse um filme, você atravessa a rua e a história já se modifica. Fui conhecendo essa parte de São Paulo, e desenvolvendo trabalhos, e resolvi mudar para essa cidade para trabalhar. No início de 2012 eu entrei no site do Centro Paula Souza para participar de um curso de capacitação e vi que

tinha um curso a respeito de patrimônio e eu me interessei. Era um Clube de Memória e durante essa capacitação eu recebi esse convite para desenvolver projetos no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos. Desde 2012, estou aqui desenvolvendo projetos de HAE. A professora Alzira Bernadete diz que: “os projetos de conservação e preservação de acervo requerem um trabalho sutil, demorado, minucioso e ele é caro, mas de um tempo para cá tem sido muito divulgado. É como se fosse um modismo. Mas para começar a conservação é necessário conhecer o material pertencente a esse acervo, a sua massa documental, tratá-lo e somente depois colocar à disposição para a pesquisa. É uma trajetória extensa e delicada, e que as pessoas vão conhecendo aos poucos, e que depois de uma determinada etapa tem que começar a ser manuseado. Essa é uma fase difícil, por falta de formação dos usuários”.

Durante a entrevista a professora Maria Lucia Mendes de Carvalho ressaltou a importância da presença da professora Alzira no Centro de Memória da Carlos de Campos, e colocou que este acervo foi importante para o seu doutorado, ao dizer que duas questões surgiram por ter encontrado um documento importante sobre o curso de Auxiliares em Alimentação em 1939. Disse que a nutricionista Mônica Costa de Oliveira está pesquisando o acervo da Neide Gaudenci de Sá nesse acervo. Mas são pesquisas pontuais no Centro de Memória da escola. Maria Lucia disse que precisavam de um professor que pudesse vivenciar mais o acervo, e sobre o trabalho da professora Alzira disse: “Quando você começou o seu projeto no ano passado, o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos estava em uma fase de mudança de espaço. Parte do acervo foi transferido da sala de memória para o espaço do antigo Dispensário de Puericultura, mas para transferir o arquivo deslizante tem um custo, e que atualmente não se dispõe desses recursos. E quando você chegou não podia mexer aqui por que estava na fase de reforma. Para poder fazer inclusive este trabalho, sabemos que antes da conservação tem a organização do acervo, e ele precisa estar muito bem delimitado para iniciar. Eu até parabenoza você por que com todas essas dificuldades, você acabou achando um nicho para a sua pesquisa, e eu vejo que você está realizando com muito entusiasmo esse trabalho do curso de Economia Doméstica e eu fico feliz por isso, e também, pelo foco do seu projeto de 2013 em educação patrimonial. Você fez como curadora a exposição - Utensílios no curso de alimentação e economia doméstica para dona de casa - agora no período de maio a junho e eu gostaria que você falasse um pouco dessa exposição, como foi esse planejamento e quais foram os objetivos.

Alzira disse que ficou encantada com o acervo que tem essa escola. Um acervo com um volume e uma massa documental muito grande, mas também em suporte, formato e registros

muito diversificados, e que ainda não tinha sido organizado totalmente e com os materiais acondicionados em caixas.

Maria Lucia informou que o projeto de historiografia iniciou, em 1998, e que ela entrou em 2001, com o acervo já estava inventariado até a década de 1950, por isso, começou as suas pesquisas. Alzira ressaltou que “É bom lembrar que essa massa documental está fragmentada. Uma parte está no segundo andar, inclusive mobiliário”. E a professora Maria Lucia lembrou que a Monica Costa está inventariando um acervo que ainda não foi organizado, e que é referente ao período de 1950 a 1984, dizendo que há muito trabalho a ser realizado com relação à organização documental.

A professora Alzira disse que iniciou o seu trabalho no acervo com a separação do material. Descemos praticamente tudo (caixas de papelão com objetos acondicionados) que estava no chão da saleta complementar da antiga sala de memória. Deixamos o material documental que estava nas prateleiras de aço e o restante no arquivo deslizante. Trouxemos louças, cristais e algum material bibliográfico. E foi quando eu dei início ao tratamento dos livros de matrículas, que apesar da idade estavam em bom estado de conservação.

Maria Lucia informou que as divisões que existem no espaço do antigo Dispensário de Puericultura, atual Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, facilitarão a organização do acervo, como a sala de reserva técnica, mas todo o espaço aqui precisa ser trabalhado para a organização do Centro de Memória. Alzira disse que tem armários de aço em uma das salas e que vai ter uma sala de exposição permanente, não só com materiais menores, mas com mobiliários. A professora Maria Lucia disse que no espaço onde estão hoje as peças museológicas por causa da reforma, a intenção é ter um laboratório de conservação. Alzira disse que esse espaço é essencial e futuramente a intenção é desenvolver oficinas com alunos e professores e até mesmo com a comunidade externa e é importante para o centro de documentação.

Quanto à exposição que a professora Alzira organizou no primeiro semestre de 2013, na Etec Carlos de Campos, a professora Maria Lucia solicitou que “me conta um pouco como é que você começou essa exposição, por que eu sei que você teve bastante trabalho para selecionar materiais, e eu gostaria de saber como foi esse processo”.

Alzira, sobre a organização dessa exposição, disse: “é que cada dia que você vai trabalhando e no meu caso é pelo contato: - você abre um livro e você vê uma coisa nova, nas louças você vê algum detalhe ou mesmo um registro diferente, uma foto ou uma imagem

qualquer; por exemplo: tem um açucareiro que está manuscrito em uma etiqueta colocada neste “açúcar refinado”. Ali você não pode nem passar água, para não ter nenhum tipo de intervenção. E como eu penso a história desse objeto e aquela bateadeira. Enfim, é por aí que a gente vai despertando. Maria Lucia disse que em uma das visitas que fez ao Centro de Memória, nesse ano, a professora Alzira lhe mostrou um livro que deve ser um livro de família e comentou sobre a qualidade da tinta. Então Alzira disse que usou algumas páginas desse livro para montar a exposição por que mostra a grafia da época, e que esse livro deve ter mais de 70 e poucos anos de receitas, informando que analisou a presença de tinta ferrogálica. Informando que este livro deve ter passado umas três décadas na família, e que observou “a tinta utilizada, e até mesmo da mudança do material usado, os ingredientes que mudaram também, e então observando esses aspectos, eu achei muito interessante”.

A partir da década de 50, Maria Lucia disse que “os ingredientes foram substituídos por produtos industrializados, antes os produtos eram mais naturais, eu vejo isso por um projeto que eu coordenei a partir de uma apostila dessa época, onde eles usavam araruta, e hoje não se usa mais”.

Em seguida a professora Maria Lucia disse: “Estou vendo na sua mesa materiais que você traz para conservação, e achei muito bonitas as fotografias que você tirou para a exposição e também a cor que você usou para dar destaque no fundo para os objetos”. Alzira disse como prepara as exposições, primeiro “eu faço registros fotográficos antes e depois da montagem da exposição por questão de segurança e controle, e esse azul eu não sei bem o nome, ele é um azul moderno, e eu achei que ele destacaria e daria mais vida para as peças antigas, realçou”.

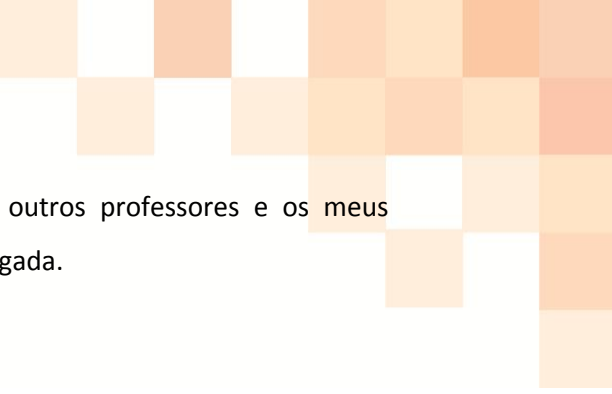
Maria Lucia perguntou: “O que você fez para envolver a comunidade, os alunos e professores para a exposição?”, e Alzira respondeu que “para começar a interação do Centro de Memória e a comunidade interna, os professores e os alunos, enfim, eu distribuí uma atividade para que também fosse trabalhada com os alunos através dos professores e a análise deles sobre os objetos expostos. E esse trabalho também foi feito para saber o que eles absorveram, e o que eles acharam. Também colocamos no site desta escola uma galeria de fotografias, como registros fotográficos, para eles perceberem o valor histórico desse material, e se conscientizarem desse patrimônio da escola, e o que é esse tesouro, esse acervo da escola Carlos de Campos”.

Em seguida, a professora Maria Lucia disse “eu li no seu projeto que pretende fazer uma exposição para comemorar o aniversário da escola e lhe pergunto como vai ser essa

exposição?” Alzira diz: “eu descobri o livro da Vitorina, inclusive naquele livro de recortes, que é um livro bastante interessante e que é guardado a sete chaves literalmente. Ela escreveu com uma leveza, e que ela fez uma pesquisa durante 8 anos antes de começar o livro, reunindo material, e naquela época não tinha material didático, e ela teve essa sensibilidade, essa perspicácia. Essa escola teve nos tempos passados na cozinha de alimentação e na parte doméstica. Então foi através do livro da Vitorina e da professora Laia, enfim é uma parte”. Maria Lucia diz que aquele livro de recortes mostra o amor que as professoras Laia Pereira Bueno e Maria Vitorina de Freitas tinham pela escola, e só isso nos motiva a dar continuidade ao trabalho delas.

Quanto à exposição sobre alimentação que aconteceu no primeiro semestre na Carlos de Campos, a professora Alzira diz que “tinham duas alunas e elas comentaram comigo: - na casa da minha avó tinha esse bule, essa xícara de chá”.

Maria Lucia considera que essas peças museológicas representam para nós que trabalhamos com tecnologia no Centro Paula Souza objetos que possibilitam aos alunos avaliarem a evolução da tecnologia, e trazer a comunidade para a pesquisa. Mas para isso nós precisamos procurar os órgãos de fomentos, por que eu sei que não é justo você trazer esses materiais para conservação documental do seu próprio bolso e realizar o restauro, porque eu vejo nas visitas que sempre tem uma novidade aqui no Centro de Memória. Alzira disse que em “função do peso que esse fundo tem, desse patrimônio, eu preciso cuidar da forma que convêm com material e instrumentos adequados. Não posso danificar ou modificar nada. Então eu preciso trabalhar com um material que seja de acordo, com cada suporte, porque aos poucos a gente vai mostrando através da exposição”. A professora Maria Lucia encerra a entrevista dizendo que a aprendizagem é um processo lento e contínuo. Enquanto que a professora Alzira agradece e diz que na próxima exposição fará parte o livro da Vitorina, por que tem materiais delicados, e que são difíceis de encontrar em museus, e esses materiais são difíceis de resgatar. Maria Lucia diz que “é interessante que você fez a exposição de Economia Doméstica e hoje nós temos aqui os cursos de Nutrição e Cozinha, a e a mesma coisa com a próxima exposição, que terá relação com o nosso curso de Vestuário. E esse é o nosso objetivo, que os alunos e professores comecem a valorizar a educação para sensibilização do patrimônio. E eu agradeço, e inclusive, por você ter feito esse acervo fotográfico, porque eu não consegui filmar a exposição. Esta se encerrou antes do tempo previsto. Mas as fotografias e todo esse processo para a organização da exposição irá contribuir com o acervo e com o nosso trabalho. Da próxima vez vou vir no meio da exposição e não deixarei para o final, foi por



causa dos inúmeros projetos que temos na Cetec com os outros professores e os meus próprios projetos que vim somente nesse período”. Muito obrigada.

(Entrevista de Alzira Bernadete Correa de Miranda com a entrevistadora Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 02 de Julho de 2013, no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, na Rua Monsenhor de Andrade, 747 – Brás – São Paulo/SP. Transcrita e transcrita por Maria Lucia Mendes de Carvalho)

Unidade de Ensino Médio e Técnico



Maria Lucia Mendes de Carvalho

Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando dois grupos de estudos e pesquisas: Educação e Segurança Alimentar e Nutricional (GEPESAN) e Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, e de História da Alimentação e Nutrição. Organizou os livros “Cultura, Saberes e Práticas” (2011) e “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).



Julia Falivene Alves

Júlia Falivene Alves. Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica da Campinas (PUCAMP), professora de Sociologia, Economia Política, Ética e Cidadania e História, sempre em escolas públicas por opção política. No Centro Paula Souza, atuou como Professora Responsável pela Disciplina História, Responsável por Projetos, integrante da Coordenadoria Pedagógica do Telecurso TEC e Coordenadora e Professora de Cursos de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas. É autora de livros didáticos e paradidáticos: Invasão Cultural Norte-americana no Brasil, Metrôpoles: cidadania e qualidade de vida; Capítulo “Cidades Maravilhosas cheias de violências mil”, in Violência em Debate; Capítulo “Com que cara chegaremos ao terceiro milênio?”, in Identidade Nacional (todos da Ed. Moderna); Ética, cidadania e trabalho (Ed. Copidart); A prova-teste como instrumento de avaliação de competências: princípios, elaboração, validação e possibilidades." (Ed. Komedi/Ceetps); Ética Profissional e Cidadania Organizacional, em co-autoria com Carmen Bassi (Ed. Fundação Padre Anchieta); Avaliação Educacional: da Teoria à Prática (Ed. LTC). Em parceria com a Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP), organizou as obras "Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais" e "Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: história em imagens (Álbum Fotográfico)"(Ed. Ceeteps/Imprensa Oficial).

Júlia Maria Falivene Roberto Alves é o meu nome, mas quando assino textos, livros ou outro tipo de publicação eu adoto o nome de Júlia Falivene Alves. Maria Lucia Mendes de Carvalho, que trabalha na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, diz que essa entrevista é sobre história de vida, e que gostaria de conhecer um pouco da história da minha família: quantos irmãos, se os meus pais são brasileiros, de onde eles vieram etc. Então respondi: Ah! Está bem. Eu sou de uma família composta inicialmente, ou seja, até o momento de meu nascimento, por cinco pessoas: meu pai, minha mãe, dois irmãos e uma irmã adotiva, que foi lá para casa para cuidar das crianças. Ela foi com onze anos, porque a família não poderia sustentá-la e, então, pediu para que ela fosse morar na casa de nossa família, onde poderia ajudar minha mãe, brincando com as crianças. Com o passar do tempo ela se tornou da família e, portanto, minha irmã também. Passamos a ser uma família de seis pessoas. Quando eu tinha 15 anos uma prima minha, a Celeste, foi morar conosco, pois na cidade em que ela vivia não havia o Curso Normal e, então, ela se mudou para Campinas, onde morávamos, formou-se professora e ficou conosco até se casar. Para mim, que só tinha dois irmãos, adorei ter uma prima e nos demos muito bem. Considero-a uma irmã também.

Eu fui gerada não sei onde, se foi em Campinas ou em São Paulo. Minha família morava em São Paulo, na Rua Oriente, no Brás, e todos os parentes (meus avós, tios, primos, exceto uma tia, todos das duas famílias de onde eu venho – da Falivene e da Alves – moravam em Campinas. Por isso, muitas vezes íamos para Campinas e quando minha mãe ficava grávida ela ia para lá e ficava na casa da minha avó, esperando o momento do nascimento do bebê, pois além de receber o aconchego familiar eu acho que meus pais queriam que seus filhos fossem campineiros. Principalmente meu pai, que tinha muito orgulho de ser campineiro. Esse orgulho devia-se a uma grande admiração pela cidade. Então eu nasci lá, mas morei aqui em São Paulo até meus cinco anos de idade. A Rua Oriente, no Brás, onde morávamos, não era exatamente como agora. Muito pelo contrário, era totalmente residencial, calma. Havia bondes e ainda existiam os camarões - aqueles bondes fechados e vermelhos. Eu não me lembro muito de São Paulo daquela época por causa da pouca idade.

Eu nasci em 1944. Em 1948 nós nos mudamos para Campinas, por isso eu me lembro mais de lá. De São Paulo eu lembro que era mais nublado, que tinha garoa e nós, crianças, não podíamos ficar descalços e nem brincar na rua, por causa do frio. Eu não tenho aquelas lembranças de São Paulo. As minhas lembranças boas são as de quando eu ia para Campinas passar as férias e depois, quando fomos morar lá. Em Campinas nós fomos morar num bairro totalmente diferente e que hoje é considerado um dos melhores: o Cambuí. Mas, naquela

época, as ruas ainda não eram calçadas nem arborizadas e havia muitos terrenos baldios, em alguns dos quais havia até cobras. Havia muitos sapos, grilos, cigarras, gafanhotos e borboletas lindas. Passava ônibus raramente. Então a gente era livre e solto, e podia brincar fora de casa: aquelas brincadeiras de criança, como de pega-pega, de roda, de bola, barra-manteiga e outras mais. Os irmãos jogavam futebol, andavam de bicicleta, patinavam, pescavam. E foi assim uma fase muito boa, também porque meu irmão mais velho, que sofria muito de bronquite aqui em São Paulo, curou-se rapidamente com os ares de Campinas. E lá começou realmente o que chamo de “minha vida”. Vamos dizer assim: mais familiar, porque todos os domingos nós íamos à casa da minha avó e podíamos brincar no imenso quintal e no porão desabitado e também em um jardim público próximo com nossos primos de idades equivalentes às nossas.

A minha avó morava em Campinas na Rua Andrade Neves, que também era residencial e, portanto, mais calma do que hoje logicamente. A própria casa da minha avó mais recentemente se tornou um consultório médico até outro dia. Mas depois foi derrubada, então dela não se tem vestígios: - nem da casa dela e nem de uma pensão que existia ao lado, da família de um cantor brasileiro famoso na época - o Bob Nelson - que cantava um tipo de música igual ou parecida com o dos filmes de faroeste. Meus irmãos eram superfãs do Bob Nelson. Quanto a mim e as primas, adorávamos o porão da casa. Ele era parcialmente habitável, só que lá não morava ninguém, então ele era todo nosso: o nosso castelo em miniatura. Lá a gente fazia perfumes, cujas matérias-primas eram as flores do quintal da minha avó, amassadas com álcool e depois coadas. A gente brincava muito de princesa. Enfim, era muito bom.

A minha avó morava em uma casa que era muito extensa e o porão acompanhava toda essa extensão. E depois tinha ainda um quintal grande e uma horta, e a gente se divertia muito. Daí, aos sete anos eu comecei minha vida de estudante. Deveria ter sido aos seis, quando eu deveria ir ao “jardim de infância”. E fui, mas frequentei-o somente quinze dias. Era no Instituto de Educação Carlos Gomes, conhecido mais como Escola Normal, por causa do curso de formação de professores (curso chamado de Normal). Eu era muito tímida e ir à escola significava ser chamada para ir lá na frente da sala e dançar, recitar, representar e fazer coisas que para uma pessoa extremamente tímida era um terror. Então começou uma parte boa (de aprendizagem) e uma parte desagradável, que era me expor às outras pessoas, coisa que eu comecei a resolver daí para a frente, aos poucos e muito demoradamente, até que perdi toda a timidez e me lancei para o mundo despudoradamente (brincadeira, viu?)

Isso aconteceu logo que eu me formei na faculdade, no ano seguinte. Deixa-me ver quantos anos eu tinha: ah, 23 anos. Daí eu fui perdendo a timidez quando comecei a exercer a profissão de professora, porque não dá para você continuar a ser tímida se relacionando com os jovens e adolescentes. As aulas eram uma alegria total para mim. Na sala de aula “baixava” outra Júlia, totalmente à vontade.

Maria Lucia pergunta à professora Júlia em que escola fez o primário. E esta diz: Naquela época, como você sabe, as escolas públicas eram as melhores que existiam, mas havia poucas na cidade. Em Campinas havia duas que eram mais bem conceituadas. Havia a Escola Normal, já mencionada, que também oferecia o jardim de infância, o grupo, o ginásio e até a finalização do nível para formação de professores primários. E havia o Culto a Ciência, que era uma escola federal, que não tinha o curso normal, mas tinha o ginásio e o colegial (clássico e científico). Então eu cursei da primeira à quarta série na Escola Normal. Daí era necessário fazer um cursinho para entrar no ginásio, de tão difícil que eram os exames de seleção e a quantidade pequena de vagas para tantos candidatos. Fiz o cursinho e entrei no Culto a Ciência. Eu não sei se você também fez o cursinho de Admissão ao Ginásio.

Eu preferi fazer o colegial clássico. Eu acho que eu fui um pouco diferente dos professores e dos meus colegas, desde o começo. Na escola, desde o ginásio, eu descobri uma coisa importante e diferente na forma de ver e viver a educação. Isso pelo seguinte: eu, por timidez, não gostava de ir à escola e arrumava todos os jeitos para não ir. Qualquer dor ou um tempo frio ou chuvoso eram coisas suficientes para eu faltar. E os meus pais deixavam que eu faltasse, pois eu adorava estudar, mas sozinha.

Naquela época os professores adotavam livros didáticos e muitos deles apenas repetiam nas aulas os seus conteúdos. E a gente ficava anotando tudo o que eles diziam e escreviam na lousa e, no entanto, o que eles queriam da gente, nas provas semanais (as tais sabatinas, porque eram feitas aos sábados, evidentemente), era a repetição do que o livro didático continha. E então eu pensava: por que eu tinha de sofrer tanto quando havia chamada oral? Até porque era constantemente chamada a ir lá na frente da classe, ou porque estudava muito e era bem vista por alguns professores ou, ao contrário, porque eu faltava muito e alguns queriam me testar. Na aula de português, se a gente fazia uma redação boa tinha que ir lá à frente e ler em voz alta para os colegas ouvirem. Eu ficava desesperada. Minha voz ficava embargada e os professores não percebiam que era porque eu estava nervosa: achavam que eu lia com emoção as minhas próprias ideias. Era terrível!

Então o que eu pensei: eu estudo em casa pelo livro. Eu faltava sem a menor dose de culpa ou sentimento de irresponsabilidade. Pelo contrário, até aprendia mais, pois estudava fingindo que era eu a professora e estava ensinando meus alunos (no início as bonecas que eu tinha, enfileiradas e “atentas” e, mais tarde, a aluna que eu ensinava era eu mesma). Em outras palavras, eu estava “aprendendo a aprender”, sem saber que isso seria um preceito didático imprescindível no século 21!

Como os meus pais me viam estudando o dia inteiro e eu vinha com boas notas, eles percebiam que a escola não fazia falta para mim. Hoje, como professores, diríamos que a escola é importante para desenvolver a sociabilidade dos alunos. Mas eu acho que se fosse obrigada a frequentá-la eu não teria desenvolvido a minha habilidade de aprender por conta própria e de ensinar também. Quando eu chegava à escola, em dia de prova, vinham várias colegas pedir explicações sobre coisas do livro e das aulas, que elas não haviam entendido. Acho que comecei minha carreira de professora quando ainda era criança.

Para bem ou para mal, sabe-se lá, minha timidez foi até mais tarde, mas, pelo menos, eu não sofri por sua causa todos os dias, exceto aos domingos e nos períodos de férias. Eu acho, agora, que eu era tímida porque meu pai era muito extrovertido, muito falante, muito alegre, gostava de cantar óperas, de ir ao cinema, de contar coisas engraçadas do tempo em que era criança. Recebia muitas visitas, era muito conhecido e, pior ainda, me elogiava muito (até demais!), o que me deixava preocupada em não decepcioná-lo. Ele era psiquiatra, não havia quase psiquiatras naquela época, e, em Campinas, muito menos. Ele tinha um nome diferente – Coriolano Roberto Alves – um rosto e a voz muito bonitos. Em todo lugar que eu ia e precisava falar o meu nome todo, perguntavam-me: - Você é filha do Dr. Coriolano?

Isso me deixava muito mal porque eu pensava - eu não sou apenas a filha dele, eu sou eu. Então eu não gostava, eu tinha receio de que pessoas me tratassem bem só por causa dele e os professores me dessem uma nota boa porque me protegiam. Então eu estudava mais ainda para merecer as notas que recebia não por causa de ser filha dele, mas sim pelo meu desempenho.

A professora Maria Lucia fala para a Julia que enquanto ela estava falando do seu pai, ficou pensando que consegue entender o orgulho dele de ser campineiro. Dizendo que quando foi fazer pesquisa no Centro de Memória de Campinas sobre o Dispensário, encontrou quatro ou cinco jornais de Campinas de alto nível. E que realmente ela devia ser uma cidade deslumbrante, e que até hoje Campinas é uma cidade de destaque no polo, como, por

exemplo, o circuito das frutas e que ela se segura sozinha. Júlia diz que naquela época havia uma certa competição entre Campinas e Ribeirão Preto.

Voltando ao assunto “família”, Júlia diz que a sua mãe era e sempre foi o seu anjo: Chamava-se Ângela Falivene Alves. Ela era dona de casa, como era a norma da época. Tinha até o quarto ano do grupo, mas foi ela quem realmente me ensinou a redigir textos (composições, descrições, histórias) mais do que os professores, que teriam essa obrigação. Isso foi mais tarde, quando eu fiz o curso para a Admissão. No curso de Admissão eu não faltava, pois não havia o tal do livro didático e eu estava animadíssima em entrar no curso ginásial.

Entre as atividades de aprendizagem no curso de Admissão, havia aquela em que a professora mostrava uma foto grande (geralmente uma folha tirada de algum Calendário) e durante alguns minutos a gente a contemplava. Daí ela nos dizia que, como lição de casa, deveríamos descrevê-la ou contar uma história nela baseada.

A gente era criança, tinha só 11 anos, e não imaginava o que era exatamente aquilo que ela solicitava. Foi, então, que minha mãe entrou como uma fada, um anjo, na minha vida escolar. Explicava-me como fazer os trabalhos e, durante a explicação, a lição era feita. Logicamente as primeiras foi ela quem fez, mas a professora não falou nada, provavelmente porque deveria perceber que, com a minha timidez, se ela me falasse eu nunca mais apareceria no curso, tamanha a vergonha. Logo depois, já conhecia a técnica de observar detalhes importantes para descrever algo e a de fazer trabalhar a imaginação para inventar histórias. Enfim, ela foi um modelo para mim. Estou falando demais, não? E a professora Maria Lucia diz que não, não.

Como você vê agora eu continuo “navegando na minha história”, mas com a visão e experiência de professora. Então quando chegava em casa, eu falava com a minha mãe se era uma composição ou uma descrição a lição daquele dia. Ela me pedia para falar sobre a figura que foi mostrada. Eu a “descrevia”, sem saber que já estava fazendo o que muitas vezes era pedido, ainda que pobremente. Por exemplo, uma da qual me lembro muito bem era assim: uma menina olhando as estrelas pela janela do seu quarto, enquanto outra lia um livro, sentada na cama, muito concentrada. Eu contava para minha mãe o que havia visto e ela dizia: “Júlia, pensa que você é essa menina. Você olha pela janela e o que você está vendo? O céu azul escuro de dar medo, mas cheio de estrelas brilhando que iluminam a nossa Terra. O que ela pode estar sentindo? E a outra está lendo: - o que será que ela está lendo tão atentamente? Ela é irmã da outra? Elas são muito diferentes uma da outra? Etc.”

Ela começava a conversar comigo, ouvia minhas respostas e ia escrevendo. E eu, “cara de pau”, levava a composição escrita por ela, mas passada a limpo por mim e a professora aceitava. Era evidente que uma criança não teria aquela capacidade de comunicação de ideias. Mas eu tenho a impressão de que a professora, Dona Dulce, sendo muito inteligente – e era mesmo! - deveria compreender que eu, vendo como minha mãe fazia, iria incorporar a ideia de como elaborar uma composição ou outro tipo de redação.

Maria Lucia diz a Julia que “o interessante não é que ela fazia por você. Ela fazia com você. Ela mostrava o processo”. Julia diz: exatamente. Ela me fazia vivenciar uma coisa que, depois, eu comecei a vivenciar sozinha. Ela me ensinou o caminho. Ela deve ter feito isso duas, três ou não sei quantas vezes mais e eu comecei a imitá-la.

Com o tempo, eu fui criando o meu próprio estilo. Por isso, toda vez que eu escrevo um livro sempre coloco um agradecimento para ela, como minha professora de redação mais importante.

Ela tinha uma personalidade muito forte, mas só sabia disso quem convivia diariamente com ela, como eu. Ela era uma figura angelical: um sorriso lindo, um olhar meigo. Mas sabia muito bem como “tourear” alguns preceitos patriarcais, machistas, sem criar desarmonia com os “homens da casa”: meu pai e meus irmãos. Ela participava da organização de bazares, para angariar fundos para associações cuidadoras de crianças carentes, e também de grupos de senhoras que costuravam roupas para entregar às famílias de comunidades mais pobres.

Quando ainda poucas mulheres dirigiam automóveis, ela tirou carta de motorista, à revelia da parte masculina da família. Depois que meu pai teve um AVC e ficou com dificuldades de locomoção, era ela quem o levava de carro ao seu consultório e tornou-se sua secretária e recepcionista. Meu pai escrevia artigos, o meu avô era dramaturgo e cineasta (seu nome era Amilar Alves), mas foi com a minha mãe que eu aprendi a escrever, deixando solta a imaginação. Eu via o meu pai escrever muito, mas não lia o que ele escrevia porque era sobre antropologia ou medicina. A biblioteca dele é que me encantava e era lá que eu procurava os livros para ler – livros que me encantavam e me espantavam - livros de medicina, alguns horríveis por causa das ilustrações de doenças malignas. Daí o fato de eu não gostar que as pessoas descrevam como estão sofrendo alguns conhecidos que estão doentes e a preocupação em saber sobre o que tenho de fato, quando alguns sintomas estranhos aparecem em mim.

Meu pai levava para casa muitos diários que os denominados “doentes mentais” faziam e eu tinha muita curiosidade de lê-los. Eu sabia onde ele os guardava e ia lá “pesquisar”. Eu queria ser psicóloga. Mas eu não fazia nada de mal com isso, eu só lia e me surpreendia. E uma das coisas que me surpreendeu serviu-me em 1986.

Em 1986, eu fui convidada para escrever um livro sobre a invasão cultural norte-americana. Daí eu falei: - Puxa vida! Por onde eu começo? Eu nunca havia escrito um livro e, como por encanto, eu me lembrei de uma coisa que tinha lido em um daqueles diários dos internos do Hospital do Juqueri, onde meu pai trabalhava, que, na época era um hospital muito bom. Meu pai era muito humanista: ele era contra o choque elétrico e contra a lobotomia, práticas muito em uso na época. Ele achava que era conversando, socializando e dando oportunidade aos doentes de se expressarem pela arte, artesanato ou outros tipos de trabalho que eles melhorariam. Então, eu me lembrei de um versinho que eu vi no tal diário: “Para os americanos tudo é OK. Tudo é OK! Queria ver só os americanos comerem pão com OK.” Veja só: eu me lembrei disso!

Quando essa pessoa escreveu e eu li, eu era criança, devia ter uns oito anos. Eu me lembrei disso, em 1986, quando eu tinha 42 anos. Maria Lucia diz que naquela época, na década de 1940 ou 1950, os americanos entraram aqui, foi uma época muito “especial” para nós brasileiros. Muito interessante você encontrar isso no livro de alguém com problema mental. Júlia diz que a única coisa que lhe ocorreu foi: - Aquele doente não era doente! Ele era lúcido demais! Realmente em um país rico como os USA, eles faziam filmes com todos comprando em supermercados, levando as compras para casa em seus carros e arrumando-as em cozinhas super equipadas. Enquanto isso, a gente comprava na vendinha da esquina e levava os pacotes, a pé, para casa. Eles acabavam o filme quase sempre com um final feliz. Parecia que para eles era muito fácil ser feliz.

No Brasil, ao contrário, havia muita gente passando fome. Pensei: era isso o que o doente lúcido queria expressar e é isso que eu vou mostrar no livro sobre a invasão cultural norte-americana em nosso país. Afinal, eu vi essa invasão começar. Eu fui da geração que primeiro bebeu Coca-Cola no Brasil.

Maria Lucia pergunta à Júlia, voltando ao seu tempo de escola, se o Instituto de que ela fala é o Carlos Gomes. Júlia responde: Sim. O nome oficial era Instituto de Educação Carlos Gomes. Eu era o que se chama de boa aluna. Mas algumas vezes eu fiquei de segunda chamada. Eu tinha notas boas para passar em todas as disciplinas no primeiro exame, mas, como eu não tinha presença suficiente às aulas, era obrigada a fazer exame em fevereiro. E,

assim, ficava estudando também nas férias, para poder ter as mesmas boas notas que eu já tinha tido.

Mas você devia ter alguns ganhos para não frequentar a escola? Julia responde que tinha. Eu ficava estudando em casa. Eu aprendi a aprender. Por que se eu fosse à escola, eu ia aprender a reproduzir o que o professor tinha me dito. Se eu fosse à escola, e eu não iria fazer perguntas, pois teria vergonha. Então eu lia e lia o que eu não conseguisse entender até que minha mente se esclarecesse. Como já mencionei, eu sinto que comecei a minha carreira de professora aos sete anos, só que as alunas eram bonecas. Eu lhes fazia a pergunta que era a pergunta que eu queria fazer para mim e, com isso, perceber se eu havia aprendido ou não. Quando começou a haver mudanças no pensamento pedagógico, as quais culminaram na LDB de 1996, eu pensei: Puxa! O que eu fazia já era aprender a aprender!

Maria Lucia diz à Julia que esse processo de quem ensina - aprende está bem claro nessa sua colocação, não é? Julia diz que “tem até uma música, da qual eu gosto muito, que eu acho que é do Caetano Veloso e que é interpretada pela Maria Bethania. Um dos versos é: ‘quanto mais a gente ensina, mais aprende o que ensinou’. Então era isso que eu fazia.

E isso foi maravilhoso na minha vida e eu devo isso à minha timidez. Daí eu parti para raciocinar por conta própria: conversando com as bonecas. Mais tarde, conversando imaginariamente com qualquer pessoa e, em seguida, conversando imaginariamente com os autores dos livros e, finalmente, ‘conversando com os meus botões’. Todos esses recursos eram continuidade daquele ensinar para poder aprender por ser tímida, porém era algo que fazia com muita alegria. Sem ser misógina ou sociopata eu tinha uma vida feliz comigo mesma”. Naquela época, os amigos eram os primos e os irmãos. A gente tinha muita visita aos domingos e, como éramos muitos primos na família, sempre havia festas de aniversário para ir, além da Páscoa, do Natal, do Carnaval, os quais passávamos juntos. Havia, também, os amigos que moravam na mesma rua. Não era como agora, que quando é aniversário são convidados os coleguinhas de classe e a comemoração é feita em Buffet, com jogos eletrônicos, inclusive. Com os colegas de classe, conversávamos por telefone para saber se tinham estudado para a prova, se haviam conseguido resolver os problemas de matemática etc. Mas os amigos eram os primos mesmos, até chegar à época da faculdade. Daí a família começou a ter menos influência na vida da gente e eu comecei a participar da política universitária, do Centro Acadêmico, dos Congressos e fui uma das fundadoras do cine clube universitário.

Maria Lucia pergunta onde a Julia estudou. E ela diz: - estudei na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, agora conhecida como PUCAMP, e foi lá que eu comecei a expandir meu universo: vi que a vida não era um filme de Hollywood e que o Brasil não era exatamente o que aparecia na TV. Comecei a ler Josué de Castro, Caio Prado Jr, Werneck Sodré, Frei Josaphá e outros tantos.

- Na época que você fez a PUC não tinha a UNICAMP, diz Maria Lucia.

- Não tinha a UNICAMP e a PUC era particular. Eu vou falar uma coisa e depois você vê se vale a pena aproveitar na entrevista. Eu escolhi fazer Ciências Sociais porque, um pouco antes de eu entrar na faculdade, eu conheci um rapaz e ele era muito esclarecido. Ele falava coisas que me faziam pensar: ele não é desse planeta! Ele falava de Marx, do socialismo, de Cuba, era barbudo, falava em burgueses e proletariado e para mim era tudo novidade: nem na escola nem na família se falava disso. Eu me apaixonei por ele e desejei entender tudo o que ele dizia para constatar se aquilo existia mesmo. Ele foi uma luz na minha vida.

- Maria Lucia pergunta em que ano foi isso Julia?

- Julia responde: Acho que foi em 1961 ou 1962.

- Era uma época fervilhante aqui no Brasil, diz Maria Lucia.

- Julia lembra-se do início dos anos 60. Cuba ali acontecendo, a União Soviética contra os Estados Unidos, guerra fria.

Ela diz: Ele terminou o namoro porque eu era uma ignorante, por que eu não conseguia conversar com ele. Se eu já era tímida, na frente dele então... Mas eu comecei a ler jornal. E como era horrível ler jornal, eu achava! Mas lia, lia, até entender o que se passava. Depois de um tempo tornou-se fácil e daí, então, eu fiquei uma leitora de jornal assídua. Também tive a sorte de, naquela época, surgir uma Revista chamada Claudia, que era só para mulher, para “coisinhas de mulher”, como se falava na época: culinária, moda, como conquistar o seu amor. Mas tinha uma seção - A Arte de Ser Mulher – da Carmem da Silva, que mudou a minha vida. Carmen da Silva era uma feminista guerreira e eu não perdia uma crônica que ela escrevia.

Eu tinha dois irmãos, que tinham privilégios de chegar a hora que quisessem, tinham conversas com o meu pai a portas fechadas, dirigiam carro etc.. E eu não. Eu comecei a entender melhor que tudo isso era característica do patriarcalismo, do machismo e passei a me

revoltar contra tratamentos desiguais. A Carmen da Silva era tudo para mim. Por causa dela eu conheci Simone de Beauvoir e daí foi “abelha no mel”. Foi quando, então, eu comecei a minha militância na linha do feminismo e do socialismo. Tanto é que quando eu me formei e fui lecionar em Americana, para substituir uma professora de história e de OSPB, eu olhei o programa que estava sendo desenvolvido e pensei: - Que coisa chata isso aí. Para que serve? Como iniciante, eu não sabia que o programa elaborado por ela, que era a professora efetiva, tinha que ser seguido. Como ninguém me falou nada, graças a Deus, eu mudei tudo.

- Maria Lucia coloca que o pior é que era o regime militar.

- E Julia diz: Eu mudei o programa. A nova programação era assim: Revolução e Contra-resolução. Ditadura: Fascismo e Nazismo. Explosão Demográfica e Natalidade. Machismo e Feminismo etc. Esses eram os temas das minhas aulas. Eu me realizava e os alunos gostavam. Só que quando a professora chegou, foi um escândalo! Ela foi lá mostrar para a Diretora, que era muito rígida. Quase não fui aceita para lecionar no ano seguinte.

- Em que ano foi isso? 1967? Pergunta Maria Lucia.

- Julia diz: - Foi no primeiro ano em que eu lecionei. Eu tinha 23 anos. Realmente, foi em 1967 mesmo. Com os alunos fiz a apresentação de uma missa, que se chamava Missa Criolla e acho que era obra de Geraldo Vandré. E também com eles eu participei da organização de um jornal que não era da escola e sim para circular pela cidade.

- Maria Lucia pergunta: mas você militava? Por que a conduta é de alguém que militava.

- Julia fala: Na faculdade eu militava e era da Ação Popular, que tinha o Betinho e Frei Beto entre os líderes. E então Maria Lucia diz: Eu falo isso porque parece que você tinha uma linha de conduta. Julia fala que quando veio o golpe as coisas tinham que ser subliminarmente feitas.

E daí quando eu saí da faculdade, na escola em que eu lecionei me senti isolada, em relação às posturas dos outros professores. Minha escolha foi tentar expandir os horizontes dos alunos para não enxergarem somente o que a imprensa falava, a família tradicional falava. Eu me sinto feliz de ter feito essa escolha, porque muitos alunos tiveram sua visão ampliada com isso. Mas, no ano seguinte, eu não fui convidada para ser professora naquela escola. E, então, fiquei desesperada: “Meu Deus, agora que eu conheci o gosto pelo trabalho, que é bom trabalhar como professora, o que eu vou fazer?”

Daí apareceu um anúncio de um teste para o jornal Diário do Povo, que era um dos dois jornais de Campinas: o outro era o Correio Popular. Era um teste para ser repórter: “Ser repórter deve ser legal!” pensei. Tomei coragem e me esqueci da timidez. Mas a Diretora da Escola de Americana me acolheu de volta, por influência de uma amiga minha e por saber que os alunos haviam gostado das aulas. Deixei o emprego de repórter do Suplemento Feminino e voltei a ser professora.

Eu comecei a lecionar em Americana. No primeiro dia de aula, quando entrei na sala do Curso Normal, vi a minha tia sentada na carteira, com uniforme da escola: ela era uma das minhas alunas! E eu nem sabia que ela voltara a estudar, quando meus primos cresceram. Olha só minha responsabilidade! Eu pensei: “Deus me ajude!”.

Além disso, havia uma garota com um sorriso maroto nos lábios e que não parava de me fazer perguntas. Acontece que, quando ela fazia alguma pergunta, eu respondia com alegria. Porque eu pensava: Essa menina é “cabeça”. Daí eu dava chance para ela perguntar ainda mais. Terminada a aula, ela saiu atrás de mim e, no corredor, contou-me que a professora que eu estava substituindo, porque estava passeando na Europa, era adorada por todos. Por isso é que ela quis me atazanar. “Julia, eu vim hoje pensando em acabar com a sua aula, mas tenho de lhe confessar que gostei.” Ela gostou? Eu mais ainda! Olha que bom! (risadas)

- Julia diz: mas voltemos à minha curta fase de repórter. Como repórter, eu fui entrevistar algumas pessoas. Eu ia com o mesmo pavor que a minha timidez sempre causou, mas, quando chegava a hora, eu perdia o medo. Cheguei a fazer quatro entrevistas: uma foi com a professora de filosofia que eu tive no colégio e que me abriu as portas para a Simone de Beauvoir e Sartre, entre outros. A minha querida Naomi Vasconcelos, professora diferenciada de todas as demais por seus métodos de ensino arrojados ainda para os dias de hoje. Foi minha inspiradora sob vários aspectos. Maria Lucia pergunta se filosofia era no terceiro ano. E Julia diz: eu não me lembro se era no segundo ou terceiro.

Maria Lucia afirma: - É que você fez o colegial clássico! E Julia diz que sim. E continua: Por ocasião da entrevista a Naomi estava como diretora na cidade de Pedreira e, por coincidência, anos mais tarde eu também fui ser diretora lá, substituindo-a quando ela foi morar na Bélgica. Também entrevistei o Carlito Maia, homem culto, de família tradicional, ligado muito à arte e que sabia muitas coisas interessantes sobre Campinas.

Eu sei por que eu fui conversar com ele: por que ele se fantasiava no carnaval, com aquelas fantasias ricas, como as apresentadas no Municipal do Rio de Janeiro, e eu sempre tive muita curiosidade sobre o assunto. Ainda pretendo escrever um livro focando os aspectos culturais do carnaval brasileiro. E Maria Lucia argumenta que o sistema de organização do carnaval é fantástico!

Julia então diz: - não me lembro das outras pessoas que eu entrevistei. Qualquer dia eu vou procurar nos arquivos do jornal onde trabalhei. Também escrevi alguns artigos feministas no outro Jornal: o Correio Popular. Pela pouca idade que tinha e pelo teor dos artigos, ainda hoje eu acho que fui bastante arrojada. Pertenci ao grupo das feministas da década de 1964 e fico muito feliz cada vez que nós, mulheres, damos mais um passo para a conquista efetiva dos direitos iguais para homens e mulheres. Eu me lembro de que tinha ficado só quatro meses dando aulas, que foi o tempo da licença-prêmio da professora que substituí, e saí encantada pelo magistério, o engraçado é que eu não queria ser professora, por causa da visão feminista. Naquela época o patriarcado achava que mulher tinha que ser enfermeira, secretária, professora ou dona de casa. Então eu queria ser outra coisa, para mostrar que eu podia. Daí a minha mãe fez a minha inscrição para fazer o curso normal. E eu disse: Não adianta porque eu não vou fazer. E meu pai disse: Você não sabe o dia de amanhã. Vai que você se casa com uma pessoa que não é boa. Era o casamento que tinha que ser o foco. E eu falava: - Eu não quero ser professora e não fui fazer o exame. Eu só fui dar aula por que não tinha emprego para sociólogos. O Fernando Henrique e o Betinho trabalhavam como sociólogos. Eram pessoas excepcionais na época. O Fernando Henrique era professor universitário. O Betinho era o humanista que sempre foi.

Maria Lucia comenta que o Betinho trabalhou no IBASE e abriu outros caminhos. E então Julia recorda que: quando se formava em sociologia não se tinha emprego. E diz: - Daí eu fui dar aulas. No primeiro ano eu fui dar economia política para diretores eles me chamavam de você, e eu os chamava de senhor ou senhora. Eles eram todos professores e alguns eram diretores. E eles me achavam uma criança, eu falava sobre planejamento etc. E eles falavam: - Júlia, é muito bom o que você está falando. Mas sabe quanto dinheiro a gente ganha na escola para administrar? Aquele dinheiro é para pagar água e vai embora. Maria Lucia afirma: continua! (risadas)

Julia continua dizendo: eles falavam: Continua que tá legal. E depois, muito mais tarde, quando eu já estava no Centro Paula Souza, eu: Se fosse hoje, era outro o curso que eu iria dar,

o de curso de gestão administrativa ao invés do curso de economia, e... (Tocou a campainha no apartamento)

Quando retorna para a entrevista, Julia diz:...e então a minha experiência como aluna teve dois aspectos bastante contraditórios: por um lado, as dificuldades decorrentes da timidez, mas por outro foi muito maravilhosa em termos de conhecimento. Principalmente no período em que cursei o colegial clássico. Lembro-me com muito carinho e admiração de muitos professores, além da professora de Filosofia sobre a qual já falei. Por exemplo: da professora de francês. Com ela, aprendemos francês lendo trechos de Vitor Hugo, de Lamartine e outros escritores clássicos. Não era aquela aula de francês que pega um texto simples, desinteressante, desmotivador para o aluno aprender vocabulário básico e a gramática.

Maria Lucia questiona: - Ao contrário, os textos eram estimulantes, não eram?

- Era muito estimulante ler aquelas coisas maravilhosas. A gente tinha que fazer a tradução e também ler em voz alta o original em francês. A professora, Dona Maria, já entrava na classe falando em francês: “Bonjour”. Tanto é que a gente a conhecia como Maria Bonjour e nem sabia o sobrenome verdadeiro dela. Em Campinas, acho que existe ainda um restaurante chamado Maria Bonjour, provavelmente homenagem de algum ex-aluno a ela. Ela era uma pessoa séria e muito dedicada. Então ela entrava na classe, com aquela atitude que inspirava respeito por quem sabe o que quer, mas nos cativava com a forma afetuosa com que nos motivava. Até hoje eu consigo entender o francês falado e escrito e, quando estou assistindo um filme francês, leio a legenda, mas também entendo o áudio.

Maria Lucia diz à Julia: Você colocou uma coisa muito interessante, que eu gostaria de abordar com você agora. Eu também tive professores com a postura de distanciamento, que eu acho que tem relação com o pensamento e as práticas pedagógicas da época, sustentadas em livros didáticos. Os professores de hoje aproximam-se mais dos alunos, não é? Como você vê essa diferença hoje, como educadora?

Além das professoras de francês e de filosofia havia outros mestres que foram exemplares. A professora de Canto Orfeônico, Dona Mariinha, era maravilhosa! Era uma pessoa que sofreu muito na vida e, no entanto, estava sempre sorridente e ocupada em nos formar como pessoas íntegras. Ela conversava muito sobre problemas da adolescência. Foi emocionante quando, em uma festa de cento e poucos anos do colégio Culto à Ciência, ver a fila imensa de ex-alunos, das mais variadas idades e turmas, que queriam cumprimentá-la e

agradecê-la pelas lições de vida. Ela estava usando cadeira de rodas, mas abraçava com um lindo sorriso a todos que foram conversar com ela, lembrando-se de muitos de nós.

Também as concepções e práticas pedagógicas da professora de filosofia eram bastante avançadas. Ela não adotou um livro didático e não trabalhou conosco os filósofos utilizando a ordem cronológica linear, como se fazia na época. Não! Ela tocava em um assunto do momento ou nos perguntava sobre o que queríamos conversar. Às vezes, ela se referia a um filme, que algumas alunas haviam assistido, e envolvia todos os demais. Daí começava a discussão e, então, ela aproveitava as afirmações que fazíamos ou as nossas dúvidas e dizia: Isso que você falou tem muito a ver com o filósofo tal, que lá nos idos tal falou assim e foi bem ou mal compreendido, mas que nos influenciou em tal aspecto, tal teoria etc.

Quer dizer, fomos aprendendo os filósofos com base na vida da gente, das coisas da vida, do ser humano, da época. Se não fosse ela, talvez eu, como professora, fosse chegar na sala de aula e fizesse a mesma coisa que os outros professores. Foi sorte que eu a tive como um modelo. E o segui muito bem. Como você deve se lembrar, essa professora era a Naomi Vasconcellos, que eu entrevistei quando repórter.

- Maria Lucia pergunta: - mas porque você foi entrevistá-la? Você que tomou essa decisão de escolha?

- Lógico! Era para entrevistar só gente que tivesse coisas importantes para falar. Aquela mulher tinha coisas magníficas a ensinar. Ela mudou a minha vida, como o rapaz que eu namorei aos dezessete anos e que me sacudiu o espírito, dizendo: -“Você não está em um filme de Hollywood!”. Sabe aquela corujinha que está ali? (mostrando a corujinha de pelúcia em uma cadeira ao lado) Dei-lhe o nome de Naomi, pois a coruja é o símbolo da filosofia. É uma homenagem minha a ela. A Naomi foi meu modelo de professora.

- Eu acho que você colocou uma coisa interessante, diz Maria Lucia: o fato de a gente ter vivido um período muito grande com dois mundos, que você tinha que optar por um lado ou outro, acabou fazendo com que as pessoas deixassem de refletir. Tivemos quase vinte e cinco anos de ditadura, quando não se podia discutir absolutamente nada que não fosse aceito por ela. Eu nunca tinha pensado nessa relação da escola, nas práticas dos professores com esse sistema...

- Sistema Bipolar, diz Julia. (risadas)

- Maria Lucia reforça: - Na verdade era bipolar mesmo. De fato, ou era de um jeito ou era de outro, era assim que mostravam para a gente: ou você está num lugar ou no outro. E que não é nem bem assim. (risadas)

- Então Julia diz: - Assim eu comecei a ser professora e me encantei e amo a profissão até hoje. Nos últimos anos, antes de me aposentar, depois de 44 anos de magistério, fiquei uns tempos sem trabalhar diretamente com alunos. Comecei a trabalhar projetos em cursos de formação de professores, mas o foco central de todo o trabalho eram os alunos com os quais eles trabalhavam. Eu sempre adorei a minha profissão de professora, mas nunca quis ser professora de escola particular, porque eu tinha uma visão socialista das coisas. Eu quis ser professora de filhos de trabalhadores, porque eles precisam reconhecer o que o capitalismo e a burguesia passam para eles como sendo certo, bom, “normal” e usam isso para mantê-los sobre o seu controle.

Maria Lucia pergunta: - Você chegou a fazer parte da campanha de filiação do Partido dos Trabalhadores?

- Sim, acho eu, porque falava muito bem do partido, mas não oficialmente. Eu até fiz uma coisa de que depois me arrependi de fazer: boca-de-urna em duas ou três eleições. Depois eu não achei direito você encontrar uma pessoa que não sabe até aquele momento em quem votar e dar-lhe um nome que ela acolhe por ter vergonha de votar em branco. E Maria Lucia diz: Eu acho que fiz exatamente o que você fez. Também fiz uns três anos, que foi o período em que eu trabalhei na Rhodia e depois voltei para São Paulo. Acho que isso tem a ver com essa mudança, mas em um determinado momento a gente começou a refletir. Como a coisa era muito bipolarizada, a gente tinha que fazer muita pressão. Então talvez essa insistência da boca-de-urna, pensando nisso agora, tenha a ver com essa mudança, mas num determinado momento nós começamos a refletir e tivemos essa sensação na mesma época, que foi nos primeiros três anos do PT, que eu também vivenciei.

Julia diz: - Uma coisa que eu acho legal você falar. Essa insistência de boca-de-urna tem a ver com essas mudanças, mas em um determinado momento. Eu estou me lembrando de uma coisa séria e ao mesmo tempo engraçada referente aos primeiros anos em que lecionei, lá em Americana. Maria Lucia pergunta: - Era uma escola profissional?

- Não. Era o Instituto de Educação Presidente Kennedy. Oferecia os cursos ginásial, colegial e normal. Agora mudou de nome, mas eu não lembro qual é neste momento. Eu sei que eu procedia da seguinte forma, para que os alunos não ficassem passivos e sim

participantes. Comecei a estimular a participação deles da seguinte maneira: Eu marcava em um caderno e anotava o que cada aluno perguntava, respondia ou comentava. Quando chegava o final de determinado período, não sei se era mensal ou bimestral, eu calculava o aproveitamento dos alunos pelos seus desempenhos na prova, nos trabalhos, etc.

Na primeira aula destinada a comentar o aproveitamento da classe, eu disse que anunciaria a nota de participação, e, surpresos, os alunos perguntaram: “Que nota de participação?” Então eu expliquei: Vocês não fizeram perguntas? Vocês não responderam perguntas? Vocês não concordaram ou discordaram com o que eu disse ou os seus colegas disseram? Cada um de vocês que fez alguma coisa desse tipo colaborou para que a aula fosse mais clara, mais compreensível. A participação de vocês foi fundamental. Vocês fizeram uma coisa muito boa para a classe. Alguns, admirados, perguntaram: “Mas perguntar também vale?” E eu respondi: Claro, quando você pergunta alguma coisa é porque você está interessado em saber e, talvez, a explicação que foi dada por mim não tenha ficado clara. Além disso, a sua dúvida pode ser a de muitos outros colegas e eu, respondendo, esclareço o que outros também queriam saber. Inicialmente eles acharam engraçado e, talvez, tenham me considerado um pouco (ou muito) doida, como alguns professores, também, acharam. Com o passar do tempo, compreenderam a minha intenção e levaram a sério os diversos modos de participar da aula. Hoje a educação valoriza métodos que desenvolvem no aluno a autonomia, a criatividade, o interesse, a cooperação com os colegas etc. Era o que eu estava querendo fazer.

Maria Lucia comenta: - A gente faz avaliação de atitude. E Julia coloca: Que faz parte da avaliação formativa. E então Maria Lucia diz: Acho que quando você começou a ampliar a sua visão de mundo e abrir espaço para o outro na sala de aula, estava abrindo espaço para eles começarem a se enxergarem.

Eu queria ser uma Naomi para alguém, eu queria ser o Fábio (aquele namorado “de outro planeta”) para alguém. E sou assim até hoje. Não me esqueço da Naomi, não me esqueço do Fábio. Então eu queria ser um pouquinho de luz, porque eles me deram muita luz. Mas o resultado foi que quase eu perdi o emprego na escola onde tudo isso aconteceu.

Como já disse, voltei no ano seguinte para aquela escola e continuei a trabalhar com aquele tipo de avaliação de participação, mas sem pressão. Talvez já com um pouco mais de compreensão de como fazê-la. Além de trabalhar como professora, naquela época eu comecei a escrever artigos feministas para outro jornal de Campinas: o Correio Popular.

Isso porque Ruber, o meu noivo e depois marido, era repórter do jornal e me disse o seguinte: “Você tem essas ideias feministas e gosta de difundir-las. Por que você não as põe no jornal? Eu vou solicitar uma coluna para você.” Esses artigos eu guardei e tenho quase todos até hoje. Eu deveria ter 24 anos, mais ou menos. E daí eu comecei a escrever artigos feministas, aos quais houve dois tipos de reações: a dos que iam me cumprimentar por terem gostado (geralmente as mulheres) e a dos que achavam que eu era esquisita (as mulheres com ideias tradicionais e, principalmente, os homens). Até aconteceu um fato engraçado. Um dos colegas do meu noivo, que trabalhava na mesma sala que ele, falou: “Essa Julia, a que anda escrevendo artigos feministas, deve ser uma daquelas mulheres bem feias, bem estragadas, que odeiam homens porque são mal amadas.”

Daí meu noivo falou: “Você se engana. Ela não é nada disso. Tanto não é que eu sou noivo dela.” O Ruber era um homem feminista e sob vários aspectos também foi uma luz para mim.

Depois de cerca de dois anos de magistério, como professora concursada e efetiva em Pedreira, tive de pedir exoneração para ir morar na Alemanha, pois Ruber era filho de um alemão, que veio para o Brasil depois da guerra, perdeu tudo o que tinha, e se casou aqui com uma brasileira com quem teve nove filhos. O pai dele tinha uma visão saudosista e maravilhosa da Alemanha. Ruber o adorava e depois da morte do pai ele quis ir para a Alemanha, talvez para homenageá-lo e sentir o que seu pai sentia, como alemão. Éramos recém-casados e eu, muito apaixonada, concordei em ir com ele. Para ele nós iríamos para morar lá definitivamente. Mas eu sabia que ele não iria aguentar. Eu tinha feito o curso de sociologia, psicologia social e antropologia e sabia que as pessoas que saem na idade adulta de seus países têm dificuldades de se ambientarem em outros. As nossas raízes culturais falam mais fortes. Não deu outra: depois de dois meses ele quis vir embora.

Eu pensei e falei: perdi meu emprego, vendemos tudo que tínhamos e depois de dois meses vamos voltar ao Brasil com o quê? Você, Ruber, fechou o escritório de advocacia e o nosso apartamento com tudo que nele havia foi vendido. Temos que aproveitar ao máximo o fato de estarmos aqui! Vamos ficar aqui na Alemanha mais tempo, e fazer cursos e aprender melhor a língua.

A língua, na verdade, eu aprendi o suficiente para sobreviver. Eu consegui fazer um curso sobre marxismo, outro de antropologia, um de alemão... fiz uns quatro cursos ao todo. Eu fiquei estressadíssima, porque eu tinha que ficar com os olhos bem abertos, os ouvidos bem abertos, para poder captar o que os alemães falavam e, às vezes, entendia uma parte e perdia outra. Enquanto não estava trabalhando, ficava muito tempo assistindo televisão para

aperfeiçoar a pronúncia das palavras. Alemão é difícil. Só fui trabalhar quando eu estava no ponto em que eu conseguia me comunicar: fui trabalhar como balconista de uma loja de roupas femininas e masculinas.

Ah! Morávamos em Berlim Ocidental, ainda dividida pelo muro. Como balconista, quando eu cheguei à loja, a vendedora mais antiga falou-me assim: "Hoje é o seu primeiro dia aqui. Então você pega o pano de pó e limpa todos os plásticos onde estão colocadas as roupas." Quando eu terminei de fazer isso, ela me elogiou. No dia seguinte ela me mandou fazer outra coisa que me dispensava de ter contato com os clientes. Passados alguns dias, ela me disse que estavam muito contentes comigo, pois haviam ficado muito preocupados ao saberem que eu era brasileira e ia trabalhar lá. Eu perguntei: "Por quê?" E ela disse: "A gente estava com receio de que você subisse no balcão e começasse a dançar e a cantar" Eu morei na parte ocidental de Berlim, mas eu podia ir para a parte Oriental quando eu quisesse, pois meu marido tinha nacionalidade alemã mas não era berlinense e eu era estrangeira. Nós assistíamos sempre os dois canais de televisão (o da Alemanha Ocidental e o da Oriental), o que vale esclarecer que assistíamos as notícias de dois pontos de vista totalmente opostos.

Quando Fidel Castro foi visitar o Chile, nos canais do lado ocidental, capitalista, ele aparecia sendo vaiado pela população chilena e, nos canais do lado oriental, socialista, podíamos ver o quanto ele foi ovacionado. Quanto às notícias do Brasil, eram aquelas do carnaval e as pessoas em cima da mesa dançando, mas também sobre a ditadura. Nesse último caso, sabíamos mais sobre ela do que os que estavam no nosso país.

Ah, uma coisa interessante: assistimos o filme "Orfeu do Carnaval dublado em alemão. Foi tão esquisito! Por causa do receio de que uma brasileira não desse conta do trabalho ou tivesse comportamentos exóticos, o meu salário começou baixo mas era reajustado a todo mês sem que eu precisasse solicitar. Eles começaram a melhorar o meu salário e eu passei a ganhar muito mais do que como professora no Brasil. E sem ter que fazer greve!

Maria Lucia lembra que: - Era uma época difícil aqui.

- Foi bom eu ter ido para lá, porque as coisas referentes à história, à sociologia, à antropologia cultural, à filosofia e à arte – tudo me ajudou. Eu senti na carne o que era ser latino-americano, porque aqui no Brasil a gente não se sente assim. Eu senti o preconceito em relação aos imigrantes, embora eu me sentisse uma visitante. Eu vi centenas e centenas de esculturas lindíssimas, quando no Brasil era comum ver esculturas só nos cemitérios ou em

museus. Eu percebi que o elemento cultural mais importante para a gente se sentir em casa é a nossa língua pátria.

Então Maria Lucia comenta: - Eu acho que é por causa da influência americana aqui no Brasil.

Julia diz: - Antes eu me sentia brasileira e não latino-americana e lá, onde eu senti na carne o que era preconceito contra estrangeiros vindos de países mais pobres, percebi que o próprio brasileiro também tinha preconceito em relação aos irmãos latino-americanos. No Brasil eu não sofria nenhum tipo preconceito. Eu era branca, da classe média, estudada, casada, professora. Quem iria ter preconceito desse tipo de pessoa tão “normal”? Mas lá na Alemanha eu senti. Quando eles me viam, eles não demonstravam preconceito, porque, pela minha aparência, eu podia passar por alemã. Mas quando eu abria a boca e falava com sotaque, o preconceito aparecia. Havia muitos clientes que não queriam ser atendidos por mim.

Mas também houve coisas engraçadas. Um cliente chegou e disse que queria ver algumas gravatas. Como a palavra em alemão era um pouco parecida com cuecas, eu perguntei qual era o seu manequim. Ele virou-me as costas e foi embora reclamando sobre a invasão de imigrantes na Alemanha. Na verdade, se não fossem os imigrantes, Berlim Ocidental não poderia sobreviver. Os alemães que lá ficaram eram, na maioria, os de meia idade e havia muitos com mais de oitenta anos trabalhando.

Maria Lucia pergunta: - Os seus pais são de origem italiana?

- A minha mãe é de origem italiana. É Falivene. O pai dela era de Gênova e a mãe dela era filha de vênets (de Veneza). Do lado do meu pai, meus ascendentes eram portugueses e o sobrenome Alves, que também se parece com Álvares e deve ter alguma relação com os árabes que invadiram a Península Ibérica. Maria Lucia se justifica: - Eu perguntei isso por que realmente na Alemanha você passaria por essas nacionalidades que você disse. Você ficou um ano na Alemanha?

- Um ano e oito meses. Eu sentia muita falta de trabalhar como professora, da minha família, do sol e da língua portuguesa Mas a gente tinha que sobreviver como pudesse, pois na primeira semana que chegamos na Alemanha nós fomos roubados. E então Maria Lucia pergunta: - Em que ano vocês voltaram?

- Chegamos em 1970, fomos morar em uma pensão e fomos roubados lá mesmo. Roubados na própria pensão. Em Berlim. Daí, tivemos que juntar dinheiro para podermos conhecer outros países e para voltar ao Brasil. Antes mesmo de chegar à Alemanha nós paramos em Portugal, Itália e Grécia. Na França estava acontecendo uma feira do couro e não tinha lugar para ficarmos e fomos embora sem conhecer nada. Na Alemanha juntamos dinheiro e, durante volta ao Brasil, paramos na França, na Inglaterra e na Itália (de novo).

Mas, apesar da saudade, do preconceito e tudo o mais, foi uma fase em que eu aprendi muito. Conheci a parte oriental e a ocidental. A segunda guerra mundial para nós, brasileiros, era uma coisa distante. Contudo, na Alemanha, eles ainda estavam procurando as crianças desaparecidas durante os bombardeios. Em muitos lugares havia cartazes que diziam: “Eu perdi o meu filho durante um bombardeio, no ano tal, na cidade tal, e a foto dele é esta, quando tinha tantos anos. Até agora não sei onde ele se encontra. Por favor, quem souber de seu paradeiro, avise-me.”

Havia também os cartazes de filhos querendo saber quem eram os seus pais, dos quais haviam se perdido. E a gente via muita gente mutilada, com máscara cobrindo o rosto deformado, sem braços, cegos, de muletas. A população de Berlim Ocidental era constituída sobretudo de idosos. Os mais jovens eram imigrantes.

Maria Lucia pergunta: - Os jovens alemães tinham ido para onde?

- Ah, para outras cidades da Alemanha. Vinham muitos imigrantes para trabalhar no lado Ocidental e para mim foi muito bom, porque eu tive contato com iugoslavos, romenos, iranianos, iraquianos, africanos, árabes etc. Tinha contato com eles no curso de alemão. Era interessante, porque o professor pedia para cada um contar uma história típica do seu lugar: o que se comia, como era a política etc. Então foi muito legal. E a gente ria muito, pois cada uma falava em alemão, mas com um sotaque diferente, achando que estava falando direitinho como o professor.

Então Maria Lucia comenta: - Foi uma experiência muito boa. E como você ingressou no Centro Paula Souza?

- É uma história meio longa. De volta da Alemanha, fiquei morado com minha mãe, em Campinas, enquanto o Ruber morava em São Paulo, procurando emprego. Logo que ele se colocou em um consultório de advogados bem conceituados, procuramos um apartamento em São Paulo e fomos morar lá. Antes disso, porém, como eu queria voltar a ser professora, meu

marido entrou com um processo de readmissão ao meu cargo, fez a minha defesa e ganhamos. Era muito difícil uma pessoa que tinha pedido exoneração ser readmitida. No Estado de São Paulo só havia três casos. O meu foi o quarto.

As razões da aprovação de minha readmissão foram baseadas em dois fatos e argumentos: um deles é que a minha cadeira de professora efetiva, na cidade de Pedreira, não havia sido ocupada; o outro foi que eu provei com documentos os cursos que fiz na Alemanha; que havia conhecido vários países cujas histórias eram importantes para a nossa própria história do Brasil e que havia trazido de lá muito material didático para usar com os alunos, como slides, por exemplo.

Em outras palavras era como se nós afirmássemos que eu voltava para o Brasil como uma professora melhor preparada. E, cá entre nós, voltei mesmo. Daí eu voltei como professora para Pedreira e lá eu fui diretora substituta. Sabe de quem? Da Naomi!

Maria Lucia diz: - Olha que coincidência!

- Também lecionei em Jundiaí, enquanto esperava a minha readmissão. Não gostei de ser Diretora de Escola: eu sentia falta dos alunos. Quando estava certo o emprego do meu marido, entrei para um curso de remoção e consegui um colégio muito bom em São Paulo: o MMDC, na Mooca. E foi pura sorte. Eu não sabia o que escolher. Tinha uma lista imensa com nomes de bairros e escolas que eu não conhecia. Quando chegou a minha vez de escolher, eu disse que não saberia decidir porque mal conhecia São Paulo. Daí, a moça da Banca que me atendeu disse-me: “Está vendo a professora que acabou de sair daqui? Ela saiu de uma escola ótima de um bairro muito bom”.

Então, mais do que depressa eu lhe disse: Então é para essa que eu vou! Aliás, todas as escolas onde trabalhei eram muito boas.

Maria Lucia questiona: - Eram todas da secretaria da educação?

- Sim! Na Escola de São Paulo que eu trabalhei primeiro – o MMDC - aprendi muito. Um dia eu vi uma professora (chamada Maria Lúcia) que trabalhava todas as aulas com as carteiras em forma de círculo e ela entre os alunos. Eu lhe perguntei como ela conduzia as atividades nas suas aulas e ela me contou. Eu adorei! No dia seguinte, eu já estava trabalhando em círculo. E realmente não tem nada de bom colocar carteiras enfileiradas e alunos vendo apenas a nuca dos seus colegas da frente.

Viajamos muito, eu e os alunos, sem sair de São Paulo. Os slides que eu trouxera foram valiosos para motivá-lo e ampliarem seus conhecimentos. Aqui no Brasil continuei viajando,

para outros estados, e trazendo materiais para as aulas. Também fui para o México e a Guatemala e trouxe slides sobre a civilização e cultura dos maias e astecas. Não existia vídeo naquela época e os slides eram muito apreciados. Eu me dava muito bem com os alunos e até hoje, quando encontro alguns, eles se lembram de alguma coisa que fazíamos e que era muito boa e considerada arrojada para a época. Ouvi coisas assim:

“Julia, você era a única professora que ficava na porta esperando para nos cumprimentar. Os outros ficavam sentados na cadeira, esperando a gente sentar nas carteiras.”; “Você passava aqueles slides e a gente viajava com você.”; “Você se lembra do primeiro show que fizemos?; Nunca me esqueci!

Todo ano preparávamos um show de variedades, mas temático. Eles escolheram o nome para essas apresentações: Show Kante. Não gostei muito daquele “K”. Mas, afinal, o show era deles, para eles, para os professores e para os parentes e amigos deles. Era justo que o nome fosse escolhido por eles.

Maria Lucia afirma: - Show é projeto. Diferente de programa de auditório que você improvisa.

Exatamente. E como dava trabalho! Ensaíávamos à tarde e às vezes à noite. Eu escolhia o tema (disso não abria mão, pois fazia parte de meu planejamento de ampliar os horizontes deles). Eles poderiam dançar cantar, fazer piadas (não preconceituosas), uma parte de noticiário etc., mas tudo deveria ter relação com o tema. Eu ficava exausta e em um belo dia, quando cheguei em casa, à noite, quase desmaiando de fome e exaurida do trabalho, meu marido veio com uma folha de papel e uma caneta e me disse sorrindo:

“Escreva, assine e registre em cartório o que você sempre diz e vai dizer de novo: É a última vez que vou organizar um show!”

Ah, mas os shows davam tanto prazer a eles e a mim também que eu não cumpria a “promessa”, já esquecida no dia seguinte. Na ETEC de São Paulo, onde trabalhei mais tarde, fizemos também muitas exposições: sobre A Assembleia Constituinte, o Impeachment do Collor, As Diretas Já; a Tecnologia Através dos Séculos etc. Elas eram montadas no corredor da escola. Também fazíamos exposição das fotos dos professores quando eram crianças, durante a Semana do dia da (ex) Criança. Os alunos adoravam. Uma aluna chegou para mim e disse: “Professora, nunca imaginei que a senhora tivesse brincado com boneca!”

A finalidade da exposição era essa mesma: a de que os alunos nos vissem como seus iguais. Passávamos alguns filmes na escola e, outras vezes, íamos com os alunos ao cinema. Eu

fiquei vinte anos no MMDC na Mooca. Aprendi muito lá. Fiz grandes amigos. Dois anos antes de eu me aposentar, porém, a escola começou a ficar diferente. Os melhores professores se aposentaram e começaram a vir professores que ainda eram alunos, que tinham pouca ou nenhuma experiência, e confundiam fazer um ambiente amistoso com os alunos com aula do tipo programa de auditório. Isso deve ter sido em 1990. Eu comecei a sentir que a escola não era a mesma e que os alunos vinham sem vontade de estudar.

Maria Lucia então comenta: - Você vê, era o fim da ditadura, e estava vindo para escola um pessoal que se formou no período de falta de reflexão, de mentiras e de verdades escondidas. Você não imagina como está sendo gratificante e está tão gostoso ouvi-la. Não estou fazendo quase perguntas, o que é difícil para mim.

- Acho que eu não lhe dei chance: tudo que eu tive de timidez deixei no passado e agora eu falo demais para compensar. Maria Lucia então diz: - Eu acho que eu devo estar no Centro Paula Souza a você e à Doroti.

- Eu conheci você quando foi falar sobre o seu trabalho em uma reunião promovida pela Sonia Morandi. A Sonia e eu ficamos encantadas. A Doroti já admirava o seu trabalho e foi ela quem nos falou de você. E nós três falamos com ao professor Almério sobre como você seria ótima na CETEC.

Maria Lucia então comenta: - E agora, ouvindo as suas práticas, eu fiquei me questionando, e eu também dou toda essa liberdade aos alunos, acho que assim a gente constrói. Mas isso, às vezes, deixa a gente meio insegura. Eu me sentia insegura: mas será que eles estão construindo conhecimentos para depois produzirem fora daqui, pelos resultados dos trabalhos? Isso porque eu dava muitos trabalhos: acho que esse é um bom caminho. Eu estou emocionada de ouvir você, eu fico emocionada porque primeiro eu tenho um respeito enorme pelo seu trabalho, isso me dá um alívio. (risadas)

Julia diz então: - É quando a gente se encontra com os ex-alunos que a gente percebe que fez coisas produtivas (ou não). Eu sempre recebo alguma informação boa dos ex-alunos que eu encontro. Houve um que me falou o seguinte: “Julia, você não sabe como aquele texto que você nos deu sobre o amor à morte (necrofilia) e o amor à vida (biofilia) me ajudou! Eu estava a ponto de me suicidar.”

Era um texto de psicanálise que escolhi porque eu achava que tinha alguns alunos que faziam brincadeiras um pouco maldosas e outros que eram muito circunspectos. Eu procurei

um texto no livro “Amor à vida e amor à morte” e o resumi para eles. Alguns acharam estranho e disseram que o texto não tinha nada a ver com a história. E, então, eu expliquei: a gente tem falado de ditaduras e de guerras, que têm tudo a ver com a morte, e de democracias e paz, que têm a ver com amor à vida.

Depois eu fui para o Centro Paula Souza e daí foi o ápice. O ápice da alegria de trabalhar em educação. Foi a melhor fase da minha vida. Agora estou revivendo algumas coisas que fizemos lá, nos livros que escrevo sobre educação.

Maria Lucia lembra e diz: - Julia, eu sei que você tem um compromisso às 16h30. Acho que a gente poderia parar a entrevista, exatamente agora que iríamos falar do Centro Paula Souza. Daí eu faço a transcrição. Vou demorar um pouco para lhe entregar por causa do meu doutorado. E daí eu trago para a gente rever juntas e também quero lhe perguntar outras coisas. Julia argumenta: - Que sorte a nossa poder trabalhar juntas e no Centro Paula Souza, não? Tenho muita saudade. E então Maria Lucia diz: - Eu espero ficar no Centro Paula Souza até os meus setenta anos. Vamos interromper a entrevista aqui? Julia diz: Vamos. Eu lhe que agradeço muito a paciência de ouvir tudo isso. Para mim foi muito bom. Acabei me lembrando de coisas de que eu havia me esquecido e que foram fundamentais para a minha vida.

Obrigada.

(Entrevista com Julia Falivene Alves, na sua residência em São Paulo, no dia 25 de abril de 2012, gravação em audiovisual, com a entrevistadora Maria Lucia Mendes de Carvalho, que elaborou a transcrição e a transcrição da entrevista junto com a colaboradora, no período de junho a outubro de 2013).

Unidade de Ensino Médio e Técnico



Marta Lousada Zen Fujita

Graduação em Nutrição pela Faculdade de Ciências da Saúde São Camilo, atual Centro Universitário São Camilo. Licenciatura Plena no Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo da Educação Profissional de Nível Médio pela Fatec. Especialização em Distúrbios Metabólicos e Risco Cardiovascular, pelo Centro de Extensão Universitária/Instituto Dante Pazzanezi e MBA Excelência em Gestão de Projetos e Processos Organizacionais, pelo Centro Paula Souza. Atuou em Nutrição e Saúde Pública com um trabalho em Creches Comunitárias e Nutrição Clínica em Unidades de Internação. Desde 1999, trabalha no Centro Paula Souza como docente do Curso Técnico em Nutrição e Dietética, e a partir de 2011, como Coordenadora de Projetos na Cetec Capacitações.



Edenir Alves Nemoto

A professora Edenir Alves Nemoto graduou-se em Nutrição e Dietética pela Faculdade de Saúde Pública da USP em 1972. Trabalhou no início de sua carreira no setor de produção do Hospital Emílio Ribas e posteriormente como Nutricionista do Serviço de Alimentação da empresa Trorion. Posteriormente passou a trabalhar no Centro Paula Souza, na Etec Getúlio Vargas tendo sido admitida em Janeiro de 1982. Na Etec Getúlio Vargas iniciou como docente foi supervisora de estágio por um ano e assumiu a coordenação do Curso de Nutrição e Dietética em 1984, até 1996. Trabalhou na Administração Central do Centro Paula Souza até 1998. Voltou à docência até se aposentar em 2012.

Eu me formei no curso de nutricionistas pela Faculdade de Saúde Pública USP em 1972, que na época estávamos na terceira turma deste curso. Nesta época, participei junto das duas turmas anteriores da criação do logo da Nutrição. Fui para a Nutrição, caí meio de paraquedas, porque na época que fui prestar o vestibular eu prestei o CESCEM, que era um vestibular unificado para Medicina e Enfermagem, menos Nutrição. Quando terminei o em CESCEM, percebi que não teria pontos suficientes para entrar na Enfermagem em São Paulo e a minha segunda opção era Enfermagem de Ribeirão Preto, então uma colega me falou: “Olha! é só atravessar a rua e fazer a inscrição, a Nutrição ainda tem, vai fechar hoje a inscrição”.

Nós fomos, eu fui com essa colega, fizemos a inscrição, prestei o vestibular e entrei! E a minha colega não entrou (risos). Então fiz o vestibular, passei e já e comecei a frequentar o curso, porque o Curso de Nutrição, por incrível que pareça começava antes que qualquer outro curso, eu não sei bem por que, mas por incrível que pareça começou exatamente no dia 1º de fevereiro e os demais no dia 1º de março, era uma faculdade, a Saúde Pública, meio que independente. Então ela tinha regras e caga horária diferentes. Então eu fui para lá, nós tivemos várias palestras para dizer o que era a Nutrição, e ninguém sabia o que era nutrição. De vinte alunas que tinha na sala, ninguém sabia exatamente o que era nutrição porque nós éramos a terceira turma e aí, depois das explicações, nós começamos a estudar e eu me apaixonei pela Nutrição e achei que realmente era aquilo que eu queria fazer e então acabei ficando na nutrição, depois acabei a nutrição e saí já empregada e no Hospital Emílio Ribas, como responsável da produção e fiquei lá, no Emílio Ribas quatro anos e meio.

É claro, fiquei um mês na produção, pelos três setores que eram a produção, clínica e lactário para conhecer, e eu me identifiquei mais com a produção e lá fiquei. Era um hospital de mais ou menos 250 leitos, tinha 250 leitos e trabalhava com moléstias infecto contagiosas, era bem diferente do que hoje, tinha todas as moléstias infecto contagiosas. Nesses quatro anos e meio, eu passei pela epidemia de meningite de 1974, todos os casos eram encaminhados para lá. Um dia nós saímos e deixamos trezentos e poucos pacientes e no dia seguinte, quando voltamos tinha quase mil pacientes. Era uma loucura, mas enfim foi tudo tranquilo, ninguém ficou com meningite do hospital, nem funcionários, nem médicos, houve somente um, um só médico que era também estagiário da Santa Casa que ficou com meningite, mas porque ele não seguiu, não tomou os cuidados necessários. Também em 1975 houve a epidemia de encefalopatia, em Itanhaém, e o hospital ficou com um hospital de campanha lá em Itanhaém e nós ficamos divididas. Eu não cheguei a ir para Itanhaém, mas

minha chefe foi e eu fiquei aqui, enviando as coisas para lá, diversos funcionários nossos foram para lá e então foi assim. Foi um momento rico dentro do Emílio Ribas.

Depois desse tempo lá eu saí. Eu que quis sair de lá por salário porque como sempre o salário lá era muito baixo para nutricionista dentro do serviço público, depois de quatro anos e meio, as coisas começaram a não ter mais graça, eu tinha que partir para outros voos e tentar a parte industrial, porque quando eu saí da Nutrição, só tinha duas áreas: ou você ia para a indústria ou para hospital. Eu fui para hospital e depois tinha que tentar a indústria, e fiquei quatro anos como nutricionista de uma indústria, a Trorion. Depois disso eu também saí da indústria. Eu não pedi para sair, eu fui substituída (pausa) porque eu, por ironia do destino, eu estava uma profissional muito cara, eu saí para entrar uma Técnica em Nutrição. As técnicas estavam começando, então eu já era uma profissional muito cara, então eu fui trocada. Fiquei assim porque minha filha tinha nascido e eu não queria trabalhar o dia todo, tive vários motivos que culminaram com minha demissão.

Eu tinha minha filha e não queria trabalhar o dia todo, só queria trabalhar meio período, a única opção que me restou foi ir para docência, onde eu poderia fazer o meu horário e foi o que eu fiz. Aliás neste momento eu soube que tinha uma escola técnica, a Getúlio Vargas, no Ipiranga e eu morava no Ipiranga e lá estavam precisando, as inscrições estavam abertas... ou melhor, não foi bem assim, eu fui no final do ano falei com a pessoa responsável e ela falou: -“Olha! Você deixa o currículo porque talvez o curso saia da Secretaria da Educação e passe para o Centro Paula Souza”. Era finalzinho de novembro, começo de dezembro e ela falou: - “Você então aguarda porque tudo deve acontecer neste final de ano, começo do ano que vem”

No dia primeiro de Janeiro de 1981, oitenta e um não, desculpa, 1982, a GV (Getúlio Vargas) passou para o Centro Paula Souza... em Janeiro de 1982 ela passou para o Centro Paula Souza e aí já em fevereiro houve abertura do processo seletivo, porque era mais ou menos do mesmo esquema que é hoje. Então eu participei deste concurso, fiz todas as etapas. As três etapas: currículo, entrevista e uma aula didática, e acabei passando.

A responsável na época de coordenação era a Dona Gertrudes, e então houve o concurso e eu assumi três disciplinas de imediato: assumi Bromatologia, Bioquímica e Tecnologia dos Alimentos e aí até Janeiro de 2002, não janeiro de 2012. E foi assim que eu cheguei na educação. Quando eu cheguei era 1982, abril de 1982, para ser mais precisa, dia 1º de Abril de 1982. O curso naquele ano ele formou sua primeira turma, então eu já peguei o

curso no finalzinho da primeira turma. Quando eu cheguei eram quatro anos. Ele estava dentro da intercomplementariedade, o aluno tinha aulas do núcleo comum na Escola Estadual Gualter da Silva em três dias, e nos outros três dias, na Getúlio Vargas. Portanto o nosso aluno tinha aula de segunda a sábado, seis aulas diárias, de segunda a sábado. Ele era aluno da Getúlio Vargas com extensão no Gualter da Silva. Os professores do núcleo comum eram do Gualter e deveriam ter contato e assessorar os professores da Getúlio Vargas.

Os professores da parte Técnica uma vez por ano, no planejamento, tinham contato e verificavam o que precisavam, em biologia, em física, o próprio prof. Almério era professor de física do Gualter da Silva e da Nutrição. A carga horária era bastante extensa, de 1900 horas, com estágio de 720 horas, que nós entendíamos ser suficiente para formar um profissional qualificado, e a Nutrição da GV sempre lutou por esse reconhecimento pelo mercado de trabalho e conseguiu.

Durante o tempo em que passei na Getúlio Vargas, o curso foi se modificando e enquanto fui coordenadora, o curso sofreu adaptações; a mudança radical somente em 1999, é que com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e com a entrada dos modulares e o término da intercomplementariedade em 1990, depois a GV admitiu o corpo docente, e o aluno faz tudo na GV. No início, a grade curricular era estruturada por dois grupos de disciplinas instrumentais e as mínimo-profissionalizantes. As instrumentais davam um suporte para as profissionalizantes, os pilares eram: Anatomia, Fisiologia, Biologia, Matemática Aplicada, Puericultura, Química Orgânica e Bioquímica. As profissionalizantes eram: Higiene dos Alimentos, Administração de Serviços de Alimentação, Inquérito e Educação Alimentar. As disciplinas eram sequenciais e com uma estrutura lógica de conteúdos. Tinha também psicologia e ética profissional. É curioso, pois na época, a Nutrição foi o primeiro curso a ter psicologia das relações humanas dentro da GV, foi um avanço dentro deste curso, e parece que na época só a Nutrição precisava ter ética no trabalho. Tínhamos também Nutrição Normal, Fisiologia da Nutrição, Fisiopatologia e Dietoterapia, Técnica Dietética e Arte Culinária, Bromatologia e Noções de Legislação Aplicada.

Fui coordenadora do Curso de Nutrição e Dietética de 1984 a 1996, ser coordenadora por um período muito longo não é interessante, mas antes fui coordenadora de estágio eu fiz uma sequência lógica: professora, coordenadora de estágio - para saber como o mercado de trabalho respondia aos nossos alunos - e depois coordenadora do curso. Durante esse ano na coordenação de estágio, percebi que nosso aluno não era conhecido no mercado de trabalho, porque nós fomos a segunda escola a ter o Curso de Nutrição, só havia o curso na escola Carlos

de Campos e a Getúlio Vargas era conhecida como uma escola masculina, a Getúlio Vargas para o mercado era só Mecânica.

Quando cheguei na coordenação em 1984, eu sabia o que queria fazer e já no primeiro encontro com o corpo docente, que na época era pequeno, deixei claro o caminho, éramos dez professoras e todo mundo tinha um objetivo claro, que era o de tornar o curso reconhecido no mercado de trabalho. E cada um dentro do seu trabalho foi desempenhando, a professora Vera Monduzzi Murano que assumiu a supervisão de estágio teve um papel importante neste processo porque foi ela que, dentro de várias regulamentações foi organizando a supervisão de estágio e tornando o curso reconhecido no mercado.

Fomos fazendo várias mudanças, necessárias, inclusive mudanças físicas, pois não era um ambiente físico propício, pois não foi de início um ambiente escolar, era o refeitório dos estudantes então ele tinha que tomar outros ares, e também a informática que nesta década de 80 começava a ganhar campo e a escola precisava colocar a informática, com laboratórios e onde colocá-los? Sendo que não tínhamos um laboratório de Técnica Dietética eficiente. Diante disso tudo vieram as modificações físicas e didáticas e tornou o curso mais eficiente com espaços adequados e os professores precisando atualizar-se devido à informática que começou a entrar (na grade curricular).

A própria escola - em um primeiro momento, dividíamos o laboratório com o Curso de Edificações porque o Centro Paula Souza não equipou com laboratórios suficientes - exigiu os laboratórios. Mas não equipou e ninguém tinha dinheiro, como tínhamos uma boa amizade entre as áreas fizemos uma rifa de um carro FIAT, e com o dinheiro arrecadado, montamos um laboratório com oito máquinas, usado pelas duas áreas, mas começou e deu tudo certo, com um bom entrosamento entre as áreas.

Em 1990, acabou a interdisciplinaridade e houve a necessidade de adequação física, com divisão das salas, divisórias, para acomodar o curso e criaram-se os nichos de cada área com o seu laboratório perto das salas. Em termos de entrosamento entre áreas foi pior, mas os alunos conheciam seu espaço e isso permitia um melhor controle de organização e estrutura para cada área. Em 1990, eu participei da contratação de professores do núcleo comum, junto com o professor Heméritas, que passaram pelo processo seletivo, foi uma avalanche de professores. Foi trabalho que não acabava mais e o professor Heméritas trabalhou muito. E eu participei em algumas disciplinas, claro que não foram todas, foi tudo bem organizado. Eu fiquei com Português e Matemática, que tem mais afinidade com a Nutrição, e outras disciplinas em outros (cursos) como a Mecânica que precisa muito de Física.

Muitos professores do Gualter foram aprovados, mas não foi uma transferência automática. Foram momentos de muito aprendizado, de reestruturação dentro da escola. O curso que antes tinha dez professores passou a ter um monte, todos do núcleo comum.... A professora Alaíde com português, a Izabel de Inglês e a Miriam de História, e eles sempre participaram de nossas reuniões e todos que chegaram compraram a ideia de ser Nutrição. A Nilza Camargo de Artes fez muitos trabalhos sobre a fome, foram anos bastante ricos.

Ainda dentro da década de 90, enquanto estava na coordenação, houve o reconhecimento e inserção do Técnico no Conselho Regional de Nutrição- Região 3(CRN3), onde briguei bastante, era uma luta pessoal. O Centro Paula Souza nunca se envolveu oficialmente e o CRN também nunca convidou, então era algo muito particular, participando junto com a professora Maria Eunice Ferreira da GV e a professora Tuca da Carlos de Campos, quase toda quarta-feira de reuniões, participando na elaboração do texto de regulamentação do Técnico.

Tudo isto se arrastou por muito tempo e finalmente saiu a regulamentação, não foi como eu gostaria, como o que o CRN3, com a contribuição que demos (eu e a prof. Maria Eunice), durante vários anos, que eu entendi que tinha que fazer e pelas escolas de São Paulo, Carlos de Campos e Getúlio Vargas.

As coisas foram acontecendo com estas reuniões e em 2002 o CRN entendeu que para iniciar o Técnico deveria ter um dia comemorativo e em Setembro de 2002 me convidou para fazer uma palestra com a trajetória do Técnico e elencasse quatro datas para que o público que estivesse assistindo pudesse escolher. Na Assembleia Legislativa, com cerca de 200 colegas assistindo, inclusive a professora Neide Gaudêncio de Sá colaborou com esta trajetória e incluiu algumas coisas que ela lembrava. Após isto a data escolhida foi 27 de Junho.

Nós levantamos quatro datas: a primeira de 23 de Setembro, quando ocorreu a Instituição dos cursos profissionalizantes; a segunda de 03 de março, com a criação do Curso de Auxiliares de Alimentação que no decorrer da história chegou no Técnico de Nutrição, foi o precursor da Nutrição; e depois o 17 de maio, que foi a aula inaugural feita pelo Dr. Pompêo do Amaral e a outra data de 27 de junho de 1961, que foi a criação do Curso Técnico de Dietética, quando pela primeira vez a palavra Técnico apareceu para o curso, porque até então ele sempre foi auxiliar, de 1939 a 1961. Então ninguém podia ter sua profissão como Técnico, só como Auxiliar.

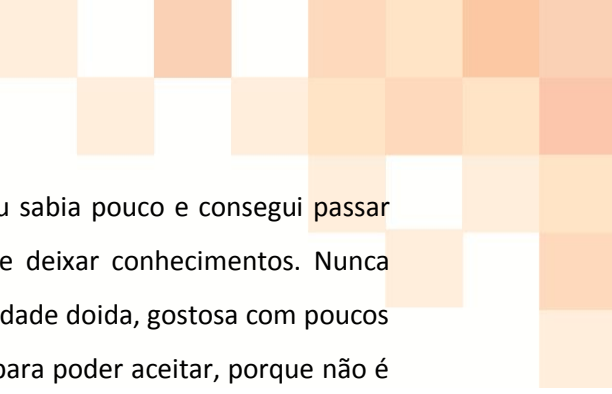
O Técnico só foi reconhecido como tal somente em 2003, por isso quando assumi sabia da importância do Técnico e o Conselho não dava esta importância, o problema não era somente do CRN3, o Conselho Federal (CFN) porque ele era composto pelos vários Conselhos Regionais que não tinham Técnicos em Nutrição atuantes como tínhamos em São Paulo, mas hoje é diferente, todos têm interesse.

Em todo esse processo até houve alguma participação do Técnico, mas o Conselho não permitia, a primeira presidente da associação dos Técnicos em nutrição que foi aluna da GV, também lutava, mas não podia participar de reuniões.

O CFN assumiu para colocar as resoluções, mas quem sempre valoriza (os profissionais) é o CRN3, tanto que instituiu o dia e o prêmio de melhor profissional, e o CFN acompanha. O Nutricionista de São Paulo sabe que precisa do TND, que não consegue sozinho. Quando eu estava lá, sempre dizia que o sol nasce para todos e que só teria medo quem não fosse bom profissional. E continuo achando isso: todos terão espaço e basta lutar e fazer o trabalho direito, principalmente no Brasil, estamos vendo uma lacuna dos formados na universidade e, os que não têm formação. Está faltando, todo mundo fala que não tem técnico e você fica importando técnico.

Em relação à minha atuação como coordenadora do curso, pelo que acompanho vejo que hoje o coordenador segue pelo que pede o diretor, e o Centro Paula Souza, tem uma função mais burocrática, com muitos números, exigências. A evasão não era um problema, não existia. Os alunos queriam se profissionalizar, aquilo era importante, pois vinham de uma condição sócio-econômica não interessante e precisavam para ajudar os pais e para muitos serviu para trabalhar de dia e, fazer a faculdade à noite. Hoje ele (o aluno) faz por fazer, porque é interessante, para saber de Nutrição, está na moda, não é uma condição de vida. No passado precisava terminar (o curso) mesmo e tinha que cumprir várias horas de estágio, hoje nem tem mais estágio e o perfil do aluno mudou como a sociedade, e o que ela pede a escola dá. Hoje, se eu fosse a mesma professora, na primeira esquina eu estaria morta (risadas), o sistema era muito rígido e hoje teríamos que ser diferentes.

Por fim, para mim significou muito trabalhar com ensino profissional, a docência, uma oportunidade de divulgar a Ciência da Nutrição. Como fui muito apaixonada, na época e a educação nutricional eu trazia para casa, mudei alguns hábitos na casa da minha mãe e poder divulgar o que sabia.



Entendo que não adianta morrer com o saber, que eu sabia pouco e consegui passar para os alunos. Só a docência é que deu a oportunidade de deixar conhecimentos. Nunca pensei em trabalhar com a graduação, me apaixonei por essa idade doida, gostosa com poucos problemas e que te obriga a ser jovem, a ter a cabeça aberta para poder aceitar, porque não é uma idade fácil para trabalhar, te obriga a mudar.

Não fui uma exímia acompanhadora das mudanças, mas procurei acompanhar, e essa felicidade do jovem me emociona bastante e deixa convicta de que era lá que eu deveria estar porque lá é uma primeira formação porque a escola não é só informação é formação, essa idade de 14 anos para frente é de formação e nós podemos trabalhar. Na faculdade é só informação, e gosto de participar da formação e gosto de trabalhar com esta faixa etária, pela alegria e entusiasmo que tem, tem uma vida pela frente e metas para cumprir, eles começam a formar suas metas e fiquei trinta anos muito bons de minha vida como profissional.

(Entrevista de Edénir Alves Nemoto, em sua residência, em São Paulo, em 20 de junho de 2013, a entrevistadora Marta Lousada Zen Fujita, que fez a transcrição e transcrição da entrevista.)

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Etec Parque da Juventude



Shirley Rocha Afonso

Possui Graduação em Enfermagem pela UNIP. Especialização em Enfermagem Gerontológica e Geriátrica pela UNIFESP. Pós-Graduação em Docência no Ensino Médio, Técnico e Superior na área de saúde pela FAPI e em Planejamento, Implantação e Gestão em Educação à Distância pela UFF. Atuou como enfermeira executora e vice-presidente na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar. Foi coordenadora da Comissão Organizadora de Curativos, e supervisora da Comissão de Gerenciamento dos Resíduos dos Serviços de Saúde, em São Paulo. É professora do Curso Técnico em Enfermagem na Etec Parque da Juventude e Professora Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico, participando do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e Histórias da Educação Profissional (GEPEMHEP) no Centro Paula Souza.



Tomoko Matsui

Graduada em Enfermagem e Pedagogia, foi professora e coordenadora do curso Técnico em Enfermagem na Etec Carlos de Campos entre os anos de 1975 a 1985. Atuou na Secretaria da Educação de São Paulo, na Assistência Técnica de cursos técnicos no estado de São Paulo. Participou da implementação do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE), em 2001, pelo Ministério da Saúde e na Agência Regional/FUNDAP. Atuou, de 2009 a 2012, na Coordenação Técnica Pedagógica do Programa de Formação de Profissionais de Nível Técnico para a Saúde do Estado de São Paulo (TecSaúde), na produção de material didático, planejamento e execução de capacitação pedagógica presencial e EAD. Atualmente está na Assistência Técnica Pedagógica do Programa de Elaboração e Emissão de Parecer Técnico para os Cursos de Educação Profissional Técnica (PROTECNO), pela Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP).

“Com o curso de Enfermagem é que percebi uma realidade que eu nunca tinha vivenciado. Lidar com doentes é uma realidade muito dura e pesada! Porém, foi na Carlos de Campos que aprendi a ter maturidade para enfrentar essa realidade.”

Bom dia, professora Tomoko Matsui. Eu quero muito agradecer-lhe por nos ter recebido, hoje, dia 27 de maio de 2013. Nós, Maria Lucia Mendes de Carvalho e Shirley da Rocha Afonso, trabalhamos no Centro Paula Souza e desenvolvemos um projeto sobre a trajetória histórica do curso de enfermagem na educação profissional.

É sobre isso que viemos conversar com a senhora, solicitando que nos conte a sua história de vida. Bom, acho que o prazer é todo meu! Falar de educação é sempre uma coisa prazerosa e uma coisa que me faz um bem muito grande. Eu nasci em Mirandópolis, Estado de São Paulo, num distrito chamado Primeira Aliança. Os meus pais eram imigrantes e chegaram, aqui, na década de 1920. Nós mudamos para São Paulo, em 1951, e eu tenho sete irmãos, um falecido, os demais estão vivos. Os meus pais já são falecidos, mas já tinham bastante idade.

Quanto a minha formação básica, foi no Grupo Escolar Oscar Tompson. Depois fiz dois anos do curso ginásial no Colégio Paulistano, e os outros dois anos, no Colégio Roldão Lopes de Barros, que fica na região do Cambucí. Foi nesse colégio que fiquei sabendo sobre o curso de nutrição, ou melhor, curso Técnico em Dietética, que acontecia na Carlos de Campos e me interessei. Na verdade eu queria fazer enfermagem! Mas, me orientaram que naquela época só tinha o curso de Auxiliar de Enfermagem (formação ginásial em outras escolas), e eu já estava terminando o ginásio, então restava o curso Superior de Enfermagem.

Não tinha o curso Técnico de Enfermagem! Como eu já estava terminando o ginásio, a orientação foi que eu fizesse o curso superior de enfermagem. Mas, quando essas alunas do curso de nutrição, da Carlos de Campos, foram fazer a divulgação do curso, que fiquei tão interessada e motivada, acabei prestando o vestibular na Carlos de Campos para fazer o curso de dietética. Fiz apenas três anos deste curso, porque fui cursar o ensino superior, em 1966, na Universidade São Paulo, aqui na Dr. Arnaldo, agora, para Enfermagem.

Mas, eu gostei imensamente do curso de nutrição. Foi extraordinária e maravilhosa a minha experiência, tenho ótimas lembranças! E isso me emociona muito, porque gostei realmente do curso, da escola, dos professores... A escola, para mim, foi responsável pela minha formação pessoal e profissional! Fez-me enxergar com outros olhos a vida do trabalho!

As professoras Neide Gaudenci de Sá, Maecyra Bernardes de Melo, Debbble Smaíra, Dalva Oliane e muitas outras foram exemplos e marcantes, para mim! Os professores da educação geral, também foram extraordinários. Tinha o professor Luis, de Física e a professora de Matemática, que não me recordo do nome agora. O professor Silvio e o professor Grechi! Todos foram marcantes!

Durante as aulas práticas do curso de nutrição eu não utilizei o dispensário de puericultura, tínhamos muitas aulas teóricas e o dispensário já não existia mais. Entretanto, nós ouvíamos a respeito do dispensário, que ficava na parte antiga da escola e depois foi derrubada. Com o curso de Enfermagem é que percebi uma realidade que nunca tinha vivenciado: – Lidar com doentes é uma realidade muito dura e pesada! Porém, foi na Carlos de Campos que aprendi a ter maturidade para enfrentar essa realidade.

Quando finalizei o curso de Enfermagem, recebi um convite do Hospital-Escola Evangélico, em Rio Verde, em Goiás, onde lecionei entre 1971 e 1974. Mas, a minha mãe queria muito que eu voltasse para São Paulo. Acabei voltando, em 1974.

Uma amiga de faculdade, enfermeira Roseli Scuti, estava grávida e prestes a ganhar os nenês (gêmeos) me convidou para lecionar na Carlos de Campos, substituindo-a durante a licença gestante. Então, a Roseli me apresentou para a professora Debbble Smaíra, que era assistente de direção na época. A professora Debbble Smaíra quando soube que eu era ex-aluna da Carlos de Campos [risada] logo se animou, chamando a professora Neide Gaudenci de Sá. Acredito que elas se lembraram de mim, contribuindo para lecionar na escola. Isso aconteceu no início de 1975.

Eu lecionei todas as disciplinas do curso de enfermagem, como Técnicas Básicas, Pronto Socorro, Centro Cirúrgico, Saúde Pública, etc. Mas, não guardei nenhum caderno de aula. Então, em 1976 ou 1977 a professora Debbble Smaíra convidou para assumir a coordenação do curso. Cheguei a conhecer a primeira turma de enfermagem da escola, as alunas já estavam no último ano. As turmas que iniciavam o curso de enfermagem constituíam-se de 40 a 45 alunos por série, chegando a formar duas ou três turmas por série, mas no último ano do curso o número de alunos caía para 30, mais ou menos, então com a diminuição de alunos as turmas também diminuía. Percebíamos a diminuição de alunos por retenção e evasão, principalmente por retenção, na época o curso de enfermagem era exigente, com qualidade. Às vezes, a diminuição de alunos se dava por transferências de cursos na própria escola ou por desistência, devido ao poder aquisitivo pequeno. Os alunos moravam em bairros

distantes, na maioria da Zona Leste, e isso contribuía, também, para desistir do curso. Mas, a maioria dos alunos não tinham problemas de comportamento, compromisso ou caráter, tinham uma formação muito boa. Os estágios eram feitos, na maioria, no Hospital das Clínicas. As professoras do curso eram: Emília Emi Kawamoto, Júlia Fortes, Satiko, Lenir, Velta, Sirlene, Neri, Maria Teresa, Wânia, Deuzarina, Iraíldes, Vera, Glória, Hiromi, Elisa, Terezinha, Dulce que também eram enfermeiras do hospital e facilitavam o contato para o estágio. Não tínhamos problemas ou dificuldade para encontrar campo de estágio, isso começou a ser um problema depois de alguns anos, com o surgimento de outras escolas.

Os materiais didáticos eram preparados por nós, professoras. Não tinha apostila, a gente preparava os textos e rodávamos no mimeógrafo, em seguida distribuía para os alunos. Utilizávamos alguns livros que foram doados para o acervo da escola, mas nada que fosse preparado para o curso, só um pouco depois, as professoras Emília Emi Kawamoto e Júlia Fortes elaboraram um material didático e publicaram pela editora EPU.

Fiquei na Carlos de Campos até 1985, quando começou a organização das Escolas Técnicas pela Lei 5.692 para padronizá-las e separar das escolas não técnicas, tendo um órgão específico para cuidar das escolas técnicas. A Lei 5.692 fez perder muito das características de educação profissional, principalmente na questão de gestão das escolas, causando problemas na década de 1971 até a nova LDB em 1996. Apesar de que entre as décadas de 1980 e 1990 veio uma lei que permitiu que as escolas com educação de segundo grau não tivessem o ensino profissional concomitante.

Nessa mesma época surgiu o DISAETE, que era um órgão organizador das escolas técnicas, estando dentro da Chefia de Gabinete da Secretaria da Educação e funcionou até 1993, quando as escolas técnicas passaram para a organização do Centro Paula Souza. A DISAETE, na época ficava na Rua Rego Freitas, depois mudou para a Avenida Paulista, perto do Hospital Santa Catarina. Quando estava na Rua Rego Freitas ocupava um prédio da Santa Casa e depois, na Avenida Paulista, tinha um andar que pertencia ao FDE.

Fui convidada para trabalhar na Secretaria da Educação e fiquei até a minha aposentadoria, em 1997. Quando a DISAETE deixou de existir eu fiquei na ATPCE/SEE, porque havia prestado concurso para a direção de escola, mas fiquei na Secretaria de Educação e me aposentei como Diretora de Escola.

Eu fiz o curso de Pedagogia, mais ou menos em 1979, na Escola Carlos Pascoale incentivada pelo professor Babá, que era diretor da Carlos de Campos, onde lecionava ainda.

Ele dizia que eu devia prestar o concurso para direção, pois não havia cargo efetivo para professores de escola técnica. A contratação dos professores de cursos técnicos era feita por Admissão em Caráter Temporário (ACT) e só os professores de educação geral tinham cargo efetivo. Quando as escolas técnicas passaram para o Centro Paula Souza é que o caráter de contratação mudou.

Depois da minha aposentadoria fiquei na Secretaria como consultora, ajudando as escolas técnicas a se organizarem. Fui diretora de escola de enfermagem, por pouco tempo, porque fui convidada a participar do projeto PROFAE, em 2001, num escritório do Ministério da Saúde, fiquei um ano e meio no PROFAE, em seguida fui convidada para trabalhar na FDE, na montagem do GDAE, que é um órgão de publicação dos certificados e diplomas das escolas técnicas e normais no DO, também fiquei um ano e meio. O GDAE exigia uma mão de obra urgente para a publicação dos diplomas das escolas e organização das Delegacias de Ensino, COGESP e órgãos centrais. De 2007 a 2009 trabalhei no Programa “Aprendendo com Saúde” da Prefeitura de São Paulo.

Em 2009 fui convidada para assessorar o programa TECSAÚDE. Aqui na FUNDAP, em 2008, para elaborar os materiais didáticos do programa, foi quando eu, a Emília e a Júlia conhecemos a professora Shirley da Rocha Afonso. O TECSAÚDE foi um programa que tinha como objetivo formar rapidamente Técnicos de Enfermagem do Estado de São Paulo, formando 45 mil profissionais. Era parecido com PROFAE que formava Auxiliares de Enfermagem e abrangeu o Brasil inteiro. O curso de formação de técnicos de enfermagem tinha a mesma carga horária de um curso técnico, obedecendo à legislação que exige 1800 horas.

Atualmente, com o término do TECSAÚDE, estou trabalhando na FUNDAP com o projeto PROTECNO que é devido a Deliberação 105, instituído pelo Conselho Estadual de Educação, credenciar as instituições técnicas para elaborar, emitir Pareceres Técnicos, analisando os planos de curso das escolas de enfermagem para que as Diretorias de Ensino tenham subsídios durante a avaliação dos cursos técnicos profissionalizantes. As instituições credenciadas foram a FUNDAP, Centro Paula Souza, SENAI, SENAC.

(Entrevista de Tomoko Matsui, em 27/05/2013, no Prédio da FUNDAP, com Shirley da Rocha Afonso e Maria Lúcia Mendes Carvalho. Em 24/6/2013, Shirley da Rocha Afonso realizou a transcrição da entrevista, e em seguida a transcrição.)

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Mestre em Engenharia Química (EPUSP, 1988) e Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável (FEAGRI/UNICAMP, 2013), Química (Bacharel, IQ/USP, 1980), Engenharia Agrícola (UNICAMP, 1980), e Licenciatura em Química (FE/USP, 1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando dois grupos de estudos e pesquisas: Educação e Segurança Alimentar e Nutricional (GEPESAN) e Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciências e Tecnologia dos Alimentos, e de História da Alimentação e Nutrição. Organizou os livros “Cultura, Saberes e Práticas” (2011) e “Patrimônio, Currículos e Processos Formativos” (2013).

Suzana Lopes Salgado Ribeiro

Mestre e Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo onde também se graduou (bacharelado 1998 e licenciatura 2003). Trabalha com o registro de histórias há mais de 15 anos. É professora da UNITAU - Universidade de Taubaté e faz seu pós-doutoramento no Centro Simão Mathias de História da Ciência, CESIMA - PUC-SP. É pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral, Necho - USP. Lecionou na Universidade Agostinho Neto, em Luanda - Angola (2005) e realizou estágio de pesquisa no Oral History Research Office da Universidade de Columbia, em Nova York - EUA (2006). É autora dos livros “Guia prático de História Oral” (2011), “Vozes da marcha pela terra” (1998), “Vozes da Terra” (2005) e “Produção do conhecimento histórico” (2009/2010), além artigos em livros e periódicos.